

Andréa Figueiredo Leão Grants

**(DES)ARQUIVAR BIOGRAFEMAS:
A BIBLIOTECA DE CORA CORALINA**

Tese de doutoramento submetida ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do Grau de Doutor em Literatura, área de concentração Literaturas, linha de pesquisa: subjetividade, memória e história.
Orientador: Prof. Dr. Stélio Furlan

Florianópolis
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Grants, Andréa Figueiredo Leão
(Des)arquivar biografemas : a biblioteca de Cora Coralina / Andréa Figueiredo Leão Grants ; orientador, Stélio Furlan – Florianópolis, SC, 2016.
459 p.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós Graduação em Literatura.

Inclui referências

1.Literatura. 2. Biblioteca particular. 3. Autobiografia material. 4. Biografema. 5. Cora Coralina.
I.Furlan, Stélio. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. III. Título.

Andréa Figueiredo Leão Grants

**(DES)ARQUIVAR BIOGRAFEMAS:
A BIBLIOTECA DE CORA CORALINA**

Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de “Doutora em Literatura” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura

Local, x de xxxxx de xxxx.

Prof.^a. Dr.^a. Maria Lúcia de Barros Camargo
Coordenadora do Curso

Prof. Dr. Stélio Furlan
Orientador

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Stélio Furlan (Presidente e orientador) (UFSC)

Prof.^a. Dr.^a. Tania Regina Oliveira Ramos (UFSC)

Prof. Dr. José Ernesto de Vargas (UFSC)

Prof.^a. Dr.^a. Roberta Moraes de Bem (UFSC)

Prof.^a. Dr.^a. Giselle Kaminski Corso (IFSC)

Prof.^a. Dr.^a. Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Este trabalho é dedicado à minha
família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me permitir concretizar este sonho.

À toda minha família, especialmente, meu marido e meus filhos, meus pais e minhas irmãs, pelo carinho e incentivo sempre.

Ao orientador, pela oportunidade concedida, a confiança e a gentileza permanente.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Literatura pelas lições literárias.

Aos colegas da Biblioteca Universitária, especialmente às diretoras e a equipe do Serviço de Periódicos, pelo apoio e compreensão.

Às amigas e amigos do doutorado pela amizade fraternal.

À UFSC, por me receber como doutoranda e servidora técnica-administrativa.

Ao pessoal do Museu Casa de Cora Coralina pela recepção e acolhimento durante minha pesquisa de campo.

À autora que eu amo, Cora Coralina.

RESUMO

Este trabalho apresenta a biblioteca da escritora Cora Coralina, pseudônimo de Anna Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas, pela dupla proposta de estudo: a catalogação do acervo bibliográfico da poetisa, ou seja, sua biblioteca particular; e a análise, por meio de uma leitura biografemática, dos resíduos encontrados, tanto no arquivar/desarquivar dos fragmentos quanto em alguns textos poéticos de sua escritura. Os versos selecionados, voltados à poesia da culinária, à poesia do eu e à poesia do resíduo, se tornaram *corpus* para análise da construção de uma *persona*. São, portanto, os fios condutores que desenham, de forma emblemática, os biografemas que se articulam na escritura de Cora Coralina. Os objetos residuais são considerados sob o ponto de vista de uma autobiografia material, revelados não apenas nos títulos, autores e assuntos catalogados, mas sobretudo, nas implicações presentes nas tessituras de associações das suas experiências e memórias, assim como os pormenores concretos que, por sua vez, revelam as múltiplas facetas da vida e da obra da poetisa. A pesquisa propõe um entrelaçamento de gesto de vida e de escritura da autora, como uma dança ritualística em torno da figura emblemática da “mulher-monumento”, como apontado por Andrea Delgado (2003). A biblioteca particular catalogada contempla parte do espólio da escritora e encontra-se localizada no Museu Casa de Cora Coralina na cidade de Goiás, sob a direção da professora Marlene Vellasco. Essa tese, propõe-se, portanto, espelhar a singularidade da poetisa por meio dos biografemas cotejados em sua escritura e, por vezes, com a iconografia, *punctum*, tal como percebido por Roland Barthes (1984). O processo de inventariar a biblioteca particular de Cora Coralina permite dar visibilidade ao acervo de 912 títulos e 978 exemplares disponibilizados em forma de catálogo, resgatando, do “esquecimento”, um autêntico repertório de fontes e inspirações da poetisa e de sua escritura. Opera-se, a partir das centenas de páginas impressas entre rastros de suas leituras, as redes de relações com os “outros”, as escritas de margens em forma de anotações, adendos, rasuras, além de paratextos, como as dedicatórias, os pós-escritos e os excertos inéditos em prosa e em verso. Trata-se de uma tese de doutorado, a primeira que se dispõe a desarquivar biografemas a partir da biblioteca particular da escritora e que, ao final se transforma na construção de uma “biografia descontínua”, inserida no contexto do espaço biográfico, proposto por Leonor Arfuch (2010) e, cujo fio condutor, envolve aspectos conexos à linha de pesquisa memória, subjetividade e história.

Palavras-chave: Biblioteca particular. Autobiografia material.
Biografema. Roland Barthes. Cora Coralina.

ABSTRACT

This study presents the library of the writer Cora Colina, pseudonym for Anna Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas, with a two-fold proposal: cataloguing the bibliography of the poet in her private library, and analysing - through a biographeme reading - the residues found both in the archiving process and in some of the author's poetic writings. The selected verses, dealing with themes of culinary, of the self and of the residue became the *corpus* for the analysis of the construction of a *persona*. They are, therefore, the engine that brings together, in an emblematic way, the biographemes that are articulated in the writings of Cora Coralina. The residual objects are considered from the point of view of a material autobiography, which is revealed not only in catalogued titles, authors, and subjects, but mainly in the implications presented in the constructed associations between experience and memories, as well as in the concrete details that reveal the multiple facets of the poet's life and work. The research proposes a net of connections between the life gesture and the author's writings, as in a ritualistic dance around the emblematic figure of the "monument woman", as pointed out by Andrea Delgado (2003). The catalogued private library encompasses part of the writer's assets and is located in the Museum "Casa de Cora Coralina" in the city of Goiás, under the direction of professor Marlene Vellasco. In this sense, this dissertation aims at portaying the singularity of the poet through the biographemes present in her writings, and also through the *punctum* iconography, as defined by Roland Barthes (1984). The process of inventorying the private library of Cora Coralina gives visibility to the archives of 912 titles and 978 samples made available in the form of a catalogue, saving from oblivion an authentic repertoire of sources and inspirations of the poet and her writings. From the hundreds of pages printed out in traces of her readings, networks of relations with "others" operate as well as writings on the margins in the form of notes, erasures and paratexts, such as dedications, post-writings and unpublished excerpts both in prose and verse. The doctoral dissertation is the first to look at the archives of biographemes from her private library which become, at the end, a discontinuous biography, inserted in the context of the biographical space as proposed by Leonor Arfuch (2010), whose thread involves aspects related to the line of research on memory, subjectivity and history.

Keywords: Private library. Material autobiography. Biographeme. Roland Barthes. Cora Coralina.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cora Cristalina	21
Figura 2 - Cora Coralina lendo	43
Figura 3 - Brocas	65
Figura 4 - Troféu Jaburu e Troféu Juca Pato – respectivamente.....	75
Figura 5 - Cora Coralina e os doces.....	85
Figura 6 - Livro -Fogão de lenha: quitandas e quitutes de Minas Gerais (1977)	92
Figura 7 - Recorte de Jornal - Cinco de março	93
Figura 8 - Carta de Yêda Schmaltz para Cora Coralina.....	97
Figura 9 - Carta de Jorge Amado para Cora Coralina (1).....	98
Figura 10 - Cora Coralina	100
Figura 11- Livro com carimbo do Gabinete Literário Goiano	110
Figura 12 - Marcas de leitura	115
Figura 13 - Casa Velha da Ponte.....	119
Figura 14 - Prato Azul-Pombinho em exposição no museu	129
Figura 15 - Biblioteca de Cora Coralina após catalogação	137
Figura 16 - Centro de Documentação - Museu Casa de Cora Coralina	142
Figura 17 - Lista de nomes e números de telefones (1)	148
Figura 18 - Lista de nomes e números de telefones (2)	149
Figura 19 - Lista de compras (1).....	149
Figura 20 - Lista de compras e dedicatória (2)	150
Figura 21 - Recorte de jornal - Nota de falecimento de Helena Peixoto.....	150
Figura 22 - Cartão postal - frente.....	152
Figura 23 - Cartão postal -verso.....	152
Figura 24 - Carta de Jorge Amado para Cora Coralina (2)	154
Figura 25 - Livro de Pablo Neruda	157
Figura 26 - Livro de Fernando Pessoa	158
Figura 27 - Mensagem de Cora Coralina.....	159
Figura 28 - Mensagem de Cora Coralina para Haquira Osakabe.....	160
Figura 29 - Texto manuscrito de Cora Coralina (inédito).....	162
Figura 30 - Marcações de Cora Coralina	164
Figura 31 - Literatura de cordel	166
Figura 32 - Livro Nordeste - Gilberto Freyre.....	168
Figura 33 - Bíblia de Cora Coralina.....	170
Figura 34 - Altar de Cora Coralina	171
Figura 35 - Dedicatória de Maria Guilhermina para Cora Coralina.....	178
Figura 36 - Museu Casa de Cora Coralina - Varanda	180
Figura 37 - Dedicatória de Cora para Guilhermina.....	181
Figura 38 - Crônica de Carlos Drummond de Andrade	184
Figura 39 - Dedicatória de Rachel de Queiroz.....	186
Figura 40 - Dedicatória de Dinah Silveira de Queiroz.....	187
Figura 41 - Dedicatória Chico Xavier (1)	192

Figura 42 - Dedicatória de Chico Xavier (2)	193
Figura 43 - Dedicatória Chico Xavier (3)	194
Figura 44 - Dedicatória Darcy França Denófrío	195
Figura 45 - Dedicatória dos netos (1)	196
Figura 46 - Comentário de Cora Coralina (inédito)	197
Figura 47 - Eça de Queiroz - livro e marcador	199
Figura 48 - Dedicatória dos netos (2)	200
Figura 49 - Tabela CDU	209
Figura 50 - Interface do PHL	209

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Livros e materiais de referência.....	211
Quadro 2 - Periódicos	402

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AACR2 – Código de Catalogação Anglo-Americano
ABDE – Associação Brasileira de Escritores
ABL – Academia Brasileira de Letras
AFLAG – Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás
BIBLEX – Biblioteca do Exército
BNP – Biblioteca Pública de Portugal
CDU – Classificação Decimal Universal
EGEAC – Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural de Lisboa
GEN – Grupo de Escritores Novos
IES – Instituições de Ensino Superior
MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização
PHL – *Personal Home Library*
UDN – União Democrática Nacional
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	23
2 DAS VOZES: FORTUNA CRÍTICA	45
2.1 TESES DE DOUTORADO	46
2.2 DISSERTAÇÕES DE MESTRADO	48
2.3 DA VIDA LITERÁRIA DE GOIÁS: CRÔNICA.....	56
3 DOS BIOGRAFEMAS NA POESIA – FRAGMENTOS DE MEMÓRIA NA OBRA DE CORA CORALINA	67
3.1 POESIA DA CULINÁRIA: ORAÇÃO DO MILHO	87
3.2 POESIA DO EU: VINTÉM DE COBRE.....	102
3.3 POESIA DO RESÍDUO: CASA VELHA DA PONTE, PRATO AZUL-POMBINHO.....	121
4 DO CATÁLOGO E DOS ATOS.....	139
4.1 PACTOS DE LEITURA - (DES)ARQUIVAR BIOGRAFEMAS	143
4.2 REDES DE RELAÇÕES	172
4.3 ENTRE ESTANTES	203
4.3.1 Catálogo da biblioteca de Cora Coralina (livros e materiais de referência)	211
4.3.2 Catálogo da biblioteca de Cora Coralina (periódicos)..	402
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	413
REFERÊNCIAS	423
ANEXO A – Estatuto do Museu Casa de Cora Coralina	447
ANEXO B – Poemas e crônica na íntegra	453

Figura 1 - Cora Cristalina



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora¹

¹ Pintura, acrílico sobre tela 50x60 (2016) – Autora: Narcisa de Fátima Amboni

Coka Laratina

1 INTRODUÇÃO

“O ‘biografema’ nada mais é do que uma anamnese factícia: aquela que atribuo ao autor que amo” (BARTHES, 2003a)

Esta tese concentra-se em compreender e seguir os passos marcados na trajetória de escritura da poetisa Cora Coralina: uma menina/mulher, mulher/menina que caminha em busca de liberdade nas letras, consagrando-se, pelo seu ofício, como um dos nomes mais relevantes da literatura brasileira.

O presente estudo visa penetrar no insondável espaço criativo dessa mulher simples, religiosa, doceira por profissão e que viveu longe dos centros urbanos, alheia a modismos literários, apenas imbuída do espírito curioso e do exemplo materno do gosto pelos livros. A escritora que produziu sua obra rica em motivos do cotidiano, marcados por sua vivência no interior brasileiro, em particular dos estreitos becos “discriminados e humildes²”, cujas histórias retratam, mais especificamente, a cidade de Goiás.

Destaco que, antes de se alcançar a exposição do *corpus* da pesquisa, os objetivos, a hipótese e a metodologia, é preciso explanar acerca da gênese de minhas motivações em realizar esta pesquisa. Essa motivação passa pelo encontro com a trajetória de vida e com o universo poético de Cora Coralina, que publicou em vida três livros³, contribuindo não só para a literatura, como também para a vida cultural de Goiás, Estado do Brasil onde nasci e permaneci até 2001. Ainda na infância, quando vivia em Goiânia, tive conhecimento e contato com os versos que me encantaram e plantaram a semente de meu interesse pela poética de Cora Coralina. Seus versos simples que retratam e reescrevem

² Verso retirado do poema “Becos de Goiás”. (CORALINA, 2006, p. 93).

³ São eles: *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (1965); *Meu livro de cordel* (1976); e *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha* (1983). Somam-se aos três livros publicados em vida, os seguintes títulos publicados postumamente: *Estórias da casa velha da ponte* (1985); *Os meninos verdes* (1986); *O tesouro da casa velha da ponte* (1996); *A moeda de ouro que um pato engoliu* (1999); *Vila Boa de Goyaz* (2001); *O prato azul-pombinho* (2001); *Os melhores poemas* (2004); *Cora Coralina – poema do milho* (2005); *As cocadas* (2007); *Cora Coralina- doceira e poeta* (2009); *A menina, o cofrinho e a vovó* (2009); *Contas de dividir e trinta e seis bolos* (2011). As datas citadas são referentes às primeiras edições dos livros.

poeticamente o tempo passado de Goiás e as inquietações humanas, provocaram-me as primeiras lições literárias e trouxeram-me motivações pelo experimento no mundo das letras. Impossível era não se sensibilizar, num processo de catarse infantil, com a pequena Aninha, máscara lírica da poetisa, menina chorona, joelhos esfolados e que acreditava em histórias de assombração e mula-sem-cabeça. Estabeleço, aqui, um diálogo com a epígrafe de autoria de Roland Barthes que abre esse capítulo introdutório, para registrar a passionalidade que me motiva a compor este texto, por meio dos fragmentos e traços biografemáticos da poetisa, que sempre me inspirou com sua poética de saberes e sabores de uma expressão literária universal, mas com pitadas de sentimentos regionalistas, marcadamente do centro-oeste brasileiro, terra onde nasci. Retratos de uma memória coletiva das terras goianas, ratificada pelas palavras de Jubé (1978, p. 75) “A inspiração da poetisa não se confina ao tema regional e ensaia uma escalada pelos universais; embora telúricos, exteriorização de seu imenso amor à terra [...]”.

O interesse pela obra da escritora acompanhou minha trajetória pessoal e profissional e me levou a visitar o Museu Casa de Coralina e nele (re)conhecer, no espaço intitulado “sala de homenagens”, uma velha estante de madeira, dupla, cerrada por vidro e preenchida por prateleiras repletas de livros. Logo, defronte da encantadora biblioteca comecei a imaginar, primeiramente, como Cora Coralina havia formado aquele acervo? Quais teriam sido os critérios de escolha dos títulos? Teria, a poetisa, manuseado todos os exemplares? Quais seriam seus títulos preferidos? Relidos? E, ainda, o que neles a inspiraram e se transformaram em seiva, como matéria viva brotando em seus poemas, lirismo contundente que está em si, conforme suas palavras.

São perguntas inquietantes, as quais buscarei respostas nos pormenores da vida e obra da poetisa nascida em 20 de agosto de 1889, na Casa Velha da Ponte da antiga Vila Boa de Goiás⁴, local que, após o seu falecimento e num processo de restauração, tornou-se o Museu Casa de Cora Coralina.

Anna Lins dos Guimarães Peixoto⁵ é o nome de batismo da poetisa que cantou e encantou Carlos Drummond de Andrade com seus versos

⁴ Vila Boa de Goiás é o nome, em ortografia arcaica, atribuído em 1736, a então vila administrativa pertencente à Capitania de São Paulo, hoje cidade de Goiás.

⁵ A inclusão do sobrenome Brêtas ocorre na ocasião de seu casamento com o advogado Cantídio Tolentino Figueiredo Brêtas.

lacônicos carregados de lirismo⁶. Versos escritos por quem dizia, com naturalidade, que a poesia estava em si, “*assim como o vinho está na uva, assim como o pão está no trigo*”⁷. Tendo estudado apenas os anos primários na escola da Mestra Silvina, numa época em que as dificuldades sociais e econômicas estavam evidenciadas com a recém-proclamação da República (1889) e a libertação dos escravos (1888), a pequena Aninha ficou marcada pelos obstáculos impostos pelo cenário político e histórico brasileiro e pelas barreiras impostas às mulheres da época. Empecilhos revelados e evidenciados pela educação voltada à constituição do matrimônio e criação dos filhos, impondo às mulheres um baixo nível de escolaridade formal e a escrita tardia. Nesse contexto, a menina de pernas moles, que vestia o mandrião costurado, a partir da velha saia de sua bisavó, sentava no banco das atrasadas na escola e brincava sozinha no imenso quintal de sua casa, em meio as árvores frutíferas e as formigas diligentes, na vida adulta torna-se a mulher forte como a terra, operária como as pedras e, sobretudo, sensível como as rosas inseridas na gleba⁸.

A história das mulheres e as suas relações com o fazer literário⁹ nos mostra que, no século XIX e início do XX, a literatura era de domínio exclusivamente masculino¹⁰. As mulheres, em geral, eram submetidas a uma educação que as preparavam para atitudes sociais voltadas à resignação, à subordinação, à abnegação, ao consentimento e a passividade. Saavedra (2013) corrobora com o exposto, ao estabelecer que nas últimas décadas do século XIX haviam poucas mulheres que escreviam, pois, a realidade que se apresentava a elas era a de baixa escolaridade e de repressão familiar. No começo do século XX, apesar de

⁶ As informações biográficas sobre a poetisa narradas a seguir foram retiradas do livro *Cora Coralina: raízes de Aninha* publicado em 2009 pelos biógrafos Clóvis Carvalho Britto e Rita Elisa Seda. Trata-se de um estudo rigoroso da vida e obra da poetisa que obedece um critério cronológico e temático.

⁷ Em depoimento a Marlene Vellasco (1990, p. [136]), Cora Coralina disse: “A poesia está em mim assim como o vinho na uva, assim como o pão no trigo. Há uma explicação? É uma coisa natural”.

⁸ Contexto e expressões retirados dos versos de Cora Coralina publicados em *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha* (1984).

⁹ Ressalto que farei uma breve passagem pela temática (Mulheres e Literatura) para contextualizar a representação da poetisa nesse cenário.

¹⁰ Figueiredo (2013, p. 88) atesta esta condição afirmando que “A literatura no século XIX era de tal modo domínio reservado aos homens que algumas escritoras preferiram usar pseudônimos masculinos a fim de que sua obra fosse respeitada”.

um melhor acesso aos estudos, o universo feminino continuava sendo o da vida privada, o que acabava se refletindo em seus escritos. A partir da segunda metade do século XX, as mulheres ganham espaço no mercado de trabalho e na luta por seus direitos¹¹. Neste percurso, poucos nomes femininos conseguiram romper com essa condição imposta e se expressar por meio das letras. “A conquista do território da escrita pelas mulheres foi longa e difícil”, afirmou Norma Telles (2013, p. 54).

Essa luta foi também a luta de Aninha, como Cora Coralina era chamada na infância. A menina de frágil aparência se sentia excluída pelas irmãs e ignorada pela mãe, porém, conseguiu, de algum modo, romper com os padrões determinados por convenções sociais fortalecendo, assim, ao longo de sua vida, o seu talento como escritora¹². Seu talento já se despontava, ainda na adolescência, como declamadora e redatora, pois aos 18 anos assumiu, juntamente com Leodegária de Jesus¹³, a redação do jornal literário *A Rosa*. Diante desse contexto de pioneirismo e perseverança em busca de valorização de seus escritos, abro um pequeno parêntese para ressaltar o interesse de Cora Coralina em poetizar a condição feminina, especialmente, a das mulheres “anônimas”, não protagonistas, as “obscuras¹⁴” (lavadeiras, analfabetas, prostitutas) na sociedade patriarcal da época. Sobre este aspecto, Camargo (2006, p. 68-69) afirma:

Raramente a figura masculina é enfocada com vigor nos poemas de Cora Coralina, embora a sociedade em que viveu quando jovem fosse patriarcal e conferisse à mulher um papel social de submissão, negando-lhe qualquer outra função que

¹¹ Para Saavedra (2013) é nessa época que surgem conceitos totalizadores, inclusive o de literatura feminina.

¹² Apesar de escrever desde cedo, a poetisa só conseguiu publicar seu primeiro livro aos 76 anos de idade. Fatos associados a condição feminina, à velhice e impedimentos financeiros evidenciam sua dificuldade em concretizar seu projeto literário.

¹³ Leodegária de Jesus foi a primeira mulher a publicar um livro (*Coroa de Lírios*, 1906) em Goiás.

¹⁴ Incluo uma representante das mulheres anônimas homenageadas em versos por Cora Coralina, a Maria Grampinho, como ficou conhecida a moradora de rua, andarilha que carregava uma trouxa de roupa repleta de botões e usava vários grampos no cabelo. Maria da Purificação era seu nome de batismo. Maria Grampinho passou as noites, por aproximadamente 30 anos, no porão da Casa Velha da Ponte.

não a de esposa e de dona de casa, com todas as obrigações pertinente.

O modo como a leitura é inscrita na família de Cora, especialmente, representada pela figura de sua mãe, uma ávida leitora, favoreceu desde cedo o contato da poetisa com um expressivo repertório de materiais bibliográficos que contribuíram para seu amadurecimento intelectual. No final do século XIX, apesar da distância dos grandes centros urbanos, a *Senhora*¹⁵ possuía meios de acesso aos livros, jornais e revistas, particularmente como sócia do Gabinete Literário Goiano, lugar de onde, mesmo durante o período em que a família morou na fazenda Paraíso, continuava a receber os livros emprestados. A notável capacidade como leitora, até mesmo de livros em diferentes idiomas: o espanhol, o francês e o italiano é atestada pelo controle de empréstimos do Gabinete e ratificada por Bittar (1997, p. 138), ao destacar a mãe de Cora, como sendo “Intelectual, perde-se em intermináveis leituras e, até hoje, o fato de ter lido todos os livros da Biblioteca Pública de Goiás é sempre lembrado”.

Pouco afável aos serviços domésticos, a mãe de Cora Coralina foi uma mulher empreendedora, e apesar das limitações impostas à condição feminina, mantinha-se firme aos seus propósitos dentro e fora do ambiente familiar. Foi, portanto, neste ambiente controlado matriarcalmente e com muita leitura disponível, que cresceu Aninha, sob os cuidados de tia Nhorita, Mãe Didi (ex-escrava e madrinha) e sua bisavó. Mulheres que se destacaram na vida da escritora como fontes de contato com a oralidade e a memória.

Contato rompido, em 1911, quando aos 22 anos, a poetisa partiu, contrariando a moral vigente, para São Paulo com Cantídio Tolentino Figueiredo Brêtas¹⁶, aquele que seria seu futuro marido¹⁷. Nessa época, Cora já havia publicado alguns textos, em prosa, nos jornais locais.

¹⁵ Pronome de tratamento usado pela família ao se referir à mãe de Cora Coralina. Seu nome de nascimento: Jacyntha Luiza do Couto Brandão Peixoto.

¹⁶ Cantídio Tolentino Figueiredo Brêtas era bacharel em Direito e atuava como chefe de polícia na cidade de Goiás. A família de Cora Coralina não aceitava o seu relacionamento com Cantídio, pois este havia deixado esposa em São Paulo. Ainda assim, contrariando os preceitos sociais e morais vigentes, no dia 25 de novembro de 1911, o casal parte da sociedade vilaboense rumo ao Estado de São Paulo.

¹⁷ O casamento entre Cantídio e Cora Coralina ocorreu, oficialmente, no dia 01 de julho de 1925.

Cantídio, por sua vez, era advogado e chefe de polícia e conheceu Cora Coralina nos eventos literários e nos encontros sociais que aconteciam no Gabinete Literário da cidade de Goiás. As palavras de Teles (2010, p. 95) exprimem a respeitável posição do Gabinete como “A mais antiga instituição cultural do Estado [...]. Durante mais de 100 anos o Gabinete foi o grande laboratório de cultura da antiga Vila Boa”. O Gabinete Literário Goiano exercia grande influência no comportamento cultural e artístico da sociedade da época. Câmara (1979, p. 93) corrobora ao relatar que:

O Gabinete Literário funcionava, naquele tempo, como uma espécie de crônica falada e ininterrupta da cidade. Para lá convergiam, conforme as frequentadoras da hora, os comentários e as fofocas políticas, as murmurações e os fuxicos sobre a conduta moral de insuspeitas e respeitáveis matronas. Isto geralmente à tarde, pois, no período noturno, o Gabinete parecia reservado aos jovens que lá formavam pares de namorados [...].

A mudança para outro Estado, em companhia de Cantídio, levou Cora a viver em Jaboticabal, no Estado de São Paulo. Cidade em que nasceram seus seis filhos e onde criou uma filha adotiva¹⁸. Lugar no qual plantou e vendeu rosas e recebeu homenagens em forma de versos. Escreveu a poetisa no poema “Jaboticabal”:

[...]

Cafezal.

Canavial.

Algodoal.

Laranjal.

Rosal. Roseiral.

Cidade das Rosas.

Terra de meus filhos

onde fiz meu duro

¹⁸ Em 1912 nasceu a primeira filha de Cora Coralina, Paraguassu, em 1914 nasceram os gêmeos Cantídio e Enéas, sendo que o segundo faleceu aos 5 meses. Depois, em 1915, nasce Jacyntha Philomena e, em 1917, Maria Isis nasce prematura e falece aos 5 meses. Por último, após 10 anos (1927), nasce Vicência. Dos filhos de Cora, apenas Vicência, encontra-se viva, os demais são falecidos. Sua filha adotiva, Guajajarina, era fruto do relacionamento anterior de seu marido com uma índia.

*aprendizado de vida
e relembro sempre
amigos e vizinhos
incomparáveis.
[...].
(CORALINA, 1976, p. 32).*

A poetisa morou, ainda, na cidade de São Paulo e presenciou a Revolução Constitucionalista de 1932. Chegou a alistar-se como enfermeira e costurou uniformes para os soldados¹⁹. Após a morte de seu marido, em 1934, instalou uma pensão e começou a vender livros da editora José Olympio, como meio de subsistência. Mudou-se para Penápolis e sobreviveu financeiramente com a venda de plantas e um pequeno comércio, uma casa de retalhos de tecidos. Nessa época participou da Ordem Franciscana e fez votos de viver segundo seus ensinamentos. Quando foi para Andradina e por lá permaneceu por 15 anos, Cora viveu dividida entre os afazeres como proprietária de um sítio e um pequeno comércio na cidade. Sua atuação na sociedade andradinense levou-a, num gesto de comprometimento político, porém, sem sucesso, a candidatar-se à vereadora pela União Democrática Nacional (UDN).

Depois dessas andanças por terras paulistas e, após 45 anos ausente de sua terra natal, com seus filhos criados, a poetisa sente “o chamado das pedras²⁰” e, aos 67 anos de idade, “vestida de cabelos brancos” retorna em busca do “vintém perdido²¹”.

*A estrada está deserta.
Vou caminhando sozinha.
Ninguém me espera no caminho.
Ninguém acende a luz.
A velha candeia de azeite
De a muito se apagou.*

Tudo deserto.

¹⁹ Na ocasião, Cora doou sua aliança de casamento e recebeu o certificado “Dei ouro pelo bem de São Paulo”.

²⁰ Título do poema abaixo (fragmento) publicado em *Meu livro de cordel* (1976, p. 42-43). No mesmo poema há um verso com a expressão “Vestida de cabelos brancos” que utilizo a seguir.

²¹ Em depoimento a Marlene Vellasco (1990), Cora disse que voltou para Goiás para procurar o vintém de cobre perdido.

*A longa caminhada.
A longa noite escura.
Ninguém me estende a mão.
E as mãos atiram pedras.*

*Sozinha...
Errada a estrada.
No frio, no escuro, no abandono.
Tateio em volta e procuro a luz
Meus olhos estão fechados.
Meus olhos estão cegos.
Vem do passado
[...]
(CORALINA, 1976, p. 42)*

Na ocasião de sua volta, Cora escreveu o poema *Cântico da volta*²² (1956) e começou a sonhar em publicar seu primeiro livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, fato que se concretizou em 1965. Esse sonho foi realizado após a clausura voluntária na Casa Velha da Ponte, em meio as inúmeras pesquisas sobre o folclore e costumes de Goiás, a escrita de poemas e o feitiço de doces cristalizados. Observo a afirmação de Britto (2009) sobre o fato que o primeiro livro de Cora não

[...] nasceu em uma só contração. *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* começou a ser gerado quando a autora ainda estava em São Paulo, no dia em que conseguiu se libertar da métrica e da rima e escrever seu primeiro poema. [...]. Podemos dizer, de acordo com os registros no acervo da autora, que os vinte e quatro poemas reunidos na primeira edição do livro foram concebidos entre as décadas de 1930 e 1960. (BRITTO, 2009, p. 31, grifo do autor).

Diante desta sucinta explanação introdutória acerca do caminho percorrido por Cora Coralina, retomo o foco na apresentação da pesquisa e aproveito para esclarecer que o conceito de biblioteca, utilizado nesta

²² Publicado primeiramente em folheto dobrável, o poema-prosa “Cântico da volta” foi distribuído no evento promovido pela Associação Brasileira de Escritores (ABDE) em homenagem ao retorno de Cora Coralina. Recuperado em 2011, o poema pode ser lido no livro póstumo *Villa Boa de Goyaz* (2001). (DENÓFRIO, 2006).

tese, ultrapassa a fronteira do estabelecido pelos manuais e livros de referência. Sumariamente, a “biblioteca” que proponho abordar, neste estudo, vai além do sentido etimológico resultante da união dos dois termos *biblio* e *têke*²³, e da definição de Schwarcz, Azevedo e Costa (2002, p. 125), que estabelecem a biblioteca como “prateleira ou depósito para guardar livros, escritos, rolos de papiro e de pergaminho arrumados em estantes”, ou mesmo da materialidade definida pelos dicionários que a indica como sendo “[...] a coleção pública ou privada de livros e documento congêneres, para estudo, leitura e consulta. Edifício ou recinto onde ela se instala. Móvel onde se guardam e / ou ordenam livros”. (FERREIRA, 2001, p. 97). O que desejo e proponho, ao estudar a biblioteca de Cora Coralina, é trazer, além dos pressupostos acima explicitados, uma concepção ampliada do vocábulo. Isto significa dizer que a “biblioteca”, tal como a concebo, articula a tensão entre reunião/dispersão, esquecimento/memória, tradição/vanguarda. Especificamente, nesta tese, fica evidente o uso significativo do termo, a partir dos recortes que estabeleço na escritura poética de Cora Coralina; a fortuna crítica sobre a poetisa (especialmente teses e dissertações); os livros e periódicos colecionados e acumulados pela poetisa durante sua vida e que foram organizados e catalogados para esta pesquisa; e parte do acervo documental cedido pelo Museu Casa de Cora Coralina, materiais que englobam fragmentos de jornais e revistas, fotos, cartas, dedicatórias e crônicas. Assim, ainda que a ênfase recaia sobre a biblioteca particular da poetisa, pretendo utilizar o termo “biblioteca” como metonímia para as diversas possibilidades de bibliotecas e assuntos relacionados ao arquivar e desarquivar, observando a articulação com a cultura coletiva envolta dos valores históricos, a tradição literária e, em última análise, a história da literatura. Diante desta colocação acerca do termo, a hipótese que suscito é a de se pensar na possibilidade de (des)arquivar biografemas a partir da biblioteca de Cora Coralina.

Sendo assim e considerando a frase do escritor Alberto Manguel (2006, p. 162) que diz que “Toda biblioteca é autobiográfica” e associando-a à noção conceitual de biografema proposto por Roland Barthes (1984), passei a desenvolver a essência do argumento deste estudo. Partindo da reflexão sobre como uma biblioteca espelha a singularidade de um leitor, exercendo, desse modo, uma relação de testemunho entre o contingente intelectual e a trajetória pessoal,

²³ Para Santos (2009) as palavras gregas *biblio* e *têke* significam respectivamente livro e coleção/depósito.

proponho-me a atuar, num primeiro momento, como pesquisadora do acervo bibliográfico²⁴ da poetisa e, em seguida, como biografóloga dos vestígios repletos de significações, presentes tanto nos pormenores detectados em sua poética, ou seja, nos poemas emblemáticos selecionados como *corpus* de análise, como nas possíveis conexões de leituras, nas redes de relações, nas escritas de margens em forma de anotações, nos adendos, nas rasuras, além de paratextos como as dedicatórias, os pós-escritos, os excertos inéditos em prosa e verso, encontrados no manuseio de seu acervo.

Os vestígios, resíduos e os fragmentos são como as chaves que permitem dar conta de uma trajetória de vida e de escritura que, transgressora por não obedecer a uma ordem cronológica convencional, refletem idiosincrasias humanas. Para Manguel (2006, p. 163):

O que torna toda biblioteca um reflexo de seu proprietário não é apenas a seleção de títulos, mas a trama de associações implícita na seleção. Nossa experiência elabora outras experiências, nossa memória elabora outras memórias. Nossos livros dependem de outros livros, que os modificam e enriquecem, que lhes dão uma cronologia ao arrepio dos dicionários de literatura.

Alberto Manguel ressalta que, até o atual momento, se conserva a concepção de que os livros pessoais atestam, refletem, julgam contra ou ao nosso favor. Além disso, estabelece que existem as bibliotecas sólidas, palpáveis que se transformam, na medida em que são absorvidas (lidas) pela biblioteca mental, de caráter fluída, fragmentária, posto que se apoia na memória individual. (MANGUEL, 2006).

Sem a pretensão de que este estudo seja contado apenas sob o formato dos objetos que Barthes (2004b, p. 44) chamou de “[...] monemas da língua metaliterária ou da história da literatura; tais objetos são, certamente, os autores, as escolas, os movimentos, os gêneros e os séculos”, pois assim se estaria diante de um manual, ao contrário, o propósito é (re)escrever uma vida, intermitente em sua essência, considerando que o contato com o acervo pode permitir uma nova

²⁴ Nesta tese, o conceito de acervo bibliográfico refere-se ao conjunto de documentos armazenados e conservados em uma biblioteca. Na biblioteca de Cora Coralina estes documentos estão representados pelos livros e periódicos.

abordagem de leitura, de distinção e de reconhecimento dos signos de vida.

Por meio de uma perspectiva biografemática pretende-se encontrar os pormenores concretos para compor uma “biografia descontínua”, capturada a partir da poética Cora, de seus livros e de suas impressões. Perrone-Moisés (1983), ao analisar a “ciência do biografema”, afirma que Barthes aponta para dois tipos de biografias. A biografia-destino – onde existe uma completude de sentido e a biografia descontínua – que absorve a ordem dispersiva do biografema, recriando uma nova ordenação. E, nesta nova ordenação, será dado a conhecer os livros que marcaram e deixaram ser marcados pelas experiências²⁵ da escritora, que soube ornamentar sua vida poeticamente, pois:

Dizer que um autor é um leitor, ou um leitor, um autor, considerar um livro como um ser humano ou um ser humano como um livro, descrever o mundo como texto ou um texto como o mundo são formas de nomear a arte do leitor. (MANGUEL, 2001, p. 196).

Seria, portanto, a tentativa de (re)escrever mediante os traços biografemáticos, cenas de uma vida, sem o obrigatório sentido de organização cronológica presente, geralmente, nas biografias. Biografemas que possuem como pano de fundo as fontes bibliográficas, que até o momento estavam “invisíveis”. Em outras palavras, trata-se de descortinar o passado cravado em livros, folhear emoções, as quais pedem passagem para serem reveladas. Nas palavras de Cora Coralina (2006, p. 27), estes biografemas constituiriam simplesmente em “[...] um modo diferente de contar velhas histórias”, pois para Vasconcelos (2004, p. 40), “O biografema sai da vida para entrar na obra, mas é na obra que se constitui como biografema”.

Sobre o período que antecedeu à catalogação do acervo, cabe registrar que, no momento em que encontrei os livros da biblioteca pessoal de Cora Coralina, as obras estavam acondicionadas, por certo, em

²⁵ Entende-se por experiência, o conceito elaborado por Walter Benjamin em *O narrador* (1987) no qual o filósofo afirma que “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores” (BENJAMIN, 1987, p. 198), entretanto essa experiência é transmitida por meio da própria história ainda que dependa da intervenção do narrador. Figura essa, que para Benjamin, estava desaparecendo.

um local seguro, aparentemente livres de agentes deteriorantes como sol, umidade, insetos, entre outros, mas era absolutamente relevante observar que faltava um tipo de tratamento técnico, pois não se notava nenhum critério que demonstrasse algum eco de organização biblioteconômica, que permitisse disponibilizar o acervo para pesquisadores interessados em Cora Coralina. Nesse instante, lembrei-me da biblioteca sem catálogo, por opção, de Alberto Manguel. Disse ele:

[...] eu mesmo dispus os livros pelas estantes, e em geral só preciso recordar o plano da biblioteca para saber onde estão – as áreas de luz e sombra fazem pouca diferença para minhas explorações. Essa ordem rememorada segue um padrão em minha mente, que retém a forma e a divisão da biblioteca, assim como um astrônomo conecta por meio de padrões narrativos os pontos das estrelas [...]. (MANGUEL, 2006, p. 161)

Se, como afirma o autor, a biblioteca física, a virtual/eletrônica e a memorizada refletisse a identidade individual e social, ou seja, “Somos o que lemos, ou o que já lemos” (MANGUEL, 2014), como não pensar a poetisa a partir de suas leituras, de seu modo de colecionar, selecionar os livros e fazer seus pactos de leituras. Sentiria ela a “obsessão de um bibliófilo”? Expressão cunhada por José Mindlin (2008, p. 15) ao dizer que: “O livro exerce uma atração multiforme, que vai muito além da leitura, embora esta seja um ponto de partida fundamental”. Teria, a poetisa, lido todos aqueles livros? Comungava ela com a ilusão do bibliófilo? “Em primeiro lugar, existe sempre a ilusão de que se vai conseguir ler mais do que na realidade se consegue”. (MINDLIN, 2008, p. 15). Seria possível responder a essas perguntas? Evidentemente, para se alcançar as respostas a esses questionamentos, era necessário considerar o fato de que a biblioteca, tal como eu a observava na ocasião de minha visita ao museu, é resultado de uma estruturação *post mortem*, considerando que este espaço de preservação e memória foi inaugurado em 20 de agosto de 1989²⁶, pouco mais de quatro anos após a morte da poetisa e, portanto, os livros haviam sido organizados para serem expostos ao público.

Concebendo que há algo de arbitrário na organização de uma biblioteca, especialmente, a biblioteca particular, pois esta “[...] tem a

²⁶ Data comemorativa dos 100 anos de nascimento de Cora Coralina.

vantagem de permitir classificações caprichosas e altamente pessoais. [e] Por vezes, a classificação antecede a ordenação material”. (MANGUEL, 2006, p. 42-43), comecei a vislumbrar a possibilidade de, como um arconte que, para Derrida (2001), seria a um só tempo guardião e intérprete do arquivo, inserir os livros no “[...] suave tédio da ordem [...]” que ainda não os envolviam. (BENJAMIN, 1987, p. 227).

Assim, passei a refletir sobre a possibilidade de organizar, classificar e catalogar o acervo bibliográfico registrando dados físicos como: os títulos, os autores, as datas, as edições, os assuntos e, especialmente, as particularidades em notas²⁷. Ou seja, vestígios que permitissem trazer à tona fragmentos biografemáticos de ordem textual, encontrados em erupções artísticas que, acredito, podem ser de grande valia para os pesquisadores e amantes da obra de Cora Coralina.

E foi diante de tamanho tesouro, raro, que o olhar de bibliotecária, mestra e doutoranda em literatura não se esquivou e, por aproximadamente três meses consecutivos, trabalhei, inventariei, li, analisei, pesquisei e conversei com as pessoas que conheceram e conviveram com a poetisa, no intuito de reunir subsídios, buscar as chaves que permitissem abrir portais no espaço biográfico, para apontar alguns biografemas da poetisa, pois conforme Costa (2010, p. 29):

Trata-se de um outro tratamento para aquilo que a cultura nos oferece acerca do autor (através dos livros, fotos, manuscritos, filmes, entrevistas, documentos, etc.): a relação biografemática faz uso deste material, porém toma-o como um compósito de signos soltos, prontos para pontilharem outros rostos, culminando em novos jogos de mentiras e verdades.

Nesse aspecto subjetivo, faço recortes intuitivos que não obedecem a uma cronologia fixa, pois assim como os traços biografemáticos, estes, foram recolhidos em fragmentos repletos de significações existentes no factual de uma ordem caótica. À vista disso, estabeleço uma dupla proposta de estudo, no qual pretendo, de um lado, apresentar o catálogo, devidamente organizado e sistematizado conforme os preceitos

²⁷ Ao analisar cuidadosamente os volumes examinando os eventuais resíduos presentes no arquivo literário, foram registradas, em “notas”, a presença ou não desses fragmentos, como por exemplo, a presença de dedicatórias, algumas mensagens manuscritas e anotações diversas, registros de práticas de leituras.

biblioteconômicos, com a transcrição exata dos conteúdos das folhas de rosto e a descrição sobre as particularidades encontradas em alguns livros e revistas e, por outro lado, buscar, a partir de uma leitura biografemática, trazer à tona, marcas individualizantes dispersas em pormenores observados, ora nos objetos estudados no acervo catalogado, ora nas tessituras das associações de experiências e memórias presentes na escritura de Cora Coralina.

Antes de iniciar qualquer reflexão sobre o processo que envolve a catalogação de arquivos pessoais de escritores e dos documentos literários que saem dos arquivos, como apontado por Hay (2003, p. 68) como sendo resultantes do momento em que o “[...] culto ao grande escritor surgiu no imaginário coletivo”, cabe esclarecer o uso terminológico dos termos arquivar e desarquivar, e como estes são pensados e usados nesta pesquisa. Comumente, a palavra arquivar significa, dentre outras acepções, recolher e classificar em arquivo, guardar, fixar na memória; já a palavra desarquivar designa trazer de volta à tona, tirar do esquecimento; pôr de novo em prática; ressuscitar. Ainda é possível pensar que, enquanto verbetes, arquivar e desarquivar, possuem respectivamente os significados de guardar (documento, informação em qualquer formato) em arquivo, reter na memória e; trazer do esquecimento, trazer de volta à atualidade, recordar, lembrar. Nesta pesquisa, estou considerando (des)arquivar a ação de trazer à tona parte do espólio da escritora Cora Coralina, ou seja, tirar do “esquecimento”, recolhendo do estado de dormência sua biblioteca, guardando-a na memória por meio da catalogação e, porque não, conduzindo à atualidade suas leituras, reminiscências, anotações, objetos e dedicatórias que podem se constituir em biografemas.

Isto significa revisitar o passado para dar visibilidade à biblioteca de Cora Coralina, inventariar e disponibilizar em forma de catálogo os títulos que compõem parte do seu acervo pessoal, descortinando, com isso, um autêntico repertório de fontes, inspirações e leituras da poetisa. Ao manusear o acervo, esperava encontrar (e encontrei!), nas centenas de páginas impressas, rastros de sua leitura, resíduos marginais, parentéticos, adendos, rasuras, pós-escritos e comentários em prosa e verso. Subsídios para atender/responder a hipótese suscitada pela expectativa de arquivar e desarquivar biografemas, a partir da biblioteca de Cora Coralina.

Antes de realizar a pesquisa de campo, estimava-se que a sua biblioteca seria composta por aproximadamente 300 títulos que, como citado antes, se encontram albergados no Museu Casa de Cora Coralina. Número equivocado e subestimado por mim e pela professora da Universidade Estadual de Goiás, a Sra. Marlene Vellasco, curadora e

diretora responsável pelo museu, que muito colaborou com esta pesquisa, especialmente concedendo autorização para livre acesso à biblioteca, bem como, auxiliando na construção detalhada do plano de trabalho da pesquisa de campo, no esclarecimento de alguns pontos lacunares da pesquisa e na disponibilização de material documental adicional sobre a vida e obra da poetisa. Após o trabalho de catalogação dos títulos verifiquei que, na verdade, a biblioteca possui 912 títulos entre livros e periódicos e 978 exemplares²⁸.

Em toda produção de pesquisa acadêmica é preciso estabelecer recortes e delimitar objetos de estudo, portanto, a metodologia do *modus operandi* da presente pesquisa é composta por duas partes específicas. A primeira compreende o levantamento dos títulos que compõem a biblioteca particular da poetisa. Acervo devidamente tratado e catalogado de acordo com o Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2) usado para a descrição bibliográfica e a Classificação Decimal Universal (CDU)²⁹ para atribuição do assunto. Todos os dados foram transpostos para o sistema eletrônico gerenciador de biblioteca, o *Personal Home Library – PHL*³⁰. O PHL é um sistema gratuito desenvolvido como alternativa moderna e eficiente para atender as necessidades de organização de um acervo. Todos esses procedimentos serviram de aporte para a segunda etapa da pesquisa que compreende a análise rigorosa dos resíduos encontrados, haja visto que me proponho a conjugar a assimilação de biografemas com a descrição detalhada dos objetos analisados (apresentação do catálogo), identificando as obras lidas e colecionadas pela escritora e, a partir dessa identificação, traçar paralelos com os fragmentos, os pormenores e os *puncta*³¹ que, de certo modo, estabelecem conexão entre a história e a memória. O termo *punctum* é usado por Roland Barthes em *A câmara clara: nota sobre fotografia* (1984) para designar pontos sensíveis, marcas que pungem e será

²⁸ Esse número refere-se aos exemplares que pertencem ao acervo do Museu Casa de Cora Coralina. Existem relatos que o número de obras seria maior, pois, na ocasião da morte da poetisa, seus familiares recolheram para si, alguns títulos.

²⁹ Utilizou-se a tabela da Classificação Decimal Universal (CDU) disponível online no seguinte endereço: <<http://www.udcc.org/udccsummary/php/index.php?lang=23>>. Ressalto que esta versão online da tabela está em formato reduzido em comparação a versão impressa. Este fato não comprometeu a catalogação do acervo, pois não havia a necessidade de um maior desmembramento dos assuntos.

³⁰ Maiores informações em: <http://www.elysio.com.br/>.

³¹ *Puncta* é o plural de *punctum*.

novamente abordado no capítulo 3 – “Dos biografemas na poesia: fragmentos de memória na obra de Cora Coralina”.

A exibição dos resultados da pesquisa de campo, realizada na biblioteca particular de Cora Coralina, localizada na casa-museu, é concomitantemente apresentada com as análises conceituais, conjugando-os às reflexões teóricas e às apresentações dos traços biografemáticos no decorrer dos capítulos. Estabelece-se, no entanto, um fio condutor no processo de argumentação teórica e expositiva, com eixos fundamentais voltados aos estudos da memória, história, subjetividade, com ênfase nos biografemas, nas teorias da escrita de si e a arte do colecionismo. Ressalto a presença de imagens fotográficas, de modo intencional, no decorrer de toda a tese e, notadamente, nas aberturas dos capítulos. Em sua maioria são imagens capturadas por mim, durante o período em que estive trabalhando com o acervo no museu e, sobre o qual, mantive a curiosidade natural de pesquisadora, mas que, também, em alguns momentos, ainda que em minha terra natal, prevaleceu um olhar particular, observador sobre a cidade e o museu, o olhar do turista; as outras imagens presenciadas na pesquisa foram disponibilizadas pela equipe do museu no decorrer de minha estadia na cidade de Goiás. São registros fotográficos emblemáticos que atestam a memória do *operator*, para usar o termo proposto por Roland Barthes (1984) ao designar o fotógrafo, e revelam, em alguns casos, pontos de sensibilidade em detalhes suplementares, o *punctum*. Estas imagens possuem o objetivo de traduzir, de maneira denotativa e referencial, os dados do real, da experiência vivida e, de forma conotativa, servem para revisitar e recompor os aspectos culturais e históricos presentes na mensagem fotográfica.

Assim, a tese está estruturada em conformidade com os seguintes tópicos: esta introdução dedicada à exposição do *corpus* da pesquisa, o encontro com as motivações, as hipóteses suscitadas, os objetivos traçados e a apresentação metodológica do *modus operandi*. A seguir, no capítulo 2 “Das vozes: Fortuna Crítica”, dentro da proposta do conceito ampliado de biblioteca, já anunciado anteriormente, apresento uma revisão e a atualização da fortuna crítica da escritora, demonstrando circunstancialmente como a poetisa está representada na academia, justificando, com isso, o ineditismo e a conseqüente realização da pesquisa. Para isso, parto do estudo realizado pela professora Darcy França Denófrio (2006) intitulado “Uma fortuna quase completa”, no qual a professora objetivou, em suas palavras, poupar o pesquisador do caminho já trilhado por outros. O levantamento realizado por ela incluiu teses, dissertações, livros, capítulos de livros, antologias, dicionários, revistas, prefácios, orelhas, entrevistas e matérias de jornais. Dentro desse

universo bio/bibliográfico, resolvi fazer um recorte optando por atualizar o material produzido no âmbito restrito ao universo acadêmico de instituições nacionais e internacionais, ou seja, priorizei a pesquisa dos trabalhos de pós-graduação convertidos em teses e dissertações não incluindo ao *corpus* do capítulo os demais tipos de materiais bibliográficos. Além disso, como uma proposta de contextualização cultural e histórica, o capítulo traz, como subcapítulo, uma rápida crônica da vida literária em Goiás no decorrer do século XX. Essa crônica abordou o panorama do cenário da literatura realizada à época no interior do Brasil, com os principais nomes e a inserção dos preponderantes acontecimentos como a criação da Academia de Letras de Goiás, os movimentos intelectuais, as publicações de livros e periódicos, as iniciativas tal como a criação do jornal literário *A Rosa* no qual Cora Coralina atuou como redatora. Esse subcapítulo é indispensável como um apanhado geral da historicidade para se compreender o palco literário presenciado e vivido por Cora Coralina e, sobretudo, como a articulação dos fatores e elementos expostos na crônica foram elementares na construção dos pactos de leituras, das redes de relações que serão abordadas nos capítulos subsequentes.

No capítulo 3, intitulado “Dos biografemas na poesia – fragmentos de memória na obra de Cora Coralina”, discorro acerca das teorias da memória e a noção de biografema proposta por Roland Barthes (1978, 1984, 2003) e retomada por outros autores que a utilizam em seus estudos, buscando explicar e compreender o autor francês. Os argumentos teóricos desenvolvidos no capítulo tencionam dissipar os equívocos existentes entre os conceitos de biografia, autobiografia e biografema, estabelecendo um vínculo entre os resíduos memorialísticos pensados enquanto autobiografia material proposto por Miguel Sanches Neto (2011) e a leitura biografemática, percebendo estes conceitos como pertencentes ao espaço biográfico, tal como verificado por Leonor Arfuch (2010). Além disso, o capítulo se propõe a desvelar o imaginário da linguagem ao percorrer a poética de Cora Coralina em busca de descodificar os biografemas que se estabelecem no diálogo entre escritor e escritura, pois, para Perrone-Moisés (1983, p. 56) “A escritura é poesia, no sentido moderno do termo: [...] aquele discurso que não exprime um sujeito, mas o coloca em processo”. As análises biografemáticas, nesse capítulo, são divididas em três partes: a primeira “Poesia da culinária: Oração do milho”, a segunda “Poesia do eu: Vintém de cobre” e a terceira “Poesia do resíduo: Casa velha da ponte, Prato Azul-Pombinho”, nas quais busco, ainda que sem aspirações de completude, decifrar as principais linhas que

indicam e aproximam a essência poética da poetisa. O fato de centrar meu olhar nessas abordagens poéticas que envolvem a culinária, a escrita de si e os resíduos, resulta do entendimento de que são temas emblemáticos e representativos da poesia de Cora Coralina. As explorações dos poemas selecionados às essas temáticas levaram-me a uma investigação dos traços biografemáticos possíveis de serem identificados nos versos escolhidos de Cora Coralina. Os fragmentos perceptíveis na escritura de Cora Coralina, ou seja, as anamneses factícias selecionadas por mim, enquanto biografóloga, implicam no conhecimento aprofundado da obra da autora. Esse conhecimento me permite perceber, no contorno de sua escritura, a presença marcante dos biografemas ligados à noção de simplicidade, modéstia e humildade, implícitos nos gestos culinários, na religiosidade, na escrita de si, no autodidatismo, na infância, na identificação com sua terra e sua gente, nas reminiscências exibidas e evidenciadas nos poemas “Oração do milho”, “Prato Azul-Pombinho” e em versos constantes no livro “Vintém de cobre: meias confissões de Aninha”. Ao escrever este capítulo utilizei como aporte teórico nomes como: Jacques Le Goff (1990), Michael Pollak (1989, 1992) e seus estudos sobre a memória, Alberto Manguel (2001, 2006) e a sua percepção de biblioteca, Philippe Lejeune (2008) e o pacto autobiográfico e, as referências de Walter Benjamin (1985, 2011) no tocante ao conceito de experiência e a arte de colecionar. Ademais, estes autores dialogam com outros pesquisadores que corroboraram fornecendo subsídios intelectuais para o estudo, a partir de estudos disponíveis em teses, dissertações e artigos de periódicos.

O capítulo 4 intitulado “Do catálogo e dos atos”, destinou-se à apresentação dos resultados da pesquisa de campo realizada na biblioteca particular de Cora Coralina. Para tal, definiu-se juntamente com a direção da casa-museu, as principais estratégias para o trabalho de catalogação, alinhando-as aos anseios da pesquisa. Os aspectos intrínsecos resultantes dos procedimentos de construção de um catálogo associado às circunstâncias envoltas aos elementos biografemáticos ajudaram a compor esta biografia descontínua e despossuída de uma ordenação linear comuns às narrativas biográficas, tal como, frequentemente, considerado pelo cânone do gênero. É importante ressaltar que as apresentações dos resultados são ratificadas por imagens fotográficas que reproduzem e atestam o material recuperado durante a pesquisa de campo. Evidentemente, o material exibido deriva das escolhas assumidas por mim, diante da massa documental que integra a pesquisa na biblioteca de Cora Coralina. Os “pormenores concretos” arquivados e desarquivados no trabalho com o acervo bibliográfico revelaram os pactos de leituras

captados no manuseio dos livros e as redes de relações estabelecidas pela poetisa no decorrer de sua trajetória literária. Coube a este capítulo decompor os elementos presentes nas imagens, pormenores, textos, estrofes, frases, anotações inéditas propagadas em vínculos afetivos e profissionais, com espaço para se pensar as trocas literárias e sentimentais presentes em algumas dedicatórias de/para Cora Coralina. Posso dizer que a hipótese suscitada nesta tese encontra, no capítulo em questão, as principais respostas para o ato de arquivar e desarquivar biografemas, a partir da biblioteca particular de Cora Coralina. Esses biografemas são encontrados em manifestações de escritas cotidianas e/ou poéticas representadas nas folhas de rosto dos livros, em papéis avulsos, em cartões postais, recortes de jornais e, em documentos complementados pela equipe do museu como algumas cartas e fotografias. Para a exibição do acervo bibliográfico catalogado no ambiente virtual, foram elaborados dois quadros com a compilação dos dados inseridos no *software* específico. A primeira tabela contém a descrição dos 862 títulos de livros e a segunda os 50 títulos de periódicos, totalizando 912 títulos e 978 exemplares catalogados.

Após percorrer estes capítulos, finalizo esta pesquisa, inédita no cenário acadêmico, pois é a primeira que aborda a biblioteca particular de Cora Coralina com vieses na catalogação e todos os procedimentos que envolvem tal atividade (organização e classificação dos títulos e exemplares), mas, sobretudo, pela ênfase e o alargamento das fronteiras ao propor uma análise biografemática da mesma. Assim, consciente do lugar de onde falo como biografóloga e as implicações desse ato sobre o objeto estudado, concluo a tese com a apresentação das “Considerações finais” dedicadas a alinhar os principais temas explorados no transcorrer dos capítulos, associando-os às revelações das leituras da escritora, intentando, com isso, disponibilizar aos leitores da poetisa e aos pesquisadores de acervos literários, a coleção dos livros dotados de aura biográfica e de fragmentos biografemáticos de Cora Coralina.

Após a listagem das referências utilizadas no estudo, trago à guisa de anexo o “Estatuto do Museu Casa de Cora Coralina”, como arremate final, em formato de fonte documental complementar, que ratifica os princípios e objetivos museológicos que vão ao encontro desta tese de doutorado.

Figura 2 - Cora Coralina lendo



Fonte: Museu Casa de Cora Coralina

No livro sobre a mesinha lateral – fulgura o punctum

2 DAS VOZES: FORTUNA CRÍTICA

Este capítulo é destinado a dar à vista aos estudos acadêmicos que abordam temáticas relacionadas à vida e obra de Cora Coralina. Para dar conta desse propósito, realizei uma investigação, por meio da revisão da fortuna crítica³², do atual lugar de Cora Coralina como objeto de estudo nas Instituições de Ensino Superior (IES).

Ao trazer à superfície os trabalhos acadêmicos (teses e dissertações) nacionais e internacionais, busco demonstrar a recepção crítica da obra de Cora Coralina. A abordagem dessa “biblioteca” se faz necessária pelos seguintes motivos: disponibilizar e atualizar as fontes oriundas de produção acadêmica para pesquisadores; demonstrar, de modo reunido, a quantidade e o aumento da elaboração dos textos acadêmicos e como ela ocorre em termos de distribuição territorial; oferecer, ao centro de documentação do museu, uma lista completa para a atualização do acervo e, oportunizar a mim, pesquisadora, a leitura da coletânea e a explanação analítica de alguns trabalhos considerados fundamentais e procedentes para a pesquisa.

A revisão tomou como ponto de partida o levantamento realizado pela professora Darcy França Denófrio (2006)³³ conferido no capítulo de livro *Retirando o véu de Isis: contribuição às pesquisas sobre Cora Coralina*. A partir dos documentos apresentados pela professora, estabeleceu-se como critério metodológico para a complementação de sua listagem, em um primeiro momento, uma pesquisa no catálogo das bibliotecas das Universidades Federais Brasileiras³⁴ e, seguidamente, a pesquisa no *site* da plataforma lattes. Adotou-se o seguinte modelo como estratégia de busca: nas bibliotecas universitárias, usou-se o termo livre “cora coralina” associando-o ao tipo de material (tese e/ou dissertação), ao passo que, na plataforma lattes, a busca foi executada “por assunto” e

³² Conforme dito na apresentação, foram analisados como parte da fortuna crítica da poetisa, os documentos acadêmicos no formato de teses e dissertações, não contemplando, nesse caso, trabalhos de conclusão de curso, artigos científicos e comunicações de anais de congresso.

³³ Capítulo publicado no livro *Cora Coralina: celebração da volta* (2006) organizado pelas professoras Darcy França Denófrio e Goiandira Ortiz de Camargo em homenagem aos 50 anos do retorno da poetisa a sua terra natal, Goiás.

³⁴ Conforme informação encontrada no *site* do Ministério da Educação <<http://portal.mec.gov.br/index.php>>, atualmente são 63 Universidades Federais Brasileiras.

selecionado “doutores”. Na plataforma lattes foram recuperados 180 currículos que continham as palavras “cora” e/ou “coralina”. Todos os currículos foram analisados e o resultado final do levantamento foi ampliado com o acréscimo de trabalhos defendidos em Instituições de Ensino Superior estaduais e particulares no âmbito nacional e internacional. Além disso, com a pesquisa na plataforma lattes surgiram alguns documentos defendidos em 2014 e que, até a data da pesquisa, não estavam disponíveis nos catálogos das bibliotecas das Universidades Federais Brasileiras. Nesse caso, especificamente, houve certa dificuldade em se ter o acesso aos resumos, palavras-chave e o texto completo, o que, em alguns casos, resultou no envio de *e-mail* aos autores solicitando estas informações.

Ao final reuniu-se 35 materiais (26 dissertações e 9 teses³⁵) frutos de produção acadêmica do período de 1990 a 2014 e provenientes de 16 instituições, sendo que 3 internacionais, a saber, Universidade Complutense de Madrid, Universidade de Havana e Universidade de Paris III Sorbonne-Nouvelle. Como Cora Coralina faleceu em 1985 subentende-se que o primeiro trabalho acadêmico de pós-graduação foi defendido 5 anos após sua morte. Coube à professora e atual diretora do Museu Casa de Cora Coralina, Marlene Gomes de Vellasco, principiar os estudos sobre a poetisa.

O resultado do levantamento com a atualização da fortuna crítica será encaminhado ao Setor de Pesquisa e Documentação do museu para que seja incorporado à bibliografia existente no local, sobre os documentos relacionados à recepção da obra de Cora Coralina, facilitando, com isso, o acesso dos pesquisadores à massa documental unificada.

A seguir serão apresentados os resultados recuperados na pesquisa em formato de referência bibliográfica e, antes de passar para a crônica da vida literária de Goiás, destaquei alguns trabalhos para uma análise particularizada.

2.1 TESES DE DOUTORADO

BRITTO, Clóvis Carvalho. *A economia simbólica dos acervos literários: itinerários de Cora Coralina*, Hilda Hilst e Ana Cristina César. 2011. 364 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Instituto de Ciências

³⁵ No levantamento da professora Darcy Denófrío constam 21 trabalhos acadêmicos, sendo 3 teses e 18 dissertações.

Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10482/9435-->>. Acesso em: 14 set. 2014.

CAMARGO, Luis Hellmeister. *Encurtando o caminho entre texto e ilustração: homenagem a Angela Lago*. 2006. 392 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000382760>>. Acesso em: 14 set. 2014.

DELGADO, Andrea Ferreira. *A Invenção de Cora Coralina na batalha das memórias*. 2003. 508 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 2003. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000289876>>. Acesso em: 14 set. 2014.

DIAS, Paula Pinho. *Representações textuais-discursivas na construção do mito de Cora Coralina*. 248 f. Tese (doutorado) – Departamento de Língua Portuguesa. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=15746>. Acesso em: 14 set. 2014.

FREITAS, Consuelo Brito de. *El discurso poético y las condiciones de su produccion: una lectura comparada de la poesia de Rosalia de Castro y Cora Coralina*. 575 f. Tese (doutorado) – Departamento de Filologia Românica Eslava e Linguística Geral, Universidade Complutense de Madri, Madri, 2004. Disponível em: <<http://biblioteca.ucm.es/tesis/fll/ucm-t27646.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2014.

MORAIS, Mara Rúbia de Souza Rodrigues. *A trama discursiva de si, entre o estético e o ordinário: identidade e diferença nos fios da memória*. 212 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista de Ciências e Letras de Araraquara, Araraquara, 2010.

REIS, Claudia Barbosa. *A literatura no museu*. 213 f. Tese (doutorado) – Departamento de letras do centro de teologia e ciências humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0912688_2012_completo.pdf>. Acesso em: 20 set. 2014.

SACRAMENTO, Adriana Rodrigues. *A culinária de sentidos: corpo e memória na literatura contemporânea*. 2009. xi, 246 f. Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Brasília, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/4926>>. Acesso em: 20 set. 2014.

SILVA, Olívia Aparecida. *Labirintos da memória: o pulsar de vida na poética de Cora Coralina*. 2005. 174 f. Tese (Doutorado) – Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

2.2 DISSERTAÇÕES DE MESTRADO

ANJOS, José Humberto Rodrigues dos. *Na minha vida, a vida mera da Cora Coralina, Modernismo, Representação, Outro 113 obscuras: as representações do Eu e de outros espaços em Poemas dos becos de Goiás e estórias mais, de Cora Coralina*. 71 f. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2013. Disponível em: <http://mestrado_letras.catalao.ufg.br/up/570/o/NA_MINHA_VIDA_A_VIDA_MERA_DAS_OBSCURAS_AS_REPRESENTA%C3%87%C3%95ES_DO_EU_E_DE_OUTROS_ESPA%C3%87OS_EM_POEMAS_DOS_BECOS_DE_GOI%C3%81S_E_EST%C3%93RIAS_MAIS_DE_CORA_CORALINA.pdf>. Acesso em: 22 set. 2014.

BRITTO, Clóvis Carvalho. *"Sou paranaíba pra cá": literatura e sociedade em Cora Coralina*. 190 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de sociologia. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006. Disponível em: <<http://pos-sociologia.cienciassociais.ufg.br/up/109/o/CLOVIS.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2014.

CURADO, Bento Araújo Jayme Fleury. *Sopro em Brasas dormentes: inventário das precursoras da literatura em Goiás*. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, Goiânia, 2003.

DIAS, Paula Pinho. *Sociedade, cognição e discurso: desvendando Cora Coralina*. 2008. 301 f. Dissertação (Mestrado) –

Departamento de Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7776>. Acesso em: 18 set. 2014.

ESMERALDO, Moema de Souza. *A representação do espaço e a cidade na poesia de Cora Coralina e José Décio Filho*. 2014. Dissertação – (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2014.

GOMES, Melissa Carvalho. *No rastro de Cora: da literatura ao desenvolvimento local, identidade e cultura com açúcar e literatura*. 2004. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Serviço social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2004.

GUIMARÃES, Solange Aparecida. *Aspectos do Universo poético de Cora Coralina*. 76 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2000.

LIMA, Omar da Silva. *Cora Coralina & Vozes emersas*. 2004. 90 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Brasília, 2004.

LIMA, Sueli Gomes de. *Práticas de subjetivação e construções identitárias em Cora Coralina*. 127 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008. Disponível em: <http://www.bdt.d.ufu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2057>. Acesso em: 14 set. 2014.

LUZ, Salustiano Ferreira da. *A poesia de Cora Coralina: enfoque psicopedagógicos e leitura*. 1999. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências sociais e Humanísticas, Universidade de Havana, Cuba, 1999.

MELLO, Maristela Barenco Correa. *Da morte do General à busca rizomática: o ato de escrever como possibilidade de emancipação: agenciamentos entre Cora Coralina, Gilles Deleuze e Félix Guattari*. 2005. 175 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp097177.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2014.

MELO, Maria Ivone Souza. *Rastros do Vintém Perdido: uma história de leitura na poesia de Cora Coralina*. 2011. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Ciências Humanas, Universidade Estadual da Bahia, 2011. Disponível em: <http://www.ppgel.uneb.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/melo_ivone.pdf> Acesso em: 09 set. 2014.

MELO, Thaise Monteiro da Silva. *A representação da cidade na poesia de Bandeira, Drummond e Cora Coralina*. 2014. Dissertação – (Mestrado) – Departamento de Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

MIGUEL, Heloisa Marques. *A poesia de Cora Coralina: "um modo diferente de contar velhas estórias"*. 132 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.

MORAIS, Mara Rúbia de Souza Rodrigues. *Aninha e outras vozes: a construção discursiva do sujeito em Vintém de Cobre, de Cora Coralina*. 2006. 228 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15442>>. Acesso em: 14 set. 2014.

OLIVEIRA, Márcia Batista de. *Cora Coralina: cartografias da memória*. 2006. 148 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000118270>>. Acesso em: 18 set. 2014.

PALOMARES, Eliana Regina. *A narrativa de Cora Coralina em similitude com o conto popular*. 2000. 127 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Educação, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2000.

PEREIRA, Iêda Maria Vilas Bôas. *Cora Coralina: a mulher-poeta e suas múltiplas vozes*. 2009. 130 f.: Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Brasília, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/8266>>. Acesso em 10 set. 2014.

PEREIRA, Perciliana Chaves. *O universo simbólico coralíneo: as hierofonias da natureza*. 2004. 150 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Filosofia e Teologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2004. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=289>. Acesso em: 18 set. 2014.

QUERMES, Cláudia Elena de Oliveira. *Meias transgressões, meias confissões: marcas de gênero na poesia de Cora Coralina*. 2005. 78 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Brasília, 2005.

RABELO, Flávia de Brito. *(Re)inventando o turismo na cidade de Goiás sob o olhar de Cora Coralina*. 2006. 110 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2006. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=188>. Acesso em: 18 set. 2014.

RIBEIRO, Tilza Maria Antunes. *Memória e lirismo das pedras na poesia de Cora Coralina*. 109 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

SOUSA, Ana Cristina de Deus e. *Entre monumentos e documentos: Cidade de Goiás, Cora Coralina e o dossiê de tombamento*. 2009. 133 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História, Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2009. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=708>. Acesso em: 18 set. 2014.

TEIXEIRA, Cristiane Pires. *Constructio d'une identité feminine: Vintém de cobre – meis confissões de Aninha de Cora Coralina*. 2005. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Estudos Ibéricos e Latino-Americanos, Universidade de Paris III Sorbonne-Nouvelle, Paris, 2005.

VELLASCO, Marlene Gomes de. *A poética da reminiscência estudos sobre Cora*. 135 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1990.

VIEIRA, Denise Moreira Guedes. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha: a poética da experiência em Cora Coralina*. 2014. 100 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014. Disponível em: <<http://www.cesjf.br/index.php/mestrado-em-letras-dissertacoes/2014/345--157>>. Acesso em: 18 set. 2014.

Diante deste levantamento, fica evidente a diversidade de temas abordados nas pesquisas que envolvem a poética de Cora Coralina, dentre eles, destaquei alguns trabalhos, como, por exemplo, as teses de Andrea Ferreira Delgado (2003), Clovis Carvalho Britto (2011) e Claudia Barbosa Reis (2012), além das dissertações de Marlene Gomes Vellasco (1990) e Maria Ivone Souza de Melo (2014) para serem melhor apuradas, buscando refletir sobre a pergunta feita pela poetisa nos versos do poema “A gleba me transfigura” publicado no livro *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha* (1984). Perguntou Cora Coralina: “Onde está Aninha, a inzoneira,/menina do banco das mais atrasadas da escola de Mestra Silvina...” (CORALINA, 1984, p. 108). A resposta: Aninha está presente nesses estudos que extrapolam os limites geográficos, as fronteiras culturais e estabelecem um diálogo interdisciplinar com diferentes áreas. Mas, antes de tudo, Aninha está no coração e na memória das pessoas, fazendo valer o que Cora Coralina pressagiou ao dizer: “[...] Faz de tua vida mesquinha/um poema./E viverás no coração dos jovens/e na memória das gerações que hão de vir.[...]” (CORALINA, 1984, p. 139).

Assim, principio meus apontamentos pelo trabalho de Clóvis Carvalho Britto (2011) que tem como horizonte temático, a partir da definição de uma sociologia dos/nos acervos literários, as trajetórias e estratégias mobilizadas por Cora Coralina, Hilda Hilst e Ana Cristina César para suas inserções e reconhecimentos no campo literário brasileiro ao longo do século XX. Para tal feito, Britto (2011) reconstrói as trajetórias dessas escritoras assentando seus argumentos nos seus acervos pessoais, esboçando, assim, uma sociologia da vida literária. Acervos estes, que, conforme o pesquisador, possuem o propósito de perpetuarem a imagem e a obra das escritoras. Assim, o pesquisador inicia seu estudo refletindo sobre a acumulação documental (constituição, organização e interferências), considerando os jogos de poder envolvidos nesses procedimentos. Sua tese possui um capítulo dedicado à Cora Coralina, no qual é enfatizado algumas particularidades da poetisa, tais como: o autodidatismo, a publicação tardia, a vida fora dos grandes centros culturais, o preconceito em razão de sua idade, a precária condição econômica, a sua poética voltada àqueles tradicionalmente

marginalizados e, portanto, silenciados. Num segundo momento, sua pesquisa dedica-se a analisar os registros documentais, confrontando-os com a trajetória no campo literário de cada autora. Após essa etapa, o autor busca aproximar os diferentes acervos observando questões voltadas à gestão documental após a morte das escritoras e a relação com a manutenção dos agentes e instituições envolvidas. Oportunamente, Britto (2011) ressalta a luta das autoras em torno das possibilidades de expressão e legitimação literárias e o fato de ser crescente o interesse de novos leitores e críticos por suas obras.

A tese de Claudia Barbosa Reis (2012) estuda como se dá a gestão de museus de literatura e possui a orientação do poeta e crítico literário goiano Gilberto Mendonça Teles. Com um olhar aguçado acerca do Museu Casa de Cora Coralina, a autora afirma que este não consegue ultrapassar a superficialidade da vida e a obra da poetisa e, portanto, opta por sustentar o mito. A pesquisadora Claudia Reis atuou como museóloga de 1976 a 2013 na Fundação Casa de Rui Barbosa e ampara seus argumentos na análise dos elementos teóricos que alicerçam a leitura museológica de obras literárias e de seus autores. Nesse percurso, evidencia que a memória de Cora vem sendo encolhida por uma visão museal equivocada. Afirma a autora que: “ O estudo da obra de Cora e a veracidade das informações biográficas é que deveriam fundamentar a museografia. Mas não é isso que se vê”. (REIS, 2012, p. 164). A autora salienta a investigação de Andrea Delgado (2003) (que será analisada a seguir), que aborda a questão da Mulher-Monumento e considera predominante a falta de elementos concretos e de fortuna crítica para uma total compreensão da expressão poética de Cora. Em tom igualmente provocador, a autora questiona o fato de que, no imaginário da cultura social, a instituição museu significa uma espécie de guarda-chuva que abriga todo tipo de coleção, mas que, na sua opinião, não é bem assim, pois, na verdade, trata-se de um desconhecimento do que verdadeiramente converte-se um museu – um espaço dedicado à preservação e estudo. Finaliza seu estudo atestando que a literatura entra no museu como um bem intangível a ser preservado, difundido e convertido em memória.

Outra pesquisa que merece um detalhamento mais elaborado é a que investiga a invenção de Cora Coralina como Mulher-Monumento. Nesse estudo, Andrea Ferreira Delgado (2003) analisa os discursos, os agentes e as instituições que disputam a produção do que ela chamou de “biografia hegemônica”, ou seja, o conjunto da autobiografia tecida por Cora Coralina, a biografia romanceada escrita pela filha da poetisa e a

memória subterrânea engendrada em Goiás. O trabalho investiga as teias discursivas que promovem a poetisa como Mulher-Monumento³⁶ e a evidência como “[...] artesã e guardiã da memória, socialmente investida do poder de evocar, testemunhar e eternizar o passado. Processo que constitui umas das estratégias da instituição da cidade de Goiás como histórica e turística”. (DELGADO, 2003, p. 5).

Estruturada em cinco capítulos, a tese de Andrea Delgado (2003), sumariamente, apresenta a construção da memória oficial por meio da Associação Casa de Cora Coralina, que promove reiteradamente homenagens e eventos dedicados à poetisa, trabalhando os temas específicos que se relacionam à velhice a favor da construção do monumento, explorando a visibilidade da mídia ao aludir sobre a questão da doceira-poeta e o modo como é validado a monumentalização conferido pelo poder atribuído à Cora na transmissão de experiências. Adiante, investiga as estratégias, os esforços da escritora em formatar o passado e instaurar uma versão da sua vida imbricando os dados autobiográficos com a cidade de Goiás e analisa as criações discursivas biográficas que envolvem as duas principais guardiãs da memória de Cora, são elas: Vicência Bretas Tahan e Marlene Vellasco, respectivamente filha da poetisa e diretora do museu Casa de Cora Coralina.

Para a pesquisadora, a exposição museológica com foco nas coleções verbais, materiais e iconográficas revelam o discurso biográfico oficial instituído pelo Museu. Nesse sentido, os objetos materiais disponibilizados no museu, como por exemplo, os tachos de cobre, os painéis com os poemas, os pertences do quarto, exercem um papel de rememoração dos marcos biográficos. Ao final, afirma que esses marcos biográficos são explorados pelos guias turísticos e pela mídia impressa e audiovisual, fatos que articulam a ligação da poetisa com a cidade de Goiás.

Na esteira das leituras dos textos acadêmicos sobre Cora Coralina, o trabalho de Marlene Gomes de Vellasco (1990) se destaca por ser a primeira dissertação publicada após a morte da escritora. O estudo analisa as peculiaridades da poética de Cora, observando sua configuração telúrica e alquímica, a multiplicidade de eus (metafísico, social, telúrico e da infância) e a reconstrução poética do ser além do tempo. Para além

³⁶ Este tema explorado por Delgado (2003), apesar de não ser o foco desta tese, é considerado como fundamental para se pensar as questões sobre a memória e seus usos, especialmente, diante da atual tendência de exploração da musealização do passado.

do estudo em si, a dissertação apresenta a transcrição de uma entrevista/depoimento realizado pela pesquisadora com a poetisa. Nessa entrevista é possível conhecer as faces de Cora Coralina, seu ímpeto pela escritura, o amor pela terra, pelo trabalho, as suas dificuldades e limitações impostas e a eterna busca pelo Vintém de cobre que tanto marcou sua infância.

Para finalizar esta exposição analítica de alguns trabalhos acadêmicos, ressalto que, Maria Ivone Souza de Melo (2014) toca em questões relacionadas à formação da poetisa como leitora. A pesquisa teve motivação nos versos autobiográficos de Cora Coralina que se descrevia como uma criança “obtusa”, que sentava no “banco das atrasadas” na escola da Mestra Silvina. O desejo de entender a relação do sujeito aprendiz e a sua constituição como leitor guiou a elaboração da dissertação, cujo foco de análise são as passagens presentes na primeira edição do livro *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha* (1983).

Maria Melo (2014) aborda as temáticas da escrita de si, memória/esquecimento e autodidatismo mesclando-as com passagens de alguns poemas escolhidos para análise. Assim, as leituras infantis, o apreço pelo dicionário, a leitura familiar, a escola primária, os castigos corporais são usados como exemplos atuantes na formação da poetisa/leitora. Destaca, inclusive, o papel do professor como mediador na transposição de dificuldades escolares, fato evidenciado na poesia de Cora, especialmente, na figura da mestra Silvina.

Nesse trabalho há interessantes comentários que, de algum modo, inevitavelmente, coadunam com o projeto apresentado nesta tese. Entretanto, apesar de possuírem alguns pontos convergentes, o que, sobremaneira, as divergem, é o fato desta tese ser o primeiro estudo que se propõe a refletir sobre a biblioteca pessoal de Cora Coralina, tomando-a como um espaço autobiográfico numa perspectiva material e, portanto, passível de apresentar rastros e resíduos que, por sua vez, são fontes potenciais de fragmentos biografemáticos.

Deste modo, para além de discorrer sobre a fortuna crítica atualizada e revelar como ocorre a recepção do nome e da obra de Cora Coralina, acredito ser fundamental para a integridade deste capítulo, apresentar o panorama da vida literária goiana, ainda que por meio de uma sucinta digressão, pois o interesse acadêmico pela obra de Cora Coralina revelado nessa pesquisa se justifica por uma trajetória de vida de 95 anos de história e memória de uma mulher que disse “Geração ponte, eu fui, posso contar” (CORALINA, 1984, p. 44) e que marcou em sua obra os rituais de uma sociedade com a representação do passado. Assim, a

crônica traz os principais nomes da literatura goiana do século XX, período no qual, a poetisa está inserida.

2.3 DA VIDA LITERÁRIA DE GOIÁS: CRÔNICA

No início do século XX, a capital do Estado de Goiás era a cidade de Goiás, terra natal de Cora Coralina. Nessa época fatos importantes enriqueceram a vida literária goiana. De 1900 até 1930 existiu uma grande produção literária, especialmente voltada à poesia e ao jornalismo. A literatura refletia um tardio romantismo, ao tempo que, nacionalmente, já se fazia o movimento modernista. Pode-se dizer que, à época, predominavam as poesias de serestas, sentimentais e românticas. Jubé (1978) ressalta que, nesse período, havia uma mescla estilística entre o romantismo, parnasianismo e o simbolismo. O distanciamento temporal dos movimentos literários pode ser explicado por fatores de ordem econômica e política, bem como, pelo reflexo do distanciamento dos grandes centros urbanos, especialmente, Rio de Janeiro e São Paulo.

Algumas iniciativas merecem destaque como a criação do jornal literário *A Rosa*³⁷ fundado em 1907 com a atuação de quatro redadoras, a saber: Rosa Godinho, Alice Santana, Lambertina Póvoa e Luzia de Oliveira. Posteriormente, as duas últimas redadoras foram substituídas por Cora Coralina e Leodegária de Jesus. Impresso em papel róseo e com três edições mensais, o jornal recebia contribuições de importantes colaboradores que, juntamente com seus dirigentes, ofereciam bailes à

³⁷ Interessante destacar que na recente publicação *Imprensa feminina e feminista no Brasil: Século XIX, dicionário ilustrado* (2016) escrito pela professora Constância Lima Duarte é apresentado 143 títulos de revistas e jornais femininos e feministas que circularam no país no decorrer do século XIX. Nesse volume aparecem dois títulos homônimos de revistas que antecederam a criação do jornal literário goiano *A Rosa* (1907). Trata-se de publicações oriundas do Rio de Janeiro (1883) e de Recife (1890-1893). O primeiro dizia-se ser um “Jornal Crítico, Literário e Recreativo” e circulou mensalmente a partir de abril de 1883, tendo como redatores Pedro Magalhães e G. Vilaça; o segundo definia-se como “Periódico Crítico e Científico” circulando de outubro de 1890 a junho (ou dezembro, pois há uma dúvida em relação à data) de 1893. Este último possuía periodicidade indeterminada e sua redatora foi Pórcia Constância de Mello. A professora Constância Lima Duarte, na introdução do dicionário ilustrado, afirma que o segundo volume com cerca de 300 títulos de periódicos está em fase de preparo e tratará dos jornais e revistas do século XX. Acredita-se que o jornal *A Rosa* (1907) estará contido entre os títulos do segundo volume.

sociedade goiana, nos quais as mulheres compareciam vestidas de cor de rosa e só falavam francês³⁸.

Igualmente merecedora de destaque foi a iniciativa de Eurídice Natal e Silva que, no final de sua adolescência, conclamou alguns intelectuais a fundar a Academia de Goiás (1904-1908) e tornando-se, com isso, a primeira mulher a presidir uma academia de letras no Brasil. Brito Broca (1975) destaca que:

Enquanto a Academia Brasileira, fiel ao modelo francês, fechava as portas às mulheres, a modesta congênere de Goiás, não só admitia mulher como a elegia, por aclamação, presidente do cenáculo, cabendo as funções de secretário perpétuo ao poeta Joaquim Bonifácio. A instalação da Academia e a posse da diretoria efetuaram-se, cabendo à presidente fazer o elogio de Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera. Finda a sessão solene, seguiu-se um grande baile oferecido pelos acadêmicos à senhorita Eurídice Natal. (BROCA, 1975, p. 57)

Além dos bailes e serestas, a vida literária goiana era impulsionada pelos encontros no Clube Literário Goiano, cuja sede era o Sobrado dos Vieiras. Cora Coralina registrou no poema “Velho sobrado”, publicado em seu primeiro livro, o movimento literário, conforme excerto abaixo:

[...]
O Passado...

*O salão da frente recende a cravo.
Um grupo de gente moça se reúne ali.
“Clube Literário Goiano”
Rosa Godinho.*

*Luzia de Oliveira.
Leodegária de Jesus,
a presidência.*

³⁸ Brito Broca salienta a forte influência de Paris na vida literária nacional no início do século XX. “[...] não seria de admirar que vivêssemos, vestíssemos e escrevêssemos pelas receitas parisienses, se era bem poderosa igualmente a sugestão de Paris sobre o mundo europeu e ocidental nessa época, tornando-se o centro de atração da humanidade, o maior empório de prazer do planeta”. (BROCA, 1975, p. 91)

*Nós, gente menor,
sentadas, convencidas, formais.
Respondendo à chamada.
Ouvindo atentas a leitura da ata.
Pedindo a palavra.
Levantando ideias geniais.*

*Encerrada a sessão com seriedade,
passávamos à tertúlia.
O velho harmônio, uma flauta, um bandolim.
Músicas antigas. Recitativos.
Declamavam-se monólogos.
Dialogávamos em rimas e risos.
[...]
(CORALINA, 2006, p. 87-88, grifo da autora).*

Nessa mesma época foram publicados importantes livros como, por exemplo, *Coroa de Lírios* (1906) de Leodegária de Jesus, *Violetas* (1904) e *Lilazes* (1913) de Luís do Couto, *Iluminuras* (1913) de Érico Curado e *Ontem* (1927) de Leo Lynce. Este último sendo considerado pelos críticos, como o escritor precursor do Modernismo em Goiás.

A respeito do reconhecido poeta Luís do Couto, cabe ressaltar o parentesco deste com Cora Coralina. Eram primos e, por vezes, os seus familiares insinuavam que era o primo quem escrevia os textos da poetisa. Porém, naquela época, Cora ainda não escrevia poesia, apenas texto em prosa e as calúnias a deixava sobremaneira descontente. O descontentamento a aborrecia muito, ao ponto de registrá-lo nos versos do poema “Menina mal amada”, publicado no livro *Vintém de cobre: minhas confissões de Aninha* (1984):

*[...]
Sempre sozinha, crescendo devagar, menina inzoneira, buliçosa, malina.
Escola difícil. Dificuldade de aprender.
Fui vencendo. Afinal menina moça, depois adolescente.
Meus pruridos literários, os primeiros escritinhos, sempre rejeitada.
Não, ela não. Menina atrasada da escola da mestra Silvina...
Alguém escreve pra ela... Luís do Couto, o primo.
Assim fui negada, pedrinha rejeitada, até a saída de Luís do Couto
para São José do Duro, muito longe, divisa com a Bahia.
Ele nomeado, Juiz de Direito.
Vamos ver, agora, como faz a Coralina...
[...]
(CORALINA, 1984, p. 116).*

A partir de 1930, percebe-se uma fase de transição para a incorporação da estética modernista. Ao lado Leo Lynce, outros nomes, tais como: Americano do Brasil, Joaquim Bonifácio, Primo Vieira e Xavier Júnior chamaram a atenção nessa fase em rota ao modernismo chamada de Proto-Modernismo pelos críticos. Sobre esse momento, Assis Brasil (1997) ressalta que:

A essa altura, já podemos falar num Proto-Modernismo em Goiás [...] ensombreado ainda pela fase de transição [...]. Temos, assim, Luís do Couto (1888-1948), Cora Coralina (1889-1995). Esta poetisa, embora venha desde 1907, através do semanário a rosa, pode ser remetida aos pré-modernistas, não por adesão algo premonitória ao movimento de 1922, mas, talvez, porque preferia escrever prosa, ou alguma coisa na faixa do poema-em-prosa, o que mais tarde, conscientemente, adotaria como feição estética libertária de sua atuação. (BRASIL, 1997, p. 19)

É significativo realçar que no período indicado como Proto-Modernismo em Goiás, Cora Coralina já morava no Estado de São Paulo e contribuía para o jornal *O Democrata* de Jaboticabal, mas ainda assim é apontada como integrante dessa transformação literária. A poetisa afirmava que começou a escrever poesia quando esta se libertou da rima e da métrica imposta antes do modernismo. Em verdade, seria a expressão do amadurecimento de sua trajetória no mundo das letras.

O surgimento do Modernismo em Goiás ocorre concomitantemente ao fato histórico que mudaria para sempre o destino da cidade – a transferência da capital para a cidade de Goiânia. Nesse cenário em que ocorre o lançamento oficial da nova capital e eclode o Modernismo de 1942, surge a revista *Oeste*³⁹ (1942-1944). Esta revista exerceu importante função no desenvolvimento cultural e artístico goiano e teve como colaboradores nomes como Bernardo Élis⁴⁰, Nelly Alves de

³⁹ Para Nepomuceno (2008, p. 1), a revista *Oeste* “É considerada por alguns a maior expressão escrita do batismo cultural da nova Capital do Estado, por ter realizado o mais completo relato dos acontecimentos iniciais da transferência da Capital da Cidade de Goiás para Goiânia”.

⁴⁰ Cora Coralina escreveu para a segunda edição do livro “Poemas dos becos de Goiás e estórias mais” publicado em 1978, o poema *A enxada*, no qual faz uma rápida nota, tal como um subtítulo, dizendo se tratar de uma paráfrase de um

Almeida e José Godoy Garcia. No último ano da revista foi criada a Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, com a finalidade de encontrar e divulgar obras inéditas de autores goianos na prosa e na poesia. O primeiro ganhador da bolsa foi o escritor Bernardo Élis, o que lhe garantiu a publicação de seu primeiro livro *Ermos e Gerais* (1944).

No contexto nacional, chama a atenção dos escritores goianos (no ano de 1945), a realização do I Congresso Brasileiro de Escritores⁴¹. É nesse ano que se estabelece a Geração de 1945, também conhecida como terceira geração modernista, que opera um retorno ao erudito e às formas fixas (rima, soneto) e rechaça o aspecto libertário dos modernistas. Em Goiás, dentro dessa perspectiva, o grupo *Os Quinze* toma a postura da geração de 1945. Brasil (1997, p. 21) sublinha que “O grupo nasceu em fevereiro de 1956, com reuniões na casa de Regina Lacerda (1919-1992), quando fundaram o jornal *Poesia*”. O poeta Gilberto Mendonça Teles foi um grande expoente dessa época, trazendo o soneto do esquecimento.

Paralelamente a esses “eventos” nos reinos de Goiás, Cora Coralina vivia em terras paulistas, cuidando dos filhos e escrevendo nas horas vagas, porém, recebia pouco estímulo para a publicação de seus versos. Os filhos cresceram, se encaminharam na vida e, então, já viúva, ela sente o chamado das pedras. Este sentimento é percebido, concatenado aos compromissos burocráticos do inventário de sua mãe⁴², por várias vezes adiado pela poetisa. Assim, em 1956, aos 65 anos, Cora Coralina retorna definitivamente a sua cidade natal. Foi recebida com homenagens

conto de Bernardo Élis. Bernardo Élis publicou o conto homônimo no livro “Veranico de janeiro” (1966). Geralda Rosa da Silva (2008) ao fazer um estudo sobre a poetisa Cora Coralina e a tradição literária em Goiás, estabelece uma correlação entre Bernardo Élis e a poetisa. Segundo a pesquisadora, os escritores goianos transferem aos leitores as experiências e sabedorias recorrendo, com frequência, às histórias orais e a linguagem simples. Conforme Silva (2008, p. 76) “Cora Coralina, assim como Bernardo Élis, faz uso das conquistas modernistas, como é o caso do verso e da rima livre e da reconfiguração do herói épico. Além dessas características, também se junta a Bernardo no telurismo, na lyricização dos costumes e paisagens locais, mas sem incorrer no precariamente pitoresco”. Ao estudar a biblioteca particular de Cora verifiquei a presença de um exemplar, sem a capa, do livro citado de Bernardo Élis.

⁴¹ O I Congresso Brasileiro de Escritores aconteceu na cidade de São Paulo entre os dias 22 e 27 de janeiro de 1945, numa iniciativa da Associação Brasileira de Escritores. Lima (2010) analisa que o evento foi consagrado como um movimento intelectual em favor da democracia e contra o Estado Novo de Getúlio Vargas. O escritor Bernardo Élis é o representante do Estado de Goiás no evento.

⁴² Jacintha Luiza do Couto Brandão faleceu em 01 de abril de 1936.

pela Associação Brasileira de Escritores, mas com certa hostilidade por seus conterrâneos que, embora passados 45 anos, exerciam julgamentos morais e de conduta sobre sua pessoa.

Na década de 60, surge o Grupo de Escritores Novos (GEN) propondo uma estética contrária a retomada pela Geração de 45. Ou seja, o GEN trazia à tona novamente a postura do verso livre. O GEN foi um divisor de águas para a literatura goiana, recebeu inúmeras críticas, mas saiu-se na vanguarda com adesão de alguns escritores ao Concretismo e a Poesia Práxis. Destacaram-se representativos nomes, a saber: Miguel Jorge, Geraldo Coelho Vaz, Yêda Schmaltz, Luiz Fernando Valladares, Maria Helena Chein, Ciro Palmerston Muniz, Heleno Godoy, para citar alguns.

Em 1965, conforme anunciado anteriormente, Cora Coralina publica seu primeiro livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* pela editora José Olympio e recebe a ajuda dos amigos do grupo GEN na sua divulgação. Cora registra sua gratidão aos amigos nos versos do poema “Meu vintém perdido” publicado mais tarde em seu terceiro livro. Registro o fragmento:

[...]

Leitores e promoção.

Meu respeito constante, gratidão pelos jovens.

*Foram eles, do grupo Gen, cheios de um fogo novo
que me promoveram a primeira noite de autógrafos
na antiga livraria Oió: Jamais os esquecer.*

Miguel Jorge, nos seus dezessete anos, namorado firme

De Helena Cheim, também escritora e amiga de sempre.

Luís Valladares e tantos outros a quem devo

Tanta manifestação carinhosa e generosidade.

Hercival de Castro, dezessete anos lá se vão corridos.

[...]

(CORALINA, 1984, p. 62).

Cora Coralina também recebeu apoio das escritoras goianas que criaram, em 1969, a Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás – AFLAG e a convidaram para fazer parte da mesma⁴³. Assim, Cora assumiu a cadeira n. 5 da AFLAG e, juntamente com as demais escritoras,

⁴³ Britto e Seda (2009, p. 295) destacam que, para a ocasião da posse na AFLAG, Cora recebeu de presente de Nelly Alves de Almeida, Rosarita Fleury e Celia Coutinho Seixo de Brito a vestimenta típica – beca, e de seu sobrinho Nion Albernaz o distintivo.

preencheu o vácuo que havia quanto ao ingresso feminino nesse tipo de entidade, uma vez que a Academia Goiana de Letras⁴⁴ não permitia a admissão de mulheres à época.

Os anos 70 são marcados pelo estabelecimento de dois novos grupos literários, caracterizados por serem efêmeros, o Arcádia Goiana de Cultura que reunia escritores de várias gerações e o Novo GEN que era composto pelos discípulos de Miguel Jorge, como o escritor Brasigóis Felício. Simultaneamente a esses fatos, Cora Coralina escreve textos em prosa e poesia, preparando seu segundo livro *Meu livro de cordel* (1976) publicado pela Editora Cultura Goiana. Este livro presta uma homenagem a seu pai de origem nordestina e revela uma das paixões da escritora, a literatura de cordel.

O crítico Assis Brasil (1997) chama a atenção para um grupo de poetas que, segundo ele, se beneficiaram do que ele chamou de “tradição do novo⁴⁵”. São os poetas que:

[...] ora contribuindo com a sua originalidade criativa, ora procurando por meios que digam mais de perto das linguagens poéticas de seu tempo, como Helvécio Goulart [...], que sai do soneto para uma maior liberdade; Darcy França Denófrío [...], linguagem econômica e rica de significado; José Mendonça Teles [...], poeta de sensibilidade lírica [...]; Gabriel Nascente [...], organização extraordinária de poeta, poesia participante e de sentido universal [...]. (BRASIL, 1997, p. 24).

Acrescento a esta sintética exposição da paisagem da vida literária em Goiás que, evidentemente, vários nomes relevantes para a literatura goiana não foram citados, pois o objetivo maior, nesse momento, era apresentar um panorama geral do movimento literário/poético do século XX, entremeando com algumas passagens da trajetória profissional de Cora Coralina.

Cabe ressaltar que no acervo da biblioteca de Cora Coralina constam livros de vários autores mencionados acima. No catálogo estão

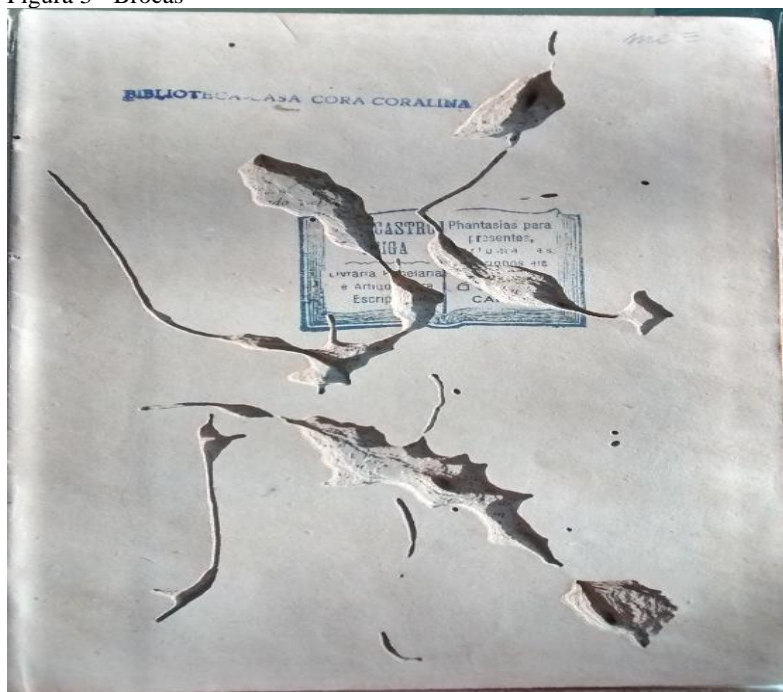
⁴⁴ A Academia Goiana de Letras foi fundada em 19 de abril de 1939 por um grupo de intelectuais liderados por Colemar Natal e Silva – filho de Eurídice Natal, fundadora da Academia de Letras de Goiás (1904-1908), e presidida por Pedro Ludovico Teixeira.

⁴⁵ Assis Brasil (1997) utiliza essa expressão em seu livro “A poesia goiana no século XX: antologia”.

presentes nomes de escritores como: Americano do Brasil, Primo Vieira, Xavier Júnior, Bernardo Élis, Nelly Alves, José Godoy, Regina Lacerda, Gilberto Mendonça Teles, Miguel Jorge, Yêda Schmaltz, Luiz Valladares, Maria Helena Chein, Ciro Palmerston, Brasigóis Felício, Helvécio Goulart, Darcy Denófrío, José Mendonça Teles e Gabriel Nascente.

Para finalizar, ressalto que neste subcapítulo discorri sobre alguns aspectos da vida literária no período em que Cora Coralina iniciou sua aventura no mundo das letras, até o período em que a poetisa consegue publicar seus primeiros livros. Objetivei com esta crônica, traçar um panorama com episódios que, de certo modo, nutriram o estar-no-mundo de Cora Coralina e me fazem compreender as circunstâncias dos referentes do seu trabalho escritural.

Figura 3 - Brocas



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora
O punctum nas perfurações – linhas imaginárias

3 DOS BIOGRAFEMAS NA POESIA – FRAGMENTOS DE MEMÓRIA NA OBRA DE CORA CORALINA

*“Gosto de certos traços biográficos que, na vida de um escritor,
me encantam tanto quanto certas fotografias;
chamei esses traços de ‘biografemas’”
(BARTHES, 1984)*

Início este capítulo trazendo à tona a noção de biografemas que, associado aos conceitos de memória e autobiografia material é o ponto central desta tese de doutorado. Para tratar do neologismo, criado por Roland Barthes é preciso, primeiramente, discorrer acerca de seu mentor. Barthes (1915-1980) intitulava-se o “sujeito incerto e impuro⁴⁶”. Nas palavras de Lapouge (2011), Barthes era um homem labirinto, de uma obra permeada de sendas e tessituras, nas quais proliferaram “as sutilezas e os rigores”, misto de impasses e surpresas, acréscimos e arrependimentos. Vasconcelos (2004), por sua vez, concorda com Lapouge (2011) ao afirmar que:

[...] há um Barthes prático, eficaz, professoral, que trata com sisudez dos problemas da narrativa e dos fundamentos semiológicos, um Barthes anti-hierático, temerário, quixotesco, que desafia os moinhos de vento da teoria, outro, ardente, romântico, arbatado, que luta pela desmistificação da crítica literária academizada, e ainda outro, o jeremias lânguido e lascivo que se esvai em soluços e suspiros [...] e entre tantos há ainda o Barthes perfunctório das aulas e palestras e o Barthes dos artigos de ocasião. Mas sobretudo há o Barthes sofista. (VASCONCELOS, 2004, p. 32)

Sobre a denominação de sujeito “incerto” e “impuro”, Motta (2011, p. 19) reflete que, ao se autointitular assim, Barthes revela “[...] seu eterno deslizar entre a vida acadêmica e a existencial”. Ao fazer uso dos adjetivos (conforme destacado anteriormente, na ocasião do seminário a *Aula*), Barthes refletia o não se julgar portador dos títulos

⁴⁶ Em 1977, no texto intitulado, *Aula*, lido na aula inaugural de Semiologia Literária no Colégio de França, Barthes se autointituiu um “sujeito incerto”, “impuro”.

suficientes e requeridos para o seu acolhimento pelo Collège de France⁴⁷. Fato explicitado pelo próprio Barthes (1978) quando afirmou ser:

[...] verdade que, por longo tempo, quis inscrever meu trabalho no campo da ciência, literária, lexicológica ou sociológica, devo reconhecer que produzi tão-somente, ensaios, gênero incerto onde a escritura rivaliza com a análise. [...]. É, pois, manifestamente, um sujeito impuro que se acolhe numa casa onde reinam a ciência, o saber, o rigor e a invenção disciplinada. (BARTHES, 1978, p. 7-8).

Sobre a escrita de Barthes, alguns estudiosos afirmam que a pluralidade de seu texto, enquanto gênero, acaricia, ao mesmo tempo, o romanesco e o texto crítico. Isso é especialmente verificável em seu livro *Roland Barthes por Roland Barthes* (2003a), no qual o autor estabelece, logo nas primeiras páginas, um contrato com seu leitor ao dizer: “Tudo isso deve ser considerado como dito por um personagem de romance”. Com isso, Barthes escreve o livro em terceira pessoa, desordenando o discurso autobiográfico convencional e fazendo

[...] da obra um verdadeiro patchwork: re-escrituras, acréscimos, obliterações em meio aos livros, aos temas, às lembranças, de modo que essa nova enunciação não permite saber se é do presente ou do passado que se fala, tampouco se é mesmo da vida daquele que escreve que se diz. (COSTA, 2015).

A questão que se coloca nesse momento é a originalidade do pensamento de Barthes, uma figura contraditória que incita os seus leitores a alterarem o modo como pensam “[...] a respeito de uma gama de objetos culturais, que vão da literatura, da moda, da luta livre e da propaganda, a noções do eu, da história e da natureza”. (CULLER, 1988, p. 13)

E como uma figura contraditória, que abandonava posições anteriores para adotar novas perspectivas, numa demonstração da

⁴⁷ Collège de France é considerado “[...] antigo reduto dos ‘lectures royaux’, [...] o mais alto patamar possível para um *enseignant* francês do século XX”. (MOTTA, 2011, p. 19, grifo do autor)

inquietação de seus pensamentos, Barthes exercia uma estimulante atração em seus admiradores. Culler (1988) afirma que:

Quando abandonava aquilo que havia posto em movimento, ele frequentemente escrevia de forma distorcida e injuriosa a respeito de suas preocupações anteriores. Barthes é um pensador original, mas tenta arrancar as raízes daquilo que semeia assim que ocorre a germinação. Quando florescem, seus projetos o fazem sem ele e a despeito dele. (CULLER, 1988, p. 14).

Respeitado e venerado pela crítica brasileira que, especialmente, nos decênios finais século XX, reeditou seus livros, promoveu eventos que privilegiaram sua temática e o consagrou com a propagação de ensaios críticos, Barthes elaborou e provocou com discursos teóricos como, por exemplo: *O grau zero da escrita* (2004a), *O neutro* (2003b), *Mitologias* (2003c), *a Aula* (1978), *O rumor da língua* (2004b), *A câmara clara: notas sobre a fotografia* (1984) e o *Roland Barthes por Roland Barthes* (2003a). Sobre o interesse pela obra de Barthes, Silva (2005, p. 65) destaca que:

[...] é notável que, a partir de 2002, circunstâncias, a princípio, editoriais o tenham trazido de volta. Na França, há, de um lado, a reedição, corrigida e aumentada, de suas obras completas; de outro, a publicação das inéditas anotações dos cursos que Barthes ministrou, entre 1977 e 1980, no Collège de France. Acrescente-se ainda, sobretudo na França e nos Estados Unidos, a reedição de alguns estudos críticos dedicados à sua obra ou à publicação de inéditos afins. No Brasil, a partir dessa mesma época, têm surgido colóquios dedicados a Barthes, reedições de seus livros em novas traduções ou publicações inéditas, além de alguns estudos críticos. Tudo isso ou incita à retomada do trabalho de Barthes, ou este é por tal retomada incitado.

Diante de tal legado e, como exercício conceitual, proponho destacar as noções de escritura, texto, obra e biografemas para posteriormente relacioná-las ao campo de investigação da linha de pesquisa, a qual esta tese se subordina, trabalhando com a escritura

memorialística de Cora Coralina e com a autobiografia material encontrada em seu acervo.

Sendo assim, saliento que a partir do sentido designado ao termo escritura é que se alcança a noção de biografema, isso porque os fatos existenciais (*bios*) transfiguram-se em fatos de linguagem (*graphos*) que, por sua vez, estão envolvidos com os signos-biografemas. A combinação entre os fatos existenciais e os escriturais permitem ler os resíduos difusos produzidos pelo sujeito/autor. Ao pensar no conceito de biografema, Barthes se apoia na diferença entre a escrita e a escritura, referindo-se à primeira como instrumento linguístico e a segunda, sendo intransitiva – é a particularidade que sobressai como significante. Perrone-Moisés (1978, p. 75) afirma que para Barthes “[...] a escritura é a escrita do escritor”. No texto *Aula*, ele não faz distinção entre os termos literatura, escritura ou texto, relacionando-os, desse modo, com a voz subjetiva, autorreferencial que ilumina, tanto o objeto quanto o sujeito que se inclina sobre ele, ou seja, trata-se de, com o uso da linguagem, devolver o sujeito ao centro do ato enunciativo.

Perrone-Moisés (1983, p. 53-54) destaca que “Apesar de certos deslocamentos que se efetuaram, na obra de Barthes, com referência à conceituação de escritura, os traços fundamentais dessa prática se mantiveram estáveis”. E afirma, ainda, que para Barthes “A escritura é um modo de dizer as coisas, uma enunciação, uma ‘voz’. Esse modo de dizer provém do mais íntimo e único de cada escritor: de seu corpo, de seu inconsciente, de sua história pessoal [...]”⁴⁸.

Ao me reportar ao conceito de escritura, toco num ponto fundamental da teoria de Barthes, a diferenciação entre obra e texto. Esta afirmação é validada pelo esclarecimento dos dois conceitos, ou seja, para Barthes a obra:

[...] é um fragmento de substância, ocupa alguma porção do espaço dos livros (por exemplo, numa biblioteca). Já o texto é um campo metodológico.

⁴⁸ Cabe estabelecer a diferença, para Barthes, entre a escritura e o estilo. “A escritura, diferentemente do estilo, não se presta à análise tópica. Podemos mostrar as técnicas que fazem um bom estilo, mas não podemos isolar aquilo que transforma um bom estilo em escritura” (PERRONE-MOISÉS, 1983, p. 54). Sobre esse aspecto, Culler (1988, p. 28, grifo do autor) destaca: “A *linguagem* de um autor é algo que ele herda, e seu *estilo* é uma estrutura pessoal, talvez subconsciente, de hábitos e obsessões verbais; mas sua *forma de escrever*, ou *écriture*, é algo que ele escolhe, a partir das possibilidades historicamente disponíveis”.

A oposição poderia lembrar (mas de modo algum reproduzir termo a termo) a distinção proposta por Lacan: a “realidade” se mostra, o “real” se demonstra; da mesma forma, a obra se vê (nas livrarias, nos fichários, nos programas de exame), o texto se demonstra, se fala segundo certas regras (ou contra certas regras); a obra segura-se na mão, o texto mantém-se na linguagem: ele só existe tomado num discurso (ou melhor, é Texto pelo fato mesmo de o saber); o Texto não é decomposição da obra, é a obra que é a cauda imaginária do Texto. Ou ainda: *só se prova o Texto num trabalho, numa produção*. A consequência é que o Texto não se pode parar (por exemplo, numa prateleira de biblioteca; o seu movimento constitutivo é a *travessia* (ele pode especialmente atravessar a obra, várias obras). (BARTHES, 2004b, p. 67, grifo do autor).

Ao considerar a pluralidade do texto, quer dizer, o seu sentido intertextual, implica pensá-lo em sua oposição à obra, pois não se pode buscar “[...] alguma origem do texto [...] as citações de que é feito um texto são anônimas, indiscerníveis [...] são citações sem aspas” (BARTHES, 2004b, p. 71), enquanto que a obra “[...] estaria presa a um processo de filiação, em que o autor é o seu pai e proprietário, o texto é lido sem a inscrição do Pai, numa relação com outros textos (intertextualidade)”. (FIGUEIREDO, 2013, p. 17).

Sobre o texto/escritura do próprio Barthes, pode-se dizer que esta é encontrada na sua enunciação e nas “[...] entrelinhas desse discurso falsamente acadêmico, nas conotações de seu léxico, nas vibrações de seus arranjos frásicos, [...]” (PERRONE-MOISÉS, 1983, p. 14) que, por vezes, se confundem às suas anamneses constituídas de biografemas.

Dito isto acerca do criador da ideia de biografema é importante ressaltar que, ao falar do neologismo, Barthes não apresenta um conceito ou definição estruturada e satisfatória, ao contrário, ele expõe uma noção insuficiente, na qual infere-se que, para se fazer uma leitura biografemática de um autor, é necessário ter conhecimento do modo como este opera a linguagem, pois somente assim será possível identificar os pormenores, gestos e gostos que propiciam uma leitura biografemática.

Na senda dos traços biografemáticos, Barthes afirma em *Sade, Fourier e Loyola* (1971, p. 15, grifo do autor) que:

[...] se fosse escritor, e morto, como gostaria que a minha vida se reduzisse, pelos cuidados de um amistoso e desvolto biógrafo, a alguns pormenores, a alguns gostos, a algumas inflexões, digamos: ‘biografemas’, cuja distinção e mobilidade poderiam viajar fora de qualquer destino e vir tocar, como átomos epicuristas, algum corpo futuro, prometido à mesma dispersão.

O desejo e o anseio por biografemas é, para Barthes, conforme Gonçalves⁴⁹ (2013, p. 96), “[...] o mesmo que ele deseja encontrar em textos de prazer e assim se desfazer, se despedaçar nestes próprios textos, se perder como criança nessa textura de onde emana o texto [...]”. Perrone-Moisés (1983) corrobora com Gonçalves (2013) ao afirmar que Barthes reuniu em *Roland Barthes por Roland Barthes* (2003a)

[...] alguns autobiografemas, que chamou de *anamneses*: lembranças de infância fixadas como breves haicais: o defeito na louça de uma tigela; um morcego rechaçado pela família, armada de pinças; [...] o sabor inosso de um café com leite claro [...]. (PERRONE-MOISÉS, 1983, p. 10, grifo da autora)

Acerca da mesma obra de Barthes, Figueiredo (2013, p. 20) acrescenta:

Não é propriamente uma autobiografia; contém alguns biografemas, faz referência à homossexualidade, às suas enxaquecas, a algumas poucas recordações da infância (anamneses). Há nele um hibridismo genérico que mistura ensaio, fotografia e recordações pessoais.

A partir da noção proposta por Barthes, alguns estudiosos desenvolveram o termo e os seus usos. Como, por exemplo, o verbete desenvolvido pelo professor Latuf Isaias Mucci (2010, grifo do autor) que explora o sentido de biografema:

⁴⁹ Jadson Fernando Garcia Gonçalves (2013) escreveu sua tese orientando-se, a partir da noção de biografema, na problematização da Escrita da Vida em textos autobiográficos de docentes da Educação Superior, apresentados no Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)biográfica – CIPA (2006, 2008 e 2010).

Grafado entre aspas, o neologismo “biografema” passou a fazer parte da teoria literária, inserindo-se na crítica como aquele significante que, tomando um fato da vida civil do biografado, *corpus* da pesquisa ou do texto literário, transforma-o em signo, fecundo em significações, e reconstitui o gênero autobiográfico através de um conceito construtor da imagem fragmentária do sujeito, impossível de ser capturado pelo estereótipo de uma totalidade.

Pertencente ao “campo do imaginário afetivo”, o biografema constitui-se a partir de um conjunto maior, de informações pré-existentes, por assim dizer, presentes numa vivência relatável (PERRONE-MOISÉS, 1983). Sob a perspectiva de uma “existência narrável⁵⁰” explico e justifico o fato desta tese recorrer e apresentar algumas referências biográficas da poetisa. Apesar destas referências biográficas permitirem que os biografemas se apoiem na vida/obra de um autor, estabelecendo, de certo modo, consonância com os pormenores e os fragmentos, estes, são percebidos como uma escrita não biográfica – no sentido canônico estético do termo –, considerando que não se detêm em fatos, episódios datados e concretos, colocando, assim, em jogo e suspensão, a noção linear de retrospectiva.

Acerca desta característica do biografema, Pataca e Oliveira (2016, p. 171, grifo dos autores) ponderam:

O *biografema* remete à ideia de uma memória que não se realiza na narrativa linear dos acontecimentos ou pelo quadro fixo da figura biografada; ou seja, a partir dos *biografemas*, é possível relatar pequenos retalhos de vida, sendo desnecessária a preocupação com a continuidade.

Dito isto, pretendo, neste estudo, fazer uso do recurso do biografema para trazer à superfície alguns pormenores da poetisa Cora Coralina. Na verdade, trata-se de inventariar traços biografemáticos que se lançam como potência de uma escritura que perfila um rosto, um gesto, uma vivência, um retrato. Para tal feito, busco subsídios em resíduos

⁵⁰ As expressões entre aspas deste parágrafo foram retiradas de: Perrone-Moisés (1983, p. 10-11).

memorialísticos na poética de Cora Coralina e naquilo que Miguel Sanches Neto (2011) denominou como “autobiografia material”, ou seja,

Toda essa variedade de material da escrita, que vai dos arquivos do computador, passando pelos cadernos, pelos livros lidos e anotados, para chegar aos papéis mais heterodoxos, aos instrumentos-fetichê, compõem o que poderíamos chamar de autobiografia material do escritor, ou de autobiografia da escrita. (SANCHES NETO, 2011, p. 74)

Penetrar nesse “ambiente”, por assim dizer, caótico e latente para ordenar o que naturalmente não aceita ordem, gera uma potência de possibilidades de novas leituras, inclusive de leituras biografemáticas.

Nesse aspecto, pretendo apresentar a escrita de uma biografia descontínua, considerando nessa escrita, os aspectos da autobiografia material da escritora, por meio da análise dos resíduos presentes em sua escritura e sua biblioteca. Biografia descontínua quanto ao aspecto revelador de uma singularidade, sem o rigor essencialmente cronológico, ou seja, uma biografia dispersiva e fluida, e autobiográfica materialmente, visto que calcada em evidências materiais compostos de traços biografemáticos, da escritora que, apesar de formalmente ter estudado apenas os anos iniciais, na escola primária da Mestra Silvina, recebeu o título de doutora *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Goiás em 1983 e foi a primeira pessoa a obter o Troféu Jaburu⁵¹, oferecido pelo Conselho Estadual de Cultura do Estado de Goiás (1981), além do Troféu Juca Pato⁵² concedido pela União Brasileira dos Escritores de São Paulo, em 1983, com a concessão de Intelectual do Ano.

⁵¹ O Troféu Jaburu é o prêmio maior do Estado de Goiás no âmbito cultural. Criado em 1980 é conferido anualmente a pessoa física ou jurídica de destaque no Estado no campo da cultura e sua promoção. Já foram agraciados nomes como: Cora Coralina, Siron Franco, Nelly Alves de Almeida, Gelinires Reis, Ursulino Leão, Eli Brasiliense, Gilberto Mendonça Teles, Darcy França Denófrío, Antonio Poteiro, dentre outros. (GOIÁS, 2015)

⁵² A União Brasileira de Escritores desde 1962, concede o Prêmio Juca Pato ao “Intelectual do Ano”, em parceria com o Jornal Folha de São Paulo, por conta da significação de obra publicada no ano anterior. Já foram agraciados com o Juca Pato *grifes* das nossas letras como San Tiago Dantas, Afonso Schmidt, Alceu Amoroso Lima, Érico Veríssimo, Jorge Amado, R. Magalhães Jr., Juscelino Kubitschek, Sérgio Buarque de Holanda, Rachel de Queiroz, Carlos Drummond

Figura 4 - Troféu Jaburu e Troféu Juca Pato – respectivamente



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Proponho, assim, utilizar os biografemas para apresentar uma trajetória singular, mesclando *bios* e *graphos*, sem perder, com isso, o horizonte dos aspectos literários reproduzidos por meio de fontes dispostas em acervo documental que, até então, estavam ocultos, intangíveis e imperceptíveis. Ao realizar este propósito é preciso ponderar e atentar para não incorrer no equívoco de emaranhar biografema com biografia ou, até mesmo, com autobiografia, pois o primeiro, não se propõe a descrever ou relatar etapas linearmente sucessórias, ao ponto que biografia e autobiografia, tal como são percebidas pelo cânone habitual do gênero, se propõem a narrar uma vida com roteiro pré-estabelecido, geralmente datada, e com ambições de plenitude.

Sobre a distinção entre biografema e biografia, Kossovitch (1987, p. 58) afirma:

O biografema não deriva de significado (como a biografia), mas, significância, faz que os sentidos flutuem na escritura ou nas imagens (fotografia, pintura, fita, etc.); quando recupera algum

de Andrade, Cora Coralina, Barbosa Lima Sobrinho, Jacob Gorender e Antonio Cândido. A premiação resgata o personagem Juca Pato, criação do chargista Belmonte (1896-1947). (UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES, 2015).

significado, este é pulsional, pois as intensidades vêm com o arbítrio do factício, em que se inclui o gosto.

Convém ratificar e ressaltar que o uso do termo autobiografia, neste estudo, assume o caráter proposto pelo escritor e professor Miguel Sanches Neto, que o utiliza ao analisar os contornos da escrita sob o ponto de vista material e imaterial, pois:

[...] o escritor é, antes de tudo, um colecionador de anotações, carregando consigo todo tipo de retalhos de escrita – retalhos materiais e imateriais. [...] São materiais herdados dos dias vividos, das leituras feitas, dos sonhos atormentados, das insatisfações cotidianas, agregados mais pela ação do acaso do que por consciência de um projeto, e dão contornos incontroláveis ao imaginário do escritor. Todo livro assim nasce de acúmulos. [...] em boa medida há registros materiais desse processo, retidos em gavetas, cadernos, estantes e livros e crescendo em armários [...]. (SANCHES NETO, 2011, p. 71).

Assim, resultantes do ato de colecionar, esses fluxos de elementos se entrelaçam e acumulam criando um ambiente, por vezes desordenado, que antecede a criação de uma obra. Ainda segundo Sanches Neto (2011, p. 73), “ Tudo é autobiografia nesse espaço de concentração de coisas, de coleta casual de imagens que é o ateliê/estúdio do artista. [...]”.

À vista disso, sublinho que o conceito de autobiografia⁵³, nesta tese, é ampliado em relação ao apresentado por Phillipe Lejeune (2008), que estabelece como condição irrestrita para a autobiografia, a junção de identidades entre autor, narrador e personagem e, é nessa circunstância

⁵³ Wander Melo Miranda (2009) faz uma análise sobre a autobiografia, tal como a percebemos atualmente. Esta percepção, enquanto característica do mundo ocidental, surge do individualismo moderno presente no século das Luzes e do documento que definiu os direitos individuais e coletivos dos seres humanos, aprovado na Revolução Francesa (1789). Na esteira histórica do uso dos termos biografia e autobiografia, Silva (2008a, p. 69, grifo do autor) afirma que na antiguidade “A palavra ‘biografia’ só foi utilizada pela primeira vez no século V d.C. e ‘autobiografia’ apenas no final do século XVIII”. Esclarece ainda que, na Antiguidade, os termos *bios* está para a biografia, assim como *hypomnemata* para a autobiografia.

que se estabelece o pacto entre leitor e autor – o pacto autobiográfico. Essa definição foi posteriormente revista pelo próprio Lejeune em “O pacto autobiográfico (bis)” e em outra releitura designada “O pacto autobiográfico, 25 anos depois”. Serge Doubrovsky (1977), por sua vez, propõe o neologismo autoficção⁵⁴ com o intuito de preencher uma lacuna observada nos estudos de Lejeune. Autoficção seria, para ele, um gênero híbrido que mescla ficção e realidade.

Nesse campo de discussão, a relação entre a vida e obra é múltipla. Existem críticas e posicionamentos divergentes em relação à teoria de Lejeune, como os apresentados por Leonor Arfuch em seu *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea* (2010). Arfuch busca apoio no pensamento bakhtiniano para entender que “[...] não há identidade possível entre autor e personagem, nem mesmo na autobiografia, porque não existe coincidência entre a experiência vivencial e a ‘totalidade artística’”. (ARFUCH, 2010, p. 55, grifo da autora).

Nesse sentido, Arfuch (2010) argumenta que, fundamentalmente plural, o espaço biográfico deve ser considerado aquele onde a:

[...] confluência de múltiplas formas, gêneros e horizontes de expectativas – supõe um interessante campo de indagação. Permite a consideração das especificidades respectivas sem perder de vista sua dimensão relacional, sua interatividade temática e pragmática, seus usos nas diferentes esferas da comunicação e ação. (ARFUCH, 2010, p. 58-59)

No contexto contemporâneo, Arfuch (2010) abarca, sem a pretensão de totalidade e consciente do crescente interesse social pelos detalhes, intimidade e privacidade, como componentes do espaço biográfico as:

[...] biografias, autorizadas ou não, autobiografias, memórias, testemunhos, histórias de vida, diários íntimos – e, melhor ainda, secretos -, correspondências, cadernos de notas, de viagens,

⁵⁴ Serge Doubrovsky elabora o neologismo autoficção para definir seu romance *Fils*, no qual narra sua vida. O termo é ainda hoje controverso e não apresenta unanimidade entre escritores e críticos. No Brasil foi incorporado ao dicionário Houaiss e é adotado por escritores como Silviano Santiago e Tatiana Salem Levy. (HIDALGO, 2013).

rascunhos, lembranças de infância, autoficções, romances, filmes, vídeo e teatro autobiográficos, a chamada *reality painting*, os inúmeros registros biográficos da entrevista midiática, conversas, retratos, perfis, anedotários, indiscrições, confissões próprias e alheias, velhas e novas variantes do show (*talk show, reality show*), a vídeopolítica, os relatos de vida das ciências sociais e as novas ênfases da pesquisa e da escrita acadêmicas. (ARFUCH, 2010, p. 60, grifo da autora).

Inserida na diversidade do espaço biográfico, a pesquisa na biblioteca de Cora Coralina apresentou resultados tangíveis que justificaram a hipótese de autobiografia material, como fonte para possíveis traços biografemáticos. O trabalho de organização do acervo bibliográfico, em formato de catálogo, suscitou nuances e descobertas que me conduziram a eleger fragmentos/pormenores para serem apresentados nesta tese.

E, ao realizar estas escolhas, orientei-me em Barthes, quando este, ao escrever o livro *A câmara clara: nota sobre a fotografia*⁵⁵ em 1980, selecionou, estruturou e apresentou uma série de fotografias sobre as quais refletiu sobre a realidade. Em sua reflexão, nomeou duas palavras de origem latina para caracterizar seu interesse pela fotografia, *studium* e *punctum*. Para ele, os termos *studium* e *punctum* estão relacionados, porém, contrários em suas particularidades. Isso significa dizer que, o sentido do primeiro está relacionado ao interesse amplo, geral, vasto e diversificado que se tem por uma foto e, o do segundo, possui ligação com um pormenor que chama a atenção individualmente, ou seja, por aquilo que estimula, toca, cativa, ou seja, o *studium* para Barthes relaciona-se ao “afeto médio” que ele experimenta como interesse geral, ou seja, é um elemento compartilhado culturalmente desprovido de euforia e arroubo. De outro modo, o *punctum* pertence ao comando da subjetividade, do sensível, da paixão. Subjetividade que se revela no olhar particularizado de quem admira. Nas palavras do intelectual “[...] *punctum* é também picada, pequeno buraco, pequena mancha, pequeno corte – e também lance de dados. O *punctum* de uma foto é esse acaso

⁵⁵ *A câmara clara: nota sobre a fotografia* (1980, data da primeira edição) foi o último livro publicado em vida por Roland Barthes. Em fevereiro de 1980, Barthes é vítima de um atropelamento em frente ao Collège de France quando ia ao encontro de políticos e intelectuais franceses.

que, nela, me punge (mas também me mortifica, me fere)”. (BARTHES, 1984, p. 46, grifo do autor).

Fontanari (2016, p. 150-151, grifo ao autor) ao escrever sobre estes termos abordados por Barthes, afirma:

O termo *studium* vem do verbo *studare*, que é um estudo do mundo: tudo aquilo que não tem pungência, enquanto o *punctum* vem do verbo latino *pungere*, “picar”, “furar”, “perfurar”. Conotativamente, aquilo que é pungente, que corta, fere, sensibiliza, alfineta e amortiza.

Ao modo barthesiano, selecionei, organizei aquilo que pinçou meu olhar de pesquisadora e que está associado ao apreço por peculiaridades biográficas. Para Azevedo (2012, p. 165, grifo da autora) “O *punctum* é o que sensibiliza, toca, proporciona à narrativa, e pode se transformar em biografema”. Assim destaco que, para Barthes:

Ela [a fotografia] me permite ter acesso a um infra-saber; fornece-me uma coleção de objetos parciais e pode favorecer em mim um certo fetichismo: pois há um “eu” que gosta de saber, que sente a seu respeito como que um gosto amoroso. [...] a Fotografia tem com a História a mesma relação que o biografema com a biografia. (BARTHES, 1984, p. 51, grifo do autor).

Desse ponto de vista retomo a epígrafe deste capítulo, pois a mesma, de algum modo, estabelece uma aproximação entre a palavra usada por Barthes em relação à fotografia – *punctum*, e o termo biografema. Repito a epígrafe: “Gosto de certos traços biográficos que, na vida de um escritor, me encantam tanto quanto certas fotografias; chamei esses traços de ‘biografemas’” (BARTHES, 1984, p. 51, grifo do autor). Assim como o *punctum*, o biografema está nos detalhes, nos pormenores, percebidos como consequentes, resultantes da emoção.⁵⁶

⁵⁶ Nessa perspectiva de análise, vale ressaltar as considerações levantadas por Eurídice Figueiredo (2013), que traz à tona o argumento de Régine Robin, que por sua vez se apoia no estudo de Françoise Gaillard acerca do livro *Roland Barthes por Roland Barthes* e estabelece uma analogia entre o *si/studium*/biografia no que tange a completude e eu/*punctum*/biografema ao se pensar nas nuances, singularidades e particularidades.

Portanto, toma-se de empréstimo a presença de *punctum*, biografemas e pormenores concretos, pensando-os como um componente “extracampo sutil”, o qual acrescenta-se ao acervo ainda que já esteja nele, pois o biografema se interpõe no espaço combinatório do biográfico e escritural, no qual é possível identificar os fragmentos residuais. Para Noronha (2001, p. 20, grifo da autora), “[...] é nesse intervalar, *entreretratos*, que é possível pressupor, em reciprocidade, o escritor na escritura, revertendo sab(o)eres biográficos e escriturais – uma leitura vingada nos meandros da produção sígnica”.

Nesse contexto, cabe ressaltar que o perfil estético-literário de Cora Coralina é marcado pela presença de versos livres, por vezes, denominados como “epilíricos”, pois, trazem em si, características de prosa como, por exemplo, a dimensão e os personagens que estão conjugados com a subjetividade lírica. Nessa direção, Camargo (2004, p. 8) afirma que os poemas epilíricos são aqueles que “[...] apresentam características estilísticas da prosa, como, por exemplo, a extensão dos poemas, a presença de personagens, de narrador e de uma ação”. E Cavalcanti (2012, p. [7]) corrobora ao dizer que, quando se conjuga esses elementos:

[...] o poema ganha um outro tipo de dimensão, faz-se mais complexo e penetrante, e o poeta pode cantar suas dores individuais e coletivas abarcando um infinito de possíveis representações, tanto sociais quanto individuais, formais ou temáticas.

Seja uma poetisa épica e/ou lírica, o certo é que Cora Coralina buscou em suas memórias a chave para sua escritura, como pode-se atestar, por exemplo, no excerto do poema *Mestra Silvina* que integra o livro *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha* (1984):

*Vesti a memória com meu mandrião balão.
Centrei nas mãos meu vintém de cobre.
Oferta de uma infância pobre, inconsciente, ingênua
revivida nestas páginas.*

*Minha escola primária, fostes meu ponto de partida,
dei voltas ao mundo.
Criei meus mundos...
Minha escola primária. Minha memória reverencia minha velha Mestra.
Nas minhas festivas noites de autógrafos, minhas colunas de jornais
e livros, está sempre presente minha escola primária.*

Eu era menina do banco das mais atrasadas.
(CORALINA, 1984, p. 123)

Cabe ressaltar que o conceito de memória adotado neste estudo parte da compreensão dos ensinamentos de historiadores e sociólogos, como, por exemplo, Jacques Le Goff. O historiador que atuou como membro da escola de Annales, afirma que a memória como propriedade de conservar certas informações, “[...] remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1990, p. 423). Este modo de se pensar a memória vem ao encontro da peculiaridade poética de Cora, quer dizer, a recriação lírica da memória.

Os refúgios da memória da escritora encontram, em vários momentos, a mediação familiar, especialmente na figura de sua bisavó. Sobre este aspecto, cabe ressaltar que a transmissão da memória familiar é vista por Myriam Moraes Barros (1989, p. 33) como fundamental, pois “Apresentados como elo vivo entre gerações, os mediadores transmitem a história de um passado vivido e experimentado” e, nesse processo, expressam tanto a memória individual como a memória coletiva de uma sociedade. Ainda, segundo a autora, os indivíduos mensageiros da memória assemelham-se à figura e atividade do narrador de Walter Benjamin, pois, para ela (BARROS, 1989, p. 41):

A arte da narrativa também pressupõe a marca da experiência vivida. O bom narrador é aquele capaz de intercambiar experiências. O caráter normativo da memória-mensagem tem seu correspondente, no texto de Benjamin, nas qualidades de ensinamento moral e de sugestão prática da narrativa.

Diante de tal afirmação, recorro ao texto de Benjamin para explorar o argumento que considera a associação do narrador com os mensageiros da memória e, sobretudo, com a memória coletiva. Assim, verifica-se as palavras de Benjamin (1985, p. 201) “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”.

É oportuno pensar aqui nos aspectos da memória coletiva e da memória individual. Indissociável de uma concepção sociológica, a memória coletiva envolve a participação de um círculo social e inclui, também, o uso da linguagem. Pois, “A compreensão comum dos símbolos

e dos significados e a comunhão de noções que compartilhamos com os membros do grupo social definem o caráter social das memórias individuais”. (BARROS, 1989, p. 30).

A poesia de Cora é um instrumento representativo da memória coletiva, pois partindo de suas experiências individuais, ela registra em versos uma memória ameaçada de esquecimento e, ao fazer isso, a poetisa difunde e perpetua princípios, preceitos coletivos. Isso ocorre, ainda que, a poetisa subverta e rompa com padrões uniformizantes da memória coletiva oficial, ao escrever sobre os espaços marginais, por exemplo, os becos e os marginalizados socialmente, como as lavadeiras, as prostitutas, os judeus.

Assim, numa linguagem compartilhada, percebo na poesia de Cora Coralina experiências individuais harmonizadas com aspectos coletivos. Para Camargo (2006, p. 60):

[...] o sujeito poético em Cora Coralina se inscreve nos acontecimentos da comunidade que ela relembra, na medida em que, mesmo não vividos por ela, são apropriados pelo ouvir de outros entremeados à sua experiência de vida, responsável pela inflexão lírica do poema.

Por este ângulo, observo a presença marcante de sua bisavó atuando como memória-mensagem, sublinhada nos versos do poema *Estórias do aparelho azul-pombinho* (2006):

*Minha bisavó – que Deus a tenha em bom lugar –
inspirada no passado
sempre tinha o que contar.
Velhas tradições. Casos de assombração.
Costumes antigos. Usanças de outros tempos.
Cenas da escravidão.
Cronologia superada
onde havia banguês.
Mucamas e cadeirinhas.
Rodas e teares. Ouro em profusão,
posto a secar em couro de boi.
Crioulinho vigiando de vara na mão
pra galinha não ciscar.
Romanceiro. Estórias avoengas...
Por sinal que uma delas embalou minha infância.
(CORALINA, 2006, p. 49)*

A oralidade, desfrutada na infância, permeia os versos de Cora Coralina. As referências familiares e as transmissões de experiências às gerações seguintes está fundamentalmente apoiada na memória.

Isso me lembra Michael Pollak (1992, p. 201, grifo do autor) quando este afirma que:

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.

Logo, é possível reconhecer a criação poética de Cora Coralina como procedente da força memorialística que se transmutam em versos, os quais, se identificam com essencialidades existenciais. Sobre este aspecto discorre Yokozawa (2009):

A escritora tanto transfigura em arte vivências individuais, notadamente a infância da menina mal amada Aninha, dando origem a poemas autobiográficos, às “meias confissões de Aninha”, quanto recria histórias, lendas, resgata memórias subterrâneas que não constam nos autos oficiais do passado, de modo a promover um rearranjo da história canônica. (YOKOZAWA, 2009, p. 192, grifo da autora).

Considerando essas nuances da poética de Cora Coralina no que tange à presença dos aspectos relacionados à memória, pois esta “[...] imanta toda a sua obra, é o sopro alimentador dos motivos e temas inspiracionais que ganham a forma de poemas” (CAMARGO, 2006, p. 61) e, no plano de uma leitura biografemática, passo à análise dos subcapítulos nos quais elegi alguns poemas que entendo como sendo emblemáticos da estratégia escritural de Cora Coralina, ou seja, um transbordamento de vida na escritura da poetisa. No primeiro subcapítulo, *Poesia da culinária: Oração do milho*, a memória é explorada na polissemia do saber e sabor, na quase obsessão da poetisa pelo trabalho e nas marcas de sua religiosidade. O segundo, *Poesia do eu: Vintém de cobre* busco os biografemas da oralidade, da poetisa/colecionadora, do

olhar atento ao “outro”, da melancolia. Conjugo e associo a análise dos versos autobiográficos de *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha* (1984) com algumas peculiaridades encontradas na biblioteca particular de Cora, já apresentando alguns resultados da autobiografia material. Seguindo na esteira do rastreamento biografemático na escritura de Cora Coralina, o terceiro subcapítulo, *Poesia do resíduo: Casa velha da ponte e Prato azul pombinho* abordo as questões dos objetos materiais, os locais de memória, a tensão entre a memória e o espaço criativo observados nos versos que retratam os resíduos da casa, dos objetos e da infância.

Figura 5 - Cora Coralina e os doces



Fonte: Museu Casa de Cora Coralina
O punctum inominável

ORAÇÃO DO MILHO⁵⁷

Introdução ao Poema do Milho

Senhor, nada valho:

*Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das
lavouras pobres.*

*Meu grão, perdido por acaso,
nasce e cresce na terra descuidada.*

*Ponho folhas e haste e se me ajudares Senhor,
mesmo planta de acaso; solitária,*

*dou espigas e devolvo em muitos grãos,
o grão perdido inicial, salvo por milagre,
que a terra fecundou.*

Sou a planta primária da lavoura.

*Não me pertence a hierarquia tradicional do trigo
e de mim, não se faz o pão alvo, universal.*

*O Justo não me consagrou Pão da Vida, nem
lugar me foi dado nos altares.*

*Sou apenas o alimento forte e substancial dos que
trabalham a terra, onde não vinga o trigo nobre.*

*Sou de origem obscura e de ascendência pobre,
alimento de rústicos e animais do jugo.*

[...]

*Fui o angu pesado e constante do escravo na exaustão
do eito.*

Sou a broa grosseira e modesta do pequeno sitiante.

Sou a farinha econômica do proletário.

*Sou a polenta do imigrante e a miga dos que começam
a vida em terra estranha.*

[...]

*Sou apenas a fartura generosa e despreocupada dos
paíóis.*

Sou o cocho abastecido donde rumina o gado.

*Sou o canto festivo dos galos na glória do dia que
amanhece.*

Sou o cacarejo alegre das poedeiras à volta dos seus ninhos.

*Sou a pobreza vegetal, agradecida a Vós, Senhor,
que me fizeste necessária e humilde*

Sou o milho".

(CORALINA, 2006, p. 156)

⁵⁷ Fragmentos do poema publicado no livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (2006). O poema na íntegra é apresentado no Anexo B.

3.1 POESIA DA CULINÁRIA: ORAÇÃO DO MILHO

Cora Coralina fez doces. Doces glacerados. Tinha orgulho de ser doceira. Antes de se dedicar inteiramente a literatura, exerceu por 14 anos esse ofício culinário. Seus doces alcançaram destaque nacional, fato verificado em agradecimentos e elogios presentes em algumas dedicatórias nos seus livros⁵⁸.

Ao retornar à Casa Velha da Ponte, Cora Coralina encontrou no feitiço de doces um meio de subsistência. O trabalho, para Cora Coralina, sempre foi reverenciado como o bem maior da humanidade. Nunca se esquivou de anunciar aos que a conheciam e em entrevistas publicadas em jornais e revistas, que o “melhor da vida é o trabalho⁵⁹”, o excerto abaixo encontrado no *Jornal dos Estados* (19--), página 2, ratifica seu pensamento. Disse ela:

A vida tem dois sentidos absolutos: o Amor que renova a Humanidade e o Trabalho que dignifica o homem e impulsiona o Progresso. Tudo mais, derivações, conseqüências.

O Trabalho é a grande terapêutica humana, a busca incessante do homem. [...] (CORALINA, 19--, p. 2)

A poetisa fez do trabalho, sua vida, considerava-se uma operária. Ao regressar a Goiás, Cora resgatou uma tradição da família goiana – o fazer doces de frutas. Cascudo (1983) destaca que a culinária brasileira se formou, num primeiro momento, a partir da culinária portuguesa, indígena e africana e, num segundo momento, de outras culturas migratórias, como italiana, alemã e japonesa. Em Goiás,

[...] as culinárias indígena, africana e portuguesa resultaram na miscigenação de alimentos e técnicas culinárias que difundiram o consumo de guariroba, mandioca, milho, banana, amendoim, abóbora, e também na elaboração de pastéis, doces açucarados, bolos, pirão, canjica, pamonha, pão de queijo e outros pratos que se tornaram símbolos da

⁵⁸ No capítulo 4.2, *Redes de relações*, serão apresentadas algumas dedicatórias com agradecimentos e elogios por doces experimentados.

⁵⁹ Frase retirada do poema “Recados de Aninha – II” presente no livro *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha* (1984, p. 155).

cultura goiana. (KUWAE; MONEGO; FERNANDES, 2009, p. 36)

Nesse sentido, retoma-se o conceito de “experiência⁶⁰”, apontado por Walter Benjamin, para se pensar a Arte da culinária perpassando temporalmente como um objeto cultural que, apesar de ser atualizada, renovada, remodelada, permanece por meio de relatos e receitas.

Na culinária poética de Cora Coralina congregam-se os saberes, os sabores, as memórias e os atos comunicativos. Sua filha Vicência Brêtas Tahan (1989, p. 137) esclarece que a poetisa:

Depois de uma temporada preparando só passas de caju, dedicava-se aos doces glacerados de laranja-da-terra, figo e mamão verde, vendendo tudo o que consegue fazer. Sua fama de doceira ultrapassa os limites da cidade, do Estado. Ir a Goiás conhecer Cora e comprar seus doces passa a complementar o roteiro turístico local.

A notoriedade dos doces de Cora Coralina ultrapassou as fronteiras geográficas, encantou artistas, políticos e autoridades e este reconhecimento permitiu que ela fizesse um fundo monetário que lhe proporcionou adquirir, dos demais herdeiros, a Casa Velha da Ponte. Ela dizia ter “[...] guardado o dinheiro dos doces debaixo do travesseiro, para apalpá-lo e sentir-se uma criatura forte, segura e sem vacilações” (GALVÃO, 1982, p. 129).

A culinária, traço biografemático essencial na vida e obra de Cora Coralina, sempre foi motor inventivo para a poetisa. Escreveu no poema *Cora Coralina, quem é você?* (2008) “Sou mais doceira e cozinheira/ do que escritora, sendo a culinária/ a mais nobre de todas as Artes: objetiva, concreta, jamais abstrata/ a que está ligada à vida e/ à saúde humana”. (CORALINA, 2008, p. 227).

Como destacado anteriormente, contar histórias e colecionar receitas fazem parte da cultura goiana. A primeira evocada por meio de narrativas orais, presentes no ambiente doméstico, passadas de geração a geração; a segunda recebe um caráter memorialístico, tradicional, com receitas caseiras perpetuadas, geralmente, de mãe para filha. Receitas saboreadas em casamentos, batizados, primeira comunhão, servidas ao

⁶⁰ Esse conceito foi abordado anteriormente na Introdução da tese e no início do capítulo 3 *Dos biografemas na poesia – fragmentos de memória na obra de Cora Coralina*.

receber visitas e usadas para “agradar maridos”. No poema “Normas de educação⁶¹”, a escritora ressalta um tipo de comportamento social associado aos hábitos alimentares dizendo:

[...]

O ovo tinha que ser batido até ficar daquele jeito

aceito pelo paladar exigente e apurado dos homens da casa.

Estes tinham no tempo uma forma típica de rejeição ao menor deslize: Cruzavam os talheres, deixavam o prato ou a tigela,

tomavam o chapéu e saíam sem palavra, quando não reagiam, duros.

As donas, responsáveis, sentiam a desfeita, assanhavam-se,

ralhavam, esbravejavam lá pela cozinha, em correções ásperas.

[...]

(CORALINA, 1984, p. 120).

As receitas eram testadas, aprovadas e bem guardadas nos cadernos de receitas⁶². Práticas sociais e representações femininas, perceptíveis no final do século XIX e parte do século XX:

[...] empadão, coxinha, pastel. Lucinda, na cozinha, suprindo os pratos da meninada. Um pedaço de bolo todo enfeitado, doces secos, olho-de-sogra, completam o seu dia. [...]. Os refrescos de seriguela e maracujá estão sendo servidos às crianças e senhoras, enquanto aos cavalheiros é servido um vinho feito em casa, de laranja, receita guardada muito bem, e apreciado por todos, além de vinho português, comprado um garrafão há muito tempo e esperando a ocasião certa. (TAHAN, 1989, p. 21)

A escritura de Cora, marcada por aspectos memoriais e sensoriais, realça o sentido gustativo. Cora conjugou com sabedoria a poesia e os sentidos, o saber e o sabor. Para Sacramento (2009, p. 132), a voz literária de Cora Coralina é:

⁶¹ Publicado no livro *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha* (1984, p. 119-122).

⁶² Norma Telles (2013), ao refletir sobre a origem da escrita feminina, destaca os diários nos quais as moças solteiras escreviam seus pensamentos. Após o matrimônio só lhes “[...] restava então usar o cadernão do dia-a-dia, o caderno de receitas e contas caseiras onde misturados ousavam escrever alguma lembrança, verso ou confissão”. (TELLES, 2013, p. 54)

[...] expressão dos sentimentos que vivenciou com o corpo, na vida cotidiana. Por isso, é possível entender que a sua materialidade corporal se presentifica e se desloca pelos objetos e atividades que compõem sua lembrança.

Ao representar os sentidos, Cora traz à tona, para além de sua individualidade, o aspecto do coletivo feminino expressado por “um impulso incontrolável⁶³”. Nesse impulso incontrolável, Cora Coralina escreveu. E ao escrever, sua memória adquiriu forma, se libertou, “tomou a palavra” pela linguagem. Para Barthes (1978), a linguagem é dotada de poder e a literatura de saberes. Barthes estabelece a relação entre a literatura e o escritor como:

[...] a prática de escrever. [...] As forças de liberdade que residem na literatura não dependem da pessoa civil, do engajamento político do escritor que, afinal, é apenas um “senhor” entre outros, nem mesmo do conteúdo doutrinário de sua obra, mas do deslocamento que ele exerce sobre a língua [...] (BARTHES, 1978, p. 17, grifo do autor).

Barthes ainda destaca que o saber mobilizado pela literatura “[...] nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens” (BARTHES, 1978, p. 19). Na escritura este saber é a enunciação e, como tal, é prenhe de sentidos, destinos e encadeamentos que fazem das palavras não apenas simples recurso, mas sim “[...] projeções, explosões, vibrações, maquinarias, sabores: a escritura faz do saber uma festa”. E nesta perspectiva “[...] a escritura se encontra em toda parte onde as palavras têm sabor (saber e sabor tem, em latim, a mesma etimologia). [...] É esse gosto das palavras que faz o saber profundo, fecundo”. (BARTHES, 1978, p. 21)

Numa leitura biografemática, pode-se dizer que Cora Coralina soube atribuir sabor às palavras e às frutas. A autora de *Vintém de cobre* apresenta, aos seus leitores, uma mistura de sensibilidade e sensações que, construídas no tempo, marcaram a experiência da poetisa. Seus versos, nutridos pela memória, nutrem o coração e a alma de seus leitores. O colunista João Cândido Galvão (1982) ressalta:

⁶³ Frase expressa no poema “Parte Biográfica” publicado no *Meu livro de cordel* (CORALINA, 1976, p. 12).

Seu jogo de palavras e ideias tem sabor só comparável ao dos “grandes pudins,/ recendendo a cravo,/ nadando em calda⁶⁴”. O exato equilíbrio do paladar é dado por poemas como “Vintém de cobre” e “Mulher da vida”, que como “Do beco da Villa Rica”, mostram uma autora machucada e comovida com a realidade que a cerca. (GALVÃO, 1982, p. 129, grifo do autor)

À época de seu retorno a Goiás, Cora, sem profissão definida, chegou a afirmar que: “Idade para pleitear em emprego público, como fazem as moças de hoje, não tinha. Diploma de professora, também não. Aposentada não era. Então me restava a alternativa de fazer doces” (CORA...,1985, p. 30). Assim sendo, dedicou-se a produção de doces por 14 anos entre os anos de 1965 e 1979. Era inegável seu prazer e realização pessoal com o ofício. Sabia que os doces seriam um modo de se aproximar das pessoas e de seduzi-las pelo paladar⁶⁵. Em outra ocasião, para o *Jornal de Brasília* (1981), ditou sua receita ao jornalista Menezes de Moraes:

Faça doces com amor/com fruta, com o tacho de cobre/no fogão de lenha./Nem muita água, nem muito/ açúcar/ (as frutas já tem açúcar natural)/ misture tudo isso/ com muita inteligência./Vá graduando no fogo/ escorra a calda/apure essa calda mais um bocadinho no fogo/vá despejando as porções/no prato ou travessa rasa/ vá passando os pedaços de frutas/cozidas em calda./Deixe esfriar. Levante a tampa. O/ doce está pronto?/Sirva-o com amor e inteligência./E você terá realizado o milagre da/transformação/transformando as frutas naturais/em doces de frutas.

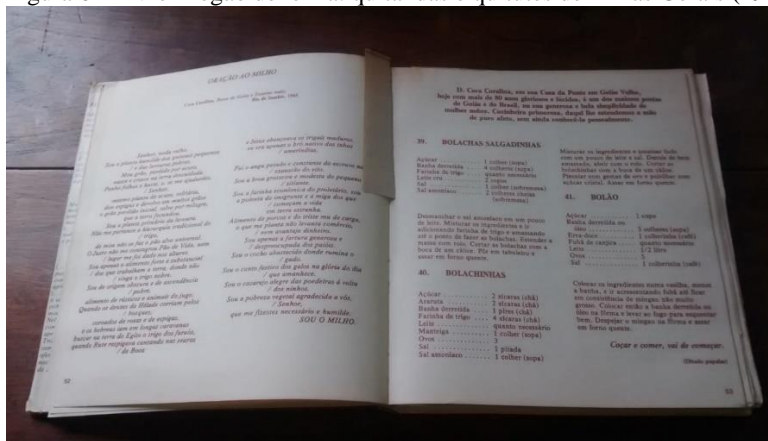
Em sua biblioteca foram encontrados cinco livros de culinária. Dois deles, *A cozinha goiana: estudo receituário* de Bariani Ortêncio (1980) e *Fogão de lenha: quitandas e quitutes de Minas Gerais* de Maria Stella Christo (1977), cuja imagem apresento neste subcapítulo, e que

⁶⁴ Estes versos citados por João Cândido Galvão foram retirados do poema *O prato azul-pombinho* publicado no livro “Poemas dos becos de Goiás e estórias mais”.

⁶⁵ Em 2009, como parte das comemorações dos 120 anos de nascimento da poetisa, foi publicado, pela Global Editora, o livro *Cora Coralina: doceira e poeta*. Trata-se de uma coletânea de receitas compiladas de suas anotações.

possuem anotações a lápis e marcadores de textos⁶⁶. A sinalização feita com marcação textual refere-se, no primeiro livro, a quantidade de receitas doadas pela poetisa ao autor Bariani Ortêncio, além de contornos feitos nos números de algumas receitas, evidenciando o interesse da escritora pelas mesmas. Os marcadores de texto estão nas páginas do livro de Maria Stella Christo, onde há a reprodução do poema “Oração ao milho” e o índice onomástico com o nome da poetisa.

Figura 6 - Livro -Fogão de lenha: quitandas e quitutes de Minas Gerais (1977)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Outra peculiaridade encontrada no acervo foi o recorte do jornal *Cinco de Março* localizado no livro espírita *Redenção* (19--) de Victor Hugo e psicografado por Zilda Gama. O recorte de jornal apresenta uma publicação na coluna intitulada *Do leitor* com a mensagem de Cora Coralina sobre o envio e recebimento de doces a Batista Custódio.

⁶⁶ Os outros três livros são: “A saúde depende da cozinha” (197?), “Um tratado da cozinha portuguesa do século XV” (1963) e “O de comer no Ceará” (1981). Os detalhes completos dos livros estão no catálogo apresentado no subcapítulo 4.3.1.

Figura 7 - Recorte de Jornal - Cinco de março



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Batista Custódio do Cinco de Março, você é tão bom que às vezes pergunto se você existe mesmo ou é psicografado por Chico Xavier. Eu mandei um doce de caju para vocês do Cinco, como não mandaram dizer nada, procurei achá-lo: o portador comeu o doce no caminho, deu batida, estourou pneu e não levou um outro. Grata. Cora Coralina – Cidade de Goiás.

Resposta do Cinco: Cora, você se lembra daqueles versos do Bandeira: “Ah, se em troca de tanta felicidade que me dás eu te pudesse repor, eu soubesse repor no coração despedaçado as mais puras alegrias da infância?” O presente que recebemos de você não é doce de caju: é alegria pura de infância. Pena que não possamos retribuir. O que pudemos lhe mandar foi alguma coisa de prosaicamente material. Mas, acredite, a turma fez isso com tanto amor como se estivesse lhe mandando a imagem de um velho beco de Vila Boa.

O alimento, na poesia de Cora Coralina, atua como alegoria literária, recebendo tratamento especial. Seja ao se referir ao ofício de doceira ou ao venerar o milho com os versos de *Oração do milho* e *Poema do milho* (Este último eleito por Osvaldino Marques como sua

obra-prima⁶⁷). O poema *Oração do milho*, possui elementos de análise, nos quais, pode-se dividi-lo em duas partes. Nos primeiros versos verifica-se, ato de modéstia e simplicidade em torno da figura simbólica do milho, fato verificável na presença de adjetivos que reforçam essa percepção: humilde, pequeno, pobre, entre outros. Nos últimos versos, observa-se o inverso, ou seja, uma valorização sintetizada pelos adjetivos: abastecido, festivo e alegre.

Na opinião do professor Saturnino Pesquero Ramón⁶⁸, os poemas:

‘Oração do milho’ e o antológico ‘Poema do milho’, além de testemunharem um novo aspecto da consciência telúrica da poetisa, constituem um hino às raízes de todos os países da América [...]. Arguta, Cora explora a riqueza polissêmica do milho, transcende seu significado imediato e, tal como é o trigo para o Velho Continente, eleva-o a símbolo maior do Novo Mundo, na luta pela vida e pela sobrevivência. (PESQUERO RAMÓN, 2003, p. 53, grifo do autor).

Há, em Cora, um processo simbiótico de identificação com o mundo e com as coisas que nele existe, isso é para Pesquero Ramón (2003, p. 49) “[...] a característica mais transparente da obra de Aninha”. O professor José Fernandes (2009, p. 62) corrobora com esta afirmação quando, em seu texto *Imagens alquímicas na poesia de Cora Coralina*, afirma que na poesia de Cora, encontrada nos versos do poema *Oração do milho*, “O processo alquímico [...] é tão consciente que [...] assume a pessoa do discurso e revela a própria essência, como se milho e eu lírico

⁶⁷ “O ‘Poema do Milho’ é antológico, indiscutivelmente a obra-prima de Cora Coralina. Nele se contém talvez a mais brilhante poetização da febre genésica vegetal que conheço. É de ver a arte consumada com que a Autora goiana transmuta a sua ciência do cultivo da terra em superior, lídima poesia” (MARQUES, 2006, p. 17, grifo do autor).

⁶⁸ Em seu livro *Cora Coralina: o mito de Aninha* (2003), Pesquero Ramón afirma que “Oração do milho” de Cora Coralina traz à memória o “Oração ao pão” de Guerra Junqueiro (1902). Ao cotejar os dois poemas, ele pergunta: “Cora teria conhecido a obra do poeta português?” (p. 55). A partir do estudo desenvolvido nesta tese, essa pergunta pode, de certa maneira, ser respondida pelos dois livros do autor português encontrado em sua biblioteca particular. São eles: *Antologia para a juventude* (1950) e *Vibrações líricas* (1950). Interessante ressaltar que os dois exemplares possuem em suas respectivas folhas de rosto a seguinte anotação de data manuscrita a lápis (5.11.56).

fossem um mesmo ser [...]”. Nesse deslocamento simbiótico, o milho e o eu lírico se fundem e se conjugam na palavra e no ser.

Outro aspecto relevante a ser considerado é o tom devocional explicitado nos versos iniciais “Senhor, nada valho” e finais “Sou a pobreza vegetal agradecida a Vós, Senhor,/que me fizestes necessário e humilde./Sou o milho”, da *Oração do milho*. Estes versos revelam um outro traço biografemático de Cora Coralina – a religiosidade. Os signos-biografemas verificáveis em outros títulos de seus poemas como, por exemplo, oração, cântico, exaltação, corroboram para a ratificação de sua religiosidade⁶⁹. Esse traço biografemático será retomado no capítulo 4 “Do catálogo: pactos de leitura, (des)arquivar biografemas”.

Na alquimia de seus doces e versos há constantemente referências ao dicionário. Em reportagem realizada por Severino Francisco para a revista *Interior*⁷⁰, a poetisa, desejando captar plenamente o sabor das palavras disse:

Eu fazia doce, mas o meu dicionário estava na mesa da cozinha: cheio de dedada de melado, de manteiga, de gema de ovo. Mas me valeu. Eu tenho páginas sobre muitas coisas da fazenda do meu avô – e são páginas que me satisfazem. (FRANCISCO, 1982, p. 5).

Sua admiração e devoção pelo dicionário produziu versos como os escritos no poema *Voltei* (1984, p. 128), publicado em “Vintém de cobre: meias confissões de Aninha”. Escreveu a poetisa:

[...]

O grande livro que sempre me valeu e que aconselho aos jovens,

um dicionário. Ele é pai, é tio, é avô, é amigo e é um mestre.

Ensina, ajuda, corrige, melhora, protege.

Dá origem da gramática e o antigo das palavras.

A pronúncia correta, a vulgar e a gíria.

Incorporou ao vocabulário todos os galicismos, antes condenados.

⁶⁹ Para exemplificar, evidencio que, em seu primeiro livro “Poemas dos becos de Goiás e estórias mais” (2006), Cora escreveu 5 poemas que trazem em seus títulos as referidas palavras. São eles: *Cântico de Andradina* (p. 147), *Oração do milho* (p. 156), *O cântico da terra* (p. 210), *Oração do pequeno delinquente* (p. 232), e *Oração do presidiário* (p. 234).

⁷⁰ A revista *Interior* foi uma publicação oficial editada entre 1974 e 1989 pelo governo do regime militar (IORIO, 2010).

Absolveu o erro e ressalvou o uso.

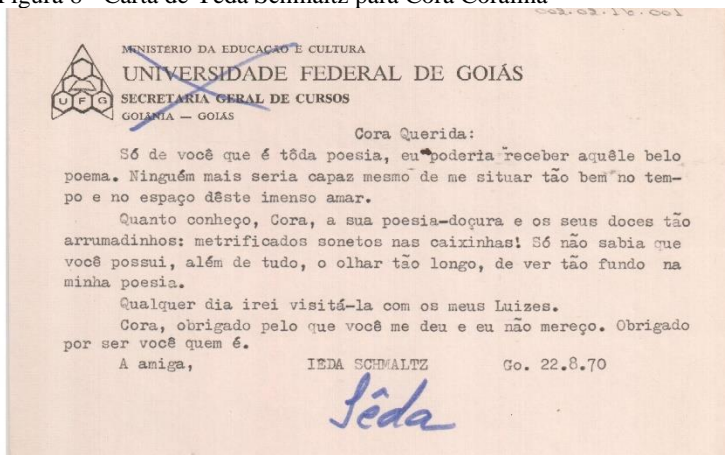
Assimilou a afirmação de um grande escritor: é o povo que faz a língua.

Outro escritor: a língua é viva e móvel. Os gramáticos a querem estática, solene, rígida. Só o povo a faz renovada e corrente sem por isso escrever mal.

Além dos livros de culinária já apresentados, destaco os dicionários de Cora. Sua biblioteca possui três exemplares, a saber: *Dicionário de legislação do ensino* (1981) de Moacir Bretas Soares; *Dicionário geral de monossílabos* (1968) de Freitas Casanovas; e *Dicionário escolar da língua portuguesa* (1975) do professor Francisco da Silveira Bueno. Repleto de marcas de leituras, localizou-se, neste último, vários papéis entre as páginas, alguns com pequenas anotações cotidianas e, no dicionário de Freitas Casanovas havia uma nota pecuniária no valor de um cruzeiro. Dinheiro antigo, esquecido e rasgado que, possivelmente, servia como um marcador de páginas improvisado. A questão do apreço pelo “livro do amor” como era considerado, por Cora, o dicionário, descortina o autodidatismo que perpassa toda a trajetória da poetisa e expõe um dos modos como a poetisa se nutria criativamente. “Estarei presente no meu dicionário, meu livro de amor/ que tanto me ensinou e corrigiu”. (CORALINA, 1984, p. 54).

Voltando ao assunto do início do subcapítulo, o fazer doces glacerados, observo que, a partir da análise de alguns documentos inéditos encontrados na biblioteca e os já pertencentes ao acervo documental do museu, é possível argumentar que os doces feitos por Cora Coralina serviram, em alguns momentos, como estratégia da poetisa para se aproximar das pessoas. Fatos comprovados pelos diversos registros de elogios e agradecimentos pelo envio de doces, como o atestado, previamente, no recorte de jornal do Cinco de Março e, em algumas dedicatórias, que serão apresentadas no subcapítulo 4.2 “Redes de relações”. Para o momento, selecionei as cartas de Yêda Schmaltz e Jorge Amado como documentos que atestam a delicadeza de Cora Coralina em se fazer presente em saber e sabor.

Figura 8 - Carta de Yêda Schmaltz para Cora Coralina



Fonte: Museu Casa de Cora Coralina.

Cora querida:

Só de você que é tôda poesia, eu poderia receber aquêle belo poema. Ninguém mais seria capaz mesmo de me situar tão bem no tempo e no espaço dêste imenso amar.

Quanto conheço, Cora, a sua poesia-doçura e os seus doces tão arrumadinhos: metrificados sonetos nas caixinhas! Só não sabia que você possui, além de tudo, o olhar tão longo, de ver tão fundo na minha poesia.

Qualquer dia irei visitá-la com os meus Luizes.

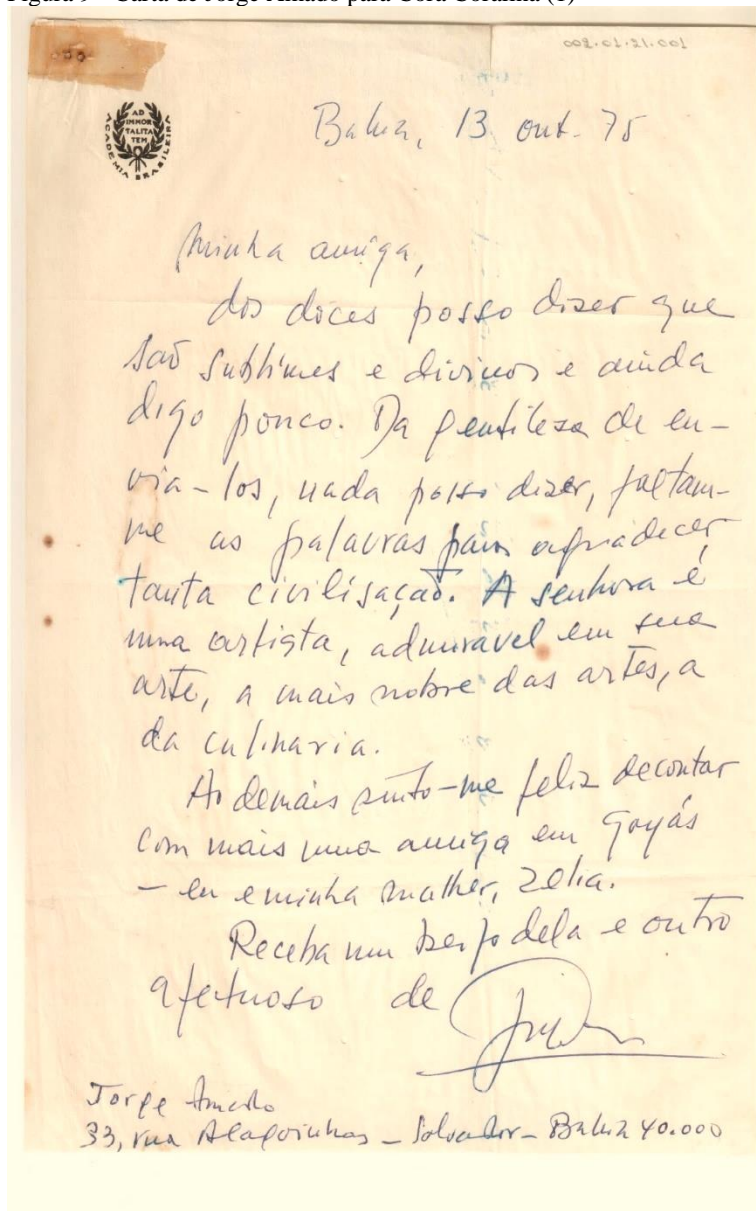
Cora, obrigado pelo que você me deu e não mereço. Obrigado por ser você quem é.

A amiga,

Ieda Schmaltz

Go. 22.8.70

Figura 9 - Carta de Jorge Amado para Cora Coralina (1)



Bahia, 13 out. 75

Minha amiga,

dos doces posso dizer que são sublimes e divinos e ainda digo pouco. Da gentileza de enviá-los, nada posso dizer, faltam-me as palavras para agradecer tanta civilização. A senhora é uma artista, admirável em sua arte, a mais nobre das artes, a da culinária.

Ademais sinto-me feliz de contar com mais uma amiga em Goyás – eu e minha mulher, Zelia.

Receba um beijo dela e outro afetuosos de

Jorge Amado

Jorge Amado

33, rua Alagoinhas – Salvador – Bahia 40.000

Com essas considerações assinalo que, neste subcapítulo, foi possível averiguar como os traços pessoais de Cora Coralina estão interligados a sua poética, ou seja, o seu tracejar, o seu movimento poético harmoniza-se com sua subjetividade, sua existência, sua experiência. E, nesse sentido, prossigo nos próximos subcapítulos, tendo como mote, a perspectiva de uma leitura biografemática, apontando e montando uma espécie de diagrama constituído por fragmentos captados, assimilados e sincronizados entre a vida e o ser, o sujeito e o objeto.

Figura 10 - Cora Coralina



Fonte: Museu Casa de Cora Coralina

A mão que toca a ruína – o punctum que me fere

O CÂNTICO DE ANINHA⁷¹

*Vintém de Cobre...
Antigos vinténs escuros.
(De cobre preto foi batizado).
Azínhavrados.*

*Ainda o vejo,
Ainda o sinto,
Ainda o tenho,
na mão fechada.*

*Moeda triste, escura, pesada,
da minha casa,
da minha terra,
da minha infância,
da gente pobre, daquele tempo.*

*Tudo velho, gasto, conservado,
empoeirado, pelos cantos.
Levados para o depósito do velho sobradão.*

[...]

*A casa pobre.
Mandrião de saias velhas
da minha bisavó*

[...]

*Nesse tempo me criei.
Daí, este livro - Vintém de Cobre,
numa longa gestação,
inconsciente ou não.
que vem da infância longínqua
à ansiedade presente.*

⁷¹ Fragmentos do poema publicado no livro *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha* (1984). O poema na íntegra é apresentado no Anexo B.

(CORALINA, 1984, p. 35-36)

3.2 POESIA DO EU: VINTÉM DE COBRE

Na seleção dos fragmentos mais significativos, dos indícios presentes na linguagem é que procuro, consciente da impossibilidade de se trabalhar com totalidade e completude desse delineamento, ler a vida de Cora Coralina entre textos, entre livros e entre estantes. E, nesse sentido, considero emblemático, para a compreensão de sua poética, o livro *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha* (1984), pois este, possui versos nos quais a poetisa se expõe, exibindo sua subjetividade ao leitor. Sua criação poética traduz-se em direção a um lirismo, cujo âmago está no revelar-se a si mesmo. Especialmente, em alguns poemas, Cora reverencia, confessa, rememora e evidencia⁷². Reverencia a Mestra Silvina reconhecendo a importância da escola primária na sua trajetória “Foi pela didática paciente da velha mestra que Aninha, a menina boba da casa, obtusa, do banco das mais atrasadas se desencantou em Cora Coralina” (p. 31). Confessa, humildemente, que o ato de escrever versos se reflete em “Alguma coisa, coisas que me entulhavam, me engasgavam e precisavam sair”. (p. 33). Rememora a moeda triste e pobre, o vintém de cobre “Ainda o vejo, /Ainda o sinto,/ Ainda o tenho,/ na mão fechada” (p. 35) e, evidencia o caminho solitário que percorreu na vida.

[...]

A longa noite escura...

A caminhada...

Carreando pedras,

construindo com as mãos sangrando

minha vida.

[...]

A candeia está apagada

e na noite gélida eu me vesti de cinzas.

Meus olhos estão cansados

Meus olhos estão cegos

Os caminhos estão fechados

(CORALINA, 1984, p. 37-38).

⁷² As próximas quatro citações foram retiradas das páginas introdutórias (paratextos) do livro *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha* (1984) dos seguintes poemas, sequencialmente: “Cântico excelso” (p. 31), “Este livro, meias confissões de Aninha” (p. 33), “O cântico de Aninha” (p. 35), e “Cântico primeiro de Aninha” (p. 37-38).

Sublinho que em seus livros, notadamente neste em que Cora assume o caráter autobiográfico, sobressai uma das principais propriedades de sua escritura, isto é, os versos traduzidos no “contar casos” (causos). Essa oralidade, como traço biografemático, aceita se decodificar por meio da herança familiar revivida pela poetisa em sua escritura. Escritura engendrada num transbordamento de vida e de vestígios existenciais: das perdas, das raízes, dos costumes, da infância, dos reinos de Goiás. Interessante salientar que, nesse mesmo livro, de modo paratextual⁷³, o leitor encontra a reprodução da carta (p. 17) e da crônica (p. 27-28) escrita por Carlos Drummond de Andrade (1984). Textos nos quais o poeta exalta o prazer de ter se encontrado com os versos de Cora Coralina. Escreveu Drummond em carta enviada à Cora:

Rio de Janeiro, 7 de outubro, 1983

Minha querida amiga Cora Coralina:

Seu “Vintém de Cobre” é, para mim, moeda de ouro, e de um ouro que não sofre as oscilações do mercado. É poesia das mais diretas e comunicativas que já tenho lido e amado. Que riqueza de experiência humana, que sensibilidade especial e que lirismo identificado com as fontes da vida! Aninha hoje não se pertence. É patrimônio de nós todos que nascemos no Brasil e amamos a poesia [...].

Não lhe escrevi antes, agradecendo a dádiva, porque andei malacafento e me submeti a uma cirurgia. Mas agora, já estou recuperado, estou em condições de dizer, com alegria justa: Obrigado, minha amiga! Obrigado, também, pelas lindas, tocantes palavras que escreveu para mim e que guardei na memória do coração.

O beijo e o carinho do seu

Drummond.

Curiosamente, apesar da existência de troca de cartas entre os poetas, verificável no acervo documental do museu, o que pressupõe a

⁷³ Gérard Genette (2009, p. 10, grifo do autor) define o paratexto como “‘Zona indecisa’ entre o dentro e o fora, sem limite rigoroso, nem para o interior (o texto) nem para o exterior (o discurso do mundo sobre o texto), orla” ou, como dizia Philippe Lejeune, “franja do texto impresso que, na realidade, comanda toda a leitura”.

presença de afinidades e apreço mútuo, na biblioteca de Cora, durante a realização do inventário, não foi encontrado nenhum livro de autoria de seu amigo Itabirano.

Retornando a análise do *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*, na sua parte introdutória, paratextual, há textos críticos de Oswaldino Marques (*Cora Coralina – Vivenciadora*) e Lena Castello Branco Ferreira Costa (*Essa mulher admirável...*). Esses textos operam como anfitriões que recebem e apresentam aos leitores o tom da poetisa “[...] captadora de misteriosas modulações de subjetividades”. (MARQUES, 1984, p. 19) e “A arte maior da poetisa está em recolher da memória do tempo todo um mundo de coisas e fatos quotidianos e pessoas simples, transfigurando-os, emprestando-lhes contornos universais” (COSTA, 1984, p. 23).

Que seja dito de passagem, Lena Castello Branco Ferreira Costa, será abordada no próximo capítulo, momento em que apresento as anotações manuscritas de Cora Coralina em seu livro *Arraial e coronel: dois estudos de história social* (1978). E para fazer jus a Oswaldino Marques, registra-se que na biblioteca de Cora há um exemplar autografado pelo crítico do livro de sua autoria *A dançarina e o horizonte* (1977), que inclusive, contém marcas de correção ortográfica feitas a caneta⁷⁴.

Vintém de cobre..., ainda, se divide em três partes, isto é: Livro I – Meias confissões de Aninha; Livro II – Ainda Aninha...; e Livro III – Nos reinos de Goiás e outros. Neste subcapítulo confrontarei, se possível for, as passagens poéticas que fazem referência às leituras literárias, aos livros e autores e o acervo encontrado na biblioteca, buscando estabelecer correlações entre o que foi rememorando em versos e o que se encontra fisicamente disponível na biblioteca particular estabelecendo, com isso, o reflexo biografemático que “[...] se compõe de resíduos, desse misto de sensações interceptadas, [e] vai se estruturando nessa trajetória de *via-crúcis*, a que se deixa entrever no que se viveu e no que se produziu”. (NORONHA, 2001, p. 79, grifo da autora).

Assim sendo, no Livro I composto por 33 poemas, a primeira referência literária que aparece está no poema *Moinho do tempo* (p. 42), no qual, a poetisa, cita o conto de fadas “Maria Borracheira”. Ao aludir ao conto de fadas, Cora estabelece uma analogia com as moças do seu tempo que vivem à espera de um marido. Transcrevo alguns versos:

⁷⁴ Não foi possível identificar a autoria das marcas com correções ortográficas feitas na obra.

[...]

*A gente era moça do passado.
Namorava de longe, vigiada.
Aconselhada. Doutrinada dos mais velhos,
em autoridade, experiência, alto saber.
“Moça para casar não precisa namorar,
o que for seu virá”.*

*Ai, meu Deus! E como custava chegar...
Virá! Virá!...Virá virá... quando?
E o tempo passando e o moinho dos anos moendo,
e a roda-da-vida rodando... Virá-virá!
A gente ali, na estaca. Amarrada, consumida
de Maria Borracheira, sem madrinha-fada,
sem sapatinho perdido,
sem arauto de príncipe-rei, a procurar
pelos reinos da cidade de Goiás
o pezinho faceiro do sapatinho de cristal,
caído na correria da volta.
(CORALINA, 1984, p. 43).*

Afora essa primeira passagem, as histórias de contos de fadas também são citadas em dois outros poemas: *Meu melhor livro de leitura* (p. 54) e *Voltei* (p. 128). No primeiro, a poetisa veste-se dos personagens infantis e enfatiza as características físicas do livro gravados na memória, veja-se um pequeno trecho:

[...]

*Minhas estórias de Carochinha, meu melhor livro de leitura,
capa escura, parda, dura, desenhos preto e branco.
Eu me identificava com as estórias.
Fui Maria e Joãozinho perdidos na floresta.
Fui a Bela Adormecida no Bosque.
Fui pele de Burro. Fui companheira de Pequeno Polegar
e viajei com o Gato de Sete Botas. Morei com os anõezinhos.
Fui a Gata Borracheira que perdeu o sapatinho de cristal
na correria da volta, sempre à espera do príncipe encantado,
desencantada de tantos sonhos
nos reinos da minha cidade.*

[...]

(CORALINA, 1984, p. 54).

No poema *Voltei*, a poetisa enaltece as características físicas do livro, tomando-o enquanto objeto:

*Voltei. Ninguém me conhecia. Nem eu reconhecia alguém.
 Quarenta e cinco anos decorridos.
 Procurava o passado no presente e lentamente fui identificando a minha gente.
 Minha escola primária. A sombra da velha Mestra.
 A casa, tal como antes. Sua pedra escorando a pesada porta.
 Quanto daria por um daqueles duros bancos onde me sentava,
 nas mãos a carta de “ABC”, a cartilha de soletrar,
 separar vogais e consoantes. Repassar folha por folha,
 gaguejando lições num aprendizado demorado e tardio.
 Afinal, vencer e mudar de livro.
 Reconheço a paciência infinita da mestra Silvina,
 sua memória sagrada e venerada, para ela a oferta deste livro,
 todas as páginas, todas as ofertas e referências
 Tão pouco para aquela que me esclareceu a luz da inteligência.
 A vida foi passando e o melhor livro que me foi dado
 foi Estórias da Carochinha, edição antiga, capa cinzenta,
 papel amarelado, barato, desenho pobre, preto e branco, miúdo.
 [...]*

(CORALINA, 1984, p. 128).

Os aspectos físicos do livro são realçados nos dois poemas. As circunstâncias de se atribuir detalhes ao objeto livro é levado em consideração por Umberto Eco, quando este analisa a relação pessoa/livro, privilegiando o objeto por “[...] ser amado não só por aquilo que diz, mas também pela forma sob a qual se apresenta”. (ECO, 2010, p. 19). Sobre a questão relacionada à forma do livro, Manguel (2001, p. 149) esclarece que “Os livros declaram-se por meio de seus títulos, seus autores, seus lugares num catálogo ou numa estante, pelas ilustrações em suas capas; declaram-se também pelo tamanho”. E acrescenta que, pessoalmente “Julgo um livro por sua capa; julgo um livro por sua forma”. (MANGUEL, 2001, p. 149).

O tratamento minucioso percebido sob o prisma físico dos livros e descritos por Cora, me permite observar como traço biografemático um embrionário desejo de colecionadora, verificável no amor pelos livros, seus detalhes e suas histórias. Percebo a presença de um olhar atento às particularidades, às marcas das memórias de infância, selecionadas ao abrigo de uma perspectiva pessoal.

Independentemente da biblioteca de Cora Coralina não possuir nenhum exemplar de contos de fadas, considero pertinente tratar desse tema, acreditando que a gênese do interesse da poetisa pela leitura passa pelas leituras infantis e pelas referências familiares, notadamente pelo

fato de sua mãe ter sido uma exímia leitora, assinante de jornais e sócia do Gabinete Literário Goiano.

Acerca do Gabinete Literário Goiano trago-o mais uma vez à discussão, numa pequena digressão, pois este teve um importante papel na dificultosa circulação e acesso aos livros e jornais na segunda metade do século XIX em Goiás. Dificuldades, especialmente, por questões concernentes ao processo de transição política, social e econômica da época, evidenciadas com o fim da escravatura e com a Proclamação da República no Brasil.

Fundado em 1864, o Gabinete Literário Goiano é reconhecido como a primeira biblioteca pública do Estado de Goiás⁷⁵. Fruto da iniciativa de uma elite letrada de Goiás, o primeiro estatuto do Gabinete não permitia a associação de mulheres. Essa condição foi alterada, com a efetiva participação feminina, no final do século XIX. Passos (1982, p. 165) transcreve a ata de reunião do dia 16 de abril de 1871, na qual destaca que seria incluída no estatuto o seguinte artigo: “As senhoras que forem sócias do Gabinete, e não puderem vir, não quiserem concorrer pessoalmente às seções podem fazerem-se representar por uma terceira pessoa expressamente autorizada para isso”. Essa abertura propiciou que, em 1929, fosse eleita a primeira presidente do Gabinete, a senhora Consuelo Caiado. Sua gestão foi marcada por um intenso período de palestras e conferências com os principais nomes que se destacavam literariamente à época.

Os historiadores afirmam que os livros adquiridos pelo Gabinete Literário Goiano eram provenientes da livraria Garnier do Rio de Janeiro e eram transportados em tropas, significando vários dias de viagem até chegada ao seu destino.

No decorrer dos anos, a manutenção do Gabinete Literário Goiano passou por momentos de crise financeira, acarretando, por vezes, a suspensão de atendimento e a mudança de localização. A despeito dos esforços e interesse da sociedade em preservar o acervo, atualmente o Gabinete encontra-se fechado ao público, condição esta, que não impede a atual presidente do Gabinete, Sra. Circe de Camargo Ferreira e Silva, de gentilmente abrir as portas para pesquisadores interessados no acervo,

⁷⁵ Sobre esse aspecto existe uma divergência, pois segundo Barra (2008) há um registro, localizado no primeiro periódico goiano – *A Matutina Meyapotense*, sobre a existência de uma biblioteca pública no ano de 1832, na cidade de Meia Ponte. Fato contrariado por Bittar (1997) ao afirmar que, em 1850, é criada a primeira biblioteca pública da cidade de Goiás, anexa ao Liceu de Goiás.

inscrições históricas constantes nos livros de registro de sócios e atas de reuniões⁷⁶.

Como citado anteriormente, a *Senhora* era sócia assídua do Gabinete, circunstância verificável nos registros da movimentação de empréstimos realizados em nome da mãe de Cora Coralina. Até 1889, ano do nascimento de Cora e do falecimento de seu pai, o registro estava em nome de seu marido desembargador. Cuidadosamente, encontra-se guardado no acervo do Gabinete um bilhete, datado de junho de 1889, no qual a mãe de Cora solicita o envio de romances e o volume do livro “Das maravilhas da criação”. Reproduzo o conteúdo do bilhete:

Paraíso, 5 de junho de 1889

Ilustríssimo Antonio Gomes Pinto

Peço-lhe por obsequio de enviar-me pelo portador desta, alguns romances dos novos e também o volume das Maravilhas da Criação que trata das Aves, que muito agradecida lhe ficarei.

L[ilegível] as primas.

Sua [ilegível]

J. Luiza do C. B. Peixoto.

A leitura dos romances do Gabinete é confirmada por Cora Coralina ao destacar que durante o período em que a família morou na fazenda Paraíso, o distanciamento da cidade era rompido pela figura do carreiro Anselmo⁷⁷, que, de tempos em tempos, fazia a viagem no carro de bois e levava consigo uma lista variada de encomendas, conforme observado no poema “O longínquo cantar do carro” (p. 97-99). Escreveu a poetisa:

[...]

era a rotina da vida no Paraíso e nós, jovens, ansiando já pela volta do carro,

⁷⁶ Durante o período em que realizei a pesquisa de campo no Museu Casa de Cora Coralina, a Sra. Circe de Camargo, abriu as portas do Gabinete para que eu pudesse consultar os livros de empréstimos, em busca de comprovações dos registros de leitura da família de Cora Coralina.

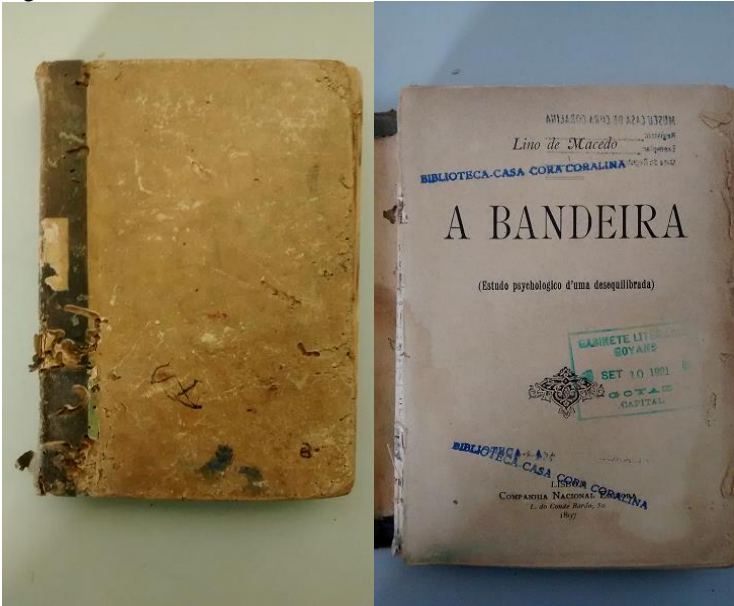
⁷⁷ Cora Coralina presta homenagem ao importante vaqueiro em *Vintém de cobre: minhas confissões de Aninha* (1984). Homem trabalhador e de confiança da família, ela escreve um poema intitulado *O carreiro Anselmo* (p. 100), no qual destaca suas habilidades com os afazeres da fazenda Paraíso.

cartas e jornais do Rio de Janeiro.
Minha mãe era assinante do “Paiz” e para nós vinham os romances
do Gabinete Literário Goiano.
Esperar a volta do carro, imaginar as coisas que viriam da cidade,
tomava a imaginação desocupada das meninas moças.
Acostumei a ler jornais com a leitura do “Paiz”
Colaboravam Carlos de Laet, Arthur Azevedo, Júlia Lopes de Almeida,
Carmem Dolores.
Meus primeiros escritinhos foram publicados no suplemento desse jornal.
Acompanhei, na sua leitura, fatos e acontecimentos universais.
[...]
(CORALINA, 1984, p. 98, grifo da autora).

Sobre o Gabinete e a biblioteca de Cora Coralina, cabe registrar que, dentre os livros mais antigos do acervo catalogado, há um exemplar com capa solta, paginação incompleta, que possui carimbo do Gabinete Literário Goyano datado de 10 de setembro de 1921. Trata-se do título *A bandeira: estudo psicologico d'uma desequilibrada* (1897) de Lino de Macedo. Intrigante pensar como um livro tão antigo com carimbo de uma instituição faz-se presente no acervo de Cora Coralina. A julgar por outros livros de escritores portugueses presentes em sua biblioteca, como Eça de Queiros, Guerra Junqueiro e Fernando Pessoa, pode-se assegurar que Cora apreciava a literatura produzida em Portugal.

Figura 11 - Livro com carimbo do Gabinete Literário Goiano

Figura 11- Livro com carimbo do Gabinete Literário Goiano



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Sobre o apreço por autores portugueses, chama a atenção que Almeida Garrett tinha a admiração de Cora Coralina. Admiração expressa no poema “Aquela gente antiga – II”, no qual confessa que foi vítima de alguns princípios, considerados pela sociedade goiana, como inapropriados às mulheres daquele tempo, em particular, às moças que projetavam no casamento um ideal de vida. Reproduzo alguns versos:

*Aquela gente antiga explorava a minha bobice.
 Diziam assim, virando a cara como se eu estivesse distante:
 “Senhora Jacinta tem quatro fulores mal falando.
 Três acham logo casamento, uma, não sei não, moça feia num casa fácil”*

*Eu me abria em lágrimas. Choro manso e soluçado...
 [...] Eu me consolava e me apegava à minha bisavó.
 Cresci com os meus medos e com o chá de raiz de fedegoso,
 prescrito pelo saber de minha bisavó.
 Certo que perdi a aparência bisonha. Fiquei corada
 e achei quem me quisesse.
 Sim, que esse não estava contaminado dos princípios goianos,*

*de que moça que lia romance e declamava Almeida Garrett
 não dava boa dona de casa.
 (CORALINA, 1984, p.53, grifo do autor)*

Na segunda parte do livro – *Livro II Ainda Aninha...*, observo a forte presença da subjetividade em torno da máscara lírica, Aninha. Uma subjetividade voltada aos aspectos do imaginário, das lembranças, dos apelos, das reflexões, dos recados e da oração. O eu lírico se revela, não só no que declara de si, mas no encontro com múltiplas oportunidades de representá-lo. Isso pode ser percebido no tratamento que a poetisa dispensa a alguns símbolos históricos, como Tiradentes, Juscelino Kubitschek e outras autoridades, como o Presidente e o Ministro da Justiça à época.

Comprometida social e politicamente, Cora Coralina lembra dos presidiários, o menor abandonado, exalta a universidade, o professor e cobra das autoridades as promessas feitas em relação aos problemas da seca no Nordeste numa representação de criticidade. Alguns fragmentos de “Os apelos de Aninha”:

[...]

Presidente, salva o Nordeste,

*Dá água abundante e corrente aos seus filhos valorosos,
 irrigação ao seco. Salva àquela gente, seu gado e sua lavoura,
 dá vida nova àqueles estados tão marcados pela seca.*

A posteridade te espera e as gerações vindouras te proclamarão.

Presidente, há uma trilogia de salvação e recuperação em oferta ao governo.

Sê o Presidente, esse esperado, sê o Messias destes tempos novos.

Se assim for, a posteridade te espera.

[...]

*Excelência, essas três proposições, magnas proposições,
 deságuam numa única – Trabalho como fonte de salvação.*

*Salvação do Nordeste, dando condições de viver ao nordestino
 no seu próprio meio.*

*Regeneração do apenado em condições de trabalho organizado,
 produzido a nível industrial, dentro dos presídios,*

respaldado por uma formação autônoma e cooperativista do reeducando.

Salvar a criança pobre antes que se perca pelo abandono e pela miséria.

Isso pela criação de Escolas de Ofícios,

que façam delas operários qualificados para a grandeza do nosso país.

Resumindo tudo: na terapêutica humana do trabalho.

Presidente. A posteridade te espera.

Não te espantem as dificuldades de assumir.

A Nação te ajudará e se sentirá engrandecida e orgulhosa do seu Presidente.
(CORALINA, 1984, p. 176-178)

A terceira parte – *Livro III Nos Reinos de Goiás e outros* – é composta por 16 poemas nos quais ressaltam-se as particularidades da antiga capital do Estado e os seus costumes, habitantes e animais (gatos, rolinhas fogo-apagou, bem-te-vis). Pesquero Ramón (2003) acentua que Cora Coralina possui uma particular sensibilidade poética e filosófica ao ponto de suas identificações pessoais adquirirem proporções universais. Para o crítico, as principais identificações da poetisa são: sua gente, sua sócia (a mulher obscura⁷⁸), a terra, a água, os animais, as plantas e a cidade de Goiás. Nesta última parte do livro, estão disponíveis alguns poemas que ratificam a análise de Pesquero Ramón (2003), dos quais cito alguns: “Nos reinos de Goiás (A vida e suas contradições)” (p. 183), “Bem-te-vi... Bem-te-vi...” (p. 193), e “Irmã Bruna” (p. 201). A leitura biografemática de Cora Coralina, nesse momento, permite observar o espelhamento da face da poetisa na confluência dos significantes dos poemas. Tosta (2006, p. 21, grifo do autor) argumenta que:

Cora tinha consciência de que a história normalmente tende a esquecer, ou melhor, a não escolher as pessoas comuns [...]. Em ‘Sou raiz’, de Vintém de cobre [...] ela revela a sua solidariedade para com os oprimidos da sociedade, se ‘misturando’ com os ‘condutores e cobradores’, os ‘pequenos iletrados, pobres e remendados’, os ‘humildes’, que, para ela, são todos ‘heroicos e anônimos’.

Além desses poemas, nos quais se percebem as identificações de Cora Coralina, nesta última parte do livro, chama a atenção os versos de “O poeta e a poesia” (p. 195). Talvez, inspirada no livro encontrado em

⁷⁸ Sobre este aspecto, os biógrafos de Cora vão um pouco mais além. Ao escreverem o capítulo “Em defesa dos obscuros”, no livro *Cora Coralina: raízes de Aninha* (BRITTO; SEDA, 2009), eles incluem como singularidade da poetisa, não apenas a condição da exclusão feminina representada nos versos, sobretudo, pela vida das prostitutas e lavadeiras de roupas, mas outros grupos igualmente marginalizados, a saber: o menor abandonado; os presidiários; os nordestinos; e os judeus. Afirmam ainda que: “A identificação com os obscuros contribuiu para que fosse leitora e admiradora de Jorge Amado, que também efetuava, em sua ficção, um canto solidário com os excluídos [...]”. (BRITTO; SEDA, 2009, p. 335).

sua biblioteca *Carta a um jovem poeta* (1975) de Rainer Maria Rilke, livro que contém várias marcações de leitura, inclusive no prefácio de Cecília Meireles (transcrito na sequência dos versos), Cora tenha escrito o poema:

*Não é o poeta que cria a poesia.
E sim, a poesia que condiciona o poeta.*

*Poeta é a sensibilidade acima do vulgar.
Poeta é o operário, o artífice da palavra.
E com ela compõe a ourivesaria de um verso.*

*Poeta, não somente o que escreve.
É aquele que sente a poesia,
se extasia sensível ao achado
de uma rima, à autenticidade de um verso.*

*Poeta é ser ambicioso, insatisfeito,
procurando no jogo das palavras,
no imprevisto do texto, atingir a perfeição inalcançável.*

*O autêntico sabe que jamais
chegará ao prêmio Nobel.
O medíocre se acredita sempre perto dele.*

*Alguns vêm a mim.
Querem a palavra, o incentivo, a apreciação.
Que dizer a um jovem ansioso na sede precoce de lançar um livro...
Tão pobre ainda a sua bagagem cultural,
tão restrito seu vocabulário,
enxugando lágrimas que não chorou,
dores que não sentiu,
sofrimentos imaginários que não experimentou.*

*Falam exaltados de fome e saudades, tão desgastadas
de tantos já passados.
Primário nos rudimentos de sua escrita
e aquela pressa moça de subir.
Alcançar estatura de poeta, publicar um livro,*

*Oriento para a leitura, reescrever,
processar seus dados concretos.
Não fechar o caminho, não negar possibilidades.
É a linguagem deles, seus sonhos.*

A escola não os ajudou, inculcados, eles.

[...]

(CORALINA, 1984, p. 195-196)

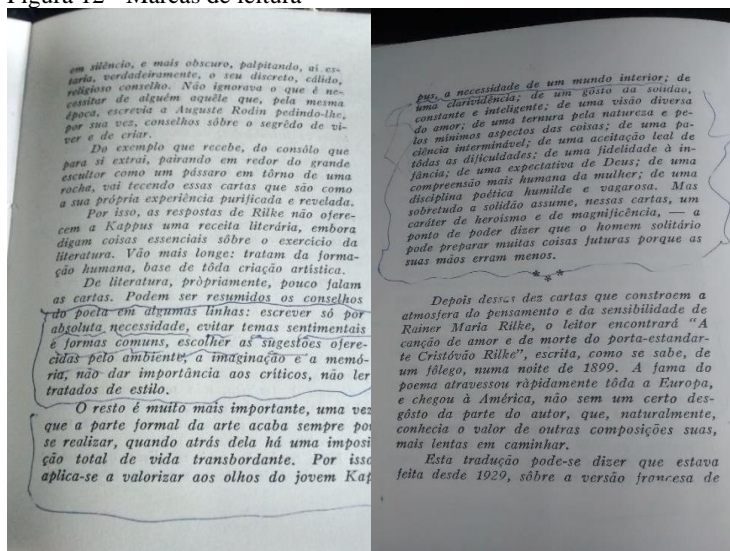
É impossível saber, com exatidão, a data em que Cora Coralina escreveu estes versos, as ressalvas feitas por seus biógrafos apontam para algumas pistas que podem confirmar ou não a suspeita que levanto, ao pensar na apropriação de Cora acerca das recomendações que Rilke faz em seu livro:

A maioria dos poemas de Vintém de cobre foi escrita na proximidade do contexto de sua publicação: ‘Bem-te-vi... Bem-te-vi...’ e ‘O Quartel de polícia de Goiás’ (1978), ‘Segue-me’ (1980), ‘Aninha e suas pedras’ (outubro de 1981) e os cadernos com grande número de poemas datados de 1982. Mesmo com a agenda repleta de palestras, lançamentos, viagens e homenagens, nele agasalhou 77 poemas, tornando-o sua obra com o maior número de trabalhos [...]. (BRITTO; SEDA, 2009, p. 394, grifo do autor).

Isso me permite inferir que, provavelmente, Cora já havia lido e assinalado o livro de Rilke quando escreveu os versos nos quais, ao modo do escritor tcheco, emite conselhos aos iniciantes nas letras. Entretanto, para além dessa questão cronológica, sublinho que Cora, em algum grau, seguiu, na sua trajetória poética, as sugestões/recomendações que Rilke fez ao jovem Kappus. A transcrição do conteúdo dos parágrafos selecionados por Cora Coralina, no prefácio escrito por Cecília Meireles⁷⁹, ratificam esta assimilação. O trecho sublinhado pela poetisa é, para a prefaciadora, o resumo dos conselhos do mestre ao aprendiz.

⁷⁹ O prefácio escrito por Cecília Meireles é dedicado a falar sobre a tradução feita por Paulo Rónai sobre a série de dez cartas escritas por Rainer Maria Rilke, destinadas ao jovem poeta Franz Xaver Kappus.

Figura 12 - Marcas de leitura



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

A seguir, apresento a transcrição dos trechos grifados por Cora Coralina:

[...] do poeta em algumas linhas: escrever só por absoluta necessidade, *evitar temas sentimentais* e formas comuns, escolher as sugestões oferecidas pelo ambiente, a imaginação e *a memória*, não dar importância aos críticos, não ler tratados de estilo. O resto é muito mais importante, uma vez que a parte formal da arte acaba por se realizar, quando atrás dela há uma imposição total de vida transbordante. Por isso aplica-se a valorizar aos olhos do jovem Kappus [...] [...] uma clarividência; de um gosto da solidão, constante e inteligente; uma visão diversa do amor; de uma *ternura pela natureza* e pelos mínimos aspectos das coisas; de uma paciência interminável; de uma aceitação leal de todas as dificuldades; de uma *fidelidade à infância*; de uma expectativa de Deus; de uma *compreensão mais humana da mulher*; de uma disciplina poética humilde e vagarosa. Mas sobretudo a solidão assume, nessas cartas, um

caráter de heroísmo e de magnificência, - a ponto de poder dizer que o homem solitário pode preparar muitas coisas futuras porque as suas mãos erram menos. (MEIRELES, 1975, grifo nosso)

Torna-se significativo destacar que nas páginas seguintes do livro, ou seja, nas cartas, propriamente ditas, de Rilke, existem novas marcações de leitura de Cora, em pontos específicos. Destaco algumas:

Evite de início as formas usuais e demasiados comuns [...]. Para o criador, com efeito, não há pobreza nem lugar mesquinho e indiferente. [...] O criador, com efeito, deve ser um mundo para si mesmo e encontrar tudo em si e nessa natureza a que se aliou. (RILKE, 1975, p. 23-25).

Pondero que não é o objetivo desta tese, aprofundar e detalhar a análise do espelhamento dos ensinamentos de Rilke presentes na escritura de Cora, isso caberia a outro estudo, com esta finalidade. Porém, dentre os conselhos assinalados por Cora, alguns estão evidentes na sua poética, são eles: o esquivo dos temas sentimentais – sua lírica se afasta de assuntos que envolvem paixão e romance. Há em Cora um olhar singular sobre o amor e este implica no amor fraternal e caridoso; o uso da memória – esta é, com certeza, sua principal marca, o que significa que sua poesia se identifica com a memória, tornando, esta, um saber; a ternura pela natureza e pelos aspectos mínimos das coisas – particularidades notadamente presente em sua poética; fidelidade à infância – Cora utiliza em vários poemas, a máscara lírica Aninha, seu tempo poético predominante é a infância; a compreensão humana da mulher – por várias vezes abordado nesta tese, a identificação com as mulheres, sobretudo, as ditas “obscuras”.

Entretanto, sobre este aspecto, cabe uma ressalva, apesar de se interessar e defender causas femininas, como o direito à educação, à participação social e política é preciso desmistificar, o fato propagado pela imprensa jornalística e periódicos, que Cora seria uma feminista. Sobre esta peculiaridade de Cora, Darcy França Denófrío (2006, p. 192) afirma: “Feminista, não: mulher diferenciada”. Para a professora é um equívoco considerar Cora Coralina uma feminista e no sentido de desmistificar esse arquétipo, ela aponta exemplos que ratificam seus argumentos. Isso significa dizer que Cora, em alguns poemas, homologa o pensamento patriarcal quando se posiciona “[...] contra a laqueadura, os modernos métodos contraceptivos, o sexo por prazer e o trabalho fora do

lar”. (DENÓFRIO, 2006, p. 196). Alega, inclusive, que no poema “Outra face”, publicado em seu primeiro livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (2006), Cora lamenta que valores antigos estão sendo desprezados e “[...] entre eles, contraditoriamente em seu caso, a própria virgindade. Cora era absolutamente contra a mulher liberada”, declara. (DENÓFRIO, 2006, p. 196). Apresento alguns versos do referido poema:

*Tudo deserto.
Alguém sozinha
Na noite
No frio
Procurando os berços
Que já não cabem os meninos.
Eles cresceram tanto
Que já não cabem nos berços.
Outras crianças virão?
Já não se precisa de berços?
Onde estão as criancinhas?
Indesejáveis, por aí...
Nas creches.*

[...]

*Não há mais verdes,
Nem heróis nem nada.
Os ventres estão infecundos.
Os lares abandonados.
As trompas foram silenciadas.
Filhos...pílulas.
Terror. Terroristas.
Violência. Violentos.
Assaltos. Assaltantes.*

[...]

(CORALINA, 2006, p. 222-223)

Após essa ressalva, devolvo à análise o foco desse subcapítulo e prossigo com a da terceira parte do livro *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*, em que no último poema do livro, intitulado *Sombras*, observo uma poetisa melancólica, consciente das suas limitações físicas, suas dificuldades e sua finitude. No poema, Cora se diz cansada e usa como metonímia a catarata, para expressar o sentimento de impotência perante a capacidade de lutar, de perceber a luz, de ler “O livro amado”. Nesse momento, é visível a fragilidade da mulher-operária-

doceira, que quebrou pedras, plantou flores, enfrentou as dificuldades da vida e transformou sofrimento em poesia. Transcrevo o poema:

*Tudo em mim vai se apagando.
Cede minha força de mulher de luta em dizer:
estou cansada.*

*A claridade se faz em névoa e bruma.
O livro amado: o negro das letras se embaralham,
entortam as linhas paralelas.
Dançam as palavras,
a distância se faz em quebra luz.*

*Deixo de reconhecer rostos amigos, familiares.
Um véu tênue vai se encorporando no campo da retina.
Passam lentamente como ovelhas mandas os vultos conhecidos
que já não reconheço.*

É a catarata amortalhando a visão que se faz sombra.

*Sinto que cede meu valor de mulher de luta,
e eu me confesso:
estou cansada.
(CORALINA, 1984, p. 211)*

Sob a perspectiva da melancolia e incertezas, há em Cora Coralina um transbordamento poético regido pela emoção e autenticidade da existência. Nesse lugar, onde o autor empírico constrói sua autoria e desenvolve sua escritura, a leitura biografemática “[...] instaura o desejo que investiga em fragmentos sígnicos vetoriados ao qualitativo, ler, neste sentido, é o mesmo que criar, pelo estilo da busca, a singularidade de um modelo”. (NORONHA, 2001, p. 22).

Figura 13 - Casa Velha da Ponte



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora
O espectro na janela – o pormenor descentrado

CASA VELHA DA PONTE⁸⁰...

*Olho e vejo tua ancianidade vigorosa e sã.
Revejo teu corpo patinado pelo tempo, mascado das escaras da
velhice. Desde quando ficaste assim?*

*Eu era menina e você já era a mesma, de paredes toscas, de beiradão
Desusado e feio, onde em dias de chuva se encolhiam as cabras
soltas da*

*Cidade. Portais imensos para suas paredes rudes de barrotins e
enchimento em lances sobrepostos salientes.*

*Folhas de portas pesadas de arvores fortes descomuns, serradas a
mão, unidas e aparelhadas, levantadas para a entrada e saída de
gigantes homens feros, duros restos de bandeira. Fechaduras
anacrônicas, chavões de broca, gonços rangentes de feitiço estranho
e pregos quadrados.*

*MINHA CASA VELHA DA PONTE... assim a vejo e conto, sem datas e sem
assentos. Assim a conheci e canto com minhas pobres letras. Desde
sempre. Lgum dia cerimonial foste casa nova, num tempo perdido
do passado, quando mãos escravas te levantaram em pedra,
madeirame e barro. [...]*

MINHA CASA VELHA DA PONTE..

*Velho documentário de passados tempos, vertente viva de estórias e
lendas. Gerações de rolinhas fogo-pagô descantam teus anos
jubilares, cumeeiras, aninham-se nas mangueiras rotundas e
mariscam suas coisinhas, sementinhas de capim na areia limpa do
quintal. Geriarcas lagartixas, eternas inquilinas dos velhos muros
e paredes brechadas se aquecem ao sol balançando sempre a
cabecinha astuta.*

[...]

*A batida ansiosa entre velhos e crianças, a intera de vinténs de
cobre para alcançar o valor de um verde e cheiroso quilo de café.*

*CASA VELHA DA PONTE, é para o meu cântico ancestral uma benção
madrinha do passado.*

(CORALINA, 1976, p. 90-93, grifo da autora)

⁸⁰ Publicado na obra *Meu livro de cordel* (1976). A crônica na íntegra é apresentado do Anexo B.

3.3 POESIA DO RESÍDUO: CASA VELHA DA PONTE, PRATO AZUL-POMBINHO

É de significativa importância para a vida e obra de Cora Coralina, a Casa Velha da Ponte e as suas histórias. Ao ponto de seu quarto livro, organizado em vida e publicado após sua morte, trazer 18 contos reunidos sob o título de *Estórias da Casa Velha da Ponte* (1986). Diante desta constatação e considerando a proposta de uma leitura biografemática, intento neste subcapítulo, apresentar manifestações e complementariedades que envolvem os dados existenciais e a materialidade escritural de Cora Coralina, em busca do deciframento que envolve *bios* e *graphos*.

Cora Coralina passou parte de sua vida entre *as paredes toscas, de beiradão desusado e feio*⁸¹ da Casa Velha da Ponte. Nessa casa nasceu e viveu seus primeiros anos. Depois, entre os anos de 1900 a 1905, juntamente com sua família, morou na fazenda Paraíso, propriedade de seu avô, enquanto a casa permaneceu alugada. Após isso, junto aos seus, retornou à casa e, em 1911, Cora parte rumo a São Paulo, retornando após 45 anos (1956) e permanecendo na antiga casa até sua morte em 1985. A poetisa registrou, em prosa, o tempo em que viveu ali. Escreveu ela:

Nesse meio me criei e me fiz jovem. Meus anseios extravasaram a velha casa. Arrombaram portas e janelas, e eu me fiz ao largo da vida. Andei por mundos ignotos e cavalguei o corcel branco do sonho. Pobre, vestida de cabelos brancos, voltei à velha CASA DA PONTE, barco centenário enclachado no Rio Vermelho, contemporânea do Brasil Colônia, de monarcas e adventos. (CORALINA, 1986, p. 11, grifo da autora).

Deste modo, proponho uma incursão, ainda que célere, na gênese da Casa Velha da Ponte e o percurso que a trouxe como propriedade para a família de Cora. Assim, saliento que à época da fundação da primeira capital do Estado de Goiás (1727), o interior do Brasil era palco do movimento de ocupação com as investidas dos bandeirantes⁸². Como ressalta Britto e Seda (2009, p. 16):

⁸¹ Grifo retirado do conto “Casa Velha da Ponte”, publicado no livro *Meu livro de cordel* (1976) e apresentado na abertura deste subcapítulo.

⁸² O historiador Luiz Palacín (1972) destaca que o descobrimento de Goiás está relacionado com a “corrida do ouro” que se iniciou em Minas Gerais (1690),

A criação da cidade, a oeste da linha demarcatória do Tratado de Tordesilhas, contribuiu para a formação de outros núcleos urbanos, dilatando, assim, os limites destinados aos portugueses na América do Sul e tornando-se referência na ocupação do Centro-Oeste entre os séculos XVIII e XIX.

Na cidade do século XVIII, estrategicamente posicionada às margens do Rio Vermelho, uma das primeiras construções, em arquitetura vernacular, erigida pelos escravos é a Casa Velha da Ponte. Relatos apontam que a história da casa se confunde com a da fundação da cidade. “Não se sabe a data exata da construção da casa [...]. Apesar da falta de documentos a respeito da finalidade primeira do imóvel, a versão de Cora, de a casa ter sido da Coroa Portuguesa, tem fundamento”. (BRITTO; SEDA, 2009, p. 18-19).

Privilegiada geograficamente, coleante ao Rio Vermelho, a velha casa abrigou moradores ilustres como, por exemplo, o inconfidente capitão-mor Antônio Souza Telles de Menezes.⁸³ Após a morte do inconfidente, poucos são os registros dos demais moradores, até que em 1854 existe a indicação de a casa ter sido propriedade do cônego Couto Guimarães, ascendente de Cora Coralina.

Falar na Casa Velha da Ponte é relevante para a reconstrução biografemática da poetisa, pois, “[...] vida e obra deixam-se decodificar unificadas pela mobilidade das *nuances*, em estatuto que atua indistintamente, transmutando-as em fatos de linguagem”. (NORONHA, 2001, p. 16, grifo da autora).

Para compreender como a Casa Velha da Ponte tornou-se propriedade da família de Cora é necessário investigar a descendência de Couto Guimarães até chegar em Cora Coralina. Essa descendência é assim explicada: o cônego era um dos três filhos de João José do Couto

depois Cuiabá (1719). Devido à localização geográfica, o ouro de Goiás não permaneceria oculto por muito tempo. O autor aponta três razões que motivaram as investidas dos bandeirantes rumo ao cerrado goiano: a busca de um caminho por terra com acesso a Cuiabá, a crença transmitida pelos colonos e apoiada numa teoria geológica renascentista da existência abundante de metais preciosos em subsolos paralelos ao equador e, o momento político, no qual os paulistas desejavam alargar os limites reais da Capitania.

⁸³ Conta-se que o capitão foi um inconfidente, desgarrado da turma de Minas e perdido no interior de Goiás. Morreu, ou foi “mandado morrer”, em 1804. (TAHAN, 1989)

Guimarães e Vicência Pereira de Carvalho. Sua irmã, a única que deixou sucessores, teve doze filhos. Um sobrinho do cônego Couto, Joaquim Luiz, casou-se na Casa da Ponte com uma herdeira do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva – o Anhanguera. Após a morte do cônego, Joaquim Luiz, avô de Cora Coralina, recebe como herança a Casa Velha da Ponte. Da união com Honória Pereira de Abreu nascem sete filhos, dentre eles, Jacyntha Luíza do Couto Brandão (mãe de Cora Coralina). Futuramente, a Casa Velha da Ponte é adquirida pelo segundo marido da senhora Jacyntha, o desembargador Francisco Paula Lins Guimarães Peixoto (pai de Cora), e lhe é presenteada (BRITTO; SEDA, 2009).

Em um momento delicado para a família, que se via diante do fim do período de escravatura e da necessidade de um rearranjo financeiro para se adequar à nova economia, chega ao mundo a segunda filha do casal Guimarães Peixoto⁸⁴. Período conturbado de endividamento, culminado com a morte do patriarca da família que padece doente. É nesse cenário que nasce Aninha. Cenário retratado nos versos de *Minha Infância (Freudiana)*:

*Quando nasci, meu velho Pai agonizava,
logo após morria.
Cresci filha sem pai,
secundária na turma das irmãs.*

*Eu era triste, nervosa e feia.
Amarela, de rosto empalorado.
De pernas moles, caindo à toa.
Os que assim me viam – diziam:
“- Essa menina é o retrato vivo
do velho pai doente”.*
(CORALINA, 2006, p. 168, grifo da autora)

Cabe registrar que a Casa Velha da Ponte, inserida no contexto geográfico e histórico, está incorporada ao conjunto de casas coloniais, igrejas e monumentos encravados nas ruas de pedra e becos da cidade de Goiás⁸⁵. Becos, que por sinal, compõem o título e o tema principal do

⁸⁴ Viúva por três vezes, Jacyntha Luíza teve com o primeiro marido uma filha – Vicência, depois vieram Helena e Ana (Cora Coralina) com o segundo e Adda Maria com o terceiro.

⁸⁵ Em 2001, a cidade de Goiás recebeu, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), o título de Patrimônio Histórico da Humanidade, em reconhecimento de sua estrutura arquitetônica e cultural.

primeiro livro publicado por Cora Coralina *Poemas dos becos de Goiás e Estórias mais* (2006).

Beco da minha terra...
Amo tua paisagem triste, ausente e suja.
Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa.
Teu lodo negro, esverdeado, escorregadio.
E a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugidia,
e semeia polmes dourados no teu lixo pobre,
calçando de ouro a sandália velha,
jogada no teu monturo.

[...]

Becos de minha terra,
discriminados e humildes,
lembrando passadas eras ...

[...]

Conto a estória dos becos,
dos becos da minha terra,
suspeitos... mal afamados
onde família de conceito não passava.
“Lugar de gentinha” – diziam, virando a cara.
De gente do pote d’água.
De gente de pé no chão.
Becos de mulher perdida.
Becos de mulheres da vida.
Renegadas, confinadas
na sombra triste do beco.
 [...]
 (CORALINA, 2006, p. 93, grifo da autora).

Ao retornar para Goiás, Cora Coralina percebe a Casa Velha da Ponte como um local de memória, de modo que a escolheu para viver seu momento de insulamento e reclusão, que proporcionaram a gestação de sua primeira obra. A casa observada enquanto um lugar “[...] constituído por redes públicas de sentido, formadoras de subjetividade” (JOBIM, 2011, p. 129), tornou-se o ponto de equilíbrio para a reflexão e assimilação que permitiram a expressão lírica de sua subjetividade.

Pode-se dizer que a escritura de Cora Coralina atualiza os resíduos da memória. Isso é, notadamente, sustentado por aspectos relacionados a uma “[...] memória especializada, fossilizada no espaço. [...] é essencialmente a cidade de Goiás o espaço memorial de onde desentranha a matéria de sua literatura”. (YOKOZAWA, 2009, p. 203). Espacialmente, a Casa Velha da Ponte representa um importante local de

memória, ambiente em que a poetisa viveu duas fases de sua vida: infância (tempo marcante/predominante em seus versos) e a velhice, após seu regresso à cidade natal.

A escritura confessional e testemunhal de Cora Coralina, encontrou na Casa Velha da Ponte e na cidade de Goiás com seus monumentos, igrejas, casarões e becos, o espaço fértil para se desenvolver. É, portanto, adequado falar, como faz Michael Pollak (1989), sobre os objetos materiais representativos da memória:

[...] monumentos, museus, bibliotecas etc. [...]. Quando vemos esses pontos de referência de uma época longínqua, frequentemente os integramos em nossos próprios sentimentos de filiação e de origem, de modo que certos elementos são progressivamente integrados num fundo cultural comum a toda humanidade. (POLLAK, 1989, p. 10)

Além disso, inclui-se no rol de objetos materiais citados por Pollak (1989), a casa materna como campo de referência espacial para a memória. Referência que, nas palavras de Bachelard (1978), elaboram a constituição da subjetividade humana. Diz o filósofo:

[...] é graças à casa que um grande número de nossas lembranças estão [sic] guardadas e se a casa se complica um pouco, se tem porão e sótão, cantos e corredores, nossas lembranças têm refúgios cada vez mais bem caracterizados. Voltamos a eles durante toda a vida em nossos devaneios. (BACHELARD, 1978, p. 202)

Assim, a casa atua como lugar de memória e, essa condição, reflete a explicação de Aleida Assmann (2011, p. 25) ao afirmar como “[...] as mídias externalizadas da memória incluem localizações que são convertidas em lugares de memórias, devido a algum acontecimento de relevância religiosa, histórica ou biográfica”.

Cabe, mais uma vez, citar Assmann (2011, p. 25, grifo da autora) para pensar o desejo de retornar aos locais de memória:

Lugares podem atestar e preservar uma memória [...]. Após intervalos de suspensão da tradição, peregrinos e turistas do passado retornam a locais

significativos para eles, e ali encontram uma paisagem, monumentos ou ruínas. Com isso ocorrem “reanimações”, nas quais tanto o lugar reativa a recordação quanto a recordação reativa o lugar.

A compreensão da obra de Cora Coralina perpassa pela apreensão da dimensão histórica de um passado revisitado pela memória da autora. Referentes que resultaram em impressões, marcas na escritura, resíduos, traços pessoais que se contagiaram pelo tracejar poético de Cora. Britto e Seda (2009, p. 33) destacam a presença de materiais residuais no seu processo criativo:

[...] a autora acumulou dezenas de cadernos e folhas esparsas, com poemas, contos, desabafos, relatos do cotidiano, anotações de gastos caseiros etc. Se pautando em livros de história, matérias de jornais, causos e lendas, ou nos fatos que presenciou em sua infância.

É, portanto, necessário pensar nos resíduos, por assim dizer, colecionados e como estes ensejam combinações metafóricas na escritura. É aí que Cora Coralina se revela como colecionadora. Seu desejo de colecionar remete à citação de Walter Benjamin (2011, p. 235) “Bem-aventurado o colecionador” que explanou acerca da inquietação do desejo de colecionar, desejo este, que o próprio Benjamin se rendeu e escreveu um discurso sobre o colecionador. Nesse texto, Benjamin se propõe a desvendar, não à coleção propriamente dita, e sim, a arte de colecionar, o desejo, a paixão que está relacionada com as lembranças. Segundo o autor, “De fato, toda paixão confina com um caos, mas a de colecionar com o das lembranças”. (BENJAMIN, 2011, p. 228). Cora Coralina compartilhava com Benjamin a arte de colecionar, na medida em que moveu o moinho do tempo, voltou à sua cidade natal, escolheu a casa onde nasceu para morar, recolheu-se em meio aos seus papéis, livros, objetos e escavou o seu passado para se dedicar a sua obra poética. Benjamin (2011) destaca que:

Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois “fatos”

nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. (BENJAMIN, 2011, p. 239, grifo do autor).

Celso Araújo (1977) reproduz uma fala de Cora Coralina, na qual a autora expressa que, seu regresso à Casa Velha da Ponte, preencheu a lacuna interna que clamava por isolamento, insulamento, desejo de afastamento e, especialmente, de libertar-se das amarras sociais, dos compromissos familiares (casamento⁸⁶, criação dos filhos) que a impediam de abrir as portas do pensamento criativo e exercer plenamente o seu direito à escritura. Ao realizar seu intuito, a poetisa buscava escavar seu passado na antiga cidade de Goiás, junto aos seus, aos costumes, aos becos e as Igrejas, revolvendo as camadas das memórias, pois “[...] a memória não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas”. (BENJAMIN, 2011, p. 239). Nesse processo de escavação, o tempo da memória, para Cora Coralina, é a infância.

Infância vivida, conforme afirmado anteriormente, parcialmente na Casa Velha da Ponte, e que, juntamente com os objetos colecionados pela poetisa, criaram o ambiente, o cenário de destroços e resíduos necessários para a expressão artística de Cora Coralina, para que sua arqueopoesia⁸⁷ aflorasse. A velha casa que *a posteriori* tornou-se museu é o espaço escolhido por Cora para realizar seu processo de escavação e realizar sua obra. Sobre esse aspecto, Britto (2009, p. 31) registra que “[...] a maior e melhor parte de sua obra foi efetuada após seu reencontro com a cidade de Goiás, quando reescreveu e registrou as relações – de um passado que vivenciou e/ou que ouviu contar – travadas em sua terra natal”.

No contexto que associa o retorno às origens, com o ato de colecionar e escavar as memórias, este subcapítulo se propõe trazer à luz, no poema “O prato azul-pombinho”, os limites, as tensões entre a memória e o processo criativo, confrontando-os e estreitando as afinidades existentes, pois, como afirma Carvalho (2005, p. 41, grifo do autor), “A atmosfera de um objeto são ‘as recordações’ que o objeto oferece ao observador”.

⁸⁶ Seu marido, Cantídio Brêtas, faleceu de infecção pulmonar em 1934.

⁸⁷ Para Almeida (2012), Arqueopoesia é o vínculo entre memória e imaginação.

O prato azul-pombinho e seus resíduos, assim como, objetos pessoais, manuscritos, livros, fotos, datiloscritos, utensílios domésticos, roupas e móveis que pertenceram à poetisa estão dispostos para a visualização no Museu Casa de Cora Coralina. Este fato permite uma reflexão em relação à capacidade de fazer com que o ser humano, inserido em seu tempo, possua uma visão menos acessível do tempo presente se comparado à pessoa que se encontra distanciada anacronicamente, uma vez que este é capaz de reviver o passado com amplitude de visão, particularmente auxiliada por acervos museológicos e suas diferentes coleções. Carvalho (2005, p. 41, grifo do autor) destaca que “O observador, no museu, tem a claridade e a ‘transparência’ do homem em voo [...]”, ou seja, o observador no museu consegue descortinar e apreciar, sob o ponto de vista simultâneo, todo o contexto.

Os objetos em si contam suas histórias, especialmente, quando dispostos, arranjados em um museu. Para Romero (2012, p. 18), na maioria dos museus:

[...] o objeto, por estar afastado de uma suposta origem que ele tenta representar, tanto no tempo quanto no espaço, ou porque esta origem é realmente inapreensível, promove um discurso que só pode ser repetição ou diferimento em relação a esta origem. Esta origem é sempre mítica, pois não pode nunca mais ser vivida como experiência.

O desejo de representação definitiva do passado torna os museus quase uma obsessão humana, ou seja, o desejo de reunir o passado, colecionar lembranças, expor os testemunhos materiais e os objetos de cunho sentimentais e culturais estão na origem do surgimento dos museus. Apesar disso, Romero (2012, p. 18, grifo do autor) lembra que, nesse anseio pela apropriação do passado, “Não se leva em conta a impossibilidade de se reviver o passado e o fato de que estes acervos e discursos são apenas simulacros que guardam em si fragmentos ou ‘rastros que restam’ de uma pretensa origem”.

Assim sendo, o desejo de resguardar a memória e o tempo vivido é incompatível com o reviver pleno dessa memória. Essa incompatibilidade existente no museu traz um tom de melancolia a esse tipo de local, tendo em vista que a dualidade existente entre a possibilidade de se retomar o passado por meio da apreensão das imagens museológicas, anda de mãos dadas com a impossibilidade de se retornar efetivamente no tempo desse passado.

Saliento que o objeto de análise que intitula o poema selecionado e é tema do mesmo – o prato azul-pombinho – encontra-se, parcialmente destruído, em exposição no Museu Casa de Cora Coralina juntamente com os cacos de louça que restaram e os primeiros manuscritos, os rascunhos da referida poesia. O Museu Casa de Cora Coralina tornou-se um espaço cultural de recordação e os fragmentos do imponente prato azul-pombinho, sem dúvida, são importantes objetos/resíduos dessa recordação. Para Assmann (2011), os objetos materiais remanescentes tornam-se elementos de narrativas e, desse modo, componentes importantes para a formação da memória cultural.

Figura 14 - Prato Azul-Pombinho em exposição no museu



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Para o deciframento do poema proposto é preciso, contudo, evocar dois outros textos, a saber: *Estória do Aparelho Azul-Pombinho* e *Nota*. O primeiro, introdutório, é um poema que prepara o leitor para conhecer *O Prato Azul-Pombinho*, e o segundo apresenta o desfecho com a explicação de parte da história contada.

A *Estória do Aparelho Azul-Pombinho* narra ao leitor a trajetória percorrida pelo aparelho de jantar de 92 peças – “Enorme. Pesado, lendário” (CORALINA, 2006, p. 50), que migrou da China para Goiás, numa viagem que durou 16 meses e 22 dias, por ocasião da encomenda

feita pelo senhor Cônego para o casamento de seu sobrinho e afilhado, conforme atestado na passagem do referido poema:

[...]

*O cônego-tio e padrinho
pelo visto, relatado,
fazia gosto naquele matrimônio.
E o aparelho era para as bodas contratadas.*

[...]

*E o antigo carro
por ano e meio quase
rodou, sulcou, cantou e levantou poeira
rechinando
por caminhos e atalhos,
vilas e cidades, campos, sarobais.
Atravessou rios em balsas.
Vadeou lameiros, tremedais.
Varou Goiás – fim de mundo.
Cortou o sertão de Minas.
O planalto de São Paulo.*

*Foi receber o aparelho e mais sedas e xailes-da-índia
em Caçapava –
ponta dos trilhos da Dão Pedro Segundo –
ali por volta de 1860 e tantos.
Durou essa viagem, ir e voltar,
dezesseis meses e vinte e dois dias.
– As bodas em suspenso.
(CORALINA, 2006, p. 50-51).*

Sobre a origem desse tipo de louça, Machado (1983, p. 95, grifo ao autor) afirma que:

Com a denominação curiosa de ‘azul-pombinho’ são conhecidas entre nós as louças inglesas em meia-porcelana, normalmente em azul, cuja decoração é baseada na lenda chinesa do salgueiro, árvore sempre presente na decoração dessa louça.

O autor de *Antiguidades do Brasil* revela que a louça é fabricada na Inglaterra desde 1858 e que em função da sua decoração oriental lembra as famosas porcelanas de Macau, o que provoca erroneamente confusão sobre sua origem. Equívoco percebido nos versos finais, nos quais a poetisa enfatiza:

[...]
 Toda essa estória
 Por via de um aparelho de loiça da China,
 Destinado a Goiás.
 Laborado de um oleiro, loiceiro de Cantão.
 Embarcado num veleiro
 No porto de Macau.
 [...]
 (CORALINA, 2006, p. 54).

Origens contraditórias à parte, o que se acentua é que as figuras estampadas na louça (maças, árvores, pombos, ponte etc.) relembram uma curiosa lenda do folclore chinês. Lenda, esta, retratada em *O Prato Azul-Pombinho* pela voz lírica, a partir das recordações das histórias contadas por sua bisavó e recontada por Cora nas linhas poéticas. Limiares biografemáticos. Sublinho um pequeno trecho do poema citado:

[...]
 Minha bisavó
 traduzia com sentimento sem igual,
 a lenda oriental
 estampada no fundo daquele prato.
 Eu era toda ouvidos.
 Ouvia com os olhos, com o nariz, com a boca,
 com todos os sentidos,
 aquela estória da Princesinha Lui,
 lá da china – muito longe de Goiás –
 que tinha fugido do palácio, um dia,
 com um plebeu do seu agrado
 e se refugiado num quiosque muito lindo
 com aquele a quem queria,
 enquanto o velho mandarim – seu pai –
 concertava, com outro mandarim de nobre casta,
 detalhes complicados e cerimoniais
 do seu casamento com um príncipe todo-poderoso,
 chamado Li.
 (CORALINA, 2006, p. 68).

Publicados em 1965, no livro de estreia da poetisa, os poemas estão organizados no sumário, de maneira não rigorosamente sequencial: *Estória do aparelho Azul-Pombinho* (p. 49); *O Prato Azul-Pombinho* (p.

66); e *Nota* (p. 75).⁸⁸ Juntos, os textos narram resumidamente: a chegada do aparelho de jantar azul-pombinho a Goiás; a quebra do exemplar remanescente do aparelho com a conseqüente punição a Aninha; e o fim do tradicional castigo dos cacós quebrados no pescoço impingidos às crianças.

É importante evidenciar que, apesar da completude da obra estar associada aos três textos, os mesmos podem ser lidos separadamente sem o comprometimento da compreensão intelectual. Desse modo, vale aqui concentrar o foco na história da pequena menina narradora (eu lírico) que sonhava com as aventuras românticas da Princesinha Lui e que, injustamente, sofre o castigo, sendo acusada de ser a responsável pelo aparecimento do prato quebrado.

O *Prato Azul-Pombinho* é considerado um poema épico, pois se caracteriza por apresentar a estilística da prosa em toda a extensão do texto, além da presença de personagens e de enredo com certas doses de ação.

*Minha bisavó - que Deus a tenha em glória –
sempre contava e recontava
em sentidas recordações
de outros tempos
a estória de saudade
daquele prato azul-pombinho.*

*Era uma estória minuciosa.
Comprida, detalhada.
Sentimental.
Puxada em suspiros saudosistas
e ais presentes.
E terminava, invariavelmente,
depois do caso esmiuçado:
“- Nem gosto de lembrar disso...”
É que a estória se prendia
aos tempos idos em que vivia
minha bisavó
que fizera deles seu presente e seu futuro.
(CORALINA, 2006, p. 66).*

As linhas poéticas nos revelam um texto carregado de representações de classes sociais, um passado senhorial, patriarcal, com

⁸⁸ Paginação referente a 22ª edição (2006), 1ª reimpressão (2009) do livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*.

severas segregações aos direitos e desejos infantis. Observa-se, inclusive, o resgate da tradição oral de contar histórias, traduzidas no poema e na presença de linguagem simples, coloquial.

A leitura biografemática da escritura poética de Cora Coralina evidencia a aproximação do eu lírico com o outro, com os excluídos socialmente, marginalizados, oprimidos. Isso é percebido também em *O Prato Azul Pombinho*, a partir da exposição do tratamento diferenciado que era aplicado às crianças à época, conforme verificado no trecho abaixo:

[...]

*Por indução e conclusão,
era eu mesma que tinha quebrado o prato-azul-pombinho.*

*Reuniu-se o conselho da família
e veio a condenação à moda do tempo:
uma boa tunda de chineladas.*

*Aí ponderou minha bisavó
umas tantas atenuantes a meu favor
E o castigo foi comutado
para outro, bem lembrado, que melhor servisse a todos
de escarmento e de lição:
trazer no pescoço por tempo indeterminado,
amarrado de um cordão,
um caco do prato quebrado.
(CORALINA 2006, p. 73).*

A subjetividade poética nestes versos revela-se igualmente em outros textos de sua autoria, como *Mulher da Vida*, *Menor Abandonado* e *Oração do Presidiário*⁸⁹, para citar alguns. Existe uma multiplicidade de “eus” disposto a abarcar os desprovidos social e economicamente. Para Camargo (2004, p. 16, grifo do autor):

O poeta assume uma identidade outra que não a sua, incorporando a dor, o sofrimento, a solidão, a angústia e o desespero do ‘outro’ ante a sociedade moderna para preencher a própria solidão interior que também perpassa a vida dos poetas modernos. A exemplo de Pessoa e de Baudelaire, Cora Coralina também resgata para o âmbito da poesia a

⁸⁹ Publicados no livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (2006).

multidão e o pária social, dentre eles, a prostituta, ‘mulher da vida’ que vive a perambular pelos becos a espera de algum homem disposto a desfrutá-la tal como um objeto.

Cora Coralina deflagra, em seus versos, estigmas de vários grupos sociais, ao relatar fatos presentes numa memória coletiva, registrando, por meio do resgate memorialístico, os modos e costumes de uma época, revelando, por assim dizer, o contexto social, econômico e histórico brasileiro.

Seus textos são verdadeiras tramas que envolvem questões relacionadas ao gênero, à disputa de poder, aos costumes escravagistas, trazendo à tona elementos precípuos para reflexões críticas. Importantes referências históricas como, por exemplo, práticas comuns ao tempo da escravidão, especialmente, relacionadas ao ato de alforriar escravos como parte do ritual do casamento, um costume da época que é registrado pela poetisa no excerto abaixo de *Estória do aparelho azul-pombinho*.

[...]

*Por amor e grandeza desse fasto
– casamento da sinhazinha Honória
com o sinhô-moço Joaquim Luís –
dois velhos escravos, já pintando,
receberam chorando
suas cartas de alforria.*

*Ficou mais, assentado e prometido
em palavra de rei testemunhado,
que o crioulinho
que viesse ao mundo
com o primogênito do casal
seria forro sem tardança na pia batismal.*

*E se criaria em regalia
com o senhorzinho,
nato fosse ele, em hora e dia.
(CORALINA, 2006, p. 53).*

Ainda sobre a expressão poética calcada em procedimentos conservadores, a obra de Cora traz à superfície condutas que desmitificam a infância edificada por outros escritores:

[...] sobretudo, pelos românticos e por muitos poetas do século XX, que reiteradamente tomam essa idade como um espaço privilegiado com o qual o artista pode manter uma correspondência feliz, em detrimento ao ingrato presente. Assim, enquanto para poetas como Casimiro de Abreu, Manuel Bandeira e Mario Quintana, a infância, ainda que inventada, é o paraíso perdido, o tempo para sempre amado, o espaço por excelência da saudade, para Cora Coralina, ela não constitui normalmente um reduto de felicidade, de amor e de saudade, de modo que a poeta, a exemplo de Graciliano Ramos em *Infância*, subverte o mito da meninice feliz e saudosa. (YOKOZAWA, 2009, p. 193, grifo da autora).

Percebe-se, em *O Prato Azul-Pombinho*, uma ênfase na infância triste, diante do castigo injustamente aplicado:

[...]
*Dizia-se aquele, um castigo atinente,
 de ótima procedência. Boa coerência.
 Exemplar e de alta moral.*

*Chorei sozinha minhas mágoas de criança.
 Depois, me acostumei com aquilo.
 No fim, até brincava com o caco pendurado.
 (CORALINA, 2006, p. 74)*

Registra-se que a última composição dessa trilogia poética, *Nota*, oferece ao leitor um texto, em prosa, no qual o ser lírico reconta, novamente, a estória narrada pela bisavó sobre como acabou, em Goiás, o castigo dos cacos quebrados no pescoço, com a morte de uma menina que, após castigada, teve o pescoço cortado.

O texto possui ligação com o anterior e isso fica explicitado nas últimas linhas “Foi assim, com o sacrifício da menina Jesuína, desaparecendo em Goiás o castigo exemplar do colar de cacos quebrados no pescoço. Quando chegou a minha vez já era só um caco”. (CORALINA, 2006, p. 78).

Reencontrar a infância e a retratar em linhas poéticas é recorrente em Cora Coralina. Infância rememorada como época triste, propalada melancolicamente, sem saudosismo. Por vezes, a memória de Cora Coralina está associada a algum local ou objeto, como observado em *O*

Prato Azul-Pombinho, poema central dessa tríade poética. Acredito que o objeto e os seus resíduos detonaram o gatilho para as lembranças contadas por sua bisavó, para a ludicidade e para a curiosidade infantil, no envolvimento com a estória da princesinha Lui.

A presença marcante do objeto memorialístico – “- Cuidado com esse prato! / É o último de 92” (CORALINA, 2006, p. 70) e que por esse motivo recebia lugar de destaque sendo usado apenas em dias especiais de festas, como um objeto que sobressaía nas mesas goianas, sendo guardado e resguardado “Tornava a relíquia para o relicário / que no caso era um grande e velho armário, / alto e bem fechado” (CORALINA, 2006, p. 71) – forma retratos de uma época em que as crianças não tinham voz e sofriam pesados castigos. Castigos que marcaram a poetisa, que os guardou

[...]

*no armarinho da memória, bem guardado,
e posso contar aos meus leitores,
direitinho,
a estória, tão singela,
do prato azul-pombinho.
(CORALINA, 2006, p. 74).*

Assim, com estes versos, finalizo a construção deste capítulo, no qual, pretendi, em primeiro lugar, abordar a noção de biografema, pela voz de seu mentor, Roland Barthes e, num segundo momento, em forma de subcapítulos, investigar e decifrar particularidades da poética de Cora Coralina, buscando alinhar o encontro entre a poetisa e sua poesia. Para isto, elegi, numa leitura biografemática, algumas marcas que a individualizaram, como: a culinária; a autobiografia; o autodidatismo; a arte de colecionar; e a memória dos locais e objetos.

O próximo capítulo é dedicado a explanar acerca da pesquisa de campo realizada na biblioteca particular da poetisa, em continuidade à proposta desta tese que é o trabalho de arquivar e desarquivar biografemas a partir da sua escritura, por meio da análise de alguns poemas e, sobretudo, da autobiografia material, residual, encontrada nos livros e periódicos colecionados por Cora Coralina.

Figura 15 - Biblioteca de Cora Coralina após catalogação



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.
O punctum não delimitado

4 DO CATÁLOGO E DOS ATOS

*Se toda biblioteca é um espelho do universo, então todo catálogo será
espelho de um espelho
Alberto Manguel (2006)*

Conforme anunciado no capítulo introdutório, esta tese pretende, a partir do conceito amplificado de biblioteca e sustentado pela noção do conceito de biografema de Barthes, criar uma *biografia descontínua* de Cora Coralina. Uma biografia descontínua, já que não se traduz em uma narrativa linear, datada cronologicamente, nem tampouco, com expectativas de abarcar a completude da vida da poetisa. Para isso, apontei minha reflexão e análise para duas perspectivas que compreendem: a análise biografemática presente nos limiares entre a existência e a escritura, ou seja, o encontro da poetisa com sua poesia e como é possível observar essa convergência nos versos e; a apresentação, por meio de um catálogo comentado, dos títulos de livros e periódicos que compõem a biblioteca pessoal de Cora Coralina e suas marcas, resíduos e fragmentos. Cabe ressaltar que estas duas perspectivas são apenas para sistematizar, metodologicamente, o estudo, uma vez que a tese, como um todo, extrapola essas fronteiras, margens, limites. Isso pode ser percebido em vários momentos, por exemplo, o subcapítulo *3.1 Poesia da culinária*, no qual entre a análise do poema *Oração do milho*, são apresentados exemplos de livros e marcas encontradas na biblioteca particular de Cora Coralina. Sendo assim, a partir deste capítulo, o foco sinalizará para os aspectos intrínsecos da biblioteca particular de Cora que envolvem os pactos de leitura, as redes de relações e o catálogo propriamente dito.

O Museu Casa de Cora Coralina é, sobretudo, um universo autobiográfico. Ao adentrar em seus espaços, revitalizados, ordenados segundo os preceitos de uma orientação museológica, depara-se com a polarização harmoniosa entre a vida e a obra, o público e o privado. Nesse ambiente, apresentei-me oficialmente junto à direção do museu no dia 26 de outubro de 2014 para iniciar a pesquisa de campo na biblioteca da poetisa e por lá permaneci até o dia 22 de janeiro de 2015. Assim feito, indicaram-me a sala de trabalho com computador e impressora. Como é previsível, no processo de adaptação ao local de trabalho, existiram alguns ajustes para serem feitos no intuito de alinhar a pesquisa aos anseios da gestão museológica. A sala de trabalho denominada "centro de documentação" e o uso do computador local foram decisões acertadas. Essa sala, de acesso restrito à maioria dos visitantes, é considerada a alma

do museu, pois abriga quase a totalidade do acervo literário de Cora, além de ser o espaço de tratamento, digitalização e elaboração de documentos.

Para além do aspecto passional, “do autor que amo”, organizar uma biblioteca particular, implica em procedimentos que, de certo modo, podem ser encarados como uma transgressão. Explico e justifico: trabalhar com a organização de arquivos literários, a princípio pode ser um ato invasor, na medida em que viola o desejo do autor, sua provável organização pessoal; entretanto, justifica-se, pois, tornou-se na contemporaneidade um modo de se interpor entre o sujeito e a obra e de manter a imagem memorialística do autor. Sendo assim, é preciso atribuir um outro sentido para o termo: transgressão. Para Walty (2007, p. 39):

[...] só há transgressão, onde há fronteiras. Nesse sentido, vale retornar ao conceito de arquivo, associando-o à própria história da literatura brasileira, em seu papel de conservar e/ou excluir. Se em um primeiro momento, pensa-se o arquivo como o lugar da conservação, do controle, da fixação, em outro momento, este se faz lugar da violação, da transgressão, abrindo possibilidade de releituras.

Diante dessa justificativa considero imperioso apresentar parte da entrevista concedida pela diretora do Museu, a Sra. Marlene Gomes de Vellasco (2015, sem página) e seu posicionamento acerca da organização da biblioteca de Cora Coralina. Disse ela:

Foi uma coisa muito importante para o museu. Eu fico extremamente agradecida [...] pela sua participação, [...] eu acho que a parte mais importante é o acervo, ele vai ficar para a posteridade. [...] o museu tem suas mudanças [...] mas essa sala é a mais importante da Casa. O coração do museu é essa sala⁹⁰. Então na medida que possamos organizar o acervo documental, as fotografias, os manuscritos, os cadernos, toda história [...] e agora completando com a biblioteca, que a biblioteca era totalmente... não tinha nada, registro algum. Nós nem sabíamos o que nós

⁹⁰ Marlene Vellasco refere-se à Sala de Documentação, local onde foi realizada a entrevista e onde permanece armazenado o acervo literário organizado (cartas, manuscritos, fotografias etc.) em formato impresso e digital.

tínhamos, você descobriu preciosidades aí. Então acho que enriqueceu nosso acervo. Acho que a partir do momento, agora nós podemos dizer, quando o turista visitar aquela sala, ele vai saber que o museu é organizado, tem uma preocupação com a preservação com a memória de Cora. E está dentro do nosso estatuto⁹¹ que é preservar a memória e a obra de Cora. Então, eu acho que nossa função aqui é essa. E na medida que nós encontramos parceiros como você que nos fortalece. [...] você sabe que a casa não tem recurso financeiro, vive das entradas, [...] dos bilhetes para entrar no museu e quando a gente entra em algum Edital. [...]. Eu falo que a Cora, ela está presente aqui na casa. Ela consegue trazer pessoas especiais para casa e vai aparecendo [...], cada dia chega uma pessoa para ajudar, para colaborar, para ajudar a manter viva essa memória. Então fica nosso eterno agradecimento e vai ser registrado sempre que foi você, que foi feito esse trabalho por você, [...] aqui a gente gosta de dar nome a quem participa. [...] você já está registrada nos anais da casa de Cora. E é com muito amor que a gente está falando isso.

A montagem equilibrada do museu favorece a construção da imagem de Cora Coralina como mulher-monumento, conforme estudado por Delgado (2003) e predispõe um determinado sentido de leitura para a vida e obra da poetisa. As circunstâncias favorecem o que Derrida (2001) chamou de “poder de consignação” e que está diretamente relacionado ao fato do arquivo exigir um guardião e uma localização, ou seja, uma autoridade – o arconte que se responsabiliza pela segurança topológica e estabelece as leis, mas não apenas isso, pois para Derrida (2001, p. 13-14, grifo ao autor):

É preciso que o poder arcôntico, que concentra também as funções de unificação, identificação, classificação caminhe junto com o que chamaremos o poder de *consignação*. [...] A consignação tende a coordenar um único *corpus* em um sistema ou uma sincronia na qual todos os

⁹¹ O anexo A apresenta o estatuto do museu.

elementos articulam a unidade de uma configuração ideal.

Figura 16 - Centro de Documentação - Museu Casa de Cora Coralina



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Na busca por atender essa “configuração ideal”, reuni-me com a direção do museu para elaboração de plano de trabalho e definição do *modus operandi*. A pedido da diretora do Museu, num primeiro momento, não haveria a disponibilização do acervo catalogado em rede (*online*). Diante dessa solicitação foi efetuada uma alteração de rota que, inicialmente, previa o uso do *software* gratuito Biblivre⁹² e a possibilidade de digitalização da folha de rosto dos livros e disponibilização *online*. Optei, então, como segundo plano, pelo *software* PHL, uma vez que este, possui recursos satisfatórios para emissão de relatórios e impressão de etiquetas, porém, com a opção de cadastro monousuário de acervo *offline*.

Definido tais estratégias, o primeiro passo foi vistoriar o acervo da poetisa e realizar um pequeno levantamento numérico das obras, na tentativa de estimar o tempo necessário para a execução do trabalho de catalogação e organização do acervo. Trabalho, este, que compreendeu a inserção das informações no sistema, a geração e colagem de etiquetas e

⁹² Biblivre é um projeto de *software* desenvolvido desde 2006 com o objetivo de promover a inclusão digital através da informatização de bibliotecas pelo uso de *software* livre. É um projeto patrocinado pelo grupo Itaú. BIBLIVRE. 2015. Disponível em: <<http://biblivre.org.br/index.php>>. Acesso em: 21 abr. 2015.

a organização dos exemplares nas estantes. Além disso, durante o período em que estive trabalhando com o acervo de Cora, registrei em fotografias aquilo que chamou minha atenção e julguei importante como elemento comprobatório das particularidades encontradas, mas que também representam o que Barthes (2003a, p. 13) considera “[...] a cota de prazer que o autor oferece a si mesmo [...]. Esse prazer é de fascinação (e, por isso mesmo, bastante egoísta)”. O resultado do trabalho de catalogação será, ao final deste capítulo, apresentado em formato de um catálogo consolidado com os dados sobre a biblioteca de Cora Coralina.

Entretanto, antes de apresentar o referido catálogo, abordo os aspectos analíticos referentes aos pactos de leitura da poetisa e biografemas arquivados e desarquivados, como os observáveis nos “papéis de circunstância”, recortes de jornais e manuscritos inéditos. Além disso, serão explicitadas algumas redes de relações estabelecidas, especialmente, por meio das dedicatórias entre pares, amigos e familiares.

4.1 PACTOS DE LEITURA - (DES)ARQUIVAR BIOGRAFEMAS

O verso do poeta Francisco de Quevedo (1580-1645) “Escutar os mortos com os olhos” usado como título da lição inaugural nº 195 do Collège de France/Fayard, proferido por Roger Chartier em 2007 e publicado em 2010, quando o historiador inaugurava uma cátedra que visava estudar as práticas do escrito ao longo do tempo de uma modernidade, possibilita a reflexão sobre a capacidade de “escutarmos”, por meio de nossas leituras, as vozes de outros, ou mesmo, a capacidade da escrita expressar essas vozes, tornando “palpável” a memória antes transmitida verbalmente. Memória, neste caso, intrinsecamente relacionada ao conhecimento acumulado pela humanidade.

À vista disso, desnudar as possíveis leituras de um indivíduo é, de certo modo, suscitar o sentido inesgotável, no qual cada percurso do texto tem como consequência deixar restos pela incompletude do sentido. “Numa primeira entrada, o resto é o resultado de uma mutação; em literatura é aquilo que depois da leitura permanece ilegível”. (FERRO, 2010, p. 27). O resto não é o texto em si, mas aquilo que não se absorveu, de outro modo, é o ilegível que provoca e impulsiona novas leituras, uma constelação de possibilidades. O resto permanece aberto a essas diversas leituras. Assim, pode-se afirmar que:

A escrita marca e deixa marcas. Toda escrita tem algo de testamentário, a recordação escrita prolonga a vida durante a morte. Os restos de

presença retidos na escrita não são de todo alheios à presença viva de quem a produziu”. (FERRO, 2010, p. 134).

Cora Coralina parecia saber disso, pois sua escritura memorialística, traz em si, elementos biografemáticos como: a infância; a culinária; a religiosidade; além do recurso “epilírico” como traço da sua construção poética, com fortes tendências a oralidade e um desejo de deixar sua marca para eternidade. Disse a poetisa no paratexto, *Ao leitor*, de seu primeiro livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (2006):

Alguém deve rever, escrever e assinar os autos do Passado antes que o Tempo passe tudo a raso.

É o que procuro fazer, para a geração nova, sempre atenta e enlevada nas estórias, lendas, tradições, sociologia e folclore de nossa terra.

Para a gente moça, pois, escrevi este livro de estórias. Sei que serei lida e entendida.

(CORALINA, 2006, p. 25)

O lirismo de Cora Coralina, em alguns momentos, busca justificar a sua poesia como uma tentativa de reter o passado e postergá-lo, enquanto memória coletiva, para as gerações vindouras e essa consciência é percebida no exemplo citado acima.

Esses aspectos que envolvem o universo da literatura, da memória e da subjetividade são vastos, dinâmicos e se apoiam em outras leituras. Tentar compreender esse universo e suas nuances é um movimento que me leva a pensar na literatura como:

[...] um conjunto heterogêneo, herdado e de limites instáveis. Um conjunto que se constitui para além da diversidade dos sujeitos, objetos, ações, valores, processos e instituições que o compõem. Igualmente, a literatura pode ser pensada como uma configuração social em que todos leem e alguns escrevem. A escrita que se reconhece como pertencente ao espaço literário é a escrita de outros textos, discursos, tradições, genealogias, em síntese, operações de transformação dos textos lidos. Se escrever textos literários é condensar múltiplas convergências no traçado da letra, lê-los é expandir esse processo em direção a inumeráveis pontos de fuga. Uma expansão que tanto se amplifica pela lucidez do olho voraz que aprende,

dissemina, incrementa, catalisa, disseca, transmuta, quanto perde, descarta, ignora, omite, desperdiça, exclui pela cegueira de um saber sempre insuficiente que atravessa o texto literário deixando em seu percurso incontáveis restos intocados. (FERRO, 2010, p.24)

Ferro (2010) esclarece que a escrita de texto literário está relacionada com a propulsão de outros textos, de restos ilegíveis. A escrita é uma entidade autônoma, mas ligada à leitura. E, nesse contexto, o leitor torna-se um jogador, dissimula os artifícios, assume riscos, desconstrói fronteiras. O texto produz sentido porque é um campo de relações condicionadas ao modo como o leitor se posiciona perante ele. Ler e escrever são dois modos privilegiados da literatura, quando lemos um texto, o citamos, ainda que sem aspas ou recuo, pois a citação enquanto repetição, amparada na autoridade de um nome, legitima o leitor. Nesse momento existe o entrecruzamento de dois movimentos apropriação/desapropriação, ou seja, por um lado existe a apropriação da leitura sobre a qual se concretiza a escrita, de outro apodera-se dessa escrita sendo apropriado por ela.

Diante dessa análise, pergunto: o que teria lido a menina da Casa Velha da Ponte? No seu papel de leitora, quais foram seus autores preferidos? Sua escritura, marcada pelo estilo memorialístico, teria como referências algum autor específico, alguma corrente literária? Ou para usar outro termo, quais seriam suas afinidades literárias?

Na busca de respostas a perguntas como essas, o contato com a biblioteca de Cora Coralina certamente trouxe elementos para compor uma leitura biografemática da escritora, pois como pode ser observado nos materiais paraliterários, ou seja, nos rascunhos, borrões de frases, anotações marginais, objetos, recortes de jornais e marcas de leitura presentes nos livros de suas estantes, esses, podem servir, por vezes, como subsídios para um outro tratamento sobre o autor, particularmente, pela perspectiva da sua cartografia intelectual. A biblioteca particular, inserida no contexto dos arquivos literários, revela-se, não apenas como um modo de conservar a escrita literária, mas sim, de revitalizá-la. Desse modo, organizo e estabeleço um mosaico desses elementos, associando-os a outros relatos, oriundos das memórias da poetisa para traçar um paralelo, confrontando, quando possível, com os principais fragmentos e, considerando as particularidades, minuciosidades, pormenores concretos encontrados em sua biblioteca.

Alberto Manguel (2006, p. 43) chama a atenção em relação à organização de uma biblioteca, ao dizer: “Arrumar livros é uma atividade reveladora”. E acentua a existência de inúmeros indícios circunstanciais que asseguram o pertencimento dos livros. Para isso, cita exemplos pessoais:

Eu [...] era tomado por visões assim: um bilhete esvoaçante, saído de um livro aberto, lembrava um trajeto de bonde em Buenos Aires [...]; um nome e um número de telefone anotados numa folha de rosto traziam consigo o rosto do amigo [...]; um guardanapo com o emblema do Café de Flore, dobrado no interior de *Sidarta*, de Herman Hesse, atesta minha primeira viagem a Paris [...]; uma carta de um professor, dentro de uma antologia de poesia espanhola [...]

(MANGUEL, 2006, p. 44, grifo do autor)

Realmente, inúmeras revelações, fragmentos, traços e resíduos foram encontrados no manuseio dos livros de Cora Coralina. Menciono como casos semelhantes aos citados por Manguel (2006), os livros: *Arraial e coronel: dois estudos de história social* de Lena Castello Branco Costa (1978) e *Poesias completas* de Joaquim Cardozo (1979), nos quais deparei-me com pequenas listas manuscritas de nomes, endereços e telefones. E ainda, o livro de contos de Maria Helena Chein (1974), *Do olhar e do querer*, que além de possuir dedicatória com o registro da estreia literária da contista, traz em seu interior, uma pequena lista de compras – escritas do cotidiano. Poderiam esses resíduos serem considerados mais uns espécimes dos *Papéis de Circunstância*? Essas anotações manuscritas assemelham-se àqueles papéis que permaneceram nas “gavetinhas da memória” de Cora Coralina. Como ressaltou a poetisa no conto *Papéis de circunstância*, publicado no livro *Estórias da casa velha da ponte* (1986)⁹³:

Como me lembro deles...

De muita coisa passada na infância a gente se esquece, de outras não. Elas nos acompanham a vida inteira, embora não sejam coisas de profundidade nem tenham em si nenhum conteúdo de alto ensinamento. [...]. Nos longos anos que passei longe da velha casa, sobrecarregada com os fardos, mais arrochos da

⁹³ Data de publicação da 3. ed. do livro. Destaco que a 1. ed. foi publicada em dezembro de 1985, alguns meses após o falecimento da escritora.

vida, muita coisa desapareceu da minha lembrança, sobre outras se fecharam de forma inviolável os escaninhos – melhor direi – as gavetinhas da memória. Mas aqueles papéis de circunstância e junto a eles, a figura alta, magra e severa de minha mãe, esse quadro só a morte poderá apagar.
(CORALINA, 1986, p. 77)

E complementa, definindo e distinguindo os papéis de circunstâncias como sendo:

[...] todos aqueles papéis que pertenciam a ela⁹⁴, que existiam na casa ou que ali foram deixados por meu pai, tios e parentes, falecidos ou ausentados. Eram guardados em velhas canastras de couro tacheadas de amarelo, com arabescos, datas iniciais e pesadas fechaduras de ferro. [...]
(CORALINA, 1986, p. 77)

Cora Coralina demonstrava apreço pela guarda de papéis, tanto que existem no arquivo do acervo do museu: documentos familiares; recortes de jornais; recibos de correios; e notas de pagamentos, para citar alguns⁹⁵. Sobre esse aspecto, Britto (2011b, p. 52, grifo do autor) afirma que:

No caso de Cora Coralina, não apenas os documentos relativos à sua família foram guardados por serem “papéis de circunstância”. A escritora alargou as comportas do termo e, ciente da importância de preservá-los, começou a guardar jornais e documentos relativos à sua comunidade, transformando, assim, seus papéis em misto de acervo pessoal e acervo histórico. [...] é notório em seu acervo a existência de jornais e outros documentos atestando conhecimentos históricos considerados por ela significativos ao ponto de

⁹⁴ Ela refere-se à figura materna, Jacyntha Luiza do Couto Brandão – a *Senhora*.

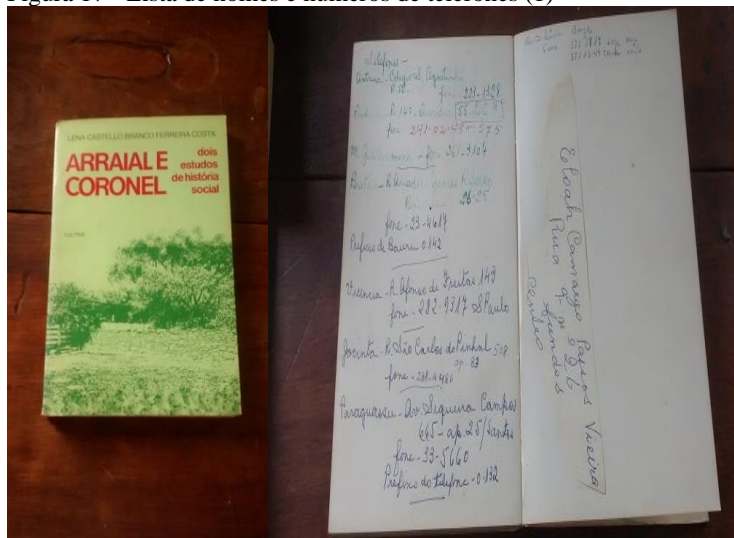
⁹⁵ Acerca dessa particularidade de Cora Coralina, resalto que na entrevista que realizei com Marlene Vellasco (2015, sem página), a diretora do museu confirmou que a poetisa, cortava e colava notícias que considerava importantes para serem de conhecimento da próxima geração. Afirmou, inclusive, que Cora deixou uma “mala inviolável” – assim era chamada pela poetisa. A mala inviolável, segundo Marlene, continha, uma revista com a reportagem sobre a conquista do homem ao pisar lua, os registros das mudanças do dinheiro brasileiro, uma espiga de milho, dentre outros objetos. Era desejo de Cora que a mala fosse aberta somente cinquenta anos após sua morte. Infelizmente, por ocasião de sua morte, a família, sem saber do pedido de Cora, acabou violando a mala.

serem sublinhados ou recortados, a exemplo de matérias relativas à chegada do homem à lua, da construção de Brasília e da redemocratização do país.

Alguns destes “papéis de circunstância” estavam ocultos dentro dos livros de sua biblioteca pessoal. Considero como um dos mais representativos, o recorte de jornal com a notícia do falecimento de Helena Mainardi Peixoto, sua irmã. Esse recorte foi encontrado no livro de Phaulo Gonçalves (1974), *Momento alegres do livro goiano*⁹⁶ e que, até aquele momento, não fazia parte do acervo catalogado do museu. D. Xotinha, como era conhecida Helena, teve papel fundamental no momento em que Cora Coralina morou em Jaboticabal, cidade onde nasceram seus filhos. A proximidade experimentada com Helena, vivendo na mesma cidade, possibilitou que a irmã lhe auxiliasse nos cuidados com os filhos pequenos. Este fato, permitiu a Cora alguns momentos livres para se dedicar a escritura e a publicação de crônicas nos jornais locais.

Sobre os livros citados e os papéis de circunstância, ilustro com as imagens abaixo:

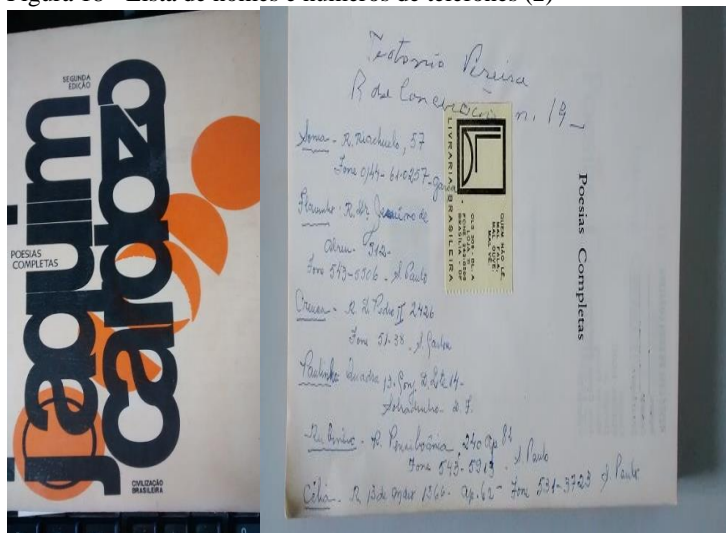
Figura 17 - Lista de nomes e números de telefones (1)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

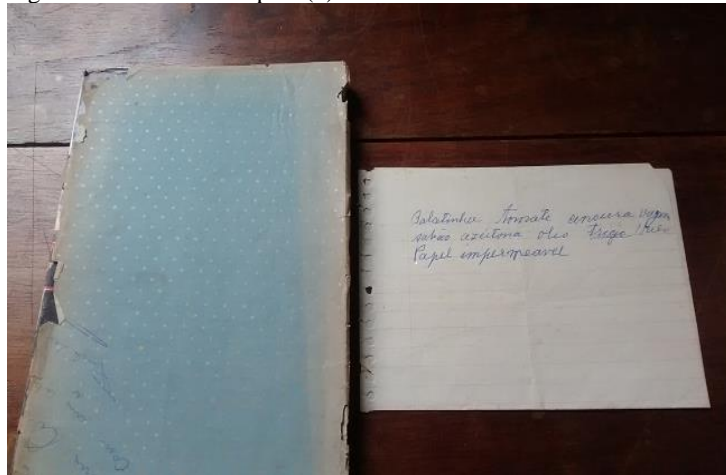
⁹⁶ Uma notícia triste em um livro de humor – ironia.

Figura 18 - Lista de nomes e números de telefones (2)



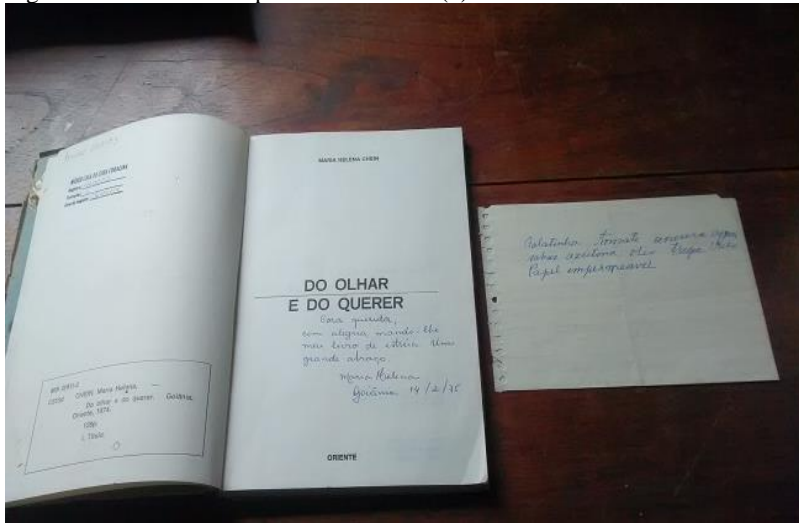
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Figura 19 - Lista de compras (1)



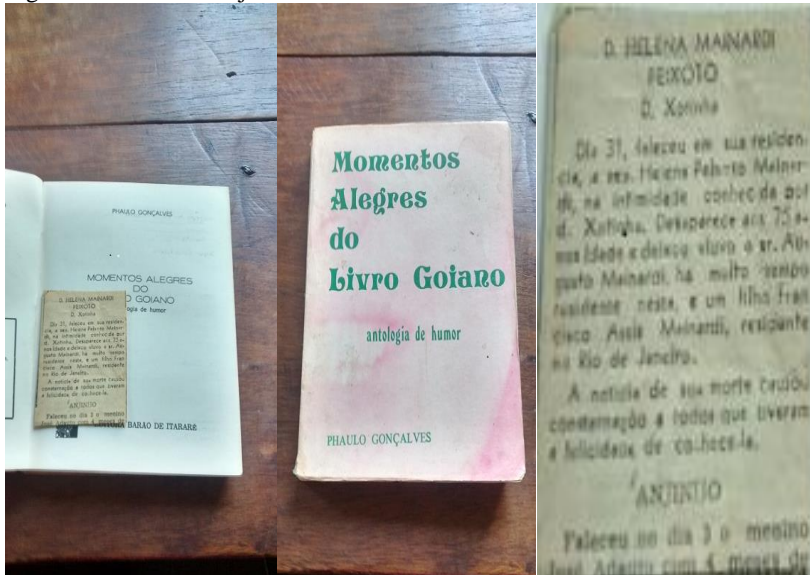
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Figura 20 - Lista de compras e dedicatória (2)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Figura 21 - Recorte de jornal - Nota de falecimento de Helena Peixoto



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Precisamente, no já anunciado conto, “Papéis de circunstância”, Cora Coralina (1986, p. 86) faz questão de registrar que:

Passaram-se os anos e eu, também, por associação de hábitos empostados ou tendências congênicas, passei a juntar meus papéis de circunstância. Como o meio era outro, e a casa pequena, e circunstância menores, estes tiveram proporções limitadas. Tempos mais tarde conversando com minha irmã mais velha, que eu revia depois de vinte anos de ausência, entre tantas perguntas sobre o passado, quis saber dos papéis de circunstância...

Os papéis de outrora, pertencentes a mãe de Cora, foram corroídos pelo tempo e seus infortúnios. Os tocantes à Cora Coralina, em sua grande parte, estão catalogados no museu, e alguns recém descobertos, também foram incorporados ao arquivo documental.

Estudar a biblioteca de Cora Coralina me fez aprofundar a paixão pelos livros e pela literatura. (Re)conhecer Cora por meio de seus livros, restos biografemáticos, foi uma experiência fascinante, fortuita, testemunhal. Alberto Manguel (2006, p. 139) ressalta que a biblioteca testemunha e, do mesmo modo “[...] não é apenas um lugar de caos e ordem: ela é também o reino do acaso”. E no reino do acaso posso dizer que encontrei verdadeiras raridades que, associadas ao acervo como um todo, são importantes biografemas que revelam parte da vida e da obra escritora.

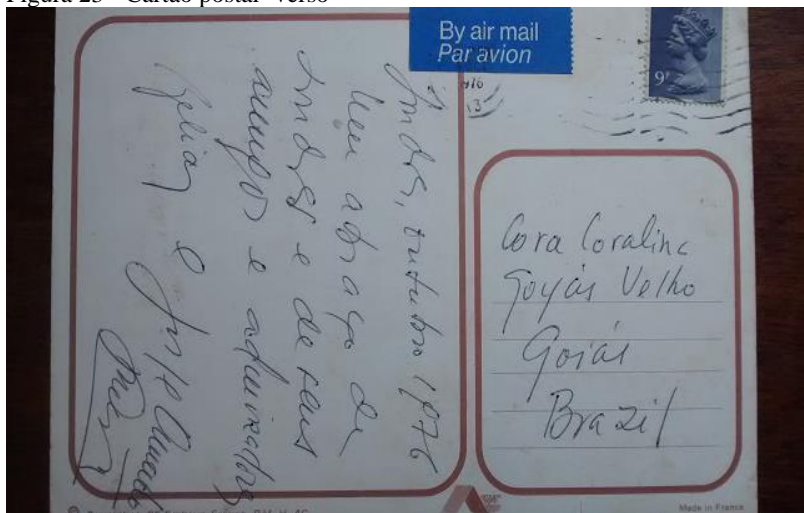
Sendo assim, apresento o cartão postal enviado pelo casal Zélia e Jorge Amado encontrado no interior do livro de poemas de Consuelo Belloni, *Eu me deixei sonhar!* (1981). O fato da data do livro ser o ano de 1981 e o cartão datado 1976, manifesta o acaso (ou não) dele estar dentro do livro de Belloni. Pode-se inferir que, no momento de recordação do postal, certamente o livro era lido por Cora Coralina. O entrelaçamento da leitura e a rede de relações ratifica o sentimento de amizade entre os escritores que ultrapassava a cordialidade de pares.

Figura 22 - Cartão postal - frente



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Figura 23 - Cartão postal -verso



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Cora Coralina
Goyás Velho
Goiás
Brasil

Londres, outubro 1976
Um abraço de Londres e de seus amigos e admiradores
Zélia e Jorge Amado

João Jorge Amado (2002, p. 115-116), filho do romancista, confirma a prática, de seu pai, de enviar cartões quando viajava:

O livro de endereços era um companheiro inseparável de meu pai durante as viagens. Junto com esse livro, havia sempre duas listas: uma dos cartões-postais que deveria enviar, tendo ao lado de cada nome a quantidade de cartões a serem enviados. [...]. A outra lista era a dos presentes que pretendia comprar.

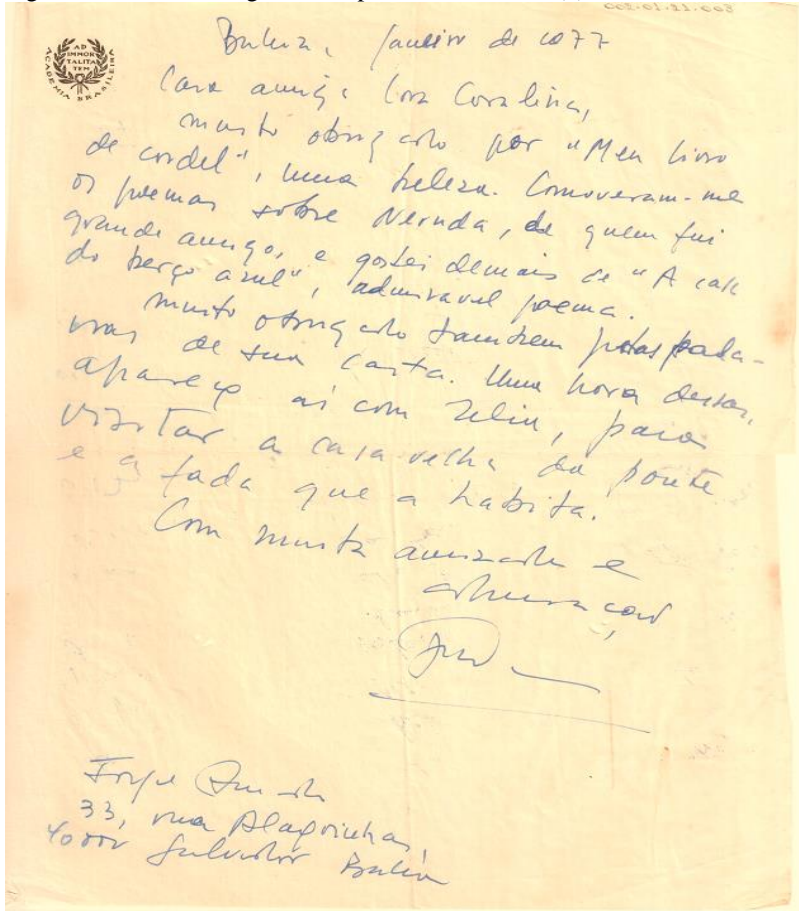
Em 1976, Jorge Amado esteve na Feira Internacional do Livro de Frankfurt que, na ocasião, homenageava a literatura latino-americana. Machado (2010) afirma que a homenagem ocorreu na

[...] época em que a América do Sul era 100% tomada por ditaduras militares. Todos os grandes autores, com exceção de Jorge Luis Borges, estavam lá: o colombiano Gabriel García Marquez, o peruano Mario Vargas Llosa, o paraguaio Augusto Roa Bastos, o argentino Julio Cortázar, o chileno José Donoso, os uruguaios Eduardo Galeano e Mario Benedetti, os brasileiros Jorge Amado, Thiago de Mello e muitos outros. Houve várias manifestações e uma histórica mesa redonda com todos os escritores importantes num auditório lotado por mais de 2.000 pessoas.

No mesmo ano em que Jorge Amado publica *O gato Malhada e a andorinha Sinhá* como presente para seu filho João Jorge, Cora Coralina recebe nos “reinos de Goiás”, o postal dos queridos amigos. No ano seguinte, Jorge e Zélia cumprem sua promessa registrada em carta e

visitam a Casa Velha da Ponte em agosto de 1977. Diz a carta escrita em janeiro de 1977, gentilmente cedida pela direção do Museu Casa de Cora Coralina:

Figura 24 - Carta de Jorge Amado para Cora Coralina (2)



Fonte: Museu Casa de Cora Coralina.

Bahia, janeiro de 1977

Cara amiga. Cora Coralina,
 muito obrigado por Meu Livro de Cordel, uma beleza. Comoveram-me os poemas
 sobre Neruda, de quem fui grande amigo e gostei demais de "A casa do berço
 azul", admirável poema.

*Muito obrigado também pelas palavras de sua carta. Uma hora destas apareço aí com Zélia, para visitar a casa velha da ponte e a fada que a habita.
Com muita amizade e admiração
Jorge Amado*

Investigando a amizade entre Cora Coralina e Jorge Amado, evidenciada nas correspondências e dedicatórias trocadas entre os autores, concluí que Cora fazia questão de registrar publicamente sua admiração pelo amigo romancista. Indagada em entrevista ao jornal Folha de Goiás (1981, sem página) sobre seus autores prediletos respondeu que: “[...] os escritores de sua admiração possuem poucos livros como por exemplo Guimarães Rosa e Euclides da Cunha. Como escritor do momento ela citou Jorge Amado”.

Na carta reproduzida acima, Jorge Amado comenta sua amizade com o poeta chileno Pablo Neruda e se diz comovido com a leitura dos poemas sobre Neruda, publicados no *Meu livro de cordel* (1976) que havia sido enviado a ele. O livro apresenta três poemas dedicados ao poeta chileno, são eles: *Pablo Neruda I*; *Pablo Neruda II*; e *Pablo Neruda III*. Neles, Cora Coralina explana sua admiração ao poeta falecido alguns anos antes. Lamenta em seus versos a sua morte⁹⁷ e o encontro tardio com sua lírica. No poema *Pablo Neruda I* escreveu Cora Coralina:

*Perdoa-me poeta.
Tão tarde o conheci!
Tantos cantores pelo mundo...
Para minha ignorância
eras mais um dentre eles.*

*Foi assim que não pedi a Deus
poupar-te a vida
e ficares para sempre
semente viva, incorruptível,
de beleza excelsa e universal.*

*Ninguém me disse antes.
Ninguém me disse nada,
Ninguém me fez a doação fraterna
de um livro teu.*

Perdida no meu sertão goiano,

⁹⁷ Pablo Neruda morreu em setembro de 1973.

*Só o teu nome, Pablo,
Só o teu apelido crespo, Neruda,
Chegaram a mim...
E eu a pensar que foste apenas
um grande poeta entre outros grandes...
[...]
(CORALINA, 1976, p. 47)*

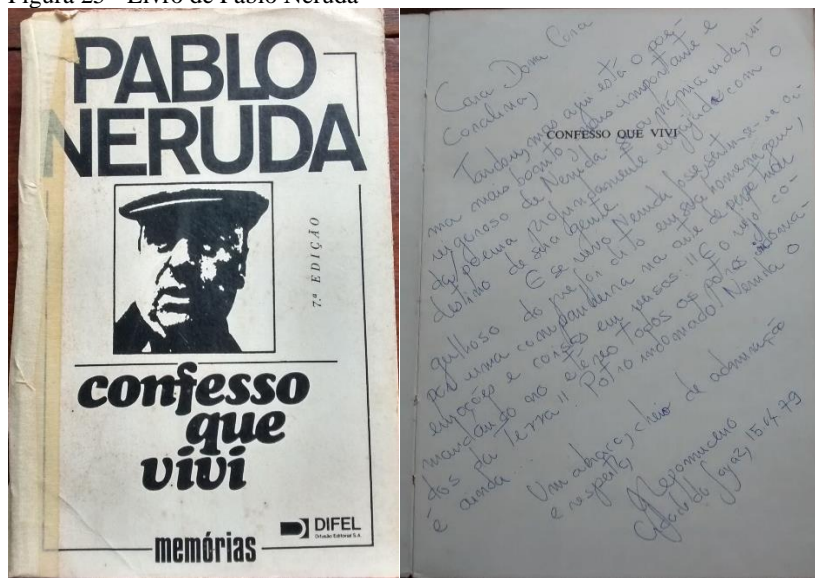
Cora Coralina se ressentia, no poema citado, de não ter recebido como “doação fraterna” um livro de Neruda. Porém, é pertinente relatar que em sua biblioteca estão alojados dois livros do poeta, são eles: *El mar y las campanas* (1974) e *Confesso que vivi: memórias* (1979)⁹⁸. O primeiro é um livro de poesias publicado postumamente e o segundo uma autobiografia em prosa. Os dois exemplares estão visivelmente manuseados, com suas capas soltas e deterioradas. No livro autobiográfico de Neruda consta uma dedicatória assinada por Nepomuceno e datada de 15/04/1979. Esse fato me levou a pensar que se trata, Nepomuceno, do esperado amigo, o qual, sensibilizado pela súplica dos versos, fraternalmente lhe presenteou com o sonhado livro de Pablo Neruda. Abro um parêntese para analisar a dedicatória desse livro⁹⁹, pois ela reafirma a ligação que existe entre o interesse de Cora por Neruda, a manifestação dessa estima em sua poesia e o livro de sua biblioteca particular. Pactos, vínculos de leituras – biografemas.

A partir da transcrição da dedicatória é possível afirmar que o “doador fraterno” leu os poemas escritos por Cora em homenagem a Pablo Neruda. Fato este, comprovado pela citação que é feita de alguns versos do poema *Pablo Neruda III* na dedicatória: “E eu o vejo comandando/no etéreo todos os potros/indomados da Terra”. (CORALINA, 1976, p. 49). Essa constatação pode ser verificada na imagem abaixo:

⁹⁸ As descrições completas destas obras encontram-se no catálogo (4.3.1)

⁹⁹ O próximo subcapítulo *Redes de relações* abordará outras dedicatórias encontradas no acervo bibliográfico de Cora Coralina.

Figura 25 - Livro de Pablo Neruda



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Cara Dona Cora Coralina

Tardou, mas aqui está o poema mais bonito, mais importante e vigoroso de Neruda. Sua própria vida, do poema profundamente engajada com o destino de sua gente.

E se vivo Neruda fosse, sentir-se-ia orgulhoso do que foi dito em sua homenagem, por uma companheira na arte de perpetuar emoções e coisas em versos: "E o vejo comandando no etéreo todos os potros indomados da Terra".

Potro indomado Neruda o é ainda.

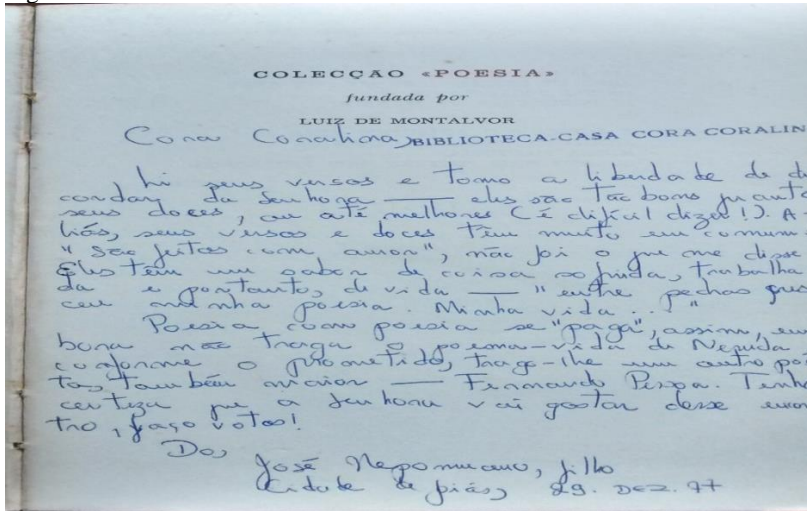
Um abraço, cheio de admiração e respeito,

Nepomuceno

Cidade de Goyaz, 15.04.79.

Aproximadamente dois anos antes (29/12/77), José Nepomuceno Filho (nome completo do amigo fraterno), em outra dedicatória, agora de um livro de Fernando Pessoa, sob o heterônimo de Álvaro de Campos, escreveu-lhe:

Figura 26 - Livro de Fernando Pessoa



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Cora Coralina,

Li seus versos e tomo a liberdade de discordar da Senhora – eles são tão bons quanto seus doces, ou até melhores (é difícil dizer!). Aliás, seus versos e doces têm muito em comum: “são feitos com amor”, não foi o que me disse. Eles têm um sabor da coisa sofrida, trabalhada e portanto, de vida – “entre pedras cresceu minha poesia. Minha vida...”

Poesia com poesia se “paga”, assim, embora não traga o poema-vida de Neruda conforme o prometido, trago-lhe um outro poeta também maior – Fernando Pessoa. Tenho certeza que a senhora vai gostar desse encontro, faço votos!

Do,

*José Nepomuceno, filho
Cidade de Goiás, 29. Dez. 77*

Prossigo com a exibição dos interesses literários de Cora Coralina, em relação a outro apreciado autor – Guimarães Rosa. Cabe destacar o encantamento de Cora pelo escritor mineiro. O fascínio de Cora é registrado pelo poeta e jornalista Luís Turiba (1984 *apud* BRITTO; CURADO, 2009, p. 101, grifo do autor). Disse ela:

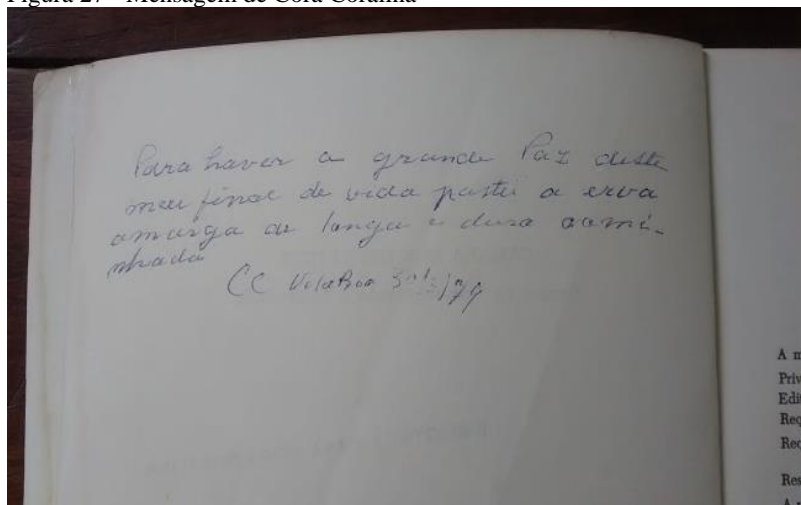
Eu sou uma grande leitora de Guimarães Rosa e uma grande admiradora dele, muito antes dele ser aceito. A literatura dele não é uma literatura fácil, principalmente nos dois maiores livros dele, *Corpo*

de *Baile e Grande Sertão: Veredas* (...). Agora há os imitadores de Guimarães Rosa, mas imitar é uma coisa e assimilar é outra.

Sobre o livro *Grande Sertão: veredas* de Guimarães Rosa é sabido que, à época de sua morte, Cora estava relendo este romance. Em sua biblioteca há um exemplar datado de 1984, ofertado por sua amiga Marlene Velasco em substituição do exemplar mais antigo. Seu interesse pela vida e obra de Guimarães Rosa é ratificada pela presença em sua coleção, de um livro com a literatura comentada sobre o romancista. O livro *Guimarães Rosa* (1982) possui textos selecionados, notas, estudos biográfico, histórico e crítico feito por Beth Brait.

Entre outras preciosidades constatadas na biblioteca destaco alguns textos da poetisa, manuscritos nas páginas dos livros. Pequenas mensagens, verdadeiras poesias. Resíduos sígnicos, emblemáticos e sintetizadores da força vital de Cora Coralina. A mensagem abaixo, até o momento da catalogação da biblioteca, era desconhecida pela equipe do museu, que passou a integrar o acervo documental. A passagem está registrada no livro de Adhemar Santillo, *Da mesa farta à subnutrição* (1978). O breve texto é marcante do estilo de Cora Coralina: forte, intenso, curto. Transcrevo o fragmento:

Figura 27 - Mensagem de Cora Coralina

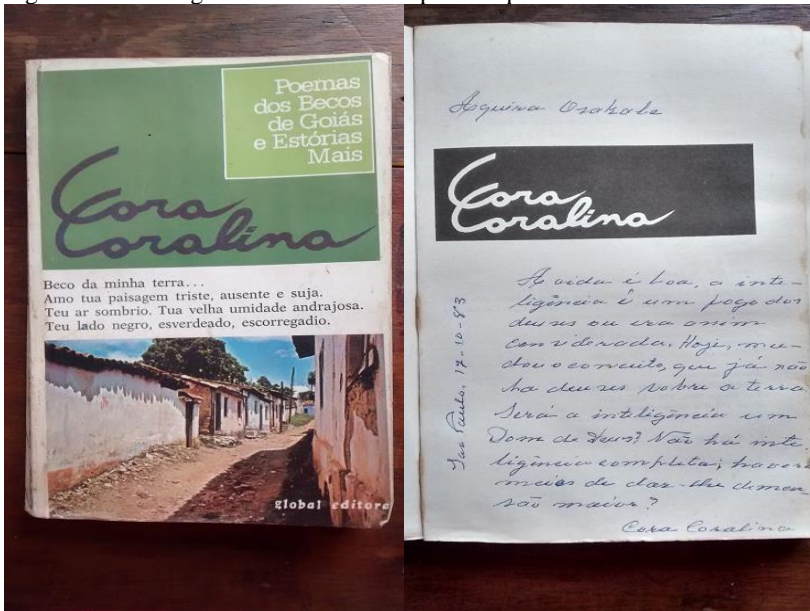


Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

*Para haver a grande Paz deste meu final de vida pastei a erva
amarga de longa e dura caminhada.
CC Vila Boa 30/3/79*

Semelhante à mensagem acima, encontrei outra, escrita por Cora, que poderia se encaixar no próximo subcapítulo *Da rede de relações*¹⁰⁰, pois há a presença de um destinatário, mas por seu teor poético, julguei conveniente inseri-la no rol dos escritos inéditos da poetisa. Trata-se de um texto endereçado ao professor Haquira Osakabe¹⁰¹ (grafado por Cora Coralina como Aquira Osakabe), redigido na folha de rosto do livro *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, com localização (São Paulo) e data (17/10/83). Nesse momento, inevitavelmente, questionei o que impediu o livro de ser entregue ao seu destinatário? Algumas perguntas sem respostas.

Figura 28 - Mensagem de Cora Coralina para Haquira Osakabe



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

¹⁰⁰ Assim como a dedicatória do livro de Pablo Neruda apresentada anteriormente.

¹⁰¹ O professor Haquira Osakabe é um importante investigador da literatura portuguesa, especialista em Fernando Pessoa.

Aquira Osakabe

A vida é boa, a inteligência é um fogo dos deuses ou era assim considerada. Hoje, mudou o conceito, que já não há deuses sobre a terra. Será a inteligência um Dom de Deus? Não há inteligência completa, haverá meios de dar-lhe dimensão maior?

Cora Coralina
São Paulo, 17-10-83

O texto designado ao professor Haquira Osakabe autentica a pesquisa realizada pelos biógrafos Clóvis Britto e Rita Seda (2009) que destacam, o ano de 1983, como repleto de compromissos sociais para a poetisa. Neste mesmo ano, Cora, com a ajuda de sua amiga e escritora Marietta Telles Machado, reuniu seus escritos, organizou e os lançou oficialmente em 15 de agosto de 1983, pela editora da Universidade Federal de Goiás seu terceiro livro *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha*. E, em 18 de agosto de 1983, Cora recebeu o título Doutora *Honoris Causa* conferido pela mesma universidade. Fatos que se associaram às inúmeras palestras, entrevistas, homenagens e viagens. “Entre setembro e novembro de 1983, a poetisa cumpriu uma agenda intensa”. (BRITTO; SEDA, 2009, p. 397). Cora viajou para Brasília, Ribeirão Preto, Três Lagoas, Andradina, São Paulo, Taubaté e Foz do Iguaçu promovendo seu livro e recebendo homenagens.

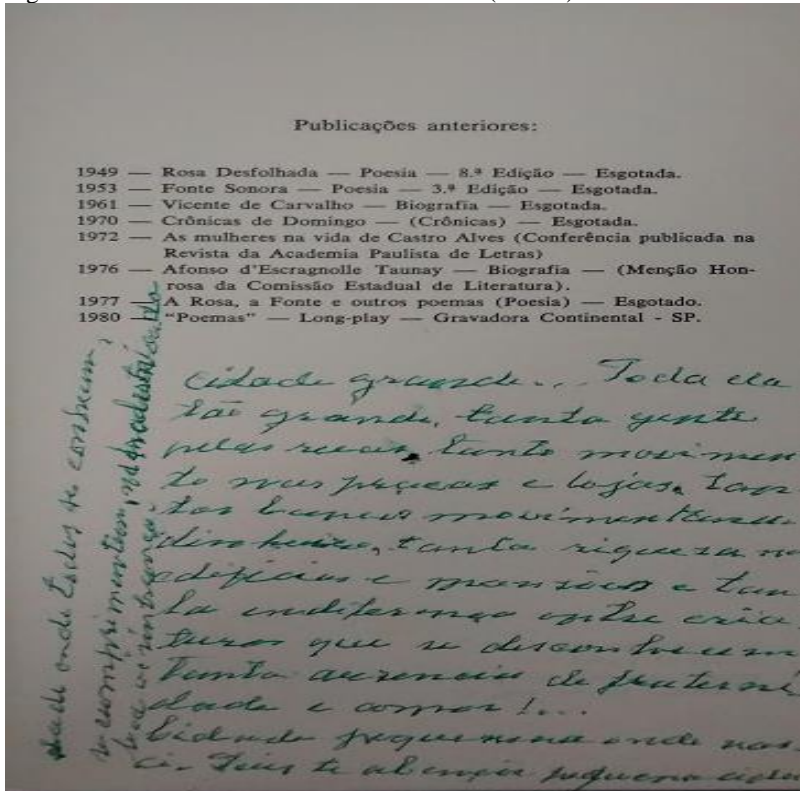
Outra manifestação poética de Cora foi encontrada manuscrita no livro *Muita prosa, pouco verso: crônica e poesia* (1983) cuja autoria é a paulista Maria José Aranha de Rezende também conhecida por Zezinha Rezende. A biblioteca possui dois exemplares deste livro, sendo um com dedicatória endereçada à Paraguassú (filha de Cora) e outra à própria poetisa. No livro, que contém uma crônica intitulada *Cora Coralina*, deparei-me com o manuscrito que poderia estar publicado em algum dos livros da poetisa. Não se trata de uma dedicatória ao molde da escrita para Haquira Osakabe, pois o livro já possuía sua dedicatória. Trata-se, sim, de um impulso poético como o explicado pela poetisa: “Poesia para mim é um ato visceral. É um impulso que vem de dentro e se eu não obedecê-lo me sinto angustiada” (CORALINA, 1982, p. 5).

Sobre seu processo de criação, em outra ocasião, ao ser questionada por Marlene Vellasco (1990, p. 137-138), se acreditava em inspiração, a poetisa respondeu: “A inspiração é um fato. A inspiração é uma coisa que eu até hoje não consegui analisar, mas ela vem, se apresenta e se impõe. E se você não atende a sua hora de inspiração, você passa a ser um angustiado”. E complementou: “Nesta hora eu sempre tenho um papel perto de mim. Nesta hora, tudo mais se impõe

materialmente, desaparece naturalmente. Um papel qualquer serve para anotar e depois a gente procura aproveitar aquilo”.

Considerando estes depoimentos, acredito que o manuscrito seja fruto de algum desses momentos de inspiração da poetisa. Um texto que foi escrito na folha de rosto do livro que estava ao seu alcance, o livro que era lido. Um texto significativo e representativo das reflexões da escritora. Biografemas.

Figura 29 - Texto manuscrito de Cora Coralina (inédito)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Cidade grande... Toda ela tão grande, tanta gente pelas ruas, tanto movimento nas praças e lojas. Tanta bancos movimentando dinheiro, tanta riqueza nos edifícios e mansões e tanta indiferença entre criaturas que se desconhecem, tanta ausência de fraternidade e amor!...

*Lidando pequenina onde nasci. Deus te abençoe pequena cidade onde todos se conhecem, se cumprimentam, na fraternidade da boa vizinhança*¹⁰².

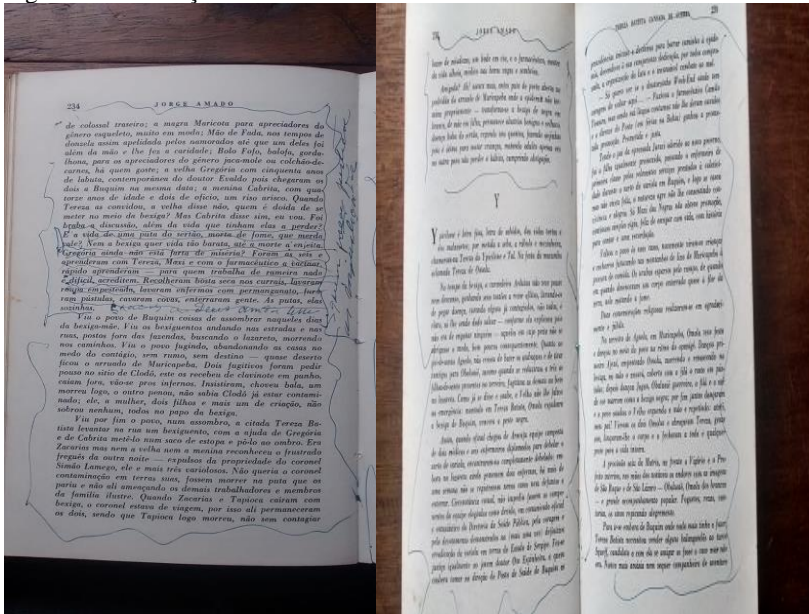
Fica evidenciado nessas passagens, que Cora usa o livro como espaço para sua expressão poética em momentos de inspiração. Em depoimento a Marlene Vellasco (1990), a poetisa registrou uma prática sua no momento de apropriação e captação do sentir poético:

[...] quando vem, se eu deixo fugir aquele momento, não volta mais. Como me vem sempre à noite ou pela manhã, tenho perto de minha cama um castiçal com vela e fósforo; um caderno espiral e uma esferográfica para apanhar aquele momento. Depois de apanhado, eu não leio. Escrevo como se fosse uma gravação, sem preocupação de gramática, de estilo, nada. Um esquema. De manhã, vou rever aquilo. Às vezes, tem coisas valiosas que aproveito; outras, nem tanto. Mas fico muito satisfeita quando escrevo um esquema válido. (VELLASCO, 1990, p. [139]).

Outra prática da poetisa, agora sob o ponto de vista da leitura é a de fazer marcações nas extremidades dos parágrafos com caneta ou sublinhar pequenos trechos da obra lida. Prática esta, evidenciada por Chartier (1991, p. 178): “[...] as significações múltiplas e móveis de um texto dependem das formas por meio das quais é recebido por seus leitores (ou ouvintes). [...] a leitura é uma prática encarnada de gestos, espaços, hábitos”. Ao assinalar seus textos materialmente, quer dizer, ao sublinhar, grifar, frisar, apontar, Cora Coralina apresenta um recurso essencial para se compreender o modo como ela recebia e se apropriava das leituras.

¹⁰² Cora Coralina possuía um carinho especial por seus vizinhos. Fato atestado pela regularização da lei municipal, a partir de sua proposta, oficializando a criação do dia do vizinho na cidade de Goiás (20 de agosto – data de seu aniversário) e por alguns poemas dedicado ao tema.

Figura 30 - Marcações de Cora Coralina



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

O inventário da biblioteca consolidado e apresentado no subcapítulo *Entre Estantes* revela um acervo diversificado em relação aos assuntos, os autores e as datas de publicações dos livros. Dos 912 títulos catalogados, 862 pertencem a categoria – livros e 50 a categoria – periódicos. E dos 862 títulos de livros, 263 estão inseridos na categoria de assunto – poesia e 27 na categoria de assunto – literatura de cordel. Chamou-me a atenção o expressivo interesse de Cora pela literatura de cordel, podendo ser considerado como um aspecto paradigmático da escritura do seu *Meu livro de cordel* (1976).

O gosto de Cora pela literatura de cordel pode ser entendido como resultante e embasamento no roteiro de relações e conhecimentos que absorvem os aspectos reunidos de sua vida. Assim, alude-se às referências biográficas da poetisa que, filha do desembargador Francisco Lins dos Guimarães Peixoto natural da cidade de Areias, na Paraíba, dizia-se metade goiana (parte de mãe) e metade nordestina (parte de pai). Essa ocorrência é comprovada no paratexto do livro citado acima:

Pelo amor que tenho a todas as estórias e poesias de Cordel, que este livro assim o seja, assim o

quero numa ligação profunda e obstinada com todos os anônimos menestrelis nordestinos, povo da minha casta, meus irmãos do nordeste rude, de onde um dia veio meu Pai para que eu nascesse e tivesse vida. (CORALINA, 1976, p. [15])

Cora sempre se interessou pelas histórias e causas do povo nordestino. Em seu livro autobiográfico, *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha* (1984), escreveu o poema *Lampião, Maria Bonita... e Aninha*:

Tenho na parede de minha sala um pôster de Lampião, Maria Bonita e cangaceiros. Sempre desejei um retrato de Lampião. Pedi a muitos, inclusive a Jorge Amado, quando esteve em nossa casa. Foi uma cearense que tinha uma boutique em Brasília, Boutique Lampião, que me mandou do Ceará Também o medalhão do padrinho Cícero. Por quê? Não os conheci pessoalmente. Não conheço o Nordeste. O carisma... tão somente. Acontece que sou filha de pai nascido na Paraíba do Norte e de mãe goiana. Assim, fui repartida. Da parte materna, sou mulher goiana, descendente de portugueses. Do lado paterno, minha metade nordestina, eu um pouco cangaceira. Daí, Lampião, Maria Bonita, seus cabras e o padrinho Cícero na parede da minha casa, com muito agrado. [...]
Aninha... meio a meio mulher goiana, mulher rendeira cangaceira, assimilação consciente ou não.
 (CORALINA, 1984, p. 81-83)

Figura 31 - Literatura de cordel



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

O interesse de Cora em conhecer melhor a vida de Virgulino Ferreira da Silva¹⁰³ pode ser comprovado nos três livros sobre o cangaceiro, encontrados em sua biblioteca. São eles: *Assim morreu Lampião* (1982) de Antônio Amaury Corrêa de Araújo; *Vida, aventuras e morte de Lampião e Maria Bonita* (1958) de Amador Santelmo; e *Lampião, o rei dos cangaceiros* (1981) de autoria atribuída a Billy Jaynes Chandler. Os dois primeiros possuem dedicatórias assinadas por Germano Barros e, no último, como registro de leitura, localizei um marcador de página.

O nordeste brasileiro exercia certo fascínio em Cora Coralina. Isto pode ser ratificado com a presença do livro *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil* (1961) de Gilberto Freyre. O livro possui anotações manuscritas da poetisa e expressivas marcas de danificações¹⁰⁴, possivelmente causadas pela

¹⁰³ Consta na parede da casa de Cora Coralina, no local denominado varanda, as seguintes imagens emolduradas: a fotografia de seu pai falecido (era um costume da época), o padre Cícero e Lampião e seu bando.

¹⁰⁴ Apesar do estado de deterioração do livro, que aguarda ser submetido a um processo de restauração, durante esta pesquisa o exemplar foi catalogado e organizado na estante.

grande enchente que acometeu a cidade de Goiás em 2001¹⁰⁵. No livro de Gilberto Freyre, Cora fez a seguinte anotação: *Este livro ensina a sentir melhor o Brasil e seus problemas*. Além dessa frase, há no livro, uma lista de palavras, presumivelmente removidas e anotadas a partir da leitura do livro, semelhante a um vocabulário. É interessante associar a lista de palavras escritas pela poetisa como, por exemplo: mucambo, taipê, cangalho, maricas, dendezeiro, araçá, sisudo, ócio, escorbuto e o relato de seus biógrafos sobre o período no qual se “[...] reintegrava à vida em Goiás e resolvia questões da herança, Cora Coralina pesquisou os antigos costumes, as histórias e, principalmente, a linguagem”. (BRITTO; SEDA, 2009, p. 253). O interesse pela linguagem sempre “[...] guiou seu processo criativo ao ponto da autora elaborar um glossário de termos e apelidos comumente utilizados em Goiás” (BRITTO, 2011b, p. 193). Práticas de leitura de uma pessoa autodidata.

¹⁰⁵ No final do ano de 2001, especificamente em 31 de dezembro, uma grande enchente nas águas do Rio Vermelho que margeiam o Museu Casa de Cora Coralina inundou a cidade de Goiás. A tragédia foi de grandes proporções, a força das águas levou pontes, muros e monumentos, como a admirada *Cruz do Anhanguera*. Em torno de 184 imóveis foram destruídos total ou parcialmente pelas águas, inclusive o museu. O acervo documental do museu composto por fotos, móveis, livros e objetos, em geral, sofreu prejuízos.

Figura 32 - Livro Nordeste - Gilberto Freyre



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Acerca da literatura de cordel, cabe ressaltar que, esta, consolidou-se entre os anos de 1930 e 1950. A gênese da literatura de cordel está associada ao costume antigo de narração de histórias. A área de produção inicial restringiu-se aos estados de Pernambuco e Paraíba. A sua consolidação implicou na ampliação da produção e comercialização dos folhetos que migraram para o centro-sul do país, juntamente com o fluxo migratório nordestino à época da expansão industrial do sudeste. (MEYER, 1980).

Para Manuel Diegues Júnior (2012), as condições sociais de formação da região nordeste, que incluem o surgimento de bandos de cangaceiros e a seca prolongada, propiciaram o surgimento de manifestações culturais como um modo de expressão do pensamento coletivo. Pesquisadores da poesia popular afirmam que os poetas Silviano Pirauá de Lima e Leandro Gomes de Barros foram os pioneiros disseminadores deste tipo de literatura no Brasil, notadamente ao introduzirem rimas às cantorias que narravam histórias e, sobretudo, ao passarem a imprimir essas rimas em folhetos. Identificada fisicamente por impressões que usam a técnica da xilogravura, a literatura de cordel, foi introduzida em nosso país pelos portugueses no período da colonização.

A literatura de cordel retrata o folclore regional, os aspectos sociais, políticos, econômicos, por meio dos poetas populares que buscam inspirações em situações diversas do cotidiano.

Há os velhos temas tradicionais, sempre retomados e modificados: histórias de mulheres abandonadas, de bois ou outros animais, de príncipes, de cavaleiros. [...] desastres, mortes, assassinatos, cataclismos, enchentes, secas, ou, então, acontecimentos que envolvem toda a região. (MEYER, 1980, p. 93).

É possível pensar que o aspecto peculiar que caracteriza a literatura de cordel conjuga-se aos interesses particulares de Cora Coralina, uma vez que Araújo (2007, p. 127-128) revela:

Daquele período ao Século XX, muitas temáticas foram alvo da produção cordelina. Entre elas, poderíamos mencionar a seca, o misticismo, imbuído da religiosidade, destacando-se ícones populares como Padre Cícero e Frei Damião, e o cangaceirismo, em que desponta a figura de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. Além dessas temáticas, outras, como a migração, também encabeçaram as discussões que perpassavam os cordéis.

Para além do fator hereditário de Cora Coralina que, sem dúvida, colabora por seu interesse pela literatura de cordel, acredito numa identificação com a temática relacionada ao folclore e costumes de um determinado local, pois ao retornar à cidade de Goiás, a poetisa reuniu este tipo de material para subsidiar seus escritos. Desse modo, revela-se importante fonte de afinidades dos livros de cordel e o pensamento criativo de Cora Coralina.

Seu livro, de sugestivo título, *Meu livro de Cordel* (1976) é composto por duas partes, na primeira existem 28 poemas e na segunda 6 crônicas. As abordagens são diversas, mas se observa na quase totalidade, a presença afluída da religiosidade da escritora. A religiosidade, característica emblemática da poetisa, é uma marca constante nos versos desse livro e na vida da poetisa. Ao ser perguntada acerca do poema que considerava sua obra prima, Cora Coralina respondeu:

A melhor página que escrevi na minha vida, segundo meus critérios, está contida no ‘Meu livro de cordel’, de minha autoria, e foi inspirada na passagem do evangelho, quando Jesus subia ao Calvário, carregando a cruz, e Simão Cirineu, que não era judeu, o ajudou. O poema se chama ‘Dívida paga’, porque foi a única dívida que Cristo teve na vida. Ele serviu a muitos, e poucos serviram a ele... (VELLASCO, 1990, p. [139-140], grifo da autora)

A religiosidade percorre toda a escritura de Cora Coralina, revelando com isso, a sua formação católica e seus conhecimentos bíblicos. Sua fé é fortemente evidenciada, em 1937, quando Cora passa a integrar a Venerável Ordem Terceira da Penitência Franciscana, seguindo as regras do Evangelho e as lições de São Francisco. Britto e Seda (2009) esclarecem que o contato com a ordem ampliou a sua fé, ao ponto de levá-la a fazer votos de pobreza, a receber o Hábito da Penitência e o nome de Irmã Conceição.

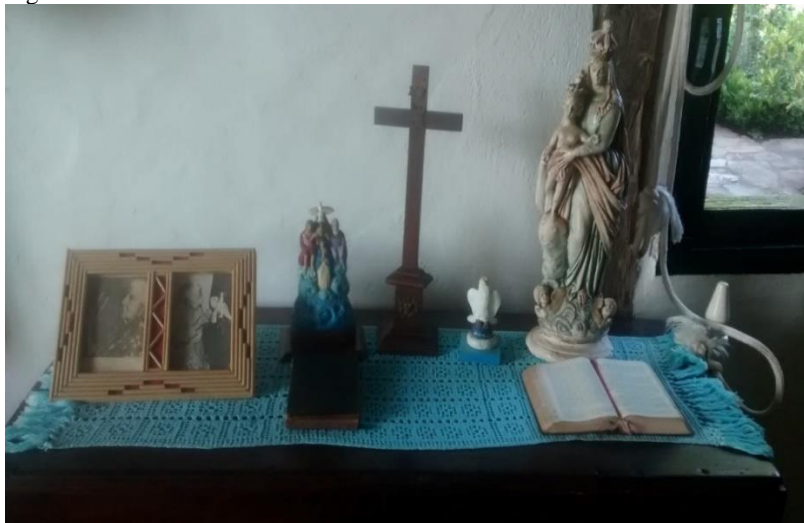
Na análise da autobiografia material de seus livros existem vários livros religiosos. Dentre eles estão: Bíblias Sagradas, missais, livros de histórias religiosas, além de livros da religião espírita.

Figura 33 - Bíblia de Cora Coralina



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Figura 34 - Altar de Cora Coralina



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Sobre os livros de espiritismo, estes, serão exibidos com um maior detalhamento no transcorrer dos próximos subcapítulos. Por ora, para finalizar, saliento como pacto de leitura, os livros da editora Biblioteca do Exército¹⁰⁶, alguns pertencentes a coleção General Benício. No decorrer da catalogação da biblioteca chamou-me a atenção o expressivo número de títulos publicados por essa editora. Ao todo são 32 títulos que abordam diferentes assuntos como, por exemplos: biografias (como as de José de Anchieta e Duque de Caxias), guerra mundial, relações exteriores, energia nuclear, poluição, história, sociologia etc.

¹⁰⁶ A Biblioteca do Exército (BIBLEX) foi criada pelo Conselheiro Franklin Américo de Menezes Dória, Barão de Loreto, então Secretário de Estado e Negócios da Guerra, em 17 de dezembro de 1881. Sua instalação solene ocorreu a 4 de janeiro de 1882, no então Quartel do Campo da Aclamação, hoje Palácio Duque de Caxias, Rio de Janeiro, na presença do Imperador D. Pedro II. Suas origens remontam às bibliotecas preconizadas pelo Marechal-General Friedrich Wilhelm Ernest, Conde de Schaumbourg-Lippe, em uma "Memória" de 1773, como parte da reorganização militar portuguesa. Em 1937, na gestão do Ministro da Guerra, General Eurico Gaspar Dutra, a Biblioteca do Exército foi reorganizada pelo General-de-Divisão Valentim Benício da Silva, recebendo, na oportunidade, encargos de editoração, que mantém até hoje. (BIBLIOTECA..., 2016).

A explicação para a presença de significativa quantidade de exemplares na biblioteca foi esclarecida durante a entrevista realizada com a diretora do museu, na qual perguntei a origem desses livros. Marlene Vellasco (2015, sem página), elucidou como Cora colecionou esses livros ao dizer:

Ah! Porque o filho dela... O Cantídio Bretas, ele era do exército. Ele era coronel do exército. Então ele fez [...] assinatura para ela e ela achava o máximo. [...] ele que fez a assinatura. Sabe. Ele fez, por isso que você achou muito livro.

Com esse depoimento finalizo este subcapítulo *Pactos de leitura: (des)arquivar biografemas* e, passo a discorrer acerca das redes de relações percebidas e apreendidas, a partir das descobertas feitas na biblioteca de Cora Coralina.

4.2 REDES DE RELAÇÕES

Ao se lidar com pesquisas em acervos literários, singularmente, com acervos bibliográficos de escritores, é significativo considerar, assim como fez a pesquisadora Terezinha Pereira (2003) ao estudar o acervo de Murilo Mendes, a presença de duas coleções, a de livros/revistas e a de textos. Estes últimos podem ser encontrados, por exemplo, nas anotações marginais dos autores, nas dedicatórias, nos recortes de jornais e cartões diversos. Nesse contexto, a presença de dedicatórias permite reconstituir os rituais literários e sociais, na medida em que revela a formação das redes de relações por meio das conexões estabelecidas entre os pares, desvelando os vínculos afetivos e emocionais, pois as dedicatórias são ao mesmo tempo um ato e uma expressão. Nas palavras de Viola (2014, p. 1)¹⁰⁷ “É uma manifestação de cortesia, mas é também uma voz que instaura um dizer, convocando o outro”.

Esses aspectos intrínsecos às dedicatórias são percebidos e compartilhados por pesquisadores de diferentes acervos literários

¹⁰⁷ Ana Isabel Serra Gonçalves Viola (2014) realizou um estudo nas obras de ficção portuguesa voltado às dedicatórias impressas, categorizando-as conforme suas organizações discursivas e segundo critérios lexicais e semântico-pragmáticos. Apesar da pesquisa em questão voltar-se às dedicatórias impressas, o estudo de Ana Isabel contribuiu para as análises das dedicatórias manuscritas apresentadas nesta tese.

envoltos com a investigação e preservação de fontes documentais. Menciono, a título de exemplo, a presença constante de dedicatórias no acervo de livros das bibliotecas particulares de dois escritores canônicos – Machado de Assis¹⁰⁸ e Fernando Pessoa¹⁰⁹. Abro um parêntese para discorrer brevemente acerca dos catálogos das bibliotecas desses autores e algumas peculiaridades.

A biblioteca de Machado de Assis, teve seu catálogo elaborado pela primeira vez em 1960, pelo professor Jean-Michel Massa que, à época, realizava sua pesquisa de doutorado pela Universidade da Alta-Bretanha. Esta biblioteca foi novamente catalogada pela professora Glória Vianna, quando o acervo já se encontrava na Academia Brasileira de Letras (ABL). Glória Vianna destaca que Jean-Michel Massa havia catalogado 718 volumes e que durante os dois primeiros semestres, ela encontrou 649 volumes, os demais,

[...] 69 não foram encontrados. Com a ajuda dos bibliotecários os livros extraviados foram procurados, sem sucesso, nas bibliotecas de outros ex-acadêmicos, que como Machado também tiveram seus acervos particulares doados à Academia. Entretanto, ao final do levantamento encontramos 15 volumes que não tinham sido catalogados por Massa mas que provavelmente teriam pertencido a Machado de Assis, pois todos estavam a ele dedicados por seus autores ou editores, em datas que iam de 1867 a 1907. (VIANNA, 2008, p. 104)

Este fato evidencia uma realidade encontrada pelos especialistas, o de terem que trabalhar com acervos parciais. Isso ocorreu com o espólio de Machado de Assis que, em testamento, apontou como sua única herdeira, sua sobrinha, Laura Leitão de Carvalho. Segundo Vianna (2008, p. 105), em conversa com Jean-Michel Massa, a herdeira afirmou que:

¹⁰⁸ A Biblioteca da Academia Brasileira de Letras tem, sob sua guarda, a coleção particular de livros que pertenceu a Machado de Assis, além de diversas obras sobre Machado de Assis. (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2003, p. [9])

¹⁰⁹ A Biblioteca da Casa Fernando Pessoa constitui-se de três núcleos essenciais: a biblioteca particular de Fernando Pessoa; a biblioteca pessoana ativa e passiva; e um fundo de poesia portuguesa e estrangeira.

[...] teriam levado cerca de trezentos volumes da coleção logo depois da morte do escritor, o que nos conduzia a supor que os quinze volumes encontrados no acervo da ABL, todos dedicados a Machado de Assis, fizeram parte de tal lote de livros.

Depois de todo o trabalho de resgate dos livros pertencentes a Machado de Assis, o que envolveu a busca por livros em acervos de outros escritores e a eliminação, no catálogo anterior, de números repetidos de exemplares, Glória Vianna afirma que restaram 674 volumes, dos quais, aproximadamente 121 volumes (18%) possuem dedicatórias.

Observando o trabalho em diferentes bibliotecas particulares identífico, por vezes, algumas semelhanças no que tange a reunião e conservação do acervo originalmente composto por seus proprietários. No caso da biblioteca de Cora Coralina, posso afirmar que, esta, também perdeu parte de seu acervo na ocasião de sua morte. Esse fato foi confirmado pela diretora Marlene Vellasco (2015), quando ela declarou que algo em torno de 10%, o equivalente a um número entre 90 a 100 exemplares, foram levados pelos familiares no momento do falecimento da poetisa.

De modo aproximado, a biblioteca particular de Fernando Pessoa, está parcialmente alojada na Casa Fernando Pessoa. Esta instituição, concebida pela Câmara Municipal de Lisboa foi inaugurada em 1993 e atualmente é gerenciada pela Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural de Lisboa (EGEAC). Trata-se da casa onde Fernando Pessoa morou nos últimos 15 anos de sua vida (1920-1935). Denominada como uma casa de cultura, nela é possível encontrar diversos objetos pessoais, além de, um espaço multimídia e a biblioteca particular do escritor.

Jerónimo Pizarro (2015), pessoa responsável por liderar o grupo de pesquisadores internacionais que investigam os documentos deixados por Fernando Pessoa, registrou no texto intitulado “nota prévia”, disponível no *site* da casa de cultura que:

[...] esta biblioteca, albergada na sua grande maioria na Casa Fernando Pessoa (1058 títulos), não conta com todos os exemplares que alguma vez dela fizeram parte; parcelas da mesma estão ainda

com a família do escritor e no espólio número 3 da BNP¹¹⁰. (PIZARRO, 2015)

Independentemente de trabalharem com o acervo parcial da biblioteca de Fernando Pessoa, os pesquisadores designaram, no *site*, um espaço para a apresentação das dedicatórias encontradas nos livros que pertenceram ao escritor, evidenciando o fato que Pessoa “[...] não viveu isolado, que teve numerosos amigos e companheiros de viagem e que acompanhou de perto relevantes manifestações culturais e editoriais”, conforme assegurado por Antonio Cardiello (2016). Essas circunstâncias ratificam os estudos das dedicatórias, sobretudo porque estas refletem os momentos históricos e sociais em que são produzidas, marcando e testemunhando parte da historicidade literária, confirmando datas e episódios e preenchendo lacunas, pois há por trás do gesto uma história compartilhada que “[...] se oculta ou que se quer desvendada. O outro torna-se parte do livro, torna-se presente nesse objeto também ele simbólico, que transcende o tempo e o espaço”. (VIOLA, 2014, p. 1).

Considerada por Umberto Eco (2010) um peritexto, a dedicatória se inclui no rol de:

[...] todo o material que aparece fisicamente conexo ao veículo-livro, como o frontispício, o colofão, as introduções, [...], os prefácios e os posfácios, a orelha, a própria encadernação ou a sobre capa, e assim por diante. (ECO, 2010, p. 187).

Sobre a possível origem das dedicatórias, Carlos Ceia (2015, grifo do autor) relata que:

Horácio foi dos primeiros a escrever dedicatórias literárias, homenageando Mecenas por ter patrocinado as suas *Odes*. Virgílio também dedicou as *Geórgicas* à mesma figura. Camões dedica *Os Lusíadas* a D. Sebastião (Canto I, 6-18), por razões políticas sobretudo, porque o jovem monarca era uma figura tutelar.

Para além dos aspectos de reverência e mecenato, a dedicatória tornou-se um ato social representando, assim, um gesto de doação, de estima, amizade e agradecimento. Gráficamente, pode-se dizer que, assim

¹¹⁰ Biblioteca Nacional de Portugal.

como os textos, as dedicatórias podem ser impressas ou manuscritas. *A priori* aquilo que está impresso pertence ao âmbito público, enquanto que, o manuscrito ao âmbito do privado. Digo, *a priori*, pois na medida em que o acervo de uma personalidade encontra-se acessível, disponível para visualização e consulta, por exemplo, em um museu, o manuscrito torna-se público.

Dito isso, esclareço que neste estudo darei especial atenção a forma manuscrita, autografada, aquela que responde a uma convenção: a de situar-se nas primeiras páginas de um livro, em posição de destaque, num primeiro momento, para a pessoa a quem se faz uma dedicatória – o dedicatário e, em segundo lugar, ao leitor. Estas dedicatórias, manuscritas, não são passíveis de serem alteradas ou suprimidas em novas edições, como pode ocorrer quando se fala em livro quer seja, convencionalmente em papel ou virtualmente, no caso do livro *online* (*e-books*).

É significativo pensar que, no caso de publicização das dedicatórias encontradas na biblioteca de Cora Coralina, trabalha-se com duas expectativas de recepção. A primeira envolve o dedicatário oficial e, sobre este aspecto, deparei-me com dedicatórias de/para Cora Coralina, o que implica em dizer que, por alguma obra do acaso, algo pouco explicável, existem algumas dedicatórias escritas pela poetisa que não foram entregues aos seus dedicatários. A outra expectativa de recepção está relacionada aos leitores comuns, pesquisadores, observadores, curiosos, enfim, frequentadores do Museu Casa de Cora Coralina. Pessoas interessadas em conhecer mais sobre a vida, a arte, a rede de relações, as histórias de leitura da poetisa e a história literária de uma época. Viola (2014, p. 23) destaca o papel do leitor nesse contexto:

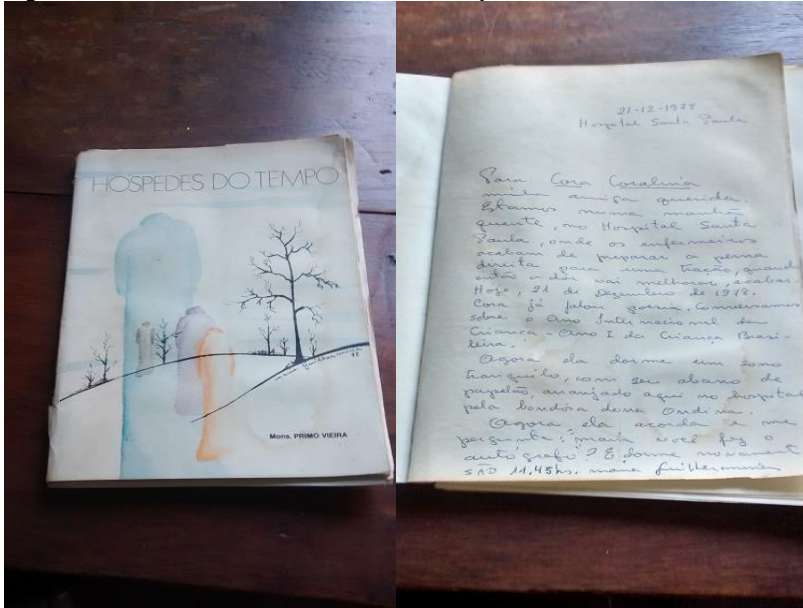
O leitor atualiza o enunciado da dedicatória através do seu próprio ato de leitura, constituindo-se como testemunha de uma mensagem que parece ser orientada para um polo presumível. Desta forma, o leitor constitui-se como destinatário estável e constante, ou seja, imprescindível para a atualização do sentido do texto.

Nos livros catalogados na biblioteca de Cora Coralina existem várias dedicatórias, algumas foram selecionadas para, de modo analítico, serem apresentadas no corpo desta tese, as demais terão seus registros feitos na coluna “particularidades” constante no quadro com o catálogo dos livros. Do total dos 978 exemplares, foram encontradas dedicatórias

em 467, o equivalente a 47,75% dos fascículos. Algumas se encaixam nas categorias estabelecidas por Viola (2014), que em sua pesquisa, as classificou como: carta dedicatória – pouco usada atualmente, assumiu características prefaciais; dedicatória autobiográfica – situa o leitor na vida privada e podem ser de ordem genealógica ou amical; dedicatória aos pares – estabelece e dá a conhecer a rede de relações entre autores e dedicatários; dedicatória de gratidão – é a dedicatória de agradecimento; dedicatória de homenagem – envolve uma deferência por questões de superioridade (antiguidade) ou notório saber; dedicatória simpatia – verifica-se sentimento de compaixão e solidariedade; dedicatória condenação – contrária à dedicatória simpatia, refere-se à falta de consideração; dedicatória simbólica – insere-se no domínio da representação e da analogia; dedicatória enigmática – o autor estabelece uma relação privilegiada com o receptor que exclui o leitor suscitando, com isso, o caráter enigmático e místico da dedicatória e; dedicatória micronarrativa – quando há no *corpus* situações enunciativas com função narrativa.

A partir deste momento, passo a ilustrar com algumas imagens as dedicatórias, por mim selecionadas para integrar o *corpus* do subcapítulo, seguidas pelas reproduções dos textos. A primeira trata-se de uma dedicatória escrita pela escultora, pintora e professora, Maria Guilhermina. Esta dedicatória encontra-se na folha de rosto do livro ilustrado pela própria artista, *Hóspedes do tempo* de Primo Vieira (1978) e, revela os laços de amizade entre a ilustradora e Cora Coralina. Amizade que perdeu por vários anos e se materializou em ilustrações de alguns livros de Cora Coralina como, por exemplo, *Vintém de Cobre: minhas confissões de Aninha* e *Meu Livro de Cordel*. Duas considerações são necessárias se fazer: a primeira é que foram encontradas três dedicatórias, em diferentes livros, assinadas por Maria Guilhermina; e a segunda é que existe no acervo digitalizado do Museu, uma dedicatória, apresentada a seguir, escrita por Cora Coralina à Maria Guilhermina ao presenteá-la com um exemplar do seu *Vintém de Cobre: minhas confissões de Aninha*.

Figura 35 - Dedicatória de Maria Guilhermina para Cora Coralina



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

21-12-1978

Hospital Santa Paula

Para Cora Coralina

Minha amiga querida.

Estamos numa manhã quente, no Hospital Santa Paula, onde os enfermeiros acabam de preparar a perna direita para uma tração, quando então a dor vai melhorar, acabar. Hoje, 21 de dezembro de 1978. Cora já falou poesia.

Conversamos sobre o Ano Internacional da Criança – Ano I da Criança Brasileira.

Agora ela dorme um sono tranquilo, com seu abano de papelão, arranjado aqui no hospital pela bondosa dona Ondina.

Agora ela acorda e me pergunta: “Maria você fez o autógrafo?” E dorme novamente

São 11.45 hs, Maria Guilhermina

Esta dedicatória foi escrita, cinco anos após o primeiro acidente de Cora Coralina, quando ela escorregou na porta de sua cozinha em 1973 e teve como consequência a fratura do fêmur direito. Em dezembro de 1978, a escritora caiu novamente sendo hospitalizada e operada. Com a segunda queda, Cora resolve abandonar o feitiço dos doces e passa a se

dedicar exclusivamente à literatura. (BRITTO, 2009). A dedicatória acima retrata e reproduz um momento dramático da vida da poetisa. Momento que a amiga e parceira Maria Guilhermina registrou na folha de rosto de um livro.

As sucessivas quedas e as suas consequências obrigaram Cora Coralina a usar muletas por muitos anos. Esta condição foi registrada em versos no poema *Ode às muletas* do livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, leia-se:

*Muletas novas, prateadas e reluzentes.
Apoio singelo e poderoso
de quem perdeu a integridade
de uma ossatura intacta,
invicta em anos de andanças domésticas.
Muletas de quem delas careceu
depois de ter vencido longo
tempo e de ter dado voltas ao mundo
sem deixar a sua casa.
[...]
(CORALINA, 2006, p. 191)*

A figura abaixo mostra o espaço do museu conhecido por varanda¹¹¹. O local mantém-se fiel ao espaço de outrora, com a cadeira na qual Cora Coralina sentava-se para ler e receber visitas. Este cenário foi fotografado durante a pesquisa de campo e retrata as mesmas características apontadas por Cora em *Reflexões de Aninha (A cidade e seus turistas)*:

*[...]
A famigerada “porta do meio”, que preserva o interior,
abre para a peça que em Goiás chamam varanda,
em regra a mais ampla da construção,
onde a família se reúne, recebe, trabalha,
conversa e toma refeições.
(CORALINA, 1984, p. 158, grifo da autora).*

¹¹¹ Este espaço foi citado anteriormente quando se abordou o interesse de Cora Coralina pelo cangaceiro Lampião.

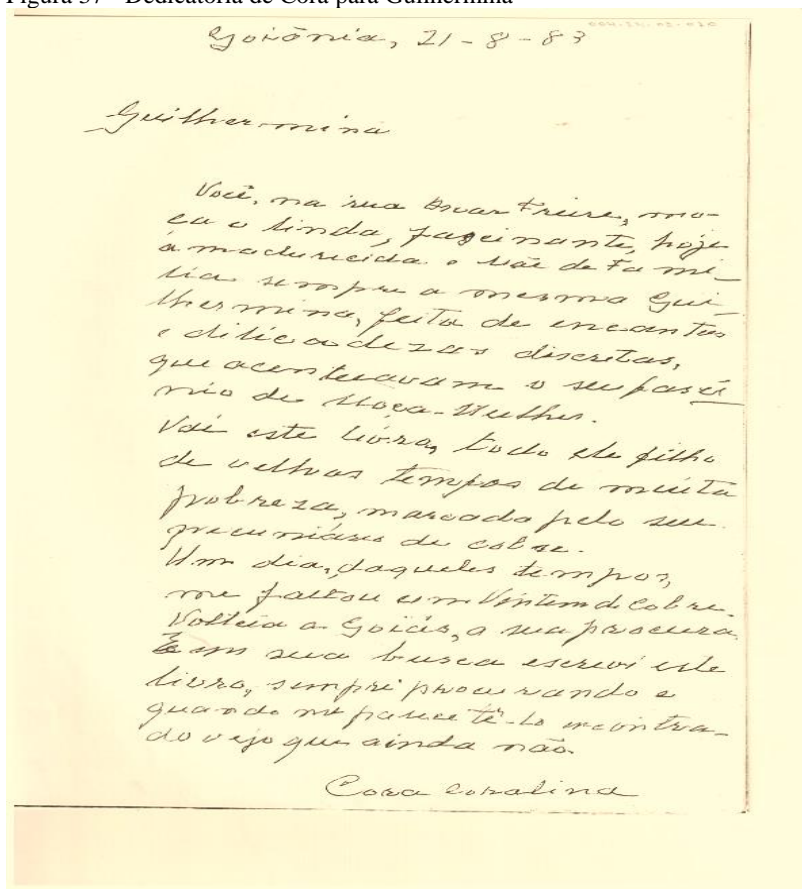
Figura 36 - Museu Casa de Cora Coralina - Varanda



Fontes: Acervo pessoal da pesquisadora.

Conforme mencionado previamente, consta no acervo documental do Museu, um documento intitulado dedicatória de Cora Coralina para Maria Guilhermina. Este documento, como tantos outros, foi-me gentilmente disponibilizado pela equipe do museu. São documentos importantes que, associados aos encontrados na biblioteca, complementam, ratificam, escrevem a autobiografia material de Cora Coralina. Sendo assim, destaco a mensagem enviada por Cora a Maria Guilhermina.

Figura 37 - Dedicatória de Cora para Guilhermina



Fonte: Museu Casa de Cora Coralina.

Goiânia, 21-8-83

Guilhermina

Você, na sua Oscar Freire, moça e linda, fascinante, hoje amadurecida e mãe de Família sempre a mesma Guilhermina, feita de encantos e delicadezas discretas, que acentuaram o seu fascínio de Moça-Mulher. Vai este livro, todo ele filho de velhos tempos de muita pobreza, marcado pelo seu pecuniário de cobre. Um dia, daqueles tempos, me faltou um Vintém de Cobre. Voltei a Goiás, a sua procura. Em sua busca escrevi este livro, sempre procurando e quando me parece tê-lo encontrado vejo que ainda não.

Cora Coralina

O relacionamento estabelecido com outros escritores, ainda que a distância, é expressado e verificável em outras dedicatórias amistosas. Por vezes, são dedicatórias de escritores estreados que objetivam receber uma palavra de apoio, encorajamento necessário aos que se aventuram no mundo das letras, outras são de escritores renomados, enaltecidos pela crítica e, portanto, atrelados a um contexto histórico.

Cora Coralina entendia bem as dificuldades dos iniciantes. No início de sua carreira assinou a coluna *Chroniqueta* para o jornal *A Imprensa*. Na crônica do dia 22 de agosto de 1910, Cora escreveu:

Decididamente é muito difícil a gente fazer literatura numa sociedade onde ninguém a faz e num meio tão rebarbativo as letras como o nosso que nenhum estímulo ou incentivo oferece aos platônicos, ideólogos que ainda tentam enristar a lança contra a clássica e reconhecida indiferença doentia dos goyanos. Indiferença não só pelo que lhes afeta os próprios interesses, como por tudo o mais, seja de que ordem, for jurídica, social ou religiosa. Se não fosse por temperamento, mesmo uma necessidade psicológica, eu desanimaria de escrever literatura ou coisa que o valha, em Goiás, nem ao menos pela vaidade das comparações, ou pelo interesse de escrever melhor. Acresce ainda a influência perigosa do meio, que mata energias, quebra as forças criadoras, reduz o ideal, nivelando todas as inteligências ao mesmo grau de frivolidade chata e banal. Influência mil vezes perniciosa de desânimo moral, de apatia, de pessimismo, a que não escapam nem as pessoas que chegam de outros centros adiantados. (CORALINA, 1910).

Alguns escritores criaram laços de amizade com a poetisa. Apesar da distância geográfica, Cora Coralina cativou, encantou e deixou se encantar por seus pares. Observa-se, na sua biblioteca, que nomes como: Rachel de Queiroz; Dinah Silveira de Queiroz; Chico Xavier; Darcy Denófrio; Jorge Amado, entre outros, fizeram parte da rede de relações da poetisa. Sob a perspectiva das fontes de documentos textuais, os autores citados serão objeto deste estudo, pois considero que as dedicatórias estão inseridas no contexto do sistema literário.

Assim, Raquel de Queiroz, em 1966, enviou à Cora Coralina um exemplar da sétima edição do livro *O quinze*. Diante do livro e a sua dedicatória verifiquei algumas afinidades com a trajetória de Cora

Coralina, por exemplo, *O quinze* que foi publicado em 1930 pela editora José Olympio. Curioso notar que Cora Coralina, nos anos 30, havia trabalhado como vendedora de livros para a Livraria José Olympio Editora e, mais tarde, nos anos 60, quando a poetisa batalhava para editar seu primeiro livro em São Paulo, recebeu desta editora a resposta que tanto esperava: o aceite dos manuscritos de *Poemas de Becos de Goiás e estórias mais* para a publicação. Livro, então, publicado em 1965 sob a batuta do editor gerente da José Olympio, o senhor Antônio Olavo.

Primeira escritora a integrar a Academia Brasileira de Letras (ABL), Rachel de Queiroz nasceu em Fortaleza em 1910, numa casa de intelectuais. Escreveu e divulgou suas primeiras crônicas aos 16 anos, isso quatro anos antes de publicar *O quinze*, livro que encantou o escritor Mario de Andrade e que lhe rendeu vários prêmios. De modo semelhante, Cora Coralina teve seus primeiros escritos, ainda na adolescência, publicados em colunas de jornais locais, mas sua obra somente recebeu projeção nacional, a partir da apreciação pública de Carlos Drummond de Andrade, no *Jornal do Brasil* em 27 de dezembro de 1980.

Carlos Drummond de Andrade foi uma das pessoas responsáveis pela condecoração de Cora Coralina nacionalmente¹¹². Cora e Drummond nunca se encontraram pessoalmente, porém, trocaram afetuosas cartas. Abaixo apresento a imagem, cedida pela equipe do museu, da crônica escrita por Drummond.

¹¹² Antes de Drummond, o poeta e crítico Oswaldino Marques escreveu um texto analisando a obra de Cora Coralina. Seus biógrafos afirmam que os dois escritores foram importantes para o reconhecimento literário de Cora. “Ambos, em momentos diferentes, contribuíram para que sua obra fosse conhecida e valorizada” (BRITTO; SEDA, 2009, p. 372)

Figura 38 - Crônica de Carlos Drummond de Andrade

CADERNO B - JORNAL DO BRASIL - Rio de Janeiro, sábado, 27 de dezembro de 1930 - PÁGINA 7

Drummond

CORA CORALINA, DE GOIÁS

ESTE nome não inventei, existe mesmo, é de uma mulher que vive em Goiás: Cora Coralina.

Cora Coralina, não costumo pronunciar este nome, tão poético aberto em rosa e depois desliza pelas entranhas do mar, surdamente mística de serenas antíteses e de dona Janaina moderna.

Cora Coralina, para mim a pessoa mais importante de Goiás. Mais do que Governador, as excelências parlamentares, os homens ricos e influentes do Estado. Entretanto, uma velhinha sem posses, rica apenas de sua poesia, de sua invenção, e identificada com a vida como é, por exemplo, uma estrada.

Na estrada que é Cora Coralina passam o Brasil velho e o atual, passam as cruzeiras e os miseráveis de hoje. O verso é simples, mas abrange a realidade varia. Escutemos:

"Vive dentro de mim uma cabocla velha de mau olhar, acocorada ao pé do borralho, olhando pra o fogo."
 "Vive dentro de mim a lavadeira do rio Vermelho. Seu cheiro gostoso dá que é sábado."
 "Vive dentro de mim a mulher cozinheira. Fritada e cebola. Quitute bem-feito."
 "Vive dentro de mim a mulher proletária. Bem linguçada, desabada, sem preconceitos."
 "Vive dentro de mim a mulher da vida. Minha irmãzinha... tão desprezada, tão murmurada..."

Todas as vidas. E Cora Coralina as celebra todas com o mesmo sentimento de quem abençoa a vida. Ela se coloca junto aos humildes, defende-os com espontânea opção, exalta-os, venera-os. Sua consciência humanitária não é menor do que sua consciência da natureza. Tanto escreve a Ode às Milhetas como a Oração do Milho. No primeiro texto, foi a experiência pessoal que a levou a meditar na beleza intrínseca desse objeto ("Leves e verticais. Jamais sofisticadas. Sepuras nos seus calcos de borracha escura. Nem um enfilete ou sortilégio"). No segundo poema, a dom de aproximar e transfigurar as coisas atribui ao milho estas palavras: "Sou o canto festivo dos galos na glória do dia que amanhece. Sou o cocho abastecido

onde ruma o gado. Sou a pobreza vegetal agradecida a vos, Senhor."
 Assim é Cora Coralina, oferecido a estes seres que são outros tantos motivos de sua poesia: o menor abandonado, o pequeno delinquente, o presidiário, a mulher-da-vida. Voltando-se para o cenário goiano, tem poemas sobre a cruzada, o poso de boladas, o trem de gado, os becos e sobrados, o prato azul-pombinho, último restante de majestoso aparelho de 92 peças, orgulho extinto de família. Este prato faz jus a referência especial, tamanha

Remoçando a infância, não a ornamentação com flores falsas: "Eramos quatro as filhas de minha mãe. Entre elas ocupei sempre o pior lugar." Lembra-se de ter sido "triste, nervosa e feia. Amarela, de rosto empalmeado. De pernas moles, caindo à toa." Perdera o pai muito novinha. Seus brinquedos eram coquinhos de palmeira, coquinhos de louca, bonecos de pano. Não era compreendida. Tinha medo de falar. Lembra com amargura essas carências, esquecendo-se de que a tristeza infantil não lhe impediu, antes lhe terá preparado a percepção solidária das dores humanas, que o seu verso consegue exprimir tão vivamente em forma antes artesanal do que acadêmica.

Assim é Cora Coralina, repito: mulher extraordinária, diamante goiano cintilando na solidão e que pode ser contemplado em sua pureza no livro Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais. Não estou fazendo comercial de editora, em época de festas. A obra foi publicada pela Universidade Federal de Goiás. Se há livros comovedores, este é um deles. Cora Coralina, pouco conhecida dos meios literários fora de sua terra, passou recentemente pelo Rio de Janeiro, onde foi homenageada pelo Conselho Nacional de Mulheres do Brasil, em suas 10 mulheres que se destacaram durante o ano. Eu gostaria que a homenagem fosse também dos homens. Já é tempo de nos conhecermos melhor. Não nos estabelecemos critérios discriminatórios ou simplesmente classificatórios.

Cora Coralina, um admirável brasileiro. Ela mesma se define: "Mulher sertaneja, livre, turbulenta, cultivada, ríde, inserida na gleba. Mulher terra. Nos meus reservatórios secretos um vago sentido de analfabetismo." Opos a morte "cintilantes festas e os sinos alegres da Ressurreição. Doceria fui e gosto de ter sido. Mulher operária".

Cora Coralina: gosto muito deste nome, que me invoca, me boneleva, me hipnotiza, como no verso de Bandeira.

Carlos Drummond de Andrade



"Mulher sertaneja, livre, turbulenta, cultivadamente rude..."

a sua ligação com usos brasileiros tradicionais, como o rito da devolução: "As vezes, ia de empréstimo à casa da boa Pia Norita. Era certo no centro da mesa de aniversário, com sua montanha de empadas bem tostadas. No dia seguinte, voltava, conduzido por um portador que era sempre o Abdenago, preto de valor, í de oia e muita confiança. Voltava com muitos obrigados (é, melhor chetho/de doces e salgados/ Tornava a reliquia para o relicário..."

Relicário, é também o sortido depósito de memórias de Cora Coralina.

Fonte: Museu Casa de Cora Coralina.

Mais uma vez, sobre à dedicatória escrita por Rachel de Queiroz, esta, possui como data o ano de 1966; já assinada por Dinah Silveira de Queiroz no livro *A muralha* (1971) tem registrado o ano de 1972. Nesta última, Dinah cita Rachel evidenciando a amizade entre as duas escritoras¹¹³. Na década de 70 ocorreu um fato marcante envolvendo as Queiroz e a ABL e que merece um breve relato.

Dinah Silveira de Queiroz solicitou sua inscrição como candidata à ABL em 1970, acreditando que o Regimento vigente ainda era o mesmo da fundação da academia. Seu pedido, negado, foi o segundo na história

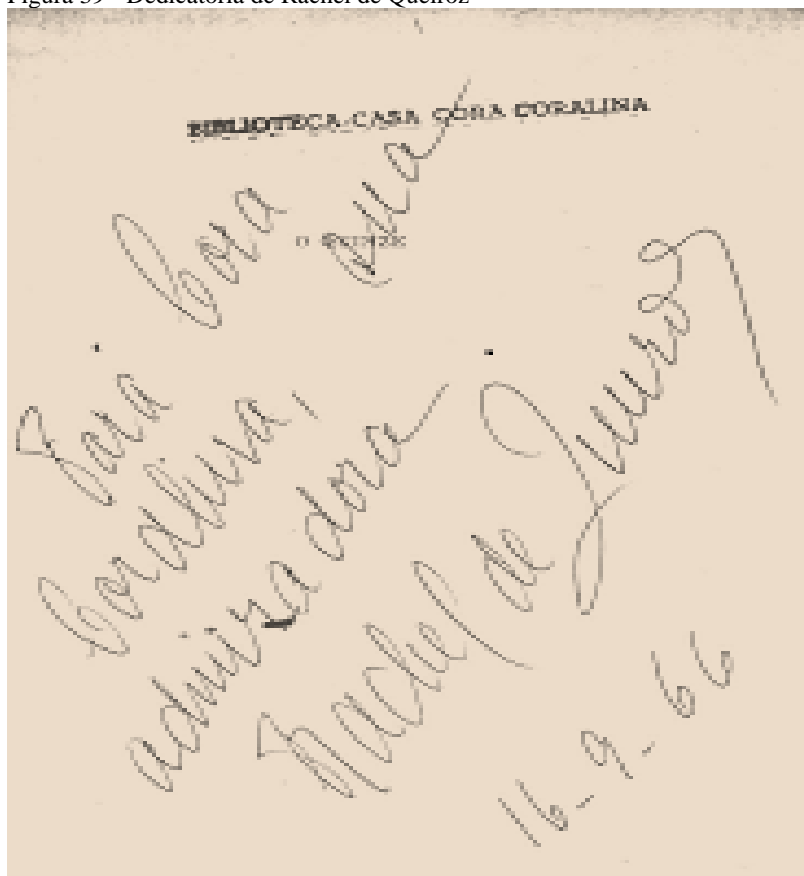
¹¹³ Para além da amizade entre as escritoras, havia uma ligação de parentesco entre elas, uma vez que o primeiro marido de Dinah Silveira de Queiroz, Narcélio de Queiroz era primo de Rachel de Queiroz (FANINI, 2009)

da ABL em relação a uma candidatura feminina, o primeiro coube a Amélia Freitas Beviláqua. Diante de tal negativa, Dinah empenhou-se numa batalha a favor do ingresso feminino na ABL. O sucesso de tal empreitada previa a quebra da hegemonia masculina de 80 anos.

Sendo assim, a eleição de Rachel de Queiroz, em agosto de 1977 se diferenciou das candidaturas femininas anteriores por dois motivos principais, o primeiro porque contou com a disposição de Dinah de Queiroz em solicitar a alteração do Regimento e, o segundo, pelo fato de seus amigos e incentivadores literatos terem indicado seu nome, ao contrário de Amélia Freitas Beviláqua e Dinah Silveira de Queiroz que se autoindicaram (FANINI, 2009).

É, portanto, certo que a “grande Rachel” como citada por Dinah de Queiroz na dedicatória foi quem estabeleceu proximidade entre Cora Coralina e a autora de *A muralha*. Convívio selado com troca de presentes (doces e livros), conforme verificável nas imagens abaixo.

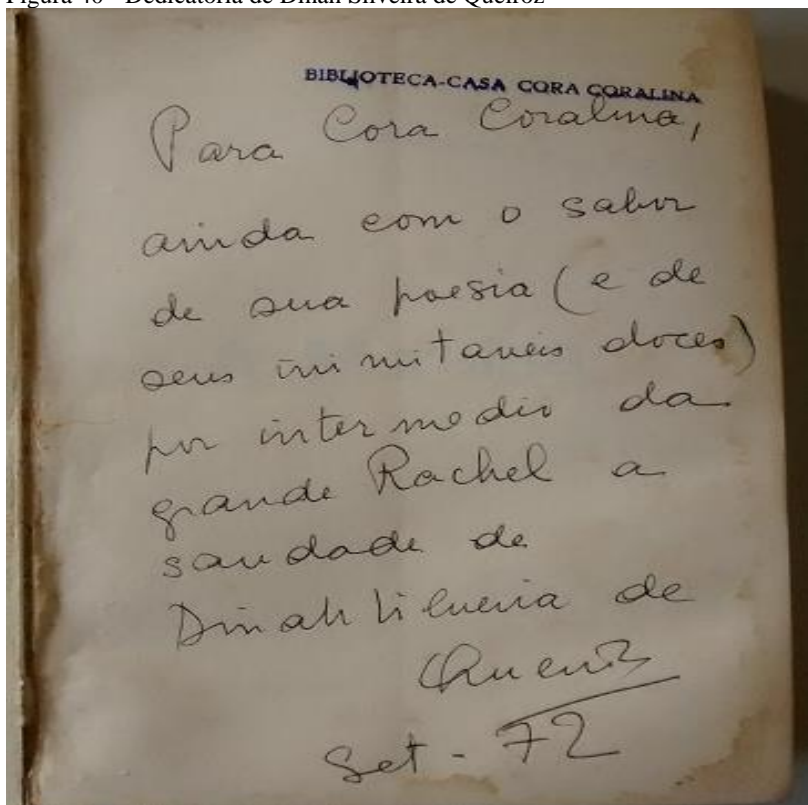
Figura 39 - Dedicatória de Rachel de Queiroz



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

*Para Cora Coralina,
sua admiradora.
Rachel de Queiroz
16-9-66*

Figura 40 - Dedicatória de Dinah Silveira de Queiroz



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

*Para Cora Coralina,
ainda com o sabor
de sua poesia (e de
seus inimitáveis doces)
por intermédio da
grande Rachel a
saudade de
Dinah Silveira de Queiroz
Set. 72*

Outras dedicatórias receberam destaque nesse estudo como, por exemplo, as escritas por Francisco Cândido Xavier. Ao todo são três livros com dedicatórias assinadas por Chico Xavier, a saber: *Maria*

Dolores (1977); *Luz Bendita* (1977); e *Poetas redivivos: obra mediúnica* (1969). A questão da religiosidade de Cora Coralina é singular. Sabe-se que a poetisa foi educada numa família que respeitava as diferentes religiões. Sua filha, Vicência Bretas Tahan, destaca na biografia romanceada *Cora Coragem Cora Poesia* (1989), que sua avó materna participava ativamente das atividades cristãs, mas possuía interesse na doutrina espírita. Diz Tahan (1989, p. 13, grifo nosso):

Senhora distrai-se com seus livros e revistas, que agora chegam semanalmente. Programa serões. Não esquece os aniversários. Providencia prendas para as quermesses – é uma boa cristã, apesar do kardecismo, atua bastante na igreja -, é braço direito do pároco nas festividades religiosas.

A gênese da doutrina espírita em Goiás é atribuída ao período pré-republicano e teve a influência de um distinto cidadão vilaboense, Jacyntho do Couto Brandão, tio de Cora Coralina. Segundo Curado (2014, *online*):

Jacyntho do Couto Brandão passou, ao que se sabe, a ser o primeiro estudioso da Doutrina Espírita em Goiás, tempo em que encomendou do Rio de Janeiro as obras de Kardec. Estudou sobre Eusábia Palladino, e conheceu, em Minas, Sinhô Mariano, tio de Eurípedes Barsanulfo, introdutor do Espiritismo no Triângulo Mineiro, notadamente em Sacramento.

A prática religiosa do tio é rememorada no poema “Meu tio Jacinto” publicado no livro *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha* (1984), no qual Cora Coralina versa:

[...]

*Eram os primeiros tempos do Espiritismo em Goiás,
suas primeiras experiências, a mesa de invocação.
Meu tio gostava da teoria e logo fez a mesa, leve, misteriosa,
de madeira fina e caprichada, e pôs a funcionar.
Sempre à noite, a gente apoiava de leve as pontas dos dedos,
concentrava, rezavam todos o Pai Nosso, invocava-se um espírito
escolhido da família e por meio de batidas marcadas,
estabelecia-se conversa e identificava-se o espírito presente
Falava-se em médiuns e mediunidades.*

*Estava muito comentada no tempo Eusápia Paladino,
que transmitia pela sua mediunidade
informações impressionantes do outro mundo.
Assinavam-se revistas espíritas.*

[...]

(CORALINA, 1984, p. 86)

Clóvis Carvalho Britto (2013) corrobora com os argumentos apresentados sobre a origem do espiritismo em Goiás e, acrescenta, com seu estudo acerca da construção e transmissão do espiritismo em Goiás, o importante papel feminino nesse processo. O autor aponta duas consideráveis crônicas escritas por Cora Coralina sobre o tema, em 1905 e 1908 no jornal *Tribuna Espírita*. Na primeira, Cora traz à luz nomes de pessoas que contribuíram com a difusão da doutrina em terras goianas. Conforme Britto (2013):

Os relatos de Cora Coralina contribuíram para que a trajetória de José Olympio Xavier de Barros (1842-1907) não caísse no esquecimento. De acordo com a escritora, ele teria sido o responsável pela organização das primeiras sessões espíritas e pela propagação da doutrina em Goiás. [...] Pioneirismo dividido com dois outros espíritas: o farmacêutico Luiz Marcelino de Camargo Júnior e o poeta e juiz Manuel Lopes de Carvalho Ramos. (BRITTO, 2013, p. 28)

Cora Coralina era assumidamente católica, batizada e crismada, mas essa condição não a impediu de admirar e respeitar outras religiões. O sincretismo está presente em sua poesia, ao versar sobre ritos religiosos em vários poemas. Destaco, primeiramente, os versos em *Os aborrecimentos de Aninha*:

*Era o Crisma, o último cerimonial pelo bispo, Dom Eduardo Duarte da Silva.
Saía de Goiás, aborrecido, para não mais retornar.*

Minha madrinha – Mestra Silvina.

*Eu, faceira, cabelo solto, amarrado com fita azul,
repuxado para trás.*

Queria penteado diferente, coisa linda.

Via com as outras. Não podia. Meu cabelo não dava.

Pouco, liso e fino – herança de meu pai.

[...]

Aquele Crisma – sua última cerimônia litúrgica

na Capela do Seminário.

Eu, menina boba, medrosa, filha de velho doente, com medo do Crisma.

(CORALINA, 1984, p. 136-138).

Em outra passagem, no poema *Do beco da Vila Rica* escreveu Cora Coralina:

Monturo...

Faz lembrar a Bíblia:

Jó, raspando suas úlceras.

Jó, ouvindo a exortação dos amigos.

Jó, clamando e reclamando do seu Deus.

(CORALINA, 2006, p. 99).

Do mesmo modo poetizou *Frei Germano* (2006) e *Irmã Bruna* (1984), respectivamente nos fragmentos dos poemas abaixo:

[...]

Frei Germano...

Quanto respeito, meu Deus!

Durezas de ascetismo.

Estatura invulgar de sacerdote.

Tão severo...

[...]

Cinquenta anos decorridos,

guardo na lembrança

sua figura austera,

retratada,

de velho santo.

E as lições aprendidas

do pequeno catecismo.

Como prêmio de aplicação

conservo daquele tempo,

recebido de suas mãos,

uma antiga História Sagrada

e uns santinhos que me têm valido

na aflição.

[...]

(CORALINA, 2006, p. 57-59)

[...]

No fim, minha mão vazia, segura

As mãos cheias de Deus.

E continuar na eternidade

*a renovação de meus votos jovens,
na glória imensa de ter sido em vida e morte,
Dele, a mais humilde e pequenina serva,
Irmã Bruna.
(CORALINA, 1984, p. 201).*

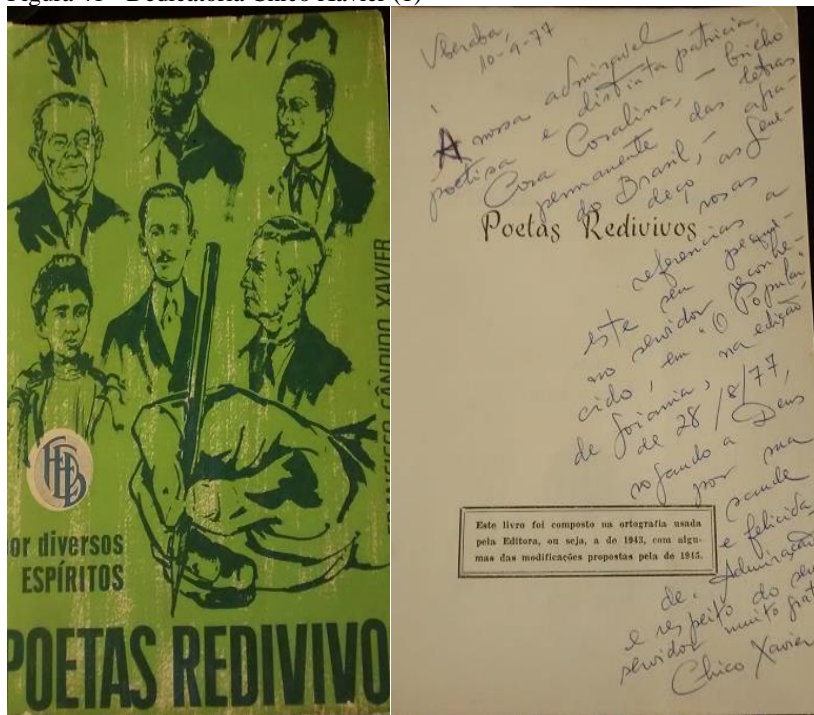
Além disso, a poetisa respeitou a lei de Allan Kardec e se mostrou desprovida de preconceitos religiosos ao versar em *Meu melhor livro de leitura* (1984) e *Todas as vidas* (2006):

[...]
*Minha pedra morena. Minha pedra mãe. Quem assentará você
sobre o meu túmulo no meu retorno às origens de todas as origens?
Minha volta ao mundo na lei de Kardec...
Vou reviver na menina Georgina.
Estarei presente no meu dicionário, meu livro de amor
que tanto me ensinou e corrigiu.
[...]
(CORALINA, 1984, p. 54).*

*Vive dentro de mim
uma cabocla velha
de mau-olhado,
acocorada ao pé do borralho,
olhando pra o fogo.
Benze quebranto.
Bota feitiço...
Ogum. Orixá.
Macumba, terreiro.
Ogã, Pai-de-santo...
(CORALINA, 2006, p. 31).*

Com Chico Xavier, Cora Coralina construiu uma sólida amizade e admiração mútua perceptível nas dedicatórias.

Figura 41 - Dedicatória Chico Xavier (1)

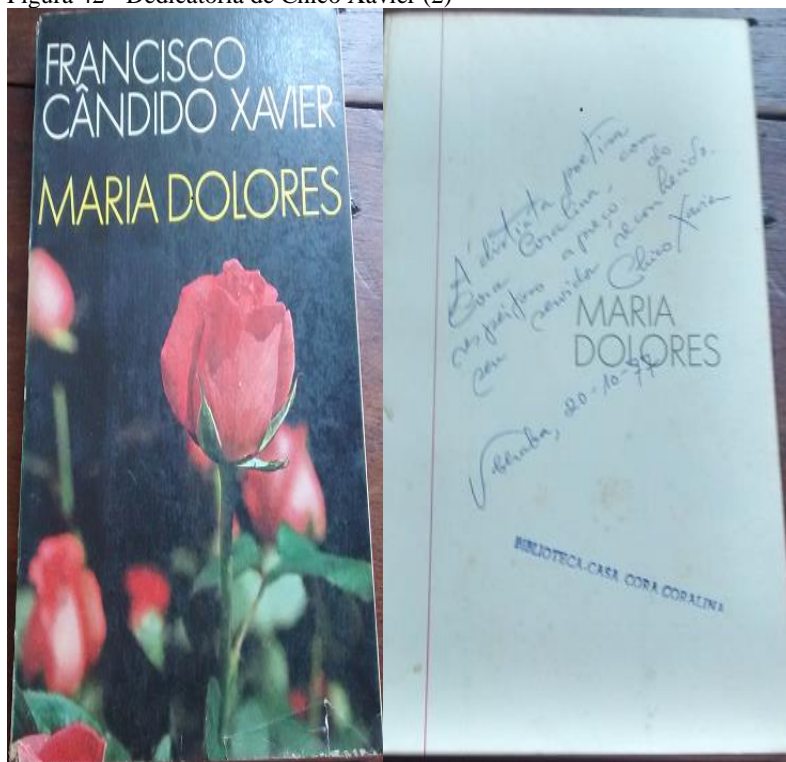


Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Uberaba 10-9-77

À nossa admirável poetisa e distinta patrícia Cora Coralina – brilho permanente das letras do Brasil – agradeço as generosas referencias a este seu pequeno servidor reconhecido, em “O Popular” de Goiânia, na edição de 28/8/77, rogando a Deus por sua saúde e felicidade. Admiração e respeito do seu servidor muito grato
Chico Xavier

Figura 42 - Dedicatória de Chico Xavier (2)



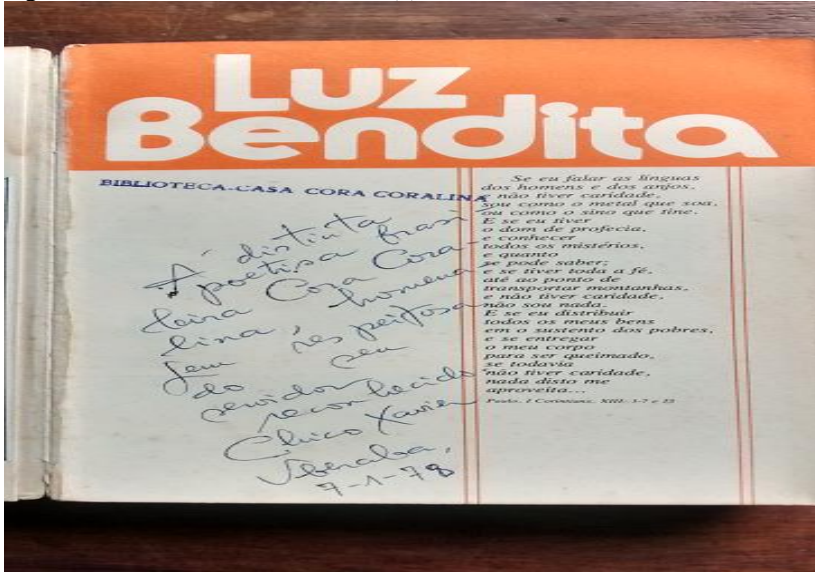
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

À distinta poetisa Cora Coralina, com respeitoso apreço do seu servidor reconhecido

Chico Xavier

Uberaba, 20-10-77

Figura 43 - Dedicatória Chico Xavier (3)



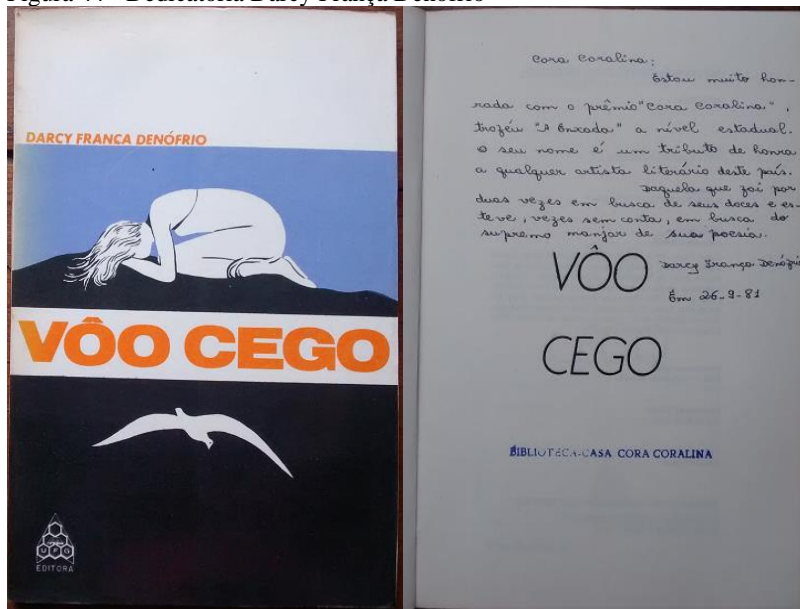
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

À distinta poetisa brasileira Cora Coralina, homenagem respeitosa do seu servidor reconhecido

Chico Xavier
Uberaba,
7-1-78

Dentre as dedicatórias selecionadas para serem apresentadas nesta tese, sublinho a escrita pela professora, poeta e crítica literária Darcy França Denófrío em seu livro *Voo Cego* (1980), obra que marcou sua estreia poética. O referido livro foi agraciado com o prêmio “Cora Coralina” no ano de 1981. A professora escreveu diversos trabalhos sobre a vida e a obra de Cora Coralina e realizou um levantamento da fortuna crítica da poetisa, que serviu como alicerce para o que foi apresentado no capítulo 2 – *Das vozes: fortuna crítica*. Sua dedicatória revela agradecimento e deferência a Cora Coralina.

Figura 44 - Dedicatória Darcy França Denófrío



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Cora Coralina

Estou muito honrada com o prêmio “Cora Coralina”, troféu “A enxada” a nível estadual. O seu nome é um tributo de honra a qualquer artista literário deste país. Daquela que foi por duas vezes em busca de seus doces e esteve, vezes sem conta, em busca do supremo manjar de sua poesia.

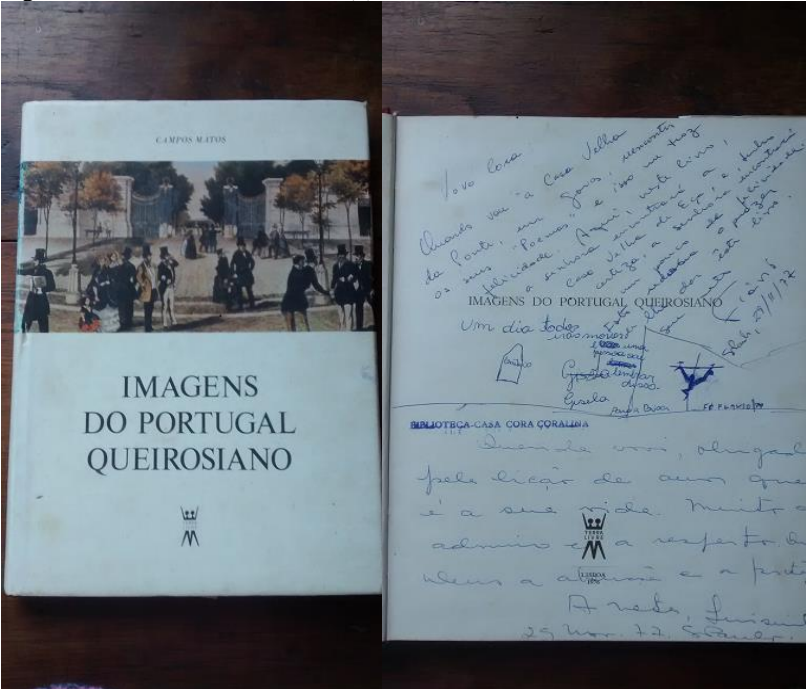
Darcy França Denófrío

Em 26-9-81

Para finalizar este subcapítulo sobre as redes de relações de Cora Coralina observadas, principalmente, em dedicatórias, escolhi algumas que considero emblemáticas e reveladoras da personalidade da poetisa. Trata-se de dedicatórias familiares que evidenciam laços afetivos e, sobretudo, apontam para gostos literários da poetisa. Isso pode ser observado no livro *Imagens do Portugal Queirosiano* (1976) de Campos Matos que, além das dedicatórias assinadas por seus netos, possui um

pequeno texto, considerado inédito, escrito pela poetisa, no qual ela assume sua admiração por Eça de Queiroz¹¹⁴.

Figura 45 - Dedicatória dos netos (1)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

¹¹⁴ Nesta tese optou-se pelo uso do sobrenome Queiroz a Queirós. Essa decisão teve como diretriz a recomendação encontrada no *site* Pórtico da Língua Portuguesa. Nele, Ana Salgado (2015, grifo da autora) escreveu um texto acerca da grafia do sobrenome de Eça de Queiroz ou Queirós esclarecendo que: “Eça é ‘Queiroz’ no registo de nascimento, nos documentos da época, na Fundação com o seu nome, nos dicionários queirosianos, no nome inscrito na estátua que Teixeira Lopes lhe dedicou, mas passou a ‘Queirós’ em vários estudos e reedições da sua obra. Há quem defenda a grafia «Queirós». Os seus defensores alegam que esta é a forma recomendada segundo a ortografia atual. [...]. Ambas as grafias estão corretas, mas se por registo Eça é Queiroz, então deveria usar-se esta, a grafia no caso do nome do romancista, forma que foi respeitada pela Fundação com o seu nome e é, também, a grafia usada numa recente edição de *Os Maias*, com uma nova fixação do texto, da responsabilidade de Helder Guégués, com a chancela da Guerra & Paz”.

“Vovó Cora

Quando vou à Casa Velha da Ponte, em Goiás, reencontro os seus “Poemas” e isso me traz felicidade. Aqui, neste livro, a senhora encontrará a Casa Velha de Eça, e, tenho certeza, a senhora encontrará um pouco de felicidade. Isto redobra o prazer de lhe dar este livro. ”

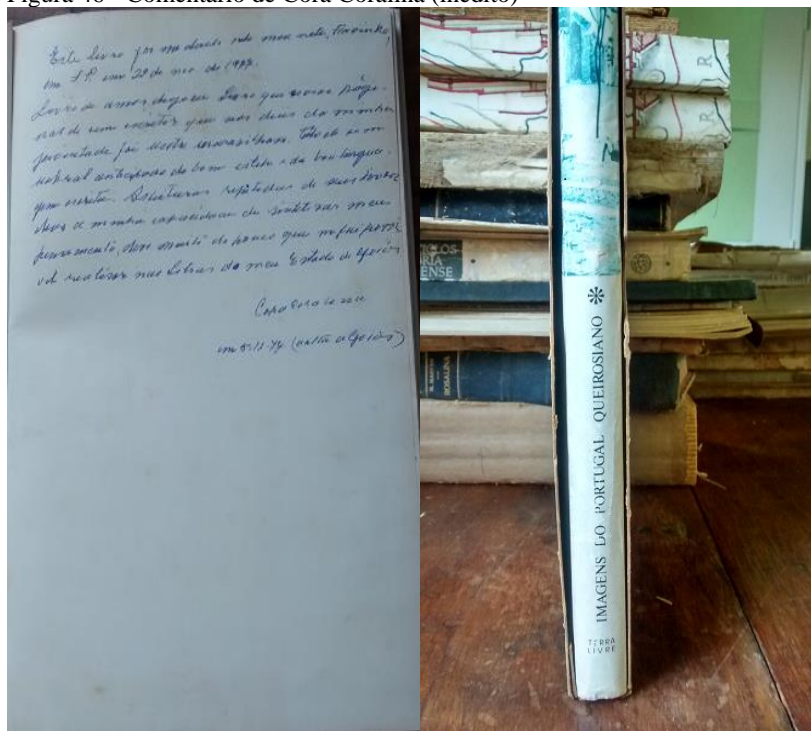
*Seu neto Flávio
São Paulo, 29/11/77*

*“Um dia todos irão morrer e uma pessoa vai lembrar disso”
Gisela para a Bisa*

“Querida vovó, obrigada pela lição de amor que é a sua vida. Muito a admiro e a respeito. Que Deus a abençoe e a proteja”

*A neta, Luisinha
29 nov. 77. SPaulo*

Figura 46 - Comentário de Cora Coralina (inédito)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

“Este livro me foi dado pelo meu neto, Flavinho, em S.P. em 29 de nov. de 1977. Livro de amor, digo eu. Livro que revive páginas de um escritor que nos dias da minha juventude foi mestre maravilhoso. Todo ele um moçal antecipado do bom estilo e da boa linguagem escrita. As leituras repetidas e seus livros deve a minha capacidade de sintetizar meu pensamento, devo muito do pouco que me foi possível realizar nas Letras do meu Estado de Goiás.

Cora Coralina

Em 5-12-77 (volta a Goiás)”.

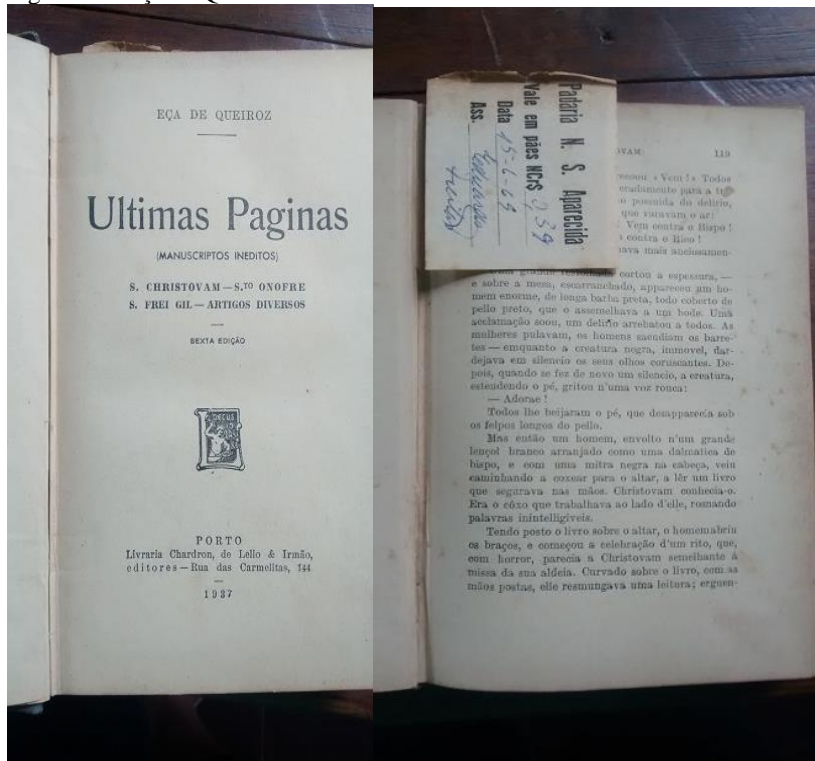
O apreço de Cora Coralina por Eça de Queiroz está registrado em entrevista concedida ao escritor Miguel Jorge (*apud* BRITTO, 2011b, p. 195). Suas palavras corroboram com a mensagem encontrada no livro de Campos Matos, disse a poetisa:

Apenas dois escritores me influenciaram ou me impressionaram. Eça de Queiroz, que ainda não foi ultrapassado, e outro contemporâneo, falecido há pouco tempo, Guimarães Rosa. Dois escritores diferentes, mas dois escritores na acepção da palavra.

E acrescenta que sua admiração pelo estilo de Eça de Queiroz era resultado do “[...] policiamento natural do seu palavreado escrito. Nunca ninguém escreveu tão bem com tão poucas palavras”. (JORGE *apud* BRITTO, 2011b, p. 195)

Na biblioteca de Cora Coralina encontrei dois livros de Eça de Queiroz, *Últimas páginas: manuscritos inéditos* (1937) e *A cidade e as serras* (1973). Livros visivelmente manuseados. No primeiro havia um marcador de página improvisado em formato de recibo de padaria com a data (15/6/69) e, no segundo, anotações de endereços e telefones.

Figura 47 - Eça de Queiroz - livro e marcador

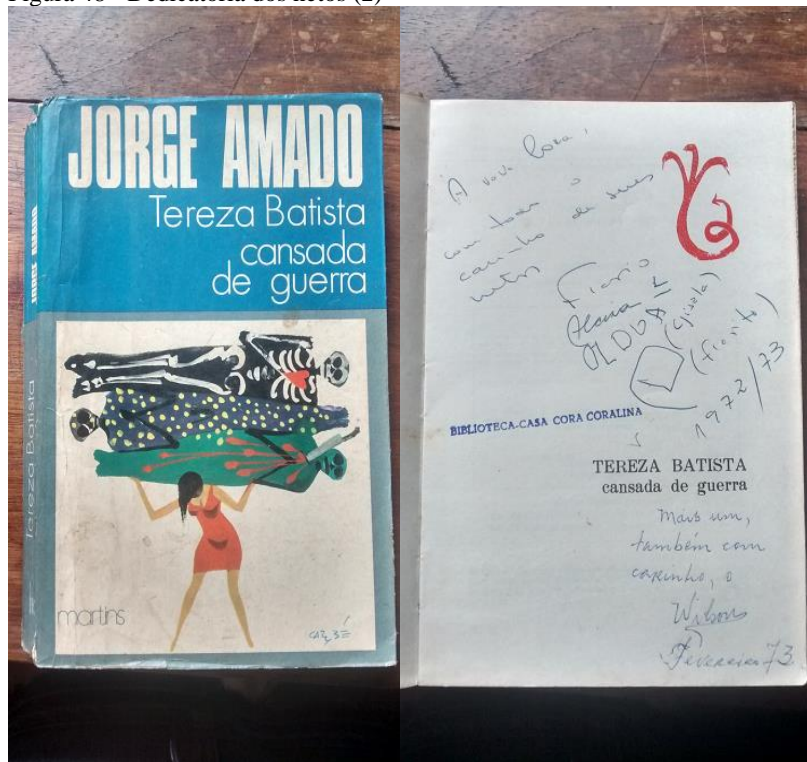


Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Os netos de Cora Coralina conheciam bem as preferências literárias da avó. Tanto que, por mais de uma vez, a presentaram com aquilo que preenchia sua alma: o livro. Na simplicidade de sua casa não havia rádio nem televisão. Ela se informava com a leitura de jornais, revistas, livros e por meio de troca de cartas com outros autores e alguns editores. No exercício desta prática colecionou amigos, conquistando admiração e respeito.

Como um exemplo de admiração mútua, posso citar, a ocorrida entre a poetisa e o escritor Jorge Amado, já comentada previamente. A família de Cora conhecia essa admiração e cumplicidade, veja-se a simbólica dedicatória familiar encontrada no exemplar *Tereza Batista cansada de guerra* (1972).

Figura 48 - Dedicatória dos netos (2)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Salvo o livro citado acima, a biblioteca possui outros cinco títulos de Jorge Amado, a saber: *Os velhos marinheiros* (1977) no qual deparei-me com alguns parágrafos contornados a caneta; *Terras do sem fim* (1942) encadernado artesanalmente; *Seara Vermelha* (1951) edição sem capa e com possível dedicatória assinada por Jorge Amado; *Os pastores da noite* (196?), cujo exemplar está sem capa e com algumas folhas deterioradas; e *São Jorge de Ilhéus* (1944) igualmente desprovido de capa.

Aliás, Cora Coralina trocou várias cartas com o amigo Jorge Amado. Em uma delas, reproduzida em sua biografia *Raízes de Aninha* (2009), a poetisa agradece o envio do romance *Tereza Batista*:

Jorge Amado, meu irmão. Venho agradecer a você a chegada de Tereza Batista. Ela está aqui em nossa

casa com seus dengues e seu xale florado e com muito agrado a todos. Ninguém se cansa do convívio com moça tão [...] simples e bonita. Mais do que Dona Flor, mais do que Gabriela toda cravo e canela, mais do que a mal vislumbrada Ofenísia, essa incorporou e virou coisa viva para valer. [...] Jorge dos Ilhéus?... Você tem prestígio, irmão. [...]. Sua cidade cheira cacau. [...]. Filmei tudo dentro de mim e trouxe mais comigo visão dos cacauzeiros e o cheiro do cacau. [...]. Agora, cá entre nós, como foi que aquela faca apareceu no quarto do capitão? [...] Obrigada por Lulu Santos, obrigada pelo dado as letras, a nossa terra, esse livro poderoso, tamanhão da Bahia, Goiás junto, partes de menor para Mato Grosso, Amazonas e mais territórios. [...] Obrigada a Deus por você existir e existir Zélia a seu lado, que homem sozinho não dá. [...] tendo meu curso do *Mobral* levo meu diploma aí. Quero ver terreiro, fazer iniciação e depois bater na sua porta, saber se Jorge Amado existe ou é ficção, mito, duende ou gente de verdade. (CORALINA *apud* BRITTO; SEDA, 2009, p. 337, grifo nosso).

Em contato, via mensagem eletrônica, com o sociólogo e biógrafo de Cora Coralina, Clóvis Carvalho Britto, perguntei qual era a sua opinião acerca da carta acima, na qual a poetisa agradece a Jorge Amado a chegada de *Tereza Batista* em sua casa e o fato do livro que consta em sua biblioteca possuir como dedicatória a assinatura dos netos. Seria o caso de um outro exemplar extraviado, subtraído da biblioteca por algum motivo (familiares na ocasião da morte de Cora, deterioração pela enchente) ou o texto da carta é um recurso linguístico/literário usado pela poetisa para comentar sobre o livro? Clóvis Britto (2016) emitiu a seguinte opinião:

No caso de Cora, ela não era muito organizada. Muitos livros que lia eram de vizinhos, a exemplo do último livro que releu – Grande Sertão Veredas. Todavia, neste caso específico acredito que foi um recurso literário que ela utilizou. Afirmando porque esse documento - assim como outros - não possui data, é um rascunho de carta que nem sabemos se ela teria enviado. Em um deles ela chega a descrever uma viagem a Ilhéus (que nunca existiu),

mas para dar a ideia de uma viagem metafórica proporcionada via literatura amadiana. (BRITTO, 2016).

A palavra *Mobral* permite uma leitura biografemática de Cora Coralina. Não há registro concreto que Cora tenha feito seu curso mobral¹¹⁵, como se propõe na carta, mas é fato que seus estudos formais foram poucos. No museu estão documentados a instrução escolar primária (Mestra Silvina) e o curso de datilografia feito por Cora Coralina aos 71 anos de idade. Isso não a impediu de, com suas leituras e sua curiosidade, conquistar erudição necessária para receber o título *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Goiás, conforme relatado anteriormente. Cora usa a palavra “mobral” como metáfora para manifestar sua humildade perante aos que ela considerava importantes literatos, como no caso, Jorge Amado e, anteriormente, Eça de Queiroz (Figura 47).

Interessante destacar que, no decorrer do tempo, criou-se uma conotação pejorativa em torno das pessoas que participavam do curso Mobral. Essa situação pode ser explicada pelo discurso aplicado pelo governo ditatorial, no qual se imputava à falta de desenvolvimento tecnológico e social do Brasil aos analfabetos, associando-os e responsabilizando-os pelos baixos índices alcançados. Apesar dessa ressalva, não é assim que Cora percebia. Ao usar a sigla, ela não demonstra esse tipo de estigma, seu tom está relacionado ao ensino tardio, ao desejo contínuo de aprender, à humildade. Nos versos de *Oração do pequeno delinquente*, Cora usa a palavra “mobral” suplicando por educação para as pessoas carentes:

¹¹⁵ MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) foi um programa criado pelo governo com o propósito de realizar uma alfabetização funcional de jovens e adultos. Criado em 1970, o programa foi extinto em 1985, sendo substituído pelo projeto Educar. (MENEZES; SANTOS, 2001). Santos (2015, p. 20) aponta como principais problemas do Mobral, o fato deste movimento ter por princípios educacionais “O não reconhecimento do saber popular, a ausência de questionamento diante da realidade repressora e a articulação aos ideais tecnicistas do desenvolvimento econômico tornavam a alfabetização desenvolvida pelo MOBREAL antidialógica, por não estabelecer diálogo com a história de vida do educando; e alienante, por não permitir a reflexão sobre o contexto”. Sobre o MOBREAL, reforça-se que este surgiu “Em resposta às pressões sociais por educação, o governo militar, com o objetivo de ampliar junto ao povo as bases legitimadoras do regime, criou, em 1967, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL)”. (SANTOS, 2015, p. 29).

[...]

*Mobral... Dai um Mobral
à criança que não teve lugar
na Escola Primária ou deixou
de a frequentar por falta de uniforme,
de livros e de cadernos e taxas
escolares.*

*Enquanto houver no meu País
uma criança sem escola
haverá sempre um adulto se evadindo
de um Mobral. Aumenta o número
de adultos analfabetos na razão
direta da criança sem escola,
aumenta a criminalidade jovem
na razão direta do Menor Abandonado,
infrator, corrompido, delinquente
a caminho da criminalidade do adulto
pela falta de escolas profissionais,
escolas de salvação social.
(CORALINA, 2006, p. 233)*

Essas constatações arrematam as reflexões acerca das redes de relações da poetisa Cora Coralina e como se descortinam biografemas a partir do entrelaçamento entre a *bios* e o *graphos*. Realça-se a heterogeneidade dos elementos que compõem um arquivo literário, exigindo novas associações entre a intencionalidade do pesquisador e as fontes disponíveis, tendo como ponto favorável o objeto e a escritura que, no caso deste estudo, levaram às pistas para uma leitura biografemática.

O próximo subcapítulo será dedicado a explicitar o catálogo criado a partir do estudo *in loco* na biblioteca de Cora Coralina.

4.3 ENTRE ESTANTES

Neste subcapítulo, antes de passar às considerações sobre a dimensão da natureza do trabalho com o acervo bibliográfico, apresentando o catálogo, é necessário marcar a singularidade do acervo de Cora Coralina, abrigado no museu Casa de Cora Coralina¹¹⁶ e ponderar acerca das nuances envoltas ao sistema literário e como estas são percebidas no trabalho com acervos literários. O acervo de Cora é

¹¹⁶ Em 2016 foi criado o *site* com as principais informações sobre o museu. <http://www.museucoracoralina.com.br/site/>.

composto por seus objetos pessoais, móveis, utensílios domésticos, manuscritos, livros, fotos e as correspondências da poetisa que foram doados por sua família ao museu. Conforme seu estatuto (apresentado no Anexo A), o museu é uma sociedade civil com personalidade jurídica de direito privado sem fins lucrativos, que tem como foco preservar a memória e promover a divulgação da obra de Cora Coralina. A disposição do acervo no espaço da casa-museu é sustentada por uma concepção museológica que privilegia a ambientação autobiográfica, no ténue limiar entre as esferas do público e do privado. É nesse universo que a biblioteca particular de Cora Coralina acondiciona os livros colecionados pela poetisa. Livros que revelam as marcas de suas leituras e suscitam indagações sobre alguns pontos relacionados às peculiaridades das obras e dos autores que integram o catálogo. Pondero, ademais, sobre o fato de que os estudos de acervos literários se constituem na prática de se lidar com os resíduos materiais, sustentados pelo caráter híbrido das fontes dos arquivos literários e a grande quantidade de informações que estas possuem. O trabalho com acervo literário reflete, de certo modo, a tendência atual do sistema literário, ao modo como este é analisado pela professora Maria Eunice Moreira com vistas nas teorias de Niklas Luhman e Siegfried Schmidt¹¹⁷. Afirma a professora:

Ler ou interpretar obras ou ler e interpretar a história da literatura significa que o observador tem consciência de que não lê nem interpreta textos, mas lê e interpreta dados já lidos e interpretados por outros sujeitos sociais (a crítica, a lista de livros recomendados pela revista, a transposição do livro para o cinema, o sucesso do filme, o apelo da mídia sobre determinada obra). (MOREIRA, 2012, p. 17).

Este modelo de sistema literário encontrou suas bases na teoria proposta por Hans Robert Jauss, em 1967, quando enunciou em sua aula proferida na Universidade de Constança, sob o título *A história da literatura como provocação da ciência literária*. Na ocasião, a estética da recepção surge como uma proposta que estabelece a hegemonia do leitor como agente privilegiado no ato interpretativo do texto literário (autor-

¹¹⁷ Segundo Moreira (2012), o sociólogo Niklas Luhman propõe três conceitos fundamentais, a saber: o conceito de sistema; o conceito de entorno (ou contexto ou moldura); e o conceito observador; e Siegfried Schmidt estabelece à produção, à mediação, à recepção e à avaliação como parte do sistema literário.

obra-público). Ao romper com os dogmas marxistas e formalistas que negam a recepção e, especialmente, o seu efeito sobre o leitor, pressupondo uma atitude passiva deste, Jauss questiona os conceitos evolutivos e lineares e os desloca rumo a uma compreensão que ultrapassa o eixo, antes voltado à imanência do texto, para o de um sistema literário. De modo análogo, Olinto (2006, p. 135) afirma que os:

Estudos de literatura concebidos na ótica de teorias sistêmicas e teorias de ação não tematizam o texto literário como entidade autônoma, mas investigam diversas dimensões e transformações do sistema literatura, tais como produção, mediação, recepção e análise teórica de textos literários.

Ressalto, que além de Jauss, a estética da recepção é pensada por um grupo de intelectuais¹¹⁸ que, agrupados na Universidade de Constança, acreditavam “[...] ser possível embasar a historicidade específica da arte na pesquisa da dimensão da recepção e de seus efeitos”. (MIRANDA, 2007, p. 21).

Trazer ao centro a questão do leitor e, conseqüentemente, a história das leituras é assumir, conforme José Luís Jobim (1992)¹¹⁹ preconiza, que o leitor está imbricado na concepção da imagem da obra e,

[...] como um livro é uma estrutura que se reitera e se reinscreve em sucessivos contextos de recepção, pode inclusive vir a produzir efeitos indesejados e insuspeitados pelo autor – até mesmo contrários a suas intenções. (JOBIM, 1992, p. 135).

Isso me faz pensar na transformação do texto, por meio do ato de ler, pois “[...] é na dialética estabelecida entre estas instâncias de produção e recepção de textos que se tece o discurso da história literária [...]” (COUTINHO, 2003, p. 18) e, nesse sentido, a leitura está subordinada a fatores condicionados “[...] pelo estatuto de classe, pelo “gosto”, pelo lugar ocupado pelo leitor no tecido social e num dado momento histórico”. (REIS, 1992, p. 68, grifo do autor).

¹¹⁸ Nomes como, por exemplo, Wolfgang Iser, Hans Ulrich Gumbrecht, Karlheinz Stierle, Harald Weinrich, Manfred Fuhrman e Hans Neuschäfer.

¹¹⁹ Jobim (1992) discute, em seu ensaio, quatro questões ligadas à História da Literatura: a recepção; a descrição; a origem; e a tradição. Nesta tese darei enfoque à recepção e a tradição.

E este espaço preenchido pelo leitor é também um espaço relativo e conexo ao do autor, visto que, direta ou indiretamente, o texto apresenta o contexto social e histórico de seu escritor. Assim, a escrita é revestida pelo poder de quem a escreve. Nessa orientação, a tradição ou cânone não se dissocia de questões de poder e autoridade e, por isso, Reis (1992, p. 72) afirma que: “Ao olharmos para as obras canônicas da literatura ocidental percebemos de imediato a exclusão de diversos grupos sociais, étnicos e sexuais do cânon literário”. Saliento que, o exercício de poder atribuído ao intelectual e/ou crítico literário, geralmente instituídos e vinculados às instituições e às universidades, são importantes na disseminação e delimitação de critérios do cânone¹²⁰.

Nesse sentido, estudar a biblioteca de Cora Coralina mostrou-me que a sua coleção de livros se reveste de elementos da tradição cultural, pois as escolhas dos livros que constituem uma biblioteca particular nunca são neutras, ou seja, não estão isentas dos aspectos que as fundamentam, conforme algumas regras canônicas estabelecidas. A razão pela qual a poetisa fez a opção por sua coleção de livros insere-se no horizonte de leitura da época e, talvez, pode não fazer sentido ao leitor da atualidade, pois “[...] para falar de leituras e leitores é sempre importante tematizar o contexto em que ambos existem, a história está presente no próprio processamento e atribuição de sentidos, correlacionados ao texto”. (JOBIM, 2011, p. 142). Por isso, ao analisar o catálogo criado, a partir dos livros e periódicos da poetisa, algumas questões se colocam como, por exemplo, a presença de obras consideradas canônicas pela crítica literária e, também, a invisibilidade de alguns autores.

A invisibilidade destacada por Fernando Monteiro (2016), como sendo uma zona de sombra na literatura brasileira, não faz distinção entre prosa ou poesia, nem tampouco os escritores, nas palavras do autor, “*mainstream* ou laterais”. Monteiro (2016, p. 11, grifo do autor), sobretudo, destaca que “Não são poucos os que se encontram sob essa pesada nuvem – imerecida, tantas vezes – de ostracismo, esquecimento, “exílio” na própria literatura pátria [...]”. Caberia a um outro estudo,

¹²⁰ Abro um breve parêntese para destacar a reflexão que Eneida Maria de Souza faz acerca da crítica literária e seus vínculos com a crítica cultural e à literatura comparada. Trata-se de uma interessante análise sobre a questão do valor estético (a alta e baixa literatura) no presente. Em seu ensaio *Nostalgias do cânone* ela afirma: “Se os movimentos literários perderam, na atualidade, a sua eficácia e os ismos caíram em desuso, isso se deve à transformação sofrida pelos discursos artísticos das últimas décadas, em que se viram abaladas as genealogias e deslocados os centros de referência cultural”. (SOUZA, 2002, p. 86)

posterior a este, que tomasse como ponto de partida o catálogo da biblioteca, e se dedicasse a analisar e a reconstituir o horizonte de expectativa de leitura sob o qual foi constituída a biblioteca de Cora Coralina e destrinchar com acuidade os nomes, que apesar de certa proximidade temporal com os dias atuais, se enquadram (ou não) no sistema de referências imposto pelo cânone e, portanto, se encontram:

[...] misteriosamente fora dos epicentros rotatórios por efeito da atenção em alguns “mantras”, [...] hipnotizantes em torno de Bandeira – Drummond – Cabral na poesia, e, na prosa, Lispector – Lispector - Lispector, modernamente falando. (MONTEIRO, 2016, p. 11)

Chamo a atenção para o fato de que, em alguns momentos, pode parecer insondável e intrincada a reunião do material colecionado por Cora Coralina, mas cabe sempre lembrar o que José Luis Jobim (2011, p. 139) acredita:

Mesmo sozinho em sua biblioteca, o leitor real não poderia desligar-se da tradição cultural em que se situa sua visão de mundo, a partir da qual a leitura se efetua. Ele não poderia renunciar a um repertório de normas e valores históricos determinados, porque este repertório é parte integrante de seu mundo: constitui o próprio horizonte no qual se forma sua consciência.

E, para concluir essa análise sobre a história da literatura e a imbricação com os limites das leituras e produção textual, complemento com a fala do próprio Jobim (2011) sobre suas impressões, ao organizar o livro com os textos sobre a biblioteca de Machado de Assis, disse ele:

[...] pressupus que o levantamento das obras que ele leu e a comparação de seu universo de leitura com os padrões europeus e brasileiros da época não era algo que nos informasse apenas sobre as idiosincrasias de Machado. Considerei que a seleção de autores e obras apresentava aspectos privados e públicos, ao mesmo tempo, pois também se inscrevia em uma tradição cultural na qual se enraizavam os critérios que fundamentaram a escolha feita. (JOBIM, 2011, p. 140).

Dito isto, passo a explicar as práticas relacionadas ao trabalho de inventariar acervos literários, resultantes de um processo investigativo, no qual abrem-se fendas que permitem observar as intimidades do autor estudado. Os aspectos confessionais encontrados no acervo retiram o véu dos pormenores da vida íntima, desvelando, com isso, aquilo que há do autor dentro do arquivo. A partir da investigação no acervo é possível, por meio dos rastros e resíduos, lançar outras luzes sobre o autor e a sua obra.

Assim, no catálogo apresentado a seguir, elaborado a partir das obras dispostas na biblioteca particular de Cora Coralina, utilizei como método, devido minha formação acadêmica e experiência profissional, os critérios estabelecidos pela biblioteconomia, para a atribuição de assunto, ou seja, a tabela de classificação documentária desenvolvida no final do século XIX pelos belgas Paul Otlet e Henri de La Fontaine e que é amplamente utilizada por bibliotecas nacionais e internacionais – Classificação Decimal Universal (CDU). A CDU abrange todas as áreas do conhecimento, a saber:

Classe 0 – Generalidades.

Classe 1 – Filosofia. Psicologia.

Classe 2 – Religião. Teologia.

Classe 3 – Ciências Sociais.

Classe 4 – Classe vaga.

Classe 5 – Matemática. Ciências naturais.

Classe 6 – Ciências aplicadas. Medicina. Tecnologia.

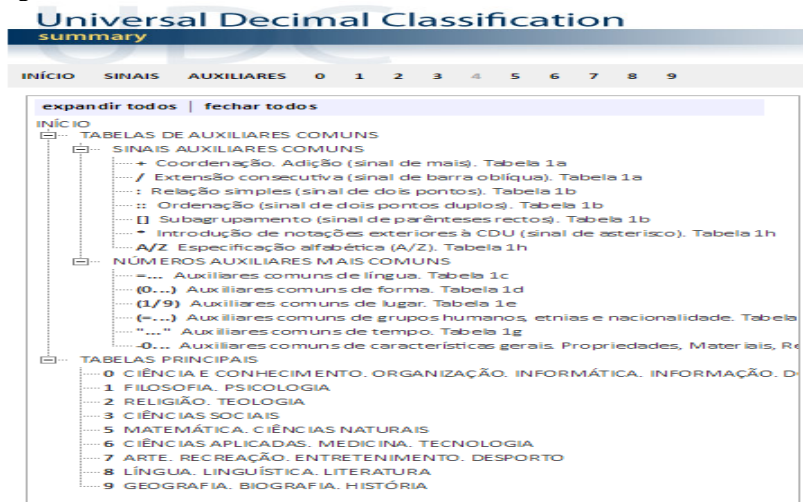
Classe 7 – Arte. Recreação. Entretenimento. Desporto.

Classe 8 – Língua. Linguística. Literatura.

Classe 9 – Geografia. Biografia. História.

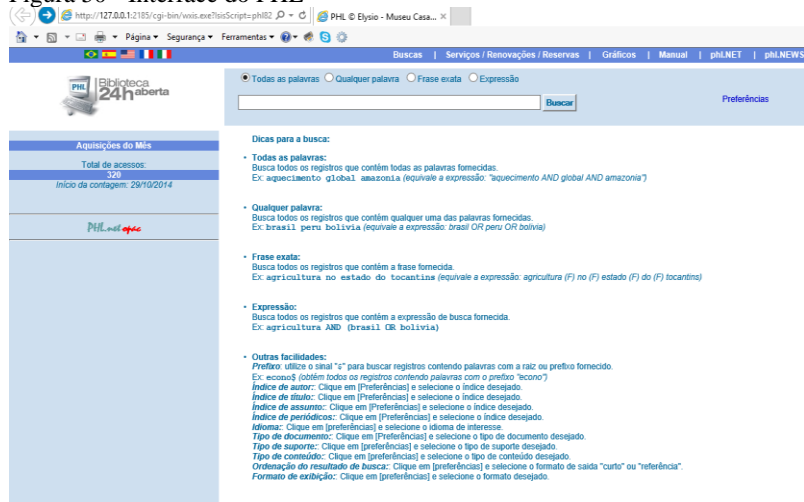
As duas figuras a seguir referem-se, respectivamente, a tabela principal da CDU, com as tabelas auxiliares e a interface do sistema PHL utilizado no registro das informações, tombamento dos exemplares e na realização de consultas no acervo.

Figura 49 - Tabela CDU



Fonte: <http://www.udcsummary.info/php/index.php?lang=pt&pr=Y>.

Figura 50 - Interface do PHL



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Para a apresentação do catálogo, optei por dividir os resultados da catalogação em duas partes, no formato de quadros. O primeiro quadro

compreende os livros e os materiais de referência¹²¹ e, o segundo, os títulos e exemplares de periódicos.

O catálogo obedece ao seguinte critério de exposição: a primeira coluna¹²² transcreve o número de localização e organização do acervo, ou seja, o número de chamada que indica a posição do livro na estante. O número de chamada é resultante da combinação da Classificação Decimal Universal e o Cutter¹²³ (notação de autor).

A segunda coluna traz o nome do autor¹²⁴ (com entrada por ordem alfabética e pelo sobrenome do autor). Na sequência, estão as colunas que representam, respectivamente, o título da obra e as informações da imprensa (local e data de publicação, nome da editora, volume, edição).

A quinta coluna denominada “particularidade” é designada a registrar, quando foi possível detectar, os comentários, anotações, marcas de leituras e observações outras que fornecem subsídios para entrever as manifestações biografemáticas. As informações desta coluna foram retiradas dos livros e periódicos como um todo e não somente das folhas de rosto.

A coluna intitulada “Exemplar e tombo” enumera a quantidade de exemplares de cada título e seu respectivo número de tombamento. Esta coluna demonstra que em alguns casos existem mais de um exemplar sob o mesmo título. E a última, nomeada “nota de conteúdo” registra peculiaridades que auxiliam na identificação minuciosa dos materiais bibliográficos, como o nome de tradutores, prêmios recebidos, concursos alcançados, dentre outros.

Ressalto que, no catálogo transcrito a seguir, o conteúdo foi reproduzido tal como encontrado nas folhas de rosto dos livros e periódicos, respeitando, assim, a fonte consultada e ignorando possíveis atualizações ortográficas. Passo, neste momento, a exposição do catálogo construído a partir dos livros e revistas que pertenceram à poetisa Cora Coralina.

¹²¹ Os materiais de referência compreendem os dicionários, enciclopédias e guias.

¹²² A descrição das colunas obedece ao sentido da esquerda para a direita.

¹²³ O uso da tabela de Cutter é necessária para diferenciar os títulos que possuem o mesmo número de classificação. Sua formação é composta pela primeira letra do sobrenome do autor e os números da tabela que foi criada em 1880 pelo bibliotecário Ami Cutter.

¹²⁴ No caso da tabela com os títulos de periódicos, esta coluna foi suprimida, pois nesse tipo de material não existe autoria específica.

4.3.1 Catálogo da biblioteca de Cora Coralina (livros e materiais de referência)

Quadro 1 - Livros e materiais de referência

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-31 / A56m	ABOUT, Edmond.	Les mariages de Paris.	[Paris]: [s.n.], [188-]. 349 p. (Collection Nelson).	Capa solta.	1 / 000756	
82-9 / A159d	ABRAHÃO, Alcyone.	Disritmia	Goiânia: Oriente, 1977. 188 p.	Possui dedicatória assinada pela autora	1 / 000097	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituraz, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-9 / A159c	ABRAHÃO, Alcyone.	Chevrolet 69.	Goiânia: [Cerne], [196?]. [104].	Possui dedicatória assinada pela autora. Livro incompleto. Todas as folhas estão soltas.	1 / 000179	
82-3 / A168b	ACADEMIA ORLEANEN SE DE LETRAS.	Beta: poesia, conto, crônica.	Florianópolis: Imprensa Universitária, 1984. 102 p.	Possui dedicatória assinada por Aida Salvador (autora).	1 / 000367	Diversos autores.
82-1 / A171t	ACCIOLI, João.	O tempo repetido.	São Paulo: IBREX, 1984. 130 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor (1984).	1 / 000565	
82-1 / A261m	AGAREZ, Maria Antonia Carmo.	Meus versos.	Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1984. 182 p.	Possui dedicatória assinada na folha de rosto.	1 / 000027	
929 / A282v	AGUIAR, Porfirio de.	Vida de São Francisco de Assis.	São Paulo: [s.n.], 1925. 165 p.	Ausente.	1 / 000893	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-1 / A298a	AIRES, Aidenor.	Amaragrei.	Brasília: Ipiranga, 1978. 162 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor. Folha solta.	1 / 000138	3º concurso nacional de literatura do Estado de Goiás - 1º lugar- gênero poesia.
82-1 / A298n	AIRES, Aidenor.	Na estação das aves.	Goiânia: Oriente, 1973. 81 p.	Ausente.	1 / 000602	1º Prêmio Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos.
82-1 / A298d	AIRES, Aidenor.	Os deuses são pássaros do vento.	Goiânia: Cerne, 1984. 70 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor (Goiás, 9/01/85).	1 / 000620	Prêmio Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos.
82-1 / A298r	AIRES, Aidenor.	Rio interior.	Goiânia: Líder, 1979. 79 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor. Capa e folhas soltas.	1 / 000812	
82-1 / A321d	ALARÇAO, Nevinho.	Desejo e outros.	Brasília: [s.n.], 1983. 108 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000455	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82.09 / A325f	ALBALAT, António.	A formação do estilo pela assimilação dos autores. 6. ed.	Lisboa: Clássica, 1950. 346 p.	Encontrou-se recorte de jornal da coluna Ponto de Vista com nota sobre a questão do menor abandonado (Goiânia 22/05/75). Capa e folhas soltas.	1 / 000877	Tradução de Cândido de Figueiredo.
8 / A325a	ALBALAT, António.	A arte de escrever: ensinada em vinte lições. 8. ed.	Lisboa: A. M. Teixeira, 1948. 325 p.	Possui anotações a caneta e marcas de dobraduras nas folhas. Livro encadernado.	1 / 000794	Tradução portuguesa da 16ª edição francesa por Cândido de Figueiredo.
82-6 / A354c	ALCOFORA DO, Mariana; MELO, Francisco Manuel de.	Cartas de amor ao cavaleiro de Chamilly; Carta de guia de casados. 3. ed.	Porto: Lelo & Irmao , [19-]-]. 247 p. (Colecção Lusitania).	Possui marcações a lápiz em alguns parágrafos.	1 / 000943	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-9 / A368v	ALENCAR, Antônio Sena.	A visita do papa João Paulo II ao Brasil.	Goiânia: Universidade Católica de Goiás, [198?]. 36 p.	Possui dedicatória assinada na folha de rosto.	1 / 000007	
82-1 / A368a	ALENCAR, Antônio Sena.	O drama de um casamento.	Goiânia: Universidade Católica de Goiás, [198?]. 7 p.	Possui dedicatória assinada na folha de rosto.	1 / 000057	Título da capa: Ataliba e Rosalina no drama de um casamento.
82-1 / A368e	ALENCAR, Antônio Sena.	A espera misteriosa.	Goiânia: Líder, [198?]. 32 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000142	
9 / A368r	ALENCASTRA E, Amílcar.	A rebelião dos povos coloniais.	Rio de Janeiro: Livraria Prado, 1962. 168 p.	Carimbo na folha de rosto; Dedicatória em outro idioma.	1 / 000008	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituraz, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
9 / A447d	ALMEIDA, Ceciliano Abel de.	O desbravamento das selvas do Rio Doce: memórias. 2. ed.	Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. 219 p. (coleção Documentos Brasileiros, 103).	Possui dedicatória assinada por Maria Luísa Almeida Lang.	1 / 000333	Prefácio Luís da Câmara Cascudo.
82-1 / A447c	ALMEIDA, José.	Cidade do Salvador: poema.	Salvador: Fundação Gonçalo Moniz, [196?]. [10] p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000075	
82.09 / A447e	ALMEIDA, Nelly Alves de.	Estudos sôbre quatro regionalistas: Bernardo Éltis, Carmo Bernardes, Hugo C. Ramos, Mário Palmério.	Goiânia: UFG, 1968. 501 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000104	
82.09 / A44p	ALMEIDA, Nelly Alves de.	Presença literária de Eli Brasiliense.	Goiânia: UCG, 1985. 175 p. (Presenças Literárias, 2).	Apresenta marcas da enchente.	1 / 000747	Estudo crítico- histórico- biográfico. Seleção de textos. Notas explicativas.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leiturias, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-9 / A316c	AL- MUKAFA, Ibn.	Cailla e Dimna.	Rio de Janeiro: Apex, 1975. 202 p.	Possui dedicatória escrita em árabe.	1 / 000234	Tradução e apresentação de Mansour Challita.
82-1 / A473p	ALVARENG A, Valdir.	Plenilúdio.	Santos, SP: A Tribuna de Santos, 1982. 57 p. (Picaré/Poesia).	Ausente.	1 / 000664	
82-1 / A474e	ALVES, Castro.	Espumas flutuantes.	Rio de Janeiro: H. Antunes, 1957. 224 p.	Possui assinatura de João Andrade (outubro 1958). Capa solta.	1 / 000878	
82-1 / A474h	ALVES, Castro.	Hinos do Equador.	Salvador: Progresso, 1956. 250 p.	Assinatura de João Andrade (setembro 59). Ausente.	1 / 000908	
929 / A474m	ALVES, Joaquim Victorino Portella Ferreira.	Mallet: o patrono da artilharia.	Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1979. 296 p. (Coleção General Benício, 172).		1 / 000617	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituraz, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-1 / A475p	ALVIM, Ângela; FAUSTINO, Mário.	Poemas.	Lima: Centro de Estudios Brasilenõs, 1980. 77 p.	Possui dedicatória assinada por Maria Laura.	I / 000720	Prólogo de Ricardo González Vigil. Traduções de Manuel Moreno Jimeno e Ricardo González Vigil. Texto bilíngue (espanhol/portuguê s).
82-1 / A475p	ALVIM, Francisco.	Passatempo: e outros poemas.	São Paulo: Brasiliense, 1981. [138].	Ausente.	I / 000687	
82-1 / A475r	ALVIM, Maria Lúcia.	Romanceiro de Dona Beja.	Rio de Janeiro: Fontana, 1979. 189 p.	Possui dedicatória assinada por Maria Laura e outro nome ilegível. Folhas soltas.	I / 000424	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituraz, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-31 / A481v	AMADO, Jorge.	Os velhos marinheiros: ou a completa verdade sobre as discutidas aventuras do comandante Vasco Moscoso de Aragão, capitão de longo curso. 36. ed.	Rio de Janeiro: Record, 1977. 241 p.	Possui seleção de parágrafos com rabiscos marginais a caneta.	1 / 000327	
82-31 / A481t	AMADO, Jorge.	Terras do sem fim. 6. ed.	São Paulo: Martins, 1942. 297 p. (Obras de Jorge Amado, 8).	Livro encadernado artesanalmente.	1 / 000363	
82-31 / A481t	AMADO, Jorge.	Tereza Batista cansada de guerra.	São Paulo: Martins, 1972. 462 p. (Obras ilustradas de Jorge Amado, 19).	Possui dedicatória assinada por seus netos. Contém marcações a caneta em algumas páginas.	1 / 000522	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituraz, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-31 / A481s	AMADO, Jorge.	Seara vermelha. 2. ed.	São Paulo: Martins, 1951. 327 p. (Obras de Jorge Amado, 7).	Possui dedicatória assinada possivelmente por Jorge Amado (Andradina, agosto 1954). Sem capa.	1 / 000790	
82-31 / A481p	AMADO, Jorge.	Os pastores da noite.	São Paulo: Martins, [196-?]. 320 p. (Obras de Jorge Amado, 16).	Sem capa e folhas rasgadas.	1 / 000829	
82-31 / A481s	AMADO, Jorge.	São Jorge dos Ilhéus. 4. ed.	São Paulo: Martins, 1944. 363 p. (Obras de Jorge Amado, 9).	Sem capa.	1 / 000834	
82-9 / A485f	AMARAL, Jane Mahalem do.	Fresta.	Franca, SP: Luiz Cruz, 198-. 113 p.	Possui dedicatória endereçada à Maria Luísa e Cora Coralina e assinada pela autora.	1 / 000615	
82-9 / A517d	AMIM, Jair Elias.	Dualidade inaudita.	Goiânia: [s.n.], 1980. 24 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000719	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
82-1 / A178p	ANCHIETA, José de.	O poema da virgem. 3. ed.	São Paulo: Edições Paulinas, 1958. 307 p.	com assinatura ilegível (27-1- 1962).	1 / 000557	Tradução portuguesa em rítmos de Armando Cardoso S. J. Tradução de: De Beata Virgine dei Matre Maria.
82-9 / A553c	ANDRADE, Themis Carvalho de.	O canto dos pássaros.	[S.]: [s.n.], 1980. 88 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor na folha de rosto	1 / 000063	
2 / A553c	ANDRADE, Themis Carvalho de.	Carmelita.	Santos, SP: [s.n.], [198?]. 48 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000172	
291 / A582	ANGELIS, Joanna de.	Lampadário espírita. 2. ed.	Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1971. 245 p.	Possui dedicatória assinada por Sílvia e Geraldo.	1 / 000554	Psicografado por Divaldo P. Franco.
82-1 / A636e	ANTUNES, Xenia.	Exercícios de amor e de ódio.	Brasília: [s.n.], 1980. 129 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000520	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-1 / A646a	APES, Idalina Cotrim MONACO, Edson.	O arco-iris: a poetisa e o pintor.	[S.l]: [s.n.], 1978. [6].	Possui dedicatória assinada por Idalina na quarta capa.	1 / 000059	
82-31 / A662p	ARANTES, Sebastião.	O pranto dos inhambus.	Goiânia: Cultura Goiana, 1975. 109 p.	O exemplar n.90 possui dedicatória do autor na folha de rosto.	1 / 000090	
82-31 / A662p	ARANTES, Sebastião.	O pranto dos inhambus.	Goiânia: Cultura Goiana, 1975. 109 p.	Ausente.	2 / 000722	
82-31 / A662p	ARANTES, Sebastião.	O pranto dos inhambus.	Goiânia: Cultura Goiana, 1975. 109 p.	Ausente.	3 / 000723	
82-31 / A662p	ARANTES, Sebastião.	O pranto dos inhambus.	Goiânia: Cultura Goiana, 1975. 109 p.	Ausente.	4 / 000724	
82-31 / A662p	ARANTES, Sebastião.	O pranto dos inhambus.	Goiânia: Cultura Goiana, 1975. 109 p.	Ausente.	5 / 000725	
82-31 / A662p	ARANTES, Sebastião.	O pranto dos inhambus.	Goiânia: Cultura Goiana, 1975. 109 p.	Ausente.	6 / 000678	
82-31 / A662p	ARANTES, Sebastião.	O pranto dos inhambus.	Goiânia: Cultura Goiana, 1975. 109 p.	Ausente.	7 / 000679	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
82-9 / A663a	ARAÚJO, Antônio Amaury Corrêa de.	Assim morreu Lampião. 3. ed.	Santos, SP: Traço, 1982. 140 p.	Possui dedicatória assinada por Germano Barros na primeira folha.	1 / 000058	
82-91 / A678m	ARÊDA, Francisco Sales.	A malassombrada peleja de Francisco Sales com "o Negro Visão".	[S.l.]: [s.n.], [197-?]. 16 p.	Folhas soltas.	1 / 000856	
82-1 / A770i	ARRUDA, Eunice.	Invenções do desespero.	[S.l.]: [s.n.], [19--]. 112 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000534	
9 / A786d	ARTIAGA, Zoroastro.	Dos índios do Brasil Central.	Uberaba: Triângulo, [190?]. 186 p	Capa solta.	1 / 000034	
82-31 / A848q	ASSIS, Machado.	Quincas Borba.	São Paulo: Clube do Livro, 1944. 264 p.	Ausente.	1 / 000290	
39 / A859	ASTURIAS, Miguel Ángel.	Leyendas de Guatemala. 6. ed.	Buenos Aires: Losada, 1975. 169 p.	Ausente.	1 / 000638	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
82-91 / A865g	ATHAYDE, João Martins de.	As grandes aventuras de Armando e Rosa conhecidos por "Coco verde" e "Melancia".	[S.l.]: [s.n.], [19--]. 32 p.	Ausente.	1 / 000838	
82-91 / A865p	ATHAYDE, João Martins de.	A princesa Rosamunda ou a morte do gigante.	[S.l.]: [s.n.], [197-?]. 31 p.	Ausente.	1 / 000840	
82-91 / A865p	ATHAYDE, João Martins de.	Peleja de Manoel Riachão com o diabo.	[S.l.]: [s.n.], [197-?]. 16 p.	Ausente.	1 / 000841	
82-91 / A865p	ATHAYDE, João Martins de.	Peleja de Serrador e Carneiro.	[S.l.]: [s.n.], [197-?]. 16 p.	Ausente.	1 / 000842	
82-91 / A865p	ATHAYDE, João Martins de.	O príncipe e a fada.	[S.l.]: [s.n.], [197-?]. 47 p.	Ausente.	1 / 000843	
82-91 / A865p	ATHAYDE, João Martins de.	O prêmio do sacrificio ou os sofrimentos de Lindoia.	Juazeiro, CE: [s.n.], 1957. 32 p.	Ausente.	1 / 000844	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
82-91 / A865	ATHAYDE, João Martins de.	A órfã abandonada.	[S.l.]: [s.n.], [197-?]. 32 p.	Ausente.	1 / 000845	
82-91 / A865h	ATHAYDE, João Martins de.	História de Raquel e a fera encantada.	[S.l.]: [s.n.], [197-?]. 15 p.	Ausente.	1 / 000846	
82-91 / A865e	ATHAYDE, João Martins de.	A escrava Guiomar.	[S.l.]: [s.n.], [197-?]. 48 p.	Ausente.	1 / 000847	Título da capa: História da escrava Guiomar.
82-91 / A865f	ATHAYDE, João Martins de.	A filha do bandoleiro.	Juazeiro, Ce: [s.n.], [195-?]. 32 p.	Ausente.	1 / 000848	
82-91 / A865f	ATHAYDE, João Martins de.	A filha do bandoleiro: segundo volume.	Juazeiro, Ce: [s.n.], 1953. 32 p.	Ausente.	1 / 000849	
82-91 / A865c	ATHAYDE, João Martins de.	O casamento do calango com a lagartixa.	Juazeiro, CE: [s.n.], [197-?]. 16 p.	Ausente.	1 / 000850	
82-91 / A865e	ATHAYDE, João Martins de.	O enfeitado de Orion.	[S.l.]: [s.n.], [197-?]. 40 p.	Ausente.	1 / 000851	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-91 / A865h	ATHAYDE, João Martins de.	História do pavão misterioso.	Juazeiro, CE: [s.n.], [197-?]. 32 p.	Ausente.	1 / 000861	
82-9 / A946c	AVANÇO, Douglas.	O capeta 9.316.	Goiânia: Cultura Goiana, 1973. 121 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor (Goiânia, 01.09073).	1 / 000585	
82-9 / A946c	AVANÇO, Douglas.	O capeta 9.316.	Goiânia: Cultura Goiana, 1973. 121 p.	Contém assinatura de Luiza de Camargo Ferreira (1978).	2 / 000586	
82-1 / A985p	AYRES, Francisco.	Poemas da vida e do sonho.	Goiânia: Cultura Goiana, 1981. 109 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000092	
82-31 / A994g	AZEVEDO, Aluizio.	Girândola de amores. 6. ed.	São Paulo: Livraria Martins, 1954. 318 p. (Obras Completas de Aluizio Azevedo, 4).	Capa e folhas soltas.	1 / 000445	Publicado com o título Mistério da Tijuca literatura dos vinte anos.
9 / A994b	AZEVEDO, Aroldo de.	O Brasil e o mundo: as regiões brasileiras. 25. ed.	São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964. 253 p.	Livro encadernado com anotações a lápis e assinatura de Eunice Garcia Brêtas (2ª série - ginásio Concórdia).	1 / 000331	Volume III.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-9 / A994d	AZEVEDO, Pedro Cordolino Ferreira de.	D. Francisco o Bispo cego.	Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1954. 64 p.	Os dois exemplares possuem dedicatória assinada não destinadas a Cora Coralina.	1 / 000110	
82-9 / A994d	AZEVEDO, Pedro Cordolino Ferreira de.	D. Francisco o Bispo cego.	Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1954. 64 p.	Os dois exemplares possuem dedicatória assinada não destinadas a Cora Coralina.	2 / 000111	
82.09 / A994a	AZEVEDO, Sânzio.	Aspectos da literatura cearense.	Fortaleza: UFC, 1982. 359 p.	Ausente.	1 / 000521	Prefácio de Cláudio Martins.
9 / B181b	BALDWIN, Hanson W.	Batalhas ganhas e perdidas.	Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1978. 454 p. (coleção General Benício, 159).	Encontrou-se um recorte de jornal com, de um lado, a foto do livro de Massaud Moisés - Romantismo realismo e, de outro, crítica do livro Incidente em Antares de Érico Veríssimo.	1 / 000417	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
82.09 / B238c	BARBOSA, Alaor.	Confissões de Goiás.	Goiânia: Oriente, 1967. 179 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor na folha de rosto.	1 / 000077	
82.09 / B238p	BARBOSA, Alaor.	Pequena história da literatura goiana (1799-1983): para a infância e a juventude.	Goiânia: O Popular, 1983. 130 p.	Possui dedicatória endereçada à Maria Luiza e Cora Coralina e assinada pelo autor. A obra possui um capítulo dedicado à poetisa.	1 / 000683	
82-9 / B238	BARBOSA, Almiro Rolmes; CAVALHEIR O, Edgard (Orgs.).	Obras-primas do conto brasileiro. 7. ed.	São Paulo: Martins, 1957. 356 p.	Ausente.	1 / 000950	
82-1 / B238c	BARBOSA, José Afonso.	Corcel do tempo: poesia.	Goiânia: Ceme, 1982. 125 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor na primeira folha.	1 / 000067	
82-1 / B271n	BARRENEC HEA, Cristina Azra.	Nome da semente.	Brasília: [s.n.], 1980. [40].	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000475	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-1 / B273	BARRETO, Abílio.	L.YS.	Belo Horizonte: [s.n.], 1912. 105 p.	Falta algumas páginas. Sem capa.	I / 000865	Título atribuído pelo catalogador de acordo com a leitura do texto "A quem me houver lido" do próprio livro.
82-1 / B275p	BARRIGA, Heliana.	Poesia primeira.	Belém: [s.n.], 1982. 45 p.	Possui dedicatória em forma de poema.	I / 000096	
82-1 / B275n	BARRIGA, Heliana.	Naturomem.	[S.l.]: Associação dos Empregados da EMBRAPA/CPATU , 1983. 26 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	I / 000476	
82-1 / B275m	BARRIGA, Heliana.	Mãe amor.	Belém: [s.n.], 1983. 21 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	I / 000810	
8 / B277c	BARROS, Enéias Martins de.	Curso de português: quarta série.	São Paulo: Do Brasil, 1954. 218 p.	Possui assinatura de Goiany Cornélio Brom. Com expressivas marcas de deterioração provocada por insetos.	I / 000825	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-91 / B277v	BARROS, Leandro Gomes de.	A vida de Canção de Fogo e seu testamento.	Juazeiro, Ce: [s.n.], 1970. 32 p.	Ausente.	1 / 000860	
82-31 / B327s	BASTOS, J. B. Pereira.	Suplício de mãe.	São Paulo: Soma, 1984. 101 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000581	
82-1 / B327q	BASTOS, J. B. Pereira.	Quietude: volume II.	São Paulo: Soma, 1983. 142 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000688	
82-1 / B327q	BASTOS, J. B. Pereira.	Quietude: versos líricos e satíricos.	Alfenas, MG: [s.n.], 1981. 201 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000787	
82-3 / B327p	BASTOS, Olegário.	Poesia & prosa.	São Paulo: Zanzalas, 1980. 95 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor. Na página 36 há um poema dedicado à Cora Coralina.	1 / 000493	
82-31 / B333r	BATISTA, Alice Godinho.	Um raio de luz na noite escura.	Goiânia: Oriente, 1974. 269 p.	Possui algumas marcações a lápis (sinais de +) especialmente no primeiro parágrafo.	1 / 000135	
82-1 / B326c	BATISTA, Paulo Nunes.	A caminho do azul.	Anápolis: [s.n.], 1979. 106 p.	Possui dedicatória assinada na folha de rosto.; Carimbo "Ano internacional da criança".	1 / 000020	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-1 / B421i	BEHR, Nicolas.	Logurte com farinha.	Brasília: [s.n.]. 1977. [44].	Ausente.	1 / 000743	
82-1 / B447e	BELLONI, Consuelo.	Eu me deixei sonhar!: poemas.	Rio de Janeiro: Cia.Brasiireiro de Artes Gráficas, 1981. 94 p.	Possui dedicatória assinada pela autora. Encontrou-se um cartão postal francês enviado a Cora Coralina pelo casal Zelia e Jorge Amado.	1 / 000451	
82-9 / B478j	BENTO, Kátia.	O jogo da velha: histórias de Jesus para cachorros.	São Paulo: Do Escritor, 1981. 96 p. (coleção do Escritor, 41).	Possui dedicatória assinada pela autora. Apresenta marcas de correção ortográfica a caneta.	1 / 000256	Menção especial no prêmio Fernando Chinaglia-80.
82-1 / B478c	BENTO, Kátia.	Contrafala: (1977-1979).	Recife: Edições Pirata, 1980. 57 p.	Ausente.	1 / 000479	
82-9 / B518a	BERNARDES, Carmo.	Areia branca: contos e casos.	Goiânia: Cultura Goiana, 1976. 113 p.	Ausente.	1 / 000039	
82-9 / B518a	BERNARDES, Carmo.	Areia branca: contos e casos.	Goiânia: Cultura Goiana, 1976. 113 p.	Ausente.	2 / 000040	
82-9 / B518a	BERNARDES, Carmo.	Areia branca: contos e casos.	Goiânia: Cultura Goiana, 1976. 113 p.	Ausente.	3 / 000041	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-31 / B518j	BERNARDES, Carmo.	Jurubatuba: romance. 2. ed.	São Paulo: Cultura, 1979. 244 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000511	
82-9 / B518r	BERNARDES, Carmo.	Reçaga.	Goiânia: LEAL, 1972. 140 p.	Possui algumas marcas soltas e marcações a caneta.	1 / 000593	
82-9 / B518r	BERNARDES, Carmo.	Reçaga.	Goiânia: LEAL, 1972. 140 p.	Ausente.	2 / 000594	
82-9 / B518r	BERNARDES, Carmo.	Reçaga.	Goiânia: LEAL, 1972. 140 p.	Ausente.	3 / 000595	
82-9 / B518f	BERNARDES, Carmo.	Força da nova: relembrações.	Goiânia: [s.n.], 1981. 168 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor. Na primeira página contém pequeno relato manuscrito por Cora Coralina sobre viagem realizada.	1 / 000614	
78 / B518c	BERNARDO Neto.	Clara Lucidez.	[S.l.]: [s.n.], 1984?. 32 p.	Dados retirados da capa. Canção-homenagem à Cora Coralina na página 3.	1 / 000022	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
78 / B518c	BERNARDO Neto.	Clara Lucidez.	[S.l.]: [s.n.], 1984?. 32 p.	Ausente.	2 / 000571	
82-1 / B542c	BERTHOLDO, Oscar.	A colheita comum.	Bento Gonçalves, RS: Publicações 2001, 1971. 56 p. (Cadernos de poesia).	Possui dedicatória assinada na folha de rosto.	1 / 000031	
502 / B579e	BIASI, Renato de.	A energia nuclear no Brasil.	Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1979. 183 p. (Coleção General Benício, 169).	Ausente.	1 / 000120	
82-94 / B624r	BITTENCOURT, Fernando.	Roteiros e tesouros.	Rio de Janeiro: GRD, 1962. 187 p.	Contém um recorte de jornal com matéria sobre manifestação de repulsa do AI-4 por parte de líderes políticos do MBD. Algumas folhas soltas.	1 / 000381	
82-7 / B651a	BLOCH, Pedro.	Anedotas e histórias de gente.	Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1962. 196 p.	Folhas soltas.	1 / 000443	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
32 / B662m	BOAVENTURA, Jorge.	O mito da caverna: sua atualidade.	Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1983. 199 p.	Ausente.	1 / 000054	
82-1 / B695s	BOMFIM, Paulo.	Sonetos do caminho.	São Paulo: Roswitha Kempf, 1983. 131 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor. A página 130 contém uma correção ortográfica a caneta.	1 / 000338	
82-1 / B695p	BOMFIM, Paulo.	Praia de sonetos.	[S.l.]: Massao Ohno, 1981. [58].	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000657	
82-1 / B697t	BONACHELLA, Maria Cecília Machado.	Três fases.	Piracicaba, SP: Franciscana, 1978. 117 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000563	
82-9 / B711r	BONDESPACH O, Ana.	A rede era fúrtiva: cor.	Rio de Janeiro: CBAG, 1980. 168 p.	Ausente.	1 / 000013	
82-91 / B732e	BORGES, Francisco.	Entre o namoro e a dança.	[S.l.]: [s.n.], 1955. 8 p.	Ausente.	1 / 000839	
82-9 / B732m	BORGES, Humberto Crispim.	Moisés Santana - vida e obra.	Goiânia: Cerne, 1980. 330 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000402	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-9 / B732v	BORGES, Humberto Crispim.	O vale das Imbaúbas.	Goiânia: Bandeirante, 1979. 146 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000449	
82-1 / B732b	BORGES, João dos Reis.	Um beijo pendurado nos cabelos.	Brasília: [s.n.], 1981. [55] p.	Ausente.	1 / 000134	
3 / B779d	BOUTHOUL, Gaston; CARRÈRE, René.	O desafio da guerra: dois séculos de guerra 1740- 1974.	Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, [1979]. 176 p. (Coleção General Benício, 175).	Ausente.	1 / 000127	Título original francês: le défi de la guerre (1740-1974)
82-31 / B797f	BRACKEL, Ferdinand, frein von, 1835- 1905.	A filha do director do circo.	[S.l]: [s.n.], [192-?]. 736 p.	Sem folha de rosto. Assinatura de Goiany Cornelio Brom.	1 / 000938	
82-1 / B813e	BRAGA, Fernando.	O exílio do viandante: em dois discursos.	Brasília: Thesaurus, 1982. 64 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000611	
82-1 / B817	BRANDÃO, Carlos Rodrigues.	Os objetos do dia.	Goiânia: Oriente, 1976. 153 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000502	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
9 / B817p	BRANDÃO, Carlos Rodrigues.	Peões, pretos e congos: trabalho e identidade étnica em Goiás.	Goiânia: Oriente, 1977. 245 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000629	
82-1 / B817t	BRANDÃO, Francisco Manoel.	Terra Pauxí: poema.	Rio de Janeiro: [s.n.], 1955. 105 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor. Capa solta.	1 / 000218	
9 / B817b	BRANDÃO, Francisco Manoel.	Brasília e o buritiseiro.	Rio de Janeiro: [s.n.], 1958. 134 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor (Goiás (cidade) 24/10/58).	1 / 000916	
82-94 / B817v	BRANDÃO, Ignácio de Loyola.	O verde violentou o muro: visões e alucinações alemãs. 6. ed.	São Paulo: Global, 1984. 279 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000293	
9 / B817a	BRANDÃO, A. J. Costa.	Almanach da provincia de Goyaz: (para o ano de 1886).	Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1978. 157 p. (Documentos goianos).	Ausente.	1 / 000011	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
2 / B821p	BRANHAM, W. M.	Possuindo todas as coisas.	[S.l]: [s.n.], 1962. 40 p.	Possui dedicatória assinada por Wagner Candido Marques na última página. O livro possui algumas seleções de parágrafos feitos manualmente à caneta.	1 / 000074	
82-31 / B821c	BRANT, Vera.	A ciclofímica.	Rio de Janeiro: Rocco, 1975. 86 p.	Possui marcas de leitura a caneta em algumas páginas, e dedicatória assinada pela autora em 7/1/82.	1 / 000197	
82-31 / B821c	BRANT, Vera.	A ciclofímica.	Rio de Janeiro: Rocco, 1975. 86 p.	Possui dedicatória assinada pela autora em 11/8/77.	2 / 000198	
9 / B823s	BRASIL, Americano do.	Súmula de história de Goiás. 2. ed.	Goiânia: Departamento Estadual de Cultura, 1961. 122 p.	Ausente.	1 / 000447	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
39 / B823c	BRASIL, Antônio Americano.	Cancioneiro de trovas do Brasil Central. 2. ed.	Goiânia: Oriente, 1973. 283 p.	Possui dedicatória na folha de rosto.	1 / 000165	Edição crítica de Basileu Toledo França da Academia Goiana de Letras.
34 / B823c	BRASIL.	Constituição da República Federativa do Brasil.	Brasília: [s.n.], 1978. 128 p.	Folhas soltas.	1 / 000942	
36 / B823r	BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados.	A realidade brasileira do menor.	Brasília: Coordenação de Publicações, 1976. 259 p.	Possui dedicatória assinada por Teresa (Brasília, 22/4/80).	1 / 000427	Relatório da comissão Parlamentar de Inquérito destinada a investigar o problema da criança e do menor carente no Brasil.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
82-9 / B823	BRASIL. Instituto Nacional do Livro.	Bibliografia e crítica de Agrippino Grieco.	Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1968. 397 p.	Ausente.	1 / 000807	Coletânea organizada em comemoração do octagésimo aniversário do nascimento do escritor, com transcurso em 15 de outubro de 1968.
82-9 / B823	BRASIL. Instituto Nacional do Livro.	Bibliografia e crítica de Agrippino Grieco.	Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1968. 397 p.	Ausente.	2 / 000808	
2 / B823g	BRASILIENSE, Eli.	Um grão de mostarda. 3. ed. Rio Turuna.	Goiânia: Oriente, 1972. 106 p. Goiânia: UFG, 1964. 167 p.	Ausente.	1 / 000161	
82-31 / B823r	BRASILIENSE, Eli.			Possui dedicatória assinada por Nilton Joaquim de Oliveira (Go - 22-10-65).	1 / 000404	Prêmio de romance do I concurso literário da Universidade Federal de Goiás.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
82-31 / B823b	BRASILIENSE, Eli.	Bom Jesus do Pontal.	São Paulo: Martins, 1954. 175 p.	Sem capa.	1 / 000867	Carimbo de distribuição gratuita do serviço de expansão cultural da Secretaria de Estado da Educação e Cultura (Goiânia, 5/7/1961).
82-1 / B825b	BRAUN, Jayme Caetano.	Bota de garrão.	Porto Alegre: Sulina, 1979. 94 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000204	
030 / B825v	BRAUN, Jayme Caetano.	Vocabulário pampeano: pátrias, fogões e lendas.	[S.l.]: [s.n.], 19--. 218 p.	Possui dedicatória assinada por Helo S. Ferreira.	1 / 000238	A biblioteca possui o v.1
82-1 / B825d	BRAUN, Jayme Caetano.	De fogão em fogão. 2. ed.	Porto Alegre: Sulina, [197-]. 159 p. (coleção Pampa).	Possui dedicatória assinada por Isabel (15-11-71) e recorte de jornal com a nota intitulada "Técnicos do BNH veem execução do Planhap".	1 / 000314	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
82-1 / B825d	BRAUN, Jayme Caetano.	De fôgão em fôgão: versos gauchescos.	Porto Alegre: [s.n.], 1958. 185 p. (3 Chirus).	Possui dupla dedicatória, a primeira do autor na qual o mesmo indica o portador do livro e, a segunda do portador. Contém marcador de página e pequenas correções ortográficas.	1 / 000619	
82-9 / B858s	BRION, Marcel.	Schumann e a alma romântica.	Lisboa: Editorial Aster, 1961. 368 p. (Grande biografias).	Sem capa.	1 / 000832	Tradução de João Paulo Casais Monteiro.
82-9 / B859a	BRISAUD, André.	Almirante Camaris: o príncipe da espionagem alemã.	Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1978. 495 p. (Coleção General Benício, 165).	Ausente.	1 / 000214	Tradução do francês de Anita Souza Costa de Toledo.
82-8 / B862	BRITO, Mário da Silva (Org.).	Obras-primas da novela universal.	São Paulo: Martins, 1954. 495 p.	Possui assinatura de Goiany C. Brom.	1 / 000899	Vários autores.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
35 / B862h	BRITTO, Hélio Seixo de.	Histórico de uma administração: prestação de contas ao povo.	São Paulo: Alarico, 1965. 357 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor e não contém capa.	1 / 000806	Prefeito: Hélio Seixo de Britto (1961-1965).
35 / B862h	BRITTO, Hélio Seixo de.	Histórico de uma administração: prestação de contas ao povo.	São Paulo: Alarico, 1965. 357 p.	Contém correção da data a caneta na folha de rosto (1961-1966).	2 / 000809	
82-9 / B868c	BROM, Jorge.	Contos regionais. 2. ed. 120 p	Goiânia: Oriente, 1979.	Possui dedicatória assinada pelo autor na folha de rosto.	1 / 000072	
9 / B911c	BRUNTON, Paul.	O caminho secreto: uma técnica de autodescobrime nto espiritual para o mundo moderno.	São Paulo: Pensamento, 1965. 139 p.	Ausente.	1 / 000387	Prefácio de Alice A. Bailey, Tradução de Zófia de P. Gaffron.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
030 / B928d	BUENO, Francisco da Silveira.	Dicionário escolar da língua portuguesa. 9. ed.	[Rio de Janeiro]: FENAME, 1975. 1488 p.	Carimbo de Marlene Vellasco - Biblioteca particular - Leodegária de Jesus. Encontrou-se vários papéis entre as páginas, alguns com anotação, mas sem indicação de autoria.	1 / 000992	
82-1 / B928t	BUENO, Maria Thereza Galvão.	Trilogia do sol: sonetos.	São Paulo: [s.n.], 1982. 148 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000562	
82-31 / B963u	BURNAT, Jean.	A última czarina.	Belo Horizonte: Itatiaia, 1960. 300 p. (Grandes Mulheres da História, 11).	Possui dedicatória assinada por Teresina (Rio, 12-63). Livro sem capa e com marcas de umidade.	1 / 000789	Tradução de Neil R. da Silva.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
2 / B992c	BUZAID, Alfredo.	Camilo, o católico.	Rio de Janeiro: [s.n.], 1977. 194 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000102	Separata da Revista da Academia Paulista de Letras Ano XXXIV, janeiro de 1977, n. 87.
82-9 / B992j	BUZAID, Alfredo.	José Bonifácio: a visão do estadista.	[Rio de Janeiro]: Departamento de Imprensa Nacional, 1972. 325 p. (Biblioteca do Sesquicentenário, 2).	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000227	
82.09 / B992c	BUZAID, Alfredo.	Castro Alves, evangelista do direito.	São Paulo: Revista dos Tribunais, 1964. 208 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000420	Separata da Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, ano LXIX – 1964.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-09 / B992e	BUZAIID, Alfredo.	Ensaio literários e históricos.	São Paulo: Saraiva, 1983. 386 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	I / 000490	
82-9 / B992d	BUZAIID, Alfredo.	Dom Pedro II.	[São Paulo]: [s.n.], 1977. 142 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	I / 000497	Separata da Revista da Academia Paulista de Letras ano XXXIV - maio de 1977 - n. 90.
82-5 / B992p	BUZAIID, Alfredo; MOTTA FILHO, Cândido.	Posse de Alfredo Buzaid na Academia Paulista de Letras: cadeia n. 31.	[S.l.]: Imprensa Nacional, 1973. 85 p.	Possui dedicatória assinada por Buzaid (25-12-81).	I / 000461	
82-8 / C117c	CABRAL, Alexandre.	Camilo Castelo Branco: escritos diversos.	Rio de Janeiro: Agir, 1966. 125 p. (Nossos clássicos, 86).	Possui dedicatória assinada por Antônio M. (10.10.67).	I / 000432	
9 / C117p	CABRAL, Nelson Lustoza.	Paisagens do nordeste.	São Paulo: Linográfica, 1962. 265 p.	Capa solta.	I / 000732	I- Velhos caminhos da infância; II- Nas estradas da soalheira; III- Nordeste pitoresco.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
9 / C133c	CAIADO, Leolidio.	Curichão da saudade.	Goiânia: [s.n.], 1969. 192 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor na folha de rosto.	I / 000076	Escrito em 1963 e lançado em 1969.
32 / C133p	CAIADO, Leonino	Pronunciamentos V:II: mensagem à Assembleia.	Goiânia: [s.n.], 1975. 140 p.	Capa e folhas soltas.	I / 000670	Governo do Estado de Goiás.
32 / C133p	CAIADO, Leonino.	Pronunciamentos II.	Goiânia: [s.n.], 1971. 87 p.	Ausente.	I / 000667	Governo do Estado de Goiás.
32 / C133p	CAIADO, Leonino.	Pronunciamentos III: mensagem à Assembleia.	Goiânia: [s.n.], 1972. 66 p.	Ausente.	I / 000668	Governo do Estado de Goiás.
32 / C133p	CAIADO, Leonino.	Pronunciamentos IV: mensagem à Assembleia.	Goiânia: [s.n.], 1973. 157 p.	Ausente.	I / 000669	Governo do Estado de Goiás.
32 / C145t	CALDAS, Álvaro.	Tirando o capuz.	Rio de Janeiro: CODECRI, 1981. 217 p. (Coleção Edições do Pasquim, 96).	Possui dedicatória assinada por sobrinho "Ortiz" A Camargo.	I / 000272	
82-9 / C164f	CALMON, Pedro.	Franklin Dória: Barão de Loreto.	Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981. 233 p. (Coleção General Benício, 194).	Ausente.	I / 000721	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-1 / C172m	CÂMARA, Hélder.	Mil razões para viver: meditações do Padre José. 2. ed.	Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1979. 101 p.	Ausente.	1 / 000548	
9 / C172n	CÂMARA, Jaime.	Nos tempos de Frei Germano.	Goiania: Cultura Goiana, 1974. 284 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor (Ja. 13.5.76). Encontrou-se recorte de conta de água (18/02/75).	1 / 000717	
82-91 / C172m	CÂMARA, Teodoro Ferraz da.	Os mártires de Rosa de Milão.	[S.l.]: [s.n.], [197-?]. 40 p.	Ausente.	1 / 000858	
32 / C172e	CAMARGO, Enjolas José de Castro.	Estudo de problemas brasileiros.	Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1979. 399 p. (Coleção General Benício, 170).	Ausente.	1 / 000777	
35 / C183d	CAMINHA, João Carlos Gonçalves.	Delimitações da estratégia.	Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1983. 154 p. (coleção General Benício, 206).	Folhas soltas.	1 / 000267	Edição revista e aumentada pelo autor.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
35 / C183d	CAMINHA, João Carlos Gonçalves.	Delineamentos da estratégia.	Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1983. 201 p. (coleção General Benício, 207).	Folhas soltas.	1 / 000268	Edição revista e aumentada pelo autor.
291 / C198b	CAMPOS, Humberto (espírito).	Boa nova. 11. ed.	Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1977. 208 p.	Possui dedicatória assinada por Ynna e Nando (12/79). Apresenta marcador de página em papel.	1 / 000411	
82-9 / C198s	CAMPOS, Humberto de.	Sepultando os meus mortos: crônicas.	Rio de Janeiro: José Olympio, [1935]. 206 p.	Possui dedicatória assinada por Celeste (S. Paulo, 11 novembro. 35).	1 / 000372	
82.09 / C198c	CAMPOS, Humberto.	Crítica: primeira série. 3. ed.	Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. 354 p.	Capa e algumas folhas soltas.	1 / 000523	
82.09 / C198c	CAMPOS, Humberto.	Crítica: segunda série. 2. ed.	Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. 392 p.	Capa solta.	1 / 000524	
82.09 / C198c	CAMPOS, Humberto.	Crítica: terceira série.	Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. 366 p.	Ausente.	1 / 000525	
82.09 / C198c	CAMPOS, Humberto.	Crítica: quarta série.	Rio de Janeiro: José Olympio, 1936. 194 p.	Ausente.	1 / 000526	Organizado e reviso por Henrique Campos.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-9 / C198v	CAMPOS, Pinto de.	Vida do grande cidadão brasileiro Luís Alves de Lima e Silva : transcrição da introdução.	Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1978. 31 p.	Ausente.	I / 000035	Separata da "Introdução" a obra do Monsenhor Joaquim Pinto de Campos, editada em Portugal.
82-9 / C212s	CANABRAV A, Luiz.	Sangue de Rosaura.	Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. 132 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor e endereçada a Zélio Valverde (Rio, 27-10-954). Contém assinatura de Goiany Cornelio Brom.	I / 000821	Prêmio Fábio Prado 1953.
82-1 / C235i	CANUTO, Antonio.	Imagens e miragens.	[Santos, SP]: [s.n.], [19--]. [40] p. (Coleção Picaré/Poesia).	Ausente.	I / 000741	
36 / C255m	CAPUZZO, Nely.	Miséria, quem te gerou?	Porto Alegre: Globo, 1964. 195 p.	Possui dedicatória assinada pela autora (Goiânia, 3/11/71). Capa e folhas soltas.	I / 000799	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-1 / C268p	CARDOZO, Joaquim.	Poesias completas. 2. ed.	Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1979. 209 p. (Poesia Hoje, 20).	Possui anotações de endereços na primeira folha e pequenas marcações a lápis em algumas estrofes.	I / 000682	
82-1 / C287p	CARMELLO, Armando da Silva.	A poesia cumprimenta os amigos.	[S.l.]: [s.n.], [19--]. 69 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	I / 000769	
82-31 / C280p	CARNEIRO, Cecílio J.	Pecado nos trópicos.	São Paulo: José Olympio, 1948. 269 p.	Marcas de dobras nas orelhas de algumas páginas.	I / 000277	
329 / C331	CARVALHO, Ferdinando de.	Os sete matizes do vermelho.	Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1977. 168 p. (Coleção General Benício,150).	Ausente.	I / 000421	
821.134.3 / C331v	CARVALHO, Maria Amália Vaz de.	Chronicas de Valentina: com uma carta de Ramalho Ortigão.	Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1890. 351 p.	Folhas soltas.	I / 000292	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
378 / U58	CARVALHO, Mário de Freitas... [et al.].	A universidade e a problemática econômica.	Goiânia: UFG, 1980. 74 p.	Ausente.	1 / 000739	
72 / C331a	CARVALHO, Nilson Cardoso de.	Arquitetura em taipa: um dos últimos exemplares em Indaiatuba.	Indaiatuba, SP: [s.n.], 1984. 12 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000793	
82-1 / C334c	CASALDÁLI GA, Pedro.	Cantigas menores.	Goiânia: PROJORNAL, 1979. 84 p.	Possui dedicatória com assinatura ilegível (Goiânia 14/2/81).	1 / 000569	
2 / C334m	CASALDÁLI GA, Pedro; TIERRA, Pedro; COPLAS, Martin.	Missa da terra sem males.	Rio de Janeiro: Tempo e presença, 1980. 91 p.	Ausente.	1 / 000636	Fotos de Cláudia Andujar.
030 / C335d	CASANOVA S, C. F. de Freitas.	Dicionário geral de monossílabos.	[Rio de Janeiro]: Instituto Nacional do Livro, 1968. 516 p. (Coleção Dicionários Especializados, 2).	Possui nota de 1 cruzeiro rasgada.	1 / 000241	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-1 / C345c	CÁSSIA, Rita de .	Cores.	Fortaleza: Imprensa Universitária, 1984. 64 p.	Possui dedicatória assinada na folha de rosto.	1 / 000018	
37 / C345p	CASSIMIRO, Maria do Rosário.	O processo educativo.	Goiânia: UFG, 1979. 108 p.	Ausente.	1 / 000491	
82-1 / C355c	CASTRO, Hugo de.	Cem poemas chineses.	São Paulo: Vertente, 1978. 64 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor na folha de rosto.	1 / 000064	Tradução, apresentação e notas feitas pelo autor; Poemas chineses traduzidos do francês
65 / C355d	CASTRO, Hugo de.	O drama das estradas de ferro no Brasil.	São Paulo: LR Editores, 1981. 112 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor (4-4-81).	1 / 000294	
82-1 / C355v	CASTRO, Nei Leandro de.	Viola de desafio.	Natal: [s.n.], 1963. 19 p.	Possui assinatura ilegível. Capa solta.	1 / 0000864	Edição do 1º Congresso de Cultura Popular.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-09 / C358	CATELAN, Álvaro.	Literatura luso-brasileira: texto-teste para o colegial, pré-universitário e supletivo.	[S.l.]: Do Brasil, 1974. 316 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor (Go. 23/10/74). Possui mensagem manuscrita.	I / 000830	
82-1 / C392r	CELESTINO FILHO.	Rosas atômicas.	Goiânia: Oriente, 1977. 144 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	I / 000504	
82-1 / C414a	CERCHI, Carlos Alberto.	Apologia Naturalista: antologia.	Uberaba: Rio Grande Artes, 1980. 98 p.	Possui dedicatória e mensagem assinada na folha de rosto.	I / 000053	
82-31 / C421s	CESBRON, Gilbert.	Os santos vão para o inferno.	Porto: Tavares Martins, 1954. 428 p.	Sem capa.	I / 000904	
94 / C424	CEVIDALLI, Anita Salmoni.	Lecture per brasiliani.	São Paulo: [s.n.], 1976. 140 p.	Na primeira folha Cora Coralina escreveu "Este livro me foi oferecido por Maria Inês no dia 20 de set. véspera de sua ida ao Araguaia. Maria Inês é jovem, cheia de encantos e eu soube apreciar os seus valores" Goiás, 20-9-81.	I / 000512	Texto em italiano.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
9 / C437e	CHALLITA, Mansour.	Este é o Líbano.	Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran, 1976. 218 p.	Possui dedicatória.	1 / 000177	
82-8 / C437m	CHALLITA, Mansour.	As mais belas páginas da literatura árabe.	Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran, [198-]. 378 p.	Possui dedicatória assinada por Kassem Bazzi.	1 / 000319	
929 / C455	CHANDLER, Billy Jaynes.	Lampião, o rei dos cangaceiros.	Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. 289 p. (Coleção Estudos Brasileiros, 46).	Possui anotação de endereço de Eneida Coimbra na primeira folha. Encontrou-se marcador de página de papel.	1 / 000765	Tradução do inglês por Sarita Linhares Barsted.
9 / C489s	CHASTAN, Lita.	São Paulo - litoral norte: história e turismo introdução.	São Paulo: Editora do Escritor, 1975. 132 p. (Coleção Depoimento, 4).	Possui errata na primeira página.	1 / 000044	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
9 / C489s	CHASTAN, Lita.	São Paulo - litoral norte em dados: turismo na costa do ouro II.	São Paulo: Editora do Escritor, 1976. 92 p. (Coleção Depoimento, 8).	Ausente.	1 / 000045	
82-1 / C489p	CHASTAN, Lita.	Por que América?	São Paulo: Do Escritor, 1974. 75 p. (Coleção do Poeta).	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000786	
9 / C489s	CHASTAN, Lita-Jacques.	São Paulo - litoral norte: história e turismo cultural, III.	São Paulo: Editora do Escritor, 1977. 98 p. (Coleção Depoimento, 12).	Ausente.	1 / 000046	
82-9 / C515d	CHEIN, Maria Helena.	Do olhar e do querer.	Goiânia: Oriente, 1974. 141 p.	Possui dedicatória assinada na folha de rosto e uma folha de caderno avulsa com anotações de compra.; Livro encapado com papel de presente.	1 / 000003	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
9 / C532g	CHIAVENAT O, Julio José.	A guerra do Chaco: leia-se petróleo. 4. ed.	São Paulo: Brasiliense, 1980. 214 p.	Ausente.	1 / 000299	
9 / C532g	CHIAVENAT TO, Julio José.	Genocídio americano: a Guerra do Paraguai. 9. ed.	São Paulo: Brasiliense, 1980. 205 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000529	
82.09 / C538a	CHIMANGO, Antônio.	Amaro Juvenal.	Porto Alegre: Globo, [1964?]. 252 p. (Coleção Província).	Possui dedicatória assinada por Lourdes e Sebastião Campos (30-7-74).	1 / 000147	
82-31 / C555c	CHRISTIE, Agatha.	Cipreste triste.	Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. 204 p.	Ausente.	1 / 000146	
641 / C556f	CHRISTO, Maria Stella Libanio.	Fogão de lenha: quitandas e quitutes de Minas Gerais.	Petrópolis: Vozes, 1977. 276 p.	Possui dedicatória assinada pela autora. Contém marcadores nas páginas 52 e 266 onde respectivamente encontra-se o poema "Oração ao milho" e o índice com o nome de Cora Coralina.	1 / 000103	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-9 / C652t	COARACY, Vivaldo.	Todos contam sua vida: memórias de infância e adolescência.	Rio de Janeiro: José Olympio, 1959. 268 p.	Ausente.	1 / 000484	
82-31 / C672m	COELHO NETTO, 1864-1934.	Miragem. 4. ed.	Porto: Lello & Irmão, 1926. 341 p.	Sem capa.	1 / 000946	
37 / C672p	COELHO NETTO; BILAC, Olavo.	A patria brasileira. 18. ed.	Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1926. 284 p.	Folhas soltas.	1 / 000939	Para os alunos das escolas primárias.
91 / C672n	COELHO, Aristides Pinto.	Nos confins dos três mares: a Antártida. ed. rev. e aum.	Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1983. 358 p. (Coleção General Benício, 215).	Ausente.	1 / 000550	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-1 / C676a	COGOLLI, Dina.	Átimos.	Goiânia: UFG, [1968]. 117 p.	Possui dedicatória em italiano assinada pela autora.	1 / 000348	Edição bilíngue (português e italiano).
82-1 / C787p	CORALINA, Cora.	Poemas dos becos de Goiás e estórias mais. 4. ed.	São Paulo: Global, 1983. 237 p.	Possui dedicatória escrita por Cora Coralina endereçada à Aquira Osakale (São Paulo, 17-10-83).	1 / 000441	
82-31 / C824p	CORRÊA, Eduardo.	O patricio e a cortesã.	Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1947. 284 p.	Possui dedicatória assinada por Jacy Vaz Corrêa, esposa do autor (Brasília, 30/10/84).	1 / 000796	
82-1 / C828m	CORTEZ, Nati.	O mistério dos discos voadores literatura tipo cordel.	Natal: CERN, 1976. 51 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000758	
82-9 / C837m	COSTA FILHO, Odylo.	Meus meninos, os outros meninos.	Rio de Janeiro: Record, [198-]. 96 p.	Possui dedicatória assinada por seu neto (28/1/82).	1 / 000624	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
92-9 / C837t	COSTA JÚNIOR, Miguel.	Tranquilo tranqüilli: primeiras notas para uma biografia.	São Paulo: [s.n.], 1961. 92 p.	Separata do anuário ASBA (Associação dos antigos alunos do colégio de São Bento - São Paulo)	1 / 000019	
82-9 / C837p	COSTA, Dimas.	Pelos caminhos do pago: verso e prosa.	Porto Alegre: Sulina, 1963. 152 p. (Coleção Pampa).	Possui dedicatória assinada por Major Duarte e Família. Capa solta.	1 / 000269	
82-1 / C837t	COSTA, Dimas.	Tarca: versos gauchescos.	Porto Alegre: Martins Livreiro, 1981. 71 p.	Possui dedicatória assinada por Belchior Gama 22/6/82.	1 / 000395	
82-1 / C837t	COSTA, Elza Nobre Caetano da.	Trechos de vida.	Goiânia: O Popular, 1982. 157 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000219	
9 / C837a	COSTA, Lena Castello Branco Ferreira.	Arraial e coronel: dois estudos de história social I - Meia Ponte: de arraial a cidade, II - Um coronel do Meio-Norte.	São Paulo: Cultrix, [1978?]. 206 p.	O exemplar n.1 possui dedicatória assinada pela autora e na última folha aparece manuscrito uma lista de nomes, endereços e telefones.	1 / 000106	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
9 / C837a	COSTA, Lena Castello Branco Ferreira.	Arraial e coronel: dois estudos de história social I - Meia Ponte: de arraial a cidade, II - Um coronel do Meio-Norte.	São Paulo: Cultrix, [1978?]. 206 p.	Ausente.	2 / 000430	
82-9 / C866v	COURTOIS, Abbé Gaston.	Vida de São Vicente de Paulo. 2. ed.	Rio de Janeiro: Conselho Superior do Brasil da SSVF, 1976. [44]. (Belles Histoires et belles vies, 6).	Ausente	1 / 000118	
39 / C871d	COU TINHO FILHO.	Dimensões de Goiás intelectual e folclore em área da Paraíba.	João Pessoa: [s.n.], 1969. 53 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor. Na página 13 há referência do autor ao livro "Poemas de Becos de Goiás e Estórias Mais".	1 / 000621	Conferência pronunciada no Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba.
82-31 / C871v	COU TINHO, Galeão.	A vocação de Vitorino Lapa.	São Paulo: Martins, 1942. 251 p.	Algumas folhas coladas na parte superior. Quarta capa solta.	1 / 000361	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
9 / C871m	COUTO, Goiás do.	Memórias e belezas da Cidade de Goiás.	Cidade de Goiás: [s.n.], 1958. 40 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor (primo de Cora Coralina).	1 / 000628	Conferência pronunciada na Assembléia Legislativa do Estado de Goiás, em 1 de agosto de 1956.
82-1 / C871c	COUTO, Ladislau.	Ciranda: simplesmente por amor.	Goiânia: [s.n.], 1984. 67 p.	Ausente.	1 / 000038	
82-1 / C957p	CRUZ FILHO, Luzitano Garcia.	Pedaços.	[S.l.]: [s.n.], [198?]. 59 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000195	
82-1 / C957m	CRUZ, Geraldo Dias da.	Monção-coroado.	Belo Horizonte: [s.n.], 1973. 83 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor (20/6/73).	1 / 000515	
82-1 / C957p	CRUZ, Geraldo Dias da.	Proclama aos incautos.	São Paulo: Do Escritor, 1981. 67 p. (Coleção do Poeta, 26).	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000684	Menção especial no Concurso Bolsa Hugo de Carvalho – 1979.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
502 / C972e	CUNHA, Fernando.	Energia nuclear: o crime do século.	Brasília: Coordenação de Publicações, 1980. 73 p.	Ausente.	1 / 000048	Título da capa: Programa nuclear: o crime do século.
502 / C972e	CUNHA, Fernando.	Energia nuclear: o crime do século.	Brasília: Coordenação de Publicações, 1980. 73 p.	Ausente.	2 / 000049	Título da capa: Programa nuclear: o crime do século.
82-2 / C975s	CURADO, Ada.	Sob o tormento da espera.	Goiânia: Oriente, 1976. 51 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000467	
82-9 / C975s	CURADO, Ada.	O sonho do pracinha e outros contos.	Goiânia: [s.n.], 1954. 115 p.	Possui dedicatória assinada pela autora (Goiânia, 25-5-1956).	1 / 000871	
82-1 / C975p	CURADO, Erico.	Poesia: I - cavaleiros da lua, II - rimas em lá menor.	São Paulo: [s.n.], 1956. 156 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor (23-5-1957). Possui anotação manuscrita a caneta p. 63.	1 / 000276	
82-9 / C975a	CURADO, Mariana Augusta Fleury.	Agnelo Arlington Fleury Curado: pai do ensino farmacêutico em Goiás.	Goiânia: Oriente, 1973. 33 p.	Possui dedicatória assinada.	1 / 000207	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-3 / C975v	CURADO, Nita Fleury.	Vida: crônicas - contos - novelas.	[S.l]: [s.n.], 1969. 206 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000345	
9 / C975t	CURADO, Sebastião Fleury.	Três memórias históricas: um episódio dos tempos coloniais (1749), a estadia do dr.Sabino Alves da Rocha Vieira em Goyaz (1837-1841), a proclamação da republica em Goyaz (1889).	São Paulo: [s.n.], 1936. 70 p.	Possui dedicatória assinada por Augusto Fleury na folha de rosto.	1 / 00004	
82-1 / C975s	CURADO, Violeta Metran.	Sempre, setembro.	Goiânia: Oriente, 1981. 93 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000598	
37 / C998m	CZERNY, Adalbert.	O médico e a educação da criança: erros de disciplina e educação.	São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934. 171 p.	Ausente.	1 / 000029	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
82-31 / D141a	D'ALESSAN DRO, Celina Lamounier.	Acalanto.	[S.l]: [s.n.], 1976. 147 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000323	
82-31 / D331d	DEL PICCHIA, Menotti.	Dente de ouro.	São Paulo: Clube do Livro, 1946. 191 p.	Capa solta.	1 / 000164	
82-31 / D331c	DEL PICCHIA, Menotti.	O crime daquela noite.	São Paulo: Clube do Livro, 1948. 191 p.	Capa solta.	1 / 000486	
82-1 / D342d	DEL/AZARI, Benedita.	Debaixo do pé de sapoti. 2. ed.	São Paulo: [s.n.], 1983. 62 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000326	
82-1 / D413v	DENÓFRIO, Darcy França.	Voo cego.	Goiânia: UFG, 1980. 73 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000537	
82-1 / D413v	DENÓFRIO, Darcy França.	Voo cego.	Goiânia: UFG, 1980. 73 p.	Ausente.	2 / 000538	
82-1 / D541p	DIAS, Oswaldo.	Pôr do sol: poemas.	São Paulo: Soma, 1983. 150 p.	Possui dedicatória com assinatura ilegível.	1 / 000439	
291 / D665m	DOLORES, Maria (Espírito).	Maria Dolores.	São Paulo: Instituto Divulgação Ed. André Luiz, 1977. 159 p.	Possui dedicatória assinada por Chico Xavier na primeira página.	1 / 000079	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-31 / D724e	DOSTOIEWS KI, Fiodor.	O eterno marido.	São Paulo: Clube do Livro, 1946. 191 p.	Ausente.	1 / 000260	
82-32 / D724n	DOSTOIEWS KI, Fiodor.	Noites brancas; Está morta; O grande inquisidor.	São Paulo: Clube do Livro, 1948. 183 p.	Capa solta.	1 / 000541	
82-31 / D724j	DOSTOIEWS KY, Fiodor.	O jogador.	São Paulo: Clube do Livro, 1945. 198 p.	Capa solta.	1 / 000510	
82-2 / D812a	DUARTE, Bandeira.	O Avarento: estudo bio- bibliográfico e resumo da história do teatro francês.	Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1944. 198 p. (Biblioteca de Teatro, 1 Molière).	Sem capa. Livro incompleto.	1 / 000914	Volume comemorativo do tricentenário da estrelado Ilustre Théâtre", em Paris, a 1º de janeiro de 1644.
9 / D812v	DUARTE, Paulo de Queiroz.	Os voluntários da pátria na guerra do Paraguai: o comando de Osório.	Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1983. 253 p. (Coleção General Benício, 208).	Ausente.	1 / 000403	A biblioteca possui o v.2 - tomo II.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
82-9 / D978e	DUTRA, Osório.	Elas e nós.	Rio de Janeiro: José Olympio, 1955. 236 p.	Possui expressivas marcas de deterioração provocadas por insetos.	1 / 000824	
82-9 / E22r	ÉDER, Sílvia Helena Tocantins de Mello.	Respingos da marésia: prosa e verso.	Belém, PA: FALANGOLA, 1982. 98 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000383	
82-1 / E24m	EDUARDO, Luiz.	A mulher dos outros.	Brasília: [s.n.], 1980. 47 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor. A página 2 contém poema em homenagem à Cora Coralina.	1 / 000389	
82-9 / E43e	ELIS, Bernardo.	Ermos e gerais.	São Paulo: [s.n.], 1944. 172 p.	Capa solta.	1 / 000817	Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, criada pelo Decreto-lei n. 475, de 25 de março de 1941.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-31 / E43t	ÉLIS, Bernardo.	O tronco.	São Paulo: Martins, 1956. 280 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor e endereçada ao amigo Jujuca (21-7-56). Livro sem capa, lombada e com folhas soltas. Expressivas marcas de deterioração causada por insetos. Contém etiqueta do Bazar Oiô.	1 / 000891	
82-9 / E43a	ÉLIS, Bernardo.	André louco: contos.	Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. 102 p.	Ausente.	1 / 000124	
82-9 / E43a	ÉLIS, Bernardo.	André louco: contos.	Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. 102 p.	Ausente.	2 / 000125	
82-9 / E43a	ÉLIS, Bernardo.	André louco: contos.	Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. 102 p.	Ausente.	3 / 000343	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-9 / E43v	ÉLIS, Bernardo.	Veranico de janeiro: contos.	Rio de Janeiro: José Olympio, 1966. 144 p.	Livro sem capa.	I / 000336	
929 / E43m	ÉLIS, Bernardo.	Marechal Xavier Curado criador do exército nacional.	Goiânia: Oriente, 1973. 178 p.	Ausente.	I / 000549	Prêmio do concurso literário instituído pela Comissão do Sesquicentenário da Independência.
291 E541	EMMANUEL (Espírito).	Luz Bendita.	São Paulo: André Luiz, 1977. 242 p.	Possui dedicatória assinada por Chico Xavier Uberaba (7- 1-79). Encontrou-se um recorte contendo mensagem a Cora Coralina.	I / 000315	Obra comemorativa dos cinquenta anos de medunidade de Francisco Cândido Xavier. Depoimentos de Rubens Silvío Germinhasi.
291 / E54f	EMMANUEL (Espírito).	Fonte viva. 5. ed.	Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1972. 415 p.	Possui dedicatória assinada por José Veiga Jardim.	I / 000431	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
291 / E54h	EMMANUEL (Espírito).	Há 2000 anos ...: episódios da história do cristianismo no século I. 12. ed.	Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1976. 441 p.	Possui dedicatória assinada por Fernando (Brasília, 27/05/77). Encontrou-se um cartão de visita de uma empresa especializada em detetização.	I / 000547	Psicografado por Francisco Cândido Xavier.
291 / E54	EMMANUEL (Espírito).	Paulo e Estêvão: episódios históricos do cristianismo primitivo. 14. ed.	Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1978. 553 p.	Possui dedicatória assinada por Fernando Rego (março de 1980). Capa e folhas soltas.	I / 000774	Obra psicografada por Francisco Cândido Xavier.
291 / E54	EMMANUEL (Espírito).	Vinha de luz.	Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1952. 372 p.	Com marcas de restauro na capa.	I / 000874	Psicografado por Francisco Cândido Xavier.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
291 / E54	EMMANUEL (Espírito).	Paulo e Estêvão: episódios históricos do cristianismo primitivo. 15. ed.	Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1979. 553 p.	Possui assinatura de Hely Martins Arantes (Itaberáí 10-12-80). Capa e folhas soltas.	I / 000906	Obra psicografada por Francisco Cândido Xavier.
82-31 / E74p	ESCHSTRUT H, Nataly Von.	O príncipe moleiro.	São Paulo: Brasileira, [1937?]. 236 p.	A primeira página contém assinatura de Goiany Cronônio Brom.	I / 000714	
37 / E77i	ESPINHEIRA, Ariosto.	Infância brasileira: para a quarta série primária. 190. ed.	São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966. 348 p.	Livro encapado com papel jornal. Possui algumas anotações numéricas a lápis.	I / 000329	
8 / E92f	EVANGELIST A, R.	Ficção: data, visual, ou ainda- + 1 retrato de um artista quando jovem.	São Paulo: Ed. do Autor, 1979. [55] p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	I / 000750	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
070 / F156c	FAGUNDES, Coriolano de Loyola Cabral.	Censura & liberdade de expressão.	São Paulo: Taika, 1974. 406 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000751	
9 / F173m	FAISSOL, Speridião.	O Mato Grosso de Goiás.	Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1952. 140 p. (biblioteca Geográfica Brasileira, 9).	Possui dedicatória assinada por Zoroastro Artiaga (24/4/1956).	1 / 000458	
811.133.1 / F271p	FAUVEL, Julien.	Primeiro anno de conversação francesa. 9. ed.	São Paulo: Melhoramentos, [19-]. 156 p.	O livro está incompleto, possui conteúdo até a página 156.	1 / 000483	
82-1 / F311f	FEITOSA, Leonidas.	Folhetilha de cordelha.	[S.l]: [s.n.], 198-. 10 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000607	
82-1 / F311f	FEITOSA, Leonidas.	Folhetilha de cordelha.	[S.l]: [s.n.], 198-. 10 p.	Ausente.	2 / 000608	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
I7 / F311e	FEITOSA, Vicente Ferreira.	Ensinaamentos para uma vida harmoniosa.	Goiânia: [s.n.], 1981. 103 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor. Possui 6 selos de correio entre as páginas.	I / 000152	
82-31 / F314m	FELÍCIO, Brasigóis.	Martírio das horas: poemas.	Goiânia: Oriente, 1973. 92 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor. Algumas palavras estão sublinhadas a caneta(ex. pranto, lágrima, mágoas, angústia, morte).	I / 000375	
82-94 / F314d	FELÍCIO, Brasigóis.	Diários de André.	Goiânia: Oriente, 1974. 105 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	I / 000622	
82-9 / F314m	FELÍCIO, Brasigóis.	Marca de Caim.	Goiânia: O Popular, 1984. [88]p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	I / 000760	
82-1 / F314f	FELÍCIO, Goiamérico.	Funesta festa: poemas.	Goiânia: Helga, 1981. 66 p.	Ausente.	I / 000677	
82-8 / A636	FERNANDES, Aparício (Org.).	Anuário de poetas do Brasil - 1982.	Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1982. 4 v.	Possui dedicatória assinada por um dos autores, Eugenio de Freitas, na folha de rosto.; A biblioteca possui o v. I.	I / 000078	Edição comemorativa 10º aniversário.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-8 / A636	FERNANDES, Aparício (Org.).	Anuário de poetas do Brasil - 1980.	Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1980. 4 v.	Possui dedicatória assinada por um dos autores, Pedro Manzi (verão de 1981); A biblioteca possui o v. 2.	I / 000433	
82-1 / F363p	FERNANDES, Millôr.	Papáverum Millôr.	Rio de Janeiro: Nórdica, 1974. 181 p.	Contém etiqueta da Livraria José Olympio - campus da UNB.	I / 000556	
82-1 / F381p	FERRAZ, Flávio Carvalho.	Poesia descalça.	São Paulo: Brasil Arquitetura, 1981. 94 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	I / 000093	
82-9 / F383a	FERREIRA, Francisca Soares.	Amar e ser amada: bodas de ouro 19-01-32 - 19-01-82.	Fortaleza: Editorial Cearense, [198?]. 77 p.	Possui dedicatória assinada.	I / 000050	
82-9 / F382n	FERREIRA, Lia Campos.	Número, faz favor! Central, 2508.	São Paulo: Editora do Escritor, 1982. 122 p. (Coleção Depoimento, 19).	Possui dedicatória assinada pela autora.	I / 000473	
82-1 / F395p	FERRO, Elias Medeiros.	Poesias escolhidas. 4. ed.	Salvador: Sooffset, 1976. 151 p.	Algumas correções ortográficas manuscritas.	I / 000661	Edição melhorada e aumentada.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-7 / F438t	FIALHO NETO, José.	Trocadilhos dispersos, comentários "imersos" e a... casos di... versos.	São Paulo: Pannartz, 1985. 87 p.	Possui dedicatória com assinatura ilegível (abril/85). Contém marcador de página.	I / 000558	
82-9 / F475d	FIGUEIREDO, Jadhney Pinto de.	Dom José Newton de Almeida Batista 50 anos de sacerdócio.	[Brasil]: Senado Federal, 1978. 182 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor (02.10.78).	I / 000454	
82-1 / F475s	FIGUEIREDO, Nelson.	Sonhos e esporas: poemas.	Goiânia: Unigraf, 1980. 128 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	I / 000346	
82-31 / F587m	FLAUBERT, Gustavo.	Madame Bovary.	São Paulo: Clube do Livro, 1944. 317 p.	Sem capa.	I / 000907	
82-31 / F587s	FLAUBERT, Gustavo.	Salambô.	São Paulo: Clube do Livro, 1945. 215 p.	Sem capa.	I / 000947	
82-9 / F618e	FLEURY, Rosarita.	Eurydice Natal e Silva: evolução intelectual e sociológica de uma vida.	Goiânia: Líder, 1979. 51p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	I / 000309	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-9 / F618e	FLEURY, Rosarita.	Eurydice Natal e Silva: evolução intelectual e sociológica de uma vida.	Goiânia: Líder, 1979. 51 p.	Possui dedicatória assinada pela filha de Eurydice Natal e Silva. Folhas soltas.	2 / 000398	
82-9 / F618a	FLEURY, Rosarita.	Altamiro de Moura Pacheco: responsabilidade como fator de uma vida proveitosa.	Goiânia: Líder, [198-]. 265 p.	Possui dedicatória assinada pela autora (outubro de 1981). Encontrou-se marcador de página e convite para exposição de arte de José Caramuru e Zanoni de Goiás Pinheiro.	1 / 000514	
82-9 / F618j	FLEURY, Rosarita.	Jarbas Jayme: patrono da cadeira n.23 do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.	[S.l.]: [s.n.], [19-]. 58 p.	Possui dedicatória assinada pela autora. Folhas soltas.	1 / 000744	
82-31 / F655p	FOGAZZAR O, Antonio.	Pequeno mundo antigo.	São Paulo: Livraria Martins, 1949. 381 p.	Ausente.	1 / 000738	Tradução de José Geraldo Vieira.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
94 / F676r	FONSECA, Gondin.	A revolução francesa e a vida de José Bonifácio: uma interpretação incômoda.	São Paulo: EDART, 1968. 218 p.	Possui algumas marcações a caneta no texto.	I / 000158	
82-1 / F738p	FORTES, Rubens.	Poemas desta e da outra vida.	São Paulo: Latvis, 1979. 40 p.	Possui dedicatória com assinatura ilegível (São Paulo, 27-3- 1980).	I / 000711	
82-9 / F815v	FRANCESCH INI, Luiz; ORKÊNCIO, Waldomiro Bariani.	Vovó do pito; O que foi pelo sertão.	São Paulo: Autores Novos, 1956. 206 p.	Possui dedicatória assinada pelos autores (30-11-56). Expressiva deterioração causada por insetos.	I / 000892	Contos paulistanos e contos goianos.
82-5 / F825h	FRANCO, Afonso Arinos de Melo.	Homens e temas do Brasil.	Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1944. 152 p.	Ausente.	I / 000414	
3 / F866b	FREIRE, Ulysses.	Brasil Eugénico. 2. ed.	[São Paulo]: [s.n.], 1933. 142 p.	Alguns rabiscos a lápis e a informação manuscrita na folha de rostro "Escola noturna Distrito de Santana 18- 10-1938".	I / 000304	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-1 / F866v	FREITAS, Flúvia Carvalhais de.	Versos, ainda que seja outono.	[São Paulo]: [s.n.], 1971. 59 p.	Possui dedicatória assinada pela autora e endereçada à Ângela e De Lúcio.	I / 000263	
3 / F866a	FREITAS, Maria de; CAMPOS, Jolita de Assis.	Anhanguera: segundo ano primário.	São Paulo: Do Brasil, [198?]. 141 p. (Coleção Didática do Brasil).	Ausente.	I / 000160	
82-1 / F866c	FREITAS, Sonia R. Quadros de.	Canto porque canto.	São Paulo: Prol, [198?]. 69 p.	Possui dedicatória com assinatura ilegível (São Paulo 20/6/84).	I / 000568	
82-31 / F866d	FREYRE, Gilberto.	Dona Sinhá e o filho padre: seminovela.	Rio de Janeiro: José Olympio, 1964. 187 p.	Ausente.	I / 000128	
9 / F894n	FREYRE, Gilberto.	Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. 3. ed.	Rio de Janeiro: José Olympio, 1961. 183 p.	Possui anotações de Cora Coralina. Livro com expressivas marcas de deterioração causada pela enchente.	I / 000827	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-1 / F926p	FRÓES, Heitor P.	Poésis & pathos.	Rio de Janeiro: [s.n.], 1984. 58 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	I / 000094	
82-9 / F926c	FRÓES, Heitor P.	Contos em prosa e verso.	Rio de Janeiro: [s.n.], 1984. 21 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor (Rio, abril de 1985).	I / 000574	
82-1 / F926m	FRÓES, Heitor Prager.	Musa octogenária: versos de circunstância.	Rio de Janeiro: [s.n.], 1982. 52 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor (Rio, abril de 1985).	I / 000737	
82-1 / F992e	FURTADO, Maria Aldina Silveira.	Educando com poesia.	Brasília: [s.n.], 1983. 108 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	I / 000122	
98 / G151m	GALEANO, Eduardo.	Memória do fogo (I): nascimentos.	Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 334 p. (Coleção Literatura e teoria literária, 47).	Ausente.	I / 000551	Tradução do espanhol por Eric Nepomuceno
82-1 / G212m	GARAY, Berecil.	Mordidas no mingau: ou Para comer o pão ou Não tem comida no apartamento ou (Como?). 2. ed.	Brasília: Arte Ouro Velho, 1984. 55 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor na folha de rosto.	I / 000069	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-1 / G212m	GARY, Berecil.	Mordidas no mingau: ou Para comer o pão ou Não tem comida no apartamento ou (Como?).	Goiânia: Imery Publicações, 1983. 55 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	I / 000390	
82-1 / G216a	GARCIA, José Godoy.	Aqui é a terra.	Goiânia: Oriente, 1980. 241 p.	Ausente.	I / 000002	
82-1 / G216a	GARCIA, José Godoy.	Araguaia mansidão: poemas.	Goiânia: Oriente, 1972. 91 p.	Possui dedicatória na folha de rosto. Na página 10 possui mensagem para Cora Coralina. O livro todo está rabiscado e com desenhos a caneta.	I / 000052	
929 / G269m	GAULLE, Charles.	Memórias de guerra: a vitória - 1944-1946 Tomo III.	Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1979, 295 p. (Coleção General Benício, 166).	Ausente.	I / 000610	Tradução de Faure da Rosa e Maria Manuela Soares.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-1 / G283q	GA VIÃO, Cyro.	Querência xucra: da estância da poesia crioula. 2. ed.	Porto Alegre: [s.n.], 1966. 155 p.	Possui dedicatória assinada por Major Duarte e Família (P.Alegre, abril 67).	1 / 000713	
32 / G313d	GEISEL, Ernesto.	Discursos.	Brasília: Assessoria de Imprensa da Presidência da República, 1978. 388 p.	Folhas soltas.	1 / 000773	A biblioteca possui o v.4.
82-1 / G338t	GENTIL, José Carlos.	Tempos de versos.	Brasília: [s.n.], 1983. 112 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000770	
8 / G352c	GEORGIN, C.; BERTHAUT, H. .	Curso secundário de latim. 2. ed.	São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1935. 487 p.	Assinatura de Márcia Raulda Arantes (Colégio de Santa Inez, São Paulo).	1 / 000940	
82-31 / G412e	GHEORGHU, C. Virgil.	A Espiã.	Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1983. 289 p. (Coleção General Benício, 214).	Marcas de restauração.	1 / 000243	Tradução de José Livio Dantas.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
2 / G472r	GILES, Black.	O rosário de Maria com São Martinho de Porres.	São Paulo: Dominicana, 1966. [48].	Capa solta.	1 / 000863	Traduzida por uma religiosa da Companhia de Maria. Revisto pelo professor Antonio C. Zambaldi. Edição organizada por Frei Marinho Mantovani.
2 / G517	GIRARDI, Antonio Marcos.	10% com urgência.	São Paulo: [s.n.], 1976. 67 p.	Possui dedicatória assinada por Pe. Antonio Marcos, Walter e Maria Emilia (Itanhaém, 19-7-78).	1 / 000623	Título alternativo: Dez por cento com urgência.
82-9 / G588d	GODOI, Albatênio de.	Do meu tempo.	Goiânia: UFG, 1969 338 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000436	
82-9 / G589s	GODOY, Maria Paula Fleury de.	Sombras.	Goiânia: UFG, 1966. 164 p.	Possui dedicatória assinada pela autora e endereçada a Octaria. Capa solta.	1 / 000211	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituraz, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-94 / G589d	GODOY, Maria Paula Fleury de.	Do Rio de Janeiro a Goiás - 1896: a viagem era assim.	Belo Horizonte: [s.n.], 1961. 67 p.	Possui dedicatória endereçada à Anita e Lina e assinada pela autora.	1 / 000589	
82.09 / G633e	GOMES, Modesto.	Estudos de literatura goiana.	Goiânia: Centauro, 1979. 130 p.	Ausente.	1 / 000121	
82-9 / G633h	GOMES, Modesto.	As horas e os minutos: crônica.	Goiânia: Irmãos Oriente, 1971. 245 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000123	
82.09 / G633h	GOMES, Modesto.	História e literatura.	Goiânia: Cerne, 1968. 220 p.	Possui dedicatória endereçada a Eduardo e assinada pelo autor. Carimbo do Bazar Oiô.	1 / 000278	
9 / G633h	GOMES, Oswaldo Pereira.	História do 4º GAC.	Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1983. 154 p. (Coleção General Benício, 210).	Ausente.	1 / 000686	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
82-7 / G635m	GONÇALVES, Phaulo.	Momentos alegres do livro goiano: antologia de humor.	Goiânia: Barão de Itararé, 1974. 173 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor na primeira página. Encontrou-se um pequeno recorte de jornal noticiando o falecimento de D. Helena Mainardi Peixoto.	1 / 000080	
17 / G643b	GONZÁLEZ PECOTCHE, Carlos Bernardo.	Bases para tua conduta. 3. ed.	São Paulo: Logosófica, 1977. 53 p.	Ausente.	1 / 000150	Obra póstuma. Título original argentina: Bases para tu conducta.
17 / G643m	GONZÁLEZ PECOTCHE, Carlos Bernardo.	O mecanismo da vida consciente. 3. ed.	São Paulo: Logosófica, 1979. 128 p.	Ausente.	1 / 000487	
82-31 / G669v	GORKI, Máximo.	Varenka Olessova.	São Paulo: Clube do Livro, 1949. 183 p.	Ausente.	1 / 000779	
82-1 / G694e	GOULART, Diva.	As estações.	[S.l.]: Pongetti, 1970. 163 p.	Assinatura da autora na folha de posto.	1 / 000245	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
82-1 / G694j	GOULART, Helvécio.	A janela azul.	Goiânia: Irmãos Oriente, 1970. 135 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000257	
82-31 / G694m	GOULART, Helvécio.	Memória das águas: poemas.	Goiânia: Oriente, 1977. 147 p.	Ausente.	1 / 000489	
82-1 / G694m	GOULART, Helvécio.	Memória das águas.	Goiânia: Oriente, 1976. 147 p.	Possui dedicatória com assinatura ilegível.	1 / 000768	
86 / G939c	GUEVARA, Ernesto.	Cartas.	São Paulo: Edições Populares, 1980. 140 p. (Che Guevara obras completas, 2).	Ausente.	1 / 000163	
2 / G944p	GUIBERT, Jean.	A piedade.	Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 19---. 332 p.	Possui dedicatória assinada por Idalina da Cruz Marques (G-10-4-1964).	1 / 000988	
82-31 / G963a	GUIMARÃES, Cândida Severiana.	Adivinhão.	Goiânia: Oriente, 1973. 278 p.	Possui dedicatória com assinatura ilegível.	1 / 000734	
82-31 / G963a	GUIMARÃES, Cândida Severiana.	Adivinhão.	Goiânia: Oriente, 1973. 278 p.	Ausente.	2 / 000735	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
327 / G963t	GUIMARÃES, Hermes.	Trabalhemos para a paz em nosso pequeno planeta.	Petrópolis: Vozes, 1983. 265 p.	Ausente.	1 / 000488	
82-31 / H496n	HENDERSON , Dion.	Na montanha.	São Paulo: Cultrix, 1971. 97 p.	Ausente.	1 / 000603	Tradução de Brenno Silveira e Jamir Martins.
27 / H542m	HEREDIA, Carlos Maria de.	Memórias de um repórter dos tempos de cristo.	Petrópolis: Vozes, 1947. 380 p.	Livro com marcas de unidade. Sem capa.	1 / 000772	A biblioteca possui o Tomo I - Aquele que há de vir. Tradução de M. Cecília Duprat
821.134.2(82) / H557g	HERNANDEZ , Jose.	El gaucho Martin Fierro: y la vuelta de Martin Fierro. 10. Ed.	Buenos Aires: Sopena, 1969. 244 p.	Possui dedicatória assinada por sua meta (Gilda) na folha de rosto.	1 / 000036	
821.134.2(82) / H557g	HERNANDEZ , Jose.	Martin Fierro. 2. ed.	Buenos Aires: Compañía General Fabril, 1972. 352 p.	Contém palavras sublinhadas a caneta.	1 / 000641	Introducción, cuadro bibliográfico y vocabulario de Horacio Jorge Becco.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-9 / H587c	HESSE, Hermann.	Contos. 4. ed.	Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1970. 131 p. (Biblioteca do leitor moderno, 100).	Capa solta.	1 / 000047	
82-1 / H546	HETINGER, Berenice.	Latin-idade: reflexões na quadra área da vida.	Belo Horizonte: Comunicação, 1981. 208 p.	Possui dedicatória assinada pela autora (Governador Valadares, 1-10- 84).	1 / 000766	
82-1 / H722s	HOLANDA, Celina de.	Sobre esta cidade de ritos.	Recife: [s.n.], 1979. 28 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000340	
82-1 / H722m	HOLANDA, Celina de.	A mão extrema.	São Paulo: Quíron, 1976. 67 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000435	
82-9 / H765c	HOMEM, Homero.	Cabra das rocas. 7. ed.	São Paulo: Ática, 1980. 94 p. (Serie Vaga-lume).	Ausente.	1 / 000149	
82-1 / H821i	HORTA, Anderson Braga.	Incomunicação.	Belo Horizonte: Comunicação, 1977. 95 p.	Possui dedicatória com assinatura ilegível (29/3/82).	1 / 000531	
17 / H875m	HUBBARD, Elbert.	Uma mensagem a Garcia.	Rio de Janeiro: [s.n.], [1913?]. 16 p.	Ausente.	1 / 000873	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
291 / H895r	HUGO, Victor (Espírito).	Redenção: novela mediúnica. 5.ed.	Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, [19--]. 313 p.	Possui dedicatória com assinatura ilegível. Encontrou- se um recorte de jornal da coluna Do Leitor com mensagem de Cora Coralina.	1 / 000546	Obra psicografada por Zilda Gama.
82-31 / H895h	HUGO, Victor.	Os homens do mar.	São Paulo: Clube do Livro, 1946. 293 p.	Capa solta.	1 / 000731	
2 / I24m	IGREJA CATÓLICA. Papa (1958- 1963 : João XXIII).	Mater et magistra.	Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. 181 p.	Ausente.	1 / 000613	Tradução de Luís José de Mesquita ; prefácio do Cardeal D. Carlos Carmelo de Vasconcellos ; introdução de Alceu Amoroso Lima ; Pacem in terris ; tradução da Tipografia Poliglota Vaticana.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
9 / I69s	IRMÃO, José Aleixo.	Símbolos de Nuporanga: brasão, bandeira e hino.	Nuporanga, SP: [s.n.], 1980. 112 p.	Possui dedicatória assinada por Antônio Ferreira Viana.	1 / 000580	
1 / I73f	ISAAC, João.	A face real da vida: os trâmites de uma vida em simbiose com a evolução do mundo.	São Paulo: [s.n.], 1969. 183 p.	Possui dedicatória assinada por José H. Veiga Jardim (Goiânia, 30/11/70).	1 / 000708	
91 / I74v	ISABELLE, Arsene.	Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul.	Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1940. 345 p.	Capa solta.	1 / 000901	
82-31 / I96n	IVO, Léo.	Ninho de cobras: uma história mal contada.	Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. 133 p.	Possui anotações na primeira folha "irmão de Luiz Cavalcanti, Julio Cavalcanti Av. goiás 922 Itaverde".	1 / 000478	V Prêmio Walmap.
82-1 / J25p	JAIME, Décio.	Primícias.	São Paulo: Revista dos Tribunais, 1955. 137 p.	Possui correções ortográficas em alguns versos.	1 / 000869	Aprovado pela Academia Goiana de Letras.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-4 / J58q	JESUS, Carolina Maria de.	Quarto de despejo: diário de uma favelada. 6. ed.	São Paulo: Paulo de Azevedo Ltda, 1960. 182 p. (Contrastes e confrontos, 1).	Assinatura de Cora Coralina na capa.	1 / 000604	
82-1 / J82b	JORGE, J. G. de Araujo.	Bazar de ritmos. 3. ed.	Rio de Janeiro: Vecchi, 1951. 160 p.	Sem capa.	1 / 000577	
82-9 / A634	JORGE, Miguel (Org.).	Antologia do novo conto goiano.	Goiânia: Departamento Estadual de Cultura, [197?]. 183 p.	Possui dedicatória assinada pelo organizador.	1 / 000169	
82-9 / J82t	JORGE, Miguel.	Texto e corpo.	Goiânia: Departamento Estadual de Cultura, 1969. 197 p.	Possui dedicatória na folha de rosto.	1 / 000001	
82-9 / J82a	JORGE, Miguel.	Avarmas: contos.	São Paulo: Ática, 1978. 140 p.	Ausente.	1 / 000009	
82-9 / J82a	JORGE, Miguel.	Avarmas: contos. 2. ed.	São Paulo: Ática, 1978. 140 p.	Ausente	1 / 000010	
82-9 / J82a	JORGE, Miguel.	Antes do túnel.	Goiânia: UFG, 1967. 179 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor. Na página 49 há correção ortográfica manuscrita a caneta.	1 / 000248	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leiturais, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
82-1 / J82f	JORGE, Miguel.	Os frutos do rio.	Goiânia: Oriente, 1974. 134 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000335	
82-2 / J82v	JORGE, Miguel.	O visitante; Os angélicos: duas peças para teatro.	Goiânia: UFG, 1973. 157 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000771	
82-31 / J83f	JOSEPH, Marie.	A fazenda dos dois cruzeiros.	Rio de Janeiro: Moderna, 1934. 157 p.	Possui dedicatória assinada pela autora	1 / 000244	
9 / J83m	JOSEPH, Marie.	Mysterio da serra doirada.	[S.l.]: Irmãos Pongetti, 1939. 68 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000592	
8 / J91g	JUCÁ FILHO, Cândido.	Grafia moderna: explicação do formulário ortográfico e vocabulário de dificuldades. 2. ed.	Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1931. 85 p.	Possui várias assinaturas de Luis do Couto C. Brom (29-7-931).	1 / 000835	
82-9 / J95h	JUNQUEIRA, Iron.	Há tantas flores pelos caminhos. 2. Ed.	Anápolis: [s.n.], 1978. 154 p.	Possui dedicatória assinada na folha de rosto.	1 / 000015	
82-1 / J95p	JUNQUEIRA, Iron.	Primavera ao longe.	Anápolis: [s.n.], 198-. 132 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000437	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leiturais, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
82-31 / J95n	JUNQUEIRA, Iron.	O Nonô de Naná.	Anápolis: A.D.N., 198-. 295 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000468	
82-1 / J95c	JUNQUEIRA, Iron.	Canção do amanhecer.	Goiânia: Rio Bonito, 1973. 140 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000642	
82-1 / J95c	JUNQUEIRA, Iron.	Canção do amanhecer.	Goiânia: Rio Bonito, 1973. 140 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	2 / 000643	
82-1 / J95c	JUNQUEIRA, Iron.	Canção do amanhecer.	Goiânia: Rio Bonito, 1973. 140 p.	Ausente.	3 / 000644	
82-1 / J95v	JUNQUEIRA, Iron.	Vereda de luz.	Anápolis: [s.n.], 1974. 119 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000676	
82-1 / J95a	JUNQUEIRO, Guerra.	Antologia para a juventude.	Porto: Lello & Irmão, 1950. 180 p.	Possui na primeira folha a data manuscrita a lápis 5.11.56.	1 / 000140	
82-1 / J95v	JUNQUEIRO, Guerra.	Vibrações líricas.	Porto: Lello & Irmão, 1950. 146 p.	Na primeira página aparece data manuscrita a lápis (5.11.56).	1 / 000692	
329 / K11	KADHAFI, Muhamma.	O livro verde.	Lisboa: [s.n.], 198-. 120 p.	Possui dedicatória com assinatura ilegível.	1 / 000513	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leiturás, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
291 / K18e	KARDEC, Allan.	O evangelho segundo o espiritismo. 7. ed.	Araras, SP: Instituto de Difusão Espírita, 1979. 365 p.	Ausente.	1 / 000408	Tradução de Salvador Gentille.
291 / K18e	KARDEC, Allan.	O evangelho segundo o espiritismo.	[S.l.]: [s.n.], [19--]. 347,[4].	Capa e folha de rosto ausentes. Informações retiradas de outras fontes.	1 / 000945	
2 / K24m	Keckeisen, Béda, sacerdote.	Missal quotidiano. 15. ed.	Salvador: Beneditina, 1954. 1134, [239], [31].	Encontrou-se anotação em papel avulso.	1 / 000990	
37 / K83s	KÖPKE, João.	Segundo livro de leiturás moraes e instructivas para uso das escolas primárias. 61. ed.	Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1928. 232 p. (Rangel Pestana).	Lombada desgastada.	1 / 000868	
9 / K95p	KUBITSCHKE, Juscelino.	Por que construí Brasília.	Rio de Janeiro: Bloch, 1975. 370 p.	Contém recorte de jornal com imagem de JK. Encontrou- se cartão de visita e santinho de igreja.	1 / 000991	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-9 / L131x	LACERDA, Carlos.	Xanam: e outras histórias.	São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1959. 162 p. (Coleção Alvorada, 1).	Possui dedicatória assinada pelo autor e endereçada a Leão Caiado (Natal 59).	1 / 000795	
9 / L131p	LACERDA, Joaquim Maria do de.	Pequena historia do Brazil: por perguntas e respostas.	Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves & C ^a , 1914. 184 p.	Assinatura de Antonio José dos Santos. Sem capa.	1 / 000948	Novíssima edição, ilustrada com muitas gravuras, revista e aumentada até 1906.
9 / L131a	LACERDA, Regina.	Os antecedentes e a repercussão da independência em Goiás.	Goiânia: Oriente, 1970. 107 p.	Ausente.	1 / 000740	Prêmio do Concurso Literário instituído pela Comissão do Sesquicentenário da Independência.
82-1 / L131p	LACERDA, Regina.	Pitanga.	[S.l.]: [s.n.], 1954. 43 p.	Ausente.	1 / 000870	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
159.9 / L431n	LAZARTE, Omar.	Uma nova dimensão de vida.	São Paulo: ECE, 1980. 95 p.	Anotações na primeira página relacionadas aos requisitos para ingresso no serviço militar.	1 / 000025	
159.9 / L431n	LAZARTE, Omar.	Uma nova dimensão de vida.	São Paulo: ECE, 1980. 95 p.	Ausente.	2 / 000026	
82-1 / L435e	LEAL, Concessa.	Entardecer: (poemas).	Rio de Janeiro: Pongetti, 1971. 99 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000168	
9 / L435v	LEAL, Oscar.	Viagem às terras goyanas: Brasil Central.	Goiânia: UFG, 1980. 255 p. (Coleção Documentos Goiianos, 4).	Possui dedicatória com assinatura ilegível (homenagem por ocasião de visita de Cora coralina à Editora da UFG 16.7.80).	1 / 000536	Edição em fac- simile. Apresentação do prof. Ático Villas Boas da Mota.
82-9 / L437r	LEÃO, Ursulino.	Rodovia preferencial: contos.	Rio de Janeiro: Cátedra, 1981. 119 p.	Ausente.	1 / 000544	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
2 / L523n	LEHMANN, João Batista.	Na luz perpétua: leituras religiosas da vida dos santos de Deus, para todos os dias do ano. 4. ed.	Juiz de Fora, MG: Lar Católico, 1956. 617 p.	Na primeira folha aparece "Pertence a Idalina da Cruz Marques, fevereiro de 1956".	1 / 000501	Edição revista e corrigida e aumentada.
82-1 / L533u	LEITE, João Pantaleão Gonçalves.	Última gineteada.	Lagoa Vermelha, RS: Planalto, 1973. 60 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000616	
39 / L533	LEITE, Mário Rizério.	Lendas de minha terra.	Goiânia: [s.n.], 1951. 130 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor e endereçada a Antonio Guimarães.	1 / 000764	Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos.
82-94 / L582c	LEÔNICIO, Waldir.	Crônicas e contos.	[S.l]: [s.n.], [198?]. 102 p.	Possui dedicatória assinada na folha de rosto.	1 / 000006	
929 / L672c	LEWIN, Ronald.	Churchill: o lorde da guerra.	Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1979. 310 p. (Coleção General Benício, 171).	Contém a informação manuscrita por Cora Coralina "Recebido em 16-11-79".	1 / 000578	Tradução de Álvaro Galvão.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
2 / L674p	LEWIS, Harve Spencer.	Perguntas e respostas Rosacruz: com a história completa da Ordem da Ordem Rosacruz.	[S.l]: AMORC, 1975. 250 p. (Biblioteca Rosacruz, 1).	Ausente.	1 / 000542	
504 / L716t	LIEBMANN, Hans.	Terra um planeta inabitável? da Antiguidade até os nossos dias, toda a trajetória poluidora da humanidade.	Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1979. 181 p. (Coleção General Benício).	Ausente.	1 / 000017	
327 / L723r	LIGA Árabe. Missão no Brasil.	O racismo israelense.	Brasília: [s.n.], [1977?]. 20 p.	Ausente.	1 / 000535	
327 / L723r	LIGA Árabe. Missão no Brasil.	Os interesses expansionistas do sionismo.	Brasília: [s.n.], [19--]. 60 p.	Ausente.	1 / 000745	
3 / L723	LIGA da Defesa Nacional.	39. corrida do fogo simbólico da pátria 1976.	[S.l.]: [s.n.], 1976. 93 p.	Ausente.	1 / 000224	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-9 / L732s	LIMA, Airton Garcia de.	Sábado à noite na Capital.	Brasília: Comitê de Imprensa do Senado Federal, 1979. 132 p. (Machado de Assis, 15).	Possui dedicatória assinada na folha de rosto.	1 / 000043	
82-09 / L732g	LIMA, Guimarães	Goyaz terra & alma.	Brasília: Horizonte, 1983. 125 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000139	
82-9 / L732b	LIMA, Guimarães.	O bonzo da historiografia de Goiás.	[S.l.]: Acadêmia Goiana de Letras, 1984. 20 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000205	
929 / L732n	LIMA, Guimarães.	No rolar do tempo.	[S.l.]: [s.n.], 1984. 25 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000630	
82-91 / L732h	LIMA, João Ferreira.	História de Marquilha e José de Souza Leão.	[S.l.]: [s.n.], [197-?]. 32 p.	Ausente.	1 / 000855	
82-1 / L732v	LIMA, Manoel Ferreira.	Vozes do caminho.	Goiânia: UFG, 1969. 161 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000539	
82-1 / L732a	LIMA, Osmar.	Arremate.	Goiânia: Helga, 1980. 87 p.	Possui dedicatória assinada na primeira página.	1 / 000056	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-1 / L732p	LIMA, Sônia Gonçalves de.	A procura: poemas e prosas.	Recife: UFPE, 1979. 54 p.	Possui dedicatória assinada pela autora (Goiás, 20 de julho de 1979).	1 / 000709	
82-1 / L732e	LIMAVERDE , Regine.	Estrela de vidro.	Fortaleza: UFC, 1984. 62 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000137	Prêmio Estado do Ceará 1983.
2 / L759	LINS, Augusto Emílio Estellita.	Ordem equestre de São Gregório Magno.	Vitória, ES: [s.n.], 1957. [23].	Possui dedicatória assinada pelo autor (Vitória, 10 de agosto de 1966).	1 / 000251	
2 / L759	LINS, Augusto Emílio Estellita.	Ordem equestre de São Gregório Magno.	Vitória, ES: [s.n.], 1957. [23].	Possui dedicatória assinada pelo autor (Vitória, 10 de agosto de 1966).	2 / 000252	
82-1 / L759p	LINS, Augusto Emílio Estellita.	Pranto e canto de amor filial.	Vitória, ES: Revista Canaan, 1955. 49 p.	Ausente.	1 / 000660	
82-9 / L799m	LOBO, Oswaldo Sérgio.	Memórias.	Brasília: Brasil Central, 1978. 80 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000070	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
9 / L799h	LOBO, R. Haddock.	História geral: história antiga. 12. ed.	São Paulo: Melhoramentos, 1959. 249 p.	Ausente.	1 / 000499	1ª série ciclo colegial.
82-1 / L842p	LOMBARDI, Bruna.	O perigo do dragão. 2. ed.	Rio de Janeiro: Record, 1984. 112 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000193	
82-9 / L864c	LOPES NETO, J. Simões.	Contos gauchescos. 9. ed.	Porto Alegre: Globo, 1976. 183 p. (Coleção Província).	Possui dedicatória assinada por Ubirajara Wanderley Lins (parente).	1 / 000132	
82-9 / L864c	LOPES NETO, J. Simões.	Contos gauchescos e lendas do sul. 3. ed.	Porto Alegre: Globo, 1965. 175 p. (Coleção Catavento).	Possui dedicatória assinada por Lourdes e Sebastião Campos.	1 / 000133	
82-9 / L864c	LOPES NETO, J. Simões.	Contos gauchescos e lendas do sul. 2. ed.	Porto Alegre: Globo, 1961. 438 p. (Coleção Província).	Ausente.	1 / 000176	Edição crítica com introdução, variantes, notas e glossário por Aurélio Buarque de Hollanda.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leiturar, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
32 / L864g	LOPES, Moacir de Araújo.	A grande opção.	Rio de Janeiro: [s.n.], 1966. 20 p.	Ausente.	1 / 000805	Palestra pronunciada no Estado-Maior das Forças Armadas. Publicada na Revista Militar Brasileira, n. 2 – abr. a jun. de 1966 - volume LXXX - ano LII.
82-1 / L925	LUCENA, Luiz.	Leve... como um beijo.	[S.l]: [s.n.], [198-]. 10 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000618	
291 / L938j	LÚCIO, Neio.	Jesus no lar. 3. ed.	Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1958. 161 p.	Ausente.	1 / 000836	Psicografado por Francisco Cândido Xavier.
82-31 / L948	LUDWIG, Emil.	Othello.	São Paulo: José Olympio, 1949. 341 p. (Coleção fogos Cruzados).	Ausente.	1 / 000012	
82-1 / L979p	LUZ, Isau Coelho.	Pingos d'agua. 2. ed.	[Brasília]: [s.n.], 1981. 50 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000194	
82-32 / L979	LUZ, Isau Coelho.	Orvalho de sol.	[S.l.]: [s.n.], 19---. 60 p.	Possui dedicatória assinada.	1 / 000254	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-9 / L979r	LUZ, Sebastião do Prado.	Roteiro iluminado.	[S.l.]: [s.n.], 197-. 80 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000425	
82-31 / M141m	MACEDO, Joaquim Manuel de.	A moreminha.	[São Paulo]: Ática, [19--]. 118 p. (Série Bom Livro).	Livro sem folha de rosto.	1 / 000246	
82-1 / M141f	MACEDO, Jonatra Álvares.	Fragmentos de um poeta.	Brasília: Horizonte, [19--]. 119 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000310	
82-31 / M141b	MACEDO, Lino de.	A bandeira: estudo psicoanalítico d'uma desequilibrada.	Lisboa: Companhia Editora Nacional, 1897. 494 p.	Possui carimbo do Gabinete Literário Goyano (set 10 1921). Capa solta. Livro incompleto.	1 / 000804	
82-31 / M149m	MACHADO, Antônio de Alcantara.	Mana Maria.	Rio de Janeiro: José Olympio, 1936. 208 p.	Capa solta.	1 / 000370	
82-31 / M149p	MACHADO, Dionelino.	Passos perdidos: romance.	São Paulo: Livraria Martins, [19--]. 295 p.	Ausente.	1 / 000380	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-9 / M149e	MACHADO, João Batista.	Emoções da vida.	Anapólis: [s.n.], 1979?. 367 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000167	
82-9 / M149b	MACHADO, Marietta Telles.	O burrinho do presépio.	Goiânia: UFG, 1983. 102 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000208	
82-9 / M149e	MACHADO, Marietta Telles.	Encontro com Romãozinho.	Goiânia: Oriente, 1976. 86 p.	Possui marcador de página.	1 / 000320	
82-1 / M152t	MACIEL, Marília Fairbanks.	Tempo de Saúde. 3. ed.	São Paulo: [s.n.], 1971. 85 p.	Possui dedicatória assinada pela autora. Capa solta.	1 / 000202	
82-1 / M152j	MACIEL, Marília Fairbanks.	Janela acesa. 3. ed.	São Paulo: Cupolo, 1973. 107 p.	Possui dedicatória assinada pela autora (7-8-75). Folhas soltas.	1 / 000259	
82-1 / M152m	MACIEL, Marília Fairbanks.	Momento sem tempo.	São Paulo: Cupolo, 1972. 143 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000736	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leiturar, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-1 / M152e	MACIEL, Sueli.	Esperança em redor.	[S.]: [s.n.], 1984. 40 p.	Possui dedicatória assinada pela autora. Contém marcador de página.	1 / 000710	
32 / M188g	MAGALHÃES JÚNIOR, R.	Getúlio: o julgamento da história.	São Paulo: Melhoramentos, 1976. 167 p. (Pró e Contra).	Possui dedicatória assinada por Paula (Go/20/08/79).	1 / 000776	
9 / M188	MAGALHÃES, João Baptista.	Osório: síntese de seu perfil histórico.	Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1978. 333 p. (coleção General Benício, 158).	Encontrou-se recorte de jornal com matéria intitulada "Cora coralina participa da feira de artesanato" (Goiânia, 29/07/78).	1 / 000405	Prefácio de Pedro Calmon.
82-9 / M198s	MAGNO, Paschoal Carlos.	Sítio do anjo cego: contos.	Goiânia: Oriente, 1972. 132 p.	Ausente.	1 / 000422	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-1 / M256t	MALAGONI, Edir Guerra.	Tardes do nada.	[Goiânia]: [s.n.], [196?]. 131 p.	Possui correções ortográficas manuscritas.	1 / 000199	
82-31 / M333c	MARIANI, Alberto.	A cicatriz do silêncio.	Brasília: [s.n.], 1981. 101 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor na folha de rosto.	1 / 000061	
82-1 / M388c	MARINHO, Emmanoel.	Cantos de terra. 2. Ed.	[S.]: [s.n.], 1983. 58 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor na folha de rosto.	1 / 000065	
82-1 / M338j	MARINHO, Emmanoel.	Jardim das violetas.	Dourados, MS: [s.n.], 1983. [76].	Possui dedicatória assinada pelo autor. Folhas soltas.	1 / 000108	
82-1 / M357c	MARQUES, Cezar Domingos.	Canto das águas.	Brasília: [s.n.], 1984. [76] p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000144	
82-1 / M357d	MARQUES, Oswaldino.	A dançarina e o horizonte.	Brasília: Civilização brasileira, 1977. 110 p. (Coleção Vera Cruz, 255).	Possui dedicatória assinada pelo autor. Marcas a caneta de correção ortográfica (p. 35).	1 / 000334	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-9 / M357t	MARQUES, Xavier.	Terras mortas.	Rio de Janeiro: José Olympio, 1936. 186 p.	Capa solta.	1 / 000374	Milagres - A vila morta - A sombra do malfetor.
82-9 / M385j	MARTINELLI, Maria Cavalcante [et al.].	João d' Abreu: sua vida, sua obra.	Goiânia: Unigraf, 1983. 380 p.	Ausente.	1 / 000281	
82-1 / M385a	MARTINELLO , Luiz Vítor.	Os anjos mascam chiclete: contradições burlescas de um interiorano entre um sino de igreja e as tentações feéricas dos shopping-centers.	[S.]: [s.n.], 1983. [92].	Possui dedicatória assinada pelo autor na folha de rosto.	1 / 000060	
82-1 / M385a	MARTINEZ, Sebastião.	Amor, humor e braza.	Rio de Janeiro: Gráfica Olimpica, 1969. 138 p.	Possui cidade e data manuscritos (Goiás, 11/8/70).	1 / 000386	
82-1 / M386p	MARTINS, Bosco.	Poeta moderno: (poemas).	Ribeirão Preto: Ellos, 1977. 110 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor	1 / 000095	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-1 / M386p	MARTINS, Bosco.	Poeta moderno: (poemas).	Ribeirão Preto: Ellos, 1977. 110 p.	Ausente.	2 / 000712	
82-1 / M386a	MARTINS, Bosco.	Antologia cigana e novos poemas.	[Jaboticabal]: Dom Bosco, 197-. 106 p.	Possui dedicatória assinada por João Bosco (24/7/84).	1 / 000249	
82-1 / M379e	MARTINS, Bosco.	Eu! Poeta?.	[S.l.]: Ellos, 1977. 74 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000190	
82-1 / M379e	MARTINS, Bosco.	Eu! Poeta?.	[S.l.]: Ellos, 1977. 74 p.	Ausente.	2 / 000397	
82-31 / M393r	MARYAN, M.	Rosalina.	[S.l.]: [s.n.], [19--?]. 256 p.	Sem folha de rosto. Com expressivas marcas de deterioração causada pela enchente.	1 / 000886	
82-1 / M395f	MASCAREN HAS, Alexandre.	Folhas partidas.	Brasília: [s.n.], 1980. 31 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000311	
82-9 / M395c	MASCARO, Ubirajara.	Contornos.	Uberlândia: [s.n.], 1984. 37 p.	Ausente.	1 / 000131	Possui conto intitulado Cora Coralina.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
821.134.2(82) / M423v	MASTRANG ELO, Carlos.	25 cuentos argentinos magistrales: historia y evolución comentada del cuento argentino.	Buenos Aires: Plus Ultra, 1975. 334 p.	Possui marcador de página e algumas palavras sublinhadas a caneta.	1 / 000693	
82.09 / M433i	MATOS, Campos.	Imagens do Portugal Queirociano.	Lisboa: Terra Livre, 1976. 48.[102] p. (Portugal ontem, Portugal hoje).	Possui mensagem de Cora Coralina sobre o autor e dedicatórias assinadas pelos netos da poetisa.	1 / 000818	
82-9 / M433v	MATOS, Edisio Gomes de.	Várias estórias com pé e cabeça.	Brasília: Senado Federal, 1977. 109 p. (Coleção Machado de Assis, 4).	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000307	
65 / M433d	MATOS, Francisco Gomes de.	Desburocratização.	Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1979. 174 p. (Coleção General Benício, 174).	Ausente.	1 / 000328	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
6 / M444p	MATTOS, Amaral de.	Problemática da patologia da criança maranhense.	[S.l.]: [s.n.], 1975. [22].	Possui dedicatória assinada.	1 / 000225	
929 / M444m	MATTOS, Carlos de Meira.	O Marechal Mascarenhas de Morães e sua época: volume II.	Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1983. 321 p. (Coleção General Benício, 212).	Ausente.	1 / 000590	
929 / M444m	MATTOS, Carlos de Meira.	O Marechal Mascarenhas de Morães e sua época: volume I.	Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1983. 204 p. (Coleção General Benício, 211).	Ausente.	1 / 000591	
9 / M444c	MATTOS, Raymundo José da Cunha.	Corografia histórica da provincia de Goiás.	Goiânia: Líder, 1979. 185 p.	Folhas soltas.	1 / 000826	
82-31 / M452r	MAUPASSAN T, Guy de.	Romance de uma mulher.	São Paulo: Clube do Livro, 1944. 216 p.	Lombada desgastada.	1 / 000543	
1 / M468r	MAYER, Leide Diogenes.	Reflexão sobre tipos e arquétipos do homem.	Brasília: Horizonte, 1984. 107 p.	Possui dedicatória assinada pela autora (7-11-84).	1 / 000728	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-1 / M488i	MEDEIROS JUNIOR, Elias.	Instantâneo.	Brasília: [s.n.], 1983. [48] p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000533	
82-1 / M488p	MEDEIROS JÚNIOR, Elias.	Pedaços de mim. 2. ed.	Brasília: Numas de Ler, 1983. 70 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor na primeira folha.	1 / 000091	
17 / M488e	MEDEIROS, Umberto Augusto de.	Educação moral e cívica.	Goiânia: Cultura Goiana, 1975. 139 p.	Ausente.	1 / 000154	A biblioteca possui o v.2.
32 / M489v	MÉDICI, Emílio Garrastazu.	A verdadeira paz.	[Brasília]: [s.n.], 1971. 205 p.	Ausente.	1 / 000285	
32 / M489n	MÉDICI, Emílio Garrastazu.	Nova consciência de Brasil.	[Brasília]: Imprensa Nacional, 1970. 112 p.	Ausente.	1 / 000368	
32 / M489j	MÉDICI, Emílio Garrastazu.	O jogo da verdade. 2. ed.	[S.l.]: Imprensa Nacional, 1970. 110 p.	Ausente.	1 / 000401	
82-31 / M499b	MÉIA, Felicidade.	O banco de jardim.	Vitória, ES: [s.n.], 1983. 165 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000206	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-1 / M514a	MEIRA, Silvio.	Antologia poética: novos e velhos cantos, áurea lira, som das cores, versões fedescas (dos originais alemães).	Rio de Janeiro: Editora Gráfica Luna, 1975. 135 p.	Possui dedicatória assinada na folha de frente.	1 / 000055	
82-5 / M499	MEIRELES, José Dilermando (Org.).	Evangelino Meireles: vida e obra.	Luziânia, GO: [s.n.], 1972. 53 p.	Folhas soltas. Texto incompleto.	1 / 000909	Conferencistas: Gelmires reis, Baltazar dos Reis, Joaquim Gilberto, Benedicto de Araújo Melo.
82-1 / M499p	MEIRELLES, Anna Célia de Faria.	Prelúdio.	[S.l.]: [s.n.], [19--]. 140 p.	Possui dedicatória assinada por Glória Faria.	1 / 000279	
82-1 / M527e	MELLO, Thiago de.	Estatutos do homem. 2. ed.	São Paulo: Martins Fontes, 1978. [20].	Possui dedicatória assinada por Salma (28/03/79).	1 / 000116	
82-1 / M527e	MELLO, Thiago de.	Estatutos do homem. 3. ed.	São Paulo: Martins Fontes, 1978. [20].	Possui dedicatória assinada por Zemir (4/7/82).	1 / 000117	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
82-1 / M527h	MELLO, Thiago de.	Horóscopo para os que estão vivos. 2. ed.	São Paulo: Martins Fontes, 1984. [38] p.	Ausente.	1 / 000752	
82-1 M528l	MELO, Augusta Faro Fleury de.	Lua pelo corpo.	Goiânia: UCG, 1984. 127 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000318	Livro aprovado pelo conselho Estadual de cultura do Estado de Goiás (1983).
82-1 M528l	MELO, Augusta Faro Fleury de.	Lua pelo corpo.	Goiânia: UCG, 1984. 127 p.	Ausente.	2 / 000332	Livro aprovado pelo conselho Estadual de cultura do Estado de Goiás (1983).
82-1 / M528m	MELO, Augusta Faro Fleury de.	Mora em mim uma canção-menina.	[Goiânia]: Cerne, 1982. 102 p.	Possui dedicatória assinada pela autora. Capa solta.	1 / 000466	
9 / M528h	MELO, Moacir Lázaro.	A história de Goiânia.	Goiânia: O Popular, 1980. 271 p.	Contém anotação de endereço de Ondina Bastos Albernaz (manuscrito por Cora Coralina). Possui dedicatória assinada pelo autor (Goiânia, junho de 1981).	1 / 000706	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-9 / M528g	MELO, William Agel de.	Geórgicas: estórias da terra.	Goiânia: Oriente, 1974. 174 p.	Possui marcador de texto entre as páginas 152-153.	1 / 000126	
793 / M538e	MENDES, Tauny.	O encantado ballet Bolshoi.	Anápolis: [s.n.], 1978. 72 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000612	
9 / M542b	MENEZES, Ribeiro de.	A briga de Pedro: ou a fascinante viagem com Pero Vaz.	Goiânia: Unigraf, 1982. 67 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000215	Descobrimento do Brasil para crianças e estudantes com todos os fatos verdadeiros.
91 / M582b	MESQUITA, Alfredo.	Brasil: viagem ao norte e nordeste.	São Paulo: Martins, 1974. 287 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000209	Série de reportagens publicadas no Suplemento de Turismo do jornal O Estado de São Paulo de 12/12/1972 a 10/6/1973.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-9 / M654	MILLIET, Sérgio (Org.).	Obras de Guy de Maupassant.	São Paulo: Martins, [19--]. 198 p. (Obras de Guy de Maupassant, 8).	Possui assinatura de Goiany Cornelio Brom. Sem capa.	1 / 000894	Vários contos.
159 / M671q	MIRA Y LOPES, Emílio.	Quatro gigantes da alma: o medo, a ira, o amor, o dever. 3. ed.	Rio de Janeiro: José Olympio, 1955. 312 p.	Assinatura de Zacarias. Sem capa.	1 / 000823	Tradução revista e prefaciada por Claudio de Araujo Lima.
929 / M672h	MIRANDA, Anna Britto.	História de Pedro Afonso.	Goiânia: Oriente, 1973. 134 p.	Possui dedicatória de Taylor Oriente "À poetisa Cora Coralina na certeza de um dia me tornar seu editor" (Goiânia, 10 janeiro 74). Contém marcador de página e folhetos de propaganda política.	1 / 000716	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82.09 / M714c	MOISÉS, Massaud.	A criação literária: introdução à problemática da literatura.	São Paulo: Melhoramentos, 1967. 332 p.	Possui dedicatória assinada por Clovis Roberto Capalbo em nome da Livraria Acadêmica como lembrança da passagem de Cora Coralina por Jaboticabal.	1 / 000366	
133 / M722a	MOLINERO, Professor.	Aulas secretas de um guru: técnicas de iniciação oriental-ocidental no método Chelá- Yoga.	São Paulo: Dois Amigos, 1968. 253 p.	Ausente.	1 / 000229	
7 / M741r	MONDIN, Guido.	Recado a Flávia.	Brasília: Senado Federal, 1976. 75 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000910	
9 / M744g	MONIZ, Edmundo.	A guerra social de Canudos.	Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978. 282 p.	Possui dedicatória assinada por Moema, Ecildo, B. de Paiva e Helena (26.11.78).	1 / 000507	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
9 / M758h	MONTAGU, Ewen.	O homem que nunca existiu.	Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1978. 171 p. (Coleção General Benício, 164).	Ausente.	1 / 000324	Tradução do Cel Alvaro Galvão.
82.09 / M776c	MONTELLO, Josué.	Caminho da fonte: estudos de literatura.	Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1959. 398 p. (Biblioteca de Divulgação Cultural, A- XXIV).	Ausente.	1 / 000032	
929 / M787m	MONTGOME RY of Alamein, Bernard Law Montgomery.	Memórias do Marechal Montgomery : tomo I.	Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1976. 284 p.	Ausente.	1 / 000174	Tradução Luiz Paulo Macedo Carvalho.
929 / M787m	MONTGOME RY of Alamein, Bernard Law Montgomery.	Memórias do Marechal Montgomery : tomo II.	Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1976. 328 p. (Coleção General Benício, 143).	Ausente.	1 / 000519	Tradução Newton Correia de Andrade Mello.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-31 / M817j	MOOG, Vianna.	Uma jangada para Ulisses.	Porto Alegre: Globo, 1959. 282 p.	Possui na primeira página assinatura de Ilhydia Maria Perillo Caiado dez. 1959 Lembrança de Leonina.	1 / 000213	
9 / M827f	MORAES, Carlos Dante de.	Figuras e ciclos da história Rio- Grandense.	Rio de Janeiro: Globo, 1959. 229 p. (coleção Província).	Ausente.	1 / 000879	
9 / M827i	MORAES, Geraldo Dutra de.	A igreja e o colégio dos Jesuítas de São Paulo.	São Paulo: [s.n.], 1979. 152 p.	Possui dedicatória assinada por Joaquim Rodrigues Vieira Marques (S. Paulo 2-9-84).	1 / 000459	
82-1 / M827c	MORAES, Lourdes Maria Frazão de.	Catarse: [livro de sonetos].	Goiânia: [s.n.], [198?]. 54 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000170	
82-1 / M827c	MORAES, Raul de.	Cantos encantos.	Pimheiros, SP: João Scoretcci, 1984. 39 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000572	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
8 / M827n	MORAIS, Bento Bueno de.	A nossa língua: programa de português para a 1ª e 2ª série do curso ginásial.	São Paulo: [s.n.], 19--., 208 p. (Coleção Didática Nacional).	Possui assinatura de Florisbela Cunha e Cruz Brom.	I / 000831	
82-31 / M838i	MOREIRA FILHO, Juarez.	Infância e travessuras de um sertanejo.	Goiânia: Oriente, 1980. 97 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	I / 000530	
82-9 / M845d	MOREYRA, Álvaro.	O dia nos olhos.	Rio de Janeiro: Lux, [1955] 240 p.	Possui assinatura de Eduardo Torres de Freitas na primeira folha. Capa solta.	I / 000082	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-9 / M921j	MOTT, Odette de Barros.	Justino, o retirante. 19. ed.	São Paulo: Brasiliense, 1982. [96] p. (Jovens do Mundo Todo).	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000295	Prêmio Monteiro Lobato - Academia Brasileira de Letras; 3º Prêmio Concurso Lion - Editora do Brasil; Menção Honrosa do Prêmio Hans Andersen da International Board of Books for Young People;
9 / M921m	MOTTA, Hélcio José da.	Mapa da província de Goyaz: limites, povoações, caminhos 1750.	Goiânia: [s.n.], 1971. [20] p.	Ausente.	1 / 000450	
82-9 / M929n	MOURA, Antonio José de.	Notícias da terra.	São Paulo: Edições Símbolo, 1978. 91 p.	Ausente.	1 / 000671	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-9 / M929n	MOURA, Antonio José de.	Notícias da terra.	São Paulo: Edições Símbolo, 1978. 91 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor (10/11/79).	2 / 000749	
82-1 / M929p	MOURA, Jorge; TAVARES, Pedro.	Poemas errantes.	Goiânia: [s.n.], 1972. 107 p.	Ausente.	1 / 000665	
82-31 / M929c	MOURA, Mariza Helena de Mendonça.	Conflitos de gerações.	Goiânia: Cultura Goiana, 1975. 103 p.	Ausente.	1 / 000428	
821.134.3 / M929p	MOURÃO- FERREIRA, David (Org.).	Portugal a terra e o homem: antologias de textos de escritores do século XX, II volume, I. série.	[Lisboa]: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979. 400 p.	Ausente.	1 / 000265	
821.134.3 / M929p	MOURÃO- FERREIRA, David (Org.).	Portugal a terra e o homem: antologias de textos de escritores do século XX, II volume, I. série	[Lisboa]: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979. 400 p.	No exemplar n.2 encontrou-se uma nota de R\$5 cruzeiros.	2 / 000545	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
821.134.3 / M929p	MOURÃO- FERREIRA, David; SEIXO, Maria Alzira (Orgs.).	Portugal a terra e o homem: antologias de textos de escritores do século XX, II volume, 3. série.	[Lisboa]: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981. 508 p.	Ausente.	1 / 000261	
821.134.3 / M929p	MOURÃO- FERREIRA, David; SEIXO, Maria Alzira (Orgs.).	Portugal a terra e o homem: antologias de textos de escritores do século XX, II volume, 3. série.	[Lisboa]: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981. 508 p.	Ausente.	2 / 000797	
82-1 / M966c	MUNIZ, Ciro Palmerston.	Construção do recado.	Goiânia: UFG, 1967. 75 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000101	
82-1 / M966t	MUNIZ, Ciro Palmerston.	Tempo maior.	[S.l.]: [s.n.], [19--]. 96 p.	Ausente.	1 / 000182	
82-1 / N244g	NASCENTE, Gabriel José.	Os gatos.	Goiânia: [s.n.], 1966. 75 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor (28/1/67). Contém recorte de jornal com poema de Batista Custódia Santos.	1 / 000527	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidad e (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
82-1 / N244c	NASCENTE, Gabriel.	Colheita: a voz dos inéditos.	Goiânia: Unigraf, 1979. 382 p.	Possui dedicatória assinada por Maria Guilhermina (15-11-79).	1 / 000175	
82-1 / N244m	NASCENTE, Gabriel.	Menestrel de rua: poemas.	Goiânia: Oriente, 1976. 63 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor (Goiás, 2/12/78).	1 / 000587	
82-1 / N244p	NASCENTE, Gabriel.	Os passageiros.	Goiânia: Cultura Goiana, 1975. 76 p.	Capa solta.	1 / 000680	
82-1 / N244p	NASCENTE, Gabriel.	Pastoral.	Goiânia: Oriente, 1980. 110 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000746	
2 / N244p	NASCIMENO , Manoel Alves do.	Para você melhorar na vida.	Governador Valadares: DID-FPF, 198-. 53 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000733	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leituraz, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
78 / N244	NASCIMENTO, Dalva Albernaz do.	Orientação metodológica da percepção musical.	Goiânia: [s.n.], 1970. 52 p.	Ausente.	1 / 000255	Tese apresentada para concurso à docência livre da disciplina de Teoria Musical e Solfejo do Conservatório de Música da Universidade Federal de Goiás.
2 / N272r	NATALI, Marco.	Receitas para perceber.	Campos do Jordão: DIO, 1982. 63 p.	Folhas soltas.	1 / 000014	
82-9 / N316b	NAVA, Pedro.	Baú de ossos.	Rio de Janeiro: Sabiá, 1972. 393 p.	Possui marcas de dobradura nas orelhas de algumas páginas.	1 / 000470	
82-1 / N417c	NEJAR, Carlos.	Casa dos arreitos.	Porto Alegre: Globo, 1973. 103 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000107	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
821.134.3 / M929p	NEMÉSIO, Vitorino (Org.).	Portugal a terra e o homem: antologias de textos de escritores dos séculos XIX-XX .	[Lisboa]: Fundação Calouste Gulbenkian, 1978. 288 p.	Ausente.	1 / 000555	Com a presente edição associa-se a Fundação Calouste Gulbenkian às comemorações do dia de Portugal, de Camões e das Comunidades portuguesas.
82-9 / N454c	NERUDA, Pablo.	Confesso que vivi: memórias. 7. ed.	São Paulo: Difel, 1979. 358 p.	Possui dedicatória assinada por Nepomuceno (15.04.79). Capa solta colada com fita crepe.	1 / 000166	Tradução de Olga Savary.
82-1 / N454m	NERUDA, Pablo.	El mar y las campanas. 2. ed.	Buenos Aires: Losada, 1974. 108 p.	Capa solta.	1 / 000201	
82-9 / N642r	NICOLELIS, Giselda Laporta.	Rumo à liberdade. 4. ed.	São Paulo: Moderna, 1983. 49 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000188	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituraz, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
32 / N754a	NOBRE, Freitas.	Anistia para o legislativo: discursos como líder da oposição.	Brasília: Câmara dos deputados, 1984. 166 p. (Separatas de discursos, pareceres e projetos, 136).	Possui dedicatória endereçada à Maria Luísa.	1 / 000634	Discursos pronunciados pelo Deputado Freitas Nobre como líder do MDB e do PMDB e Projetos de Lei de sua autoria.
82-1 / N778p	NOGUEIRA, Arnaldo.	Palavras ao vento.	Goiânia: O Popular, 1981. [110] p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000196	
9 / N778p	NOGUEIRA, Wilson Cavalcanti.	Pires do Rio: marco da história de Goiás.	Goiânia: Roriz, 1977. 128 p.	Possui dedicatória assinada.	1 / 000210	
82-91 / N832b	NORDESTINO , Franklin Maxado.	O bode subversivo que deu no diabo.	Mundo Novo, BA: [s.n.], 1979. 13 p.	Ausente.	1 / 000857	
82-3 / O46	OLINTO, Jorge.	Longe, no passado....: poesia e prosa.	Rio de Janeiro: Pongetti, 1970. 111 p.	Ausente.	1 / 000675	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
9 / O48c	OLIVEIRA, Antônio Augusto Pires de.	O capitão da Serra Negra: relatos de Gonçalo Moreira Lima.	São Paulo: Martins, 1982. 249 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor na folha de rosto.	1 / 000068	
82-9 / O48c	OLIVEIRA, Antônio Baptista de.	Contos e mistérios: contos.	Goiânia: Cultura Goiana, 1980. 105 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000109	
9 / O48e	OLIVEIRA, Fausto Pires de.	Elementos para a história de São Simão.	São Simão, SP: [s.n.], 1975. 394 p.	Possui assinatura do autor.	1 / 000400	
82-1 / O48c	OLIVEIRA, H. Maia de.	Cântaro partido.	São Paulo: [s.n.], 1969. 129 p.	Possui dedicatória com assinatura ilegível (11.4.82).	1 / 000446	
82-31 / O48f	OLIVEIRA, Isócrates.	Frederico e o mundo real.	Goiânia: UFG, 1983. 269 p.	Ausente.	1 / 000626	
82-1 / O48e	OLIVEIRA, Lólio L. de.	Exumação: poemas.	São Paulo: Cortez-Paubrasil, 1981. 87 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000416	
82-1 / O48p	OLIVEIRA, Lólio L. de.	Poemas.	São Paulo: [s.n.], 1950. 39 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor (mar/81).	1 / 000438	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-9 / O48j	OLIVEIRA, Lólio Lourenço de.	Jogo de sombras.	São Paulo: Vanguarda, 1978. 85 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000540	
82-1 / O48p	OLIVEIRA, Pedro Alberto.	Palavras soltas.	[S.l.]: [s.n.], 1982. 25 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor (11.03.84).	1 / 000785	
82.09 / O48c	OLIVEIRA, Tarquínio J. B. de.	Cartas chilenas: fontes textuais.	São Paulo: Referência, 1972. 329 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor (S. Paulo 31-7-72), marcações a caneta em alguns parágrafos e anotações de nomes e endereços de José Geraldo Vergueiro e Luiz Otávio Soares.	1 / 000884	
82.09 / O48c	OLIVEIRA, Tarquínio J. B. de.	Cartas chilenas: fontes textuais.	São Paulo: Referência, 1972. 329 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor (Goiás 19-09-73).	2 / 000885	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
9 / O48	OLIVEIRA, Tarquínio J. B. Mariana de.	Ouro Preto e Mariana.	Rio de Janeiro: Berlendis & Vertecchia Editores LTDA, 1980. 168 p.	Ausente.	1 / 000913	
55 / O48	OLIVEIRA, Tarquínio J. B. de; LANARI, Cássio.	Ouro nas Minas Gerais.	Ouro Preto: [s.n.], 1976. 54 p.	Ausente.	1 / 000274	
82-1 / O54a	OMÁ, Emir.	Aquarelas goianas.	Goiânia: [s.n.], 1970. [70] p.	Possui dedicatória assinada por Euler de Amorim.	1 / 000496	
82-1 / O54f	OMÁ, Emir.	Flor de abril: poesias.	[S.l]: [s.n.], 1971. 90 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000691	
82-9 / O69t	ORICO, Oswaldo.	Tres cuentos del mar.	Madrid: [s.n.], 1946. 76 p.	Expressivas marcas de deterioração causada pela enchente.	1 / 000918	Texto em espanhol.
82-9 / O77v	ORTÊNCIO, Bariani.	Vão dos angicos.	Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. 214 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000284	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
641 / O77c	ORTÊNCIO, Waldomiro Bariani.	A cozinha goiana: estudo - receituário.	Goiânia: Oriente, 1980. 396 p.	Possui algumas anotações a lápis sinalizando o número das receitas que foram doadas ao autor por Cora Coralina.; apresenta contorno nos números de algumas receitas.	1 / 000062	Edição revista e aumentada. Contém 500 receitas.
37 / O82c	O'SHEA, M. V.	Como educar meu filho. 6. ed.	São Paulo: José Olympio, 1955. 371 p.	Capa solta. Assinatura ilegível na folha de rosto.	1 / 000384	
82-9 / O87g	OTERO, Léo Godoy.	Gente de rancho: contos goianos.	São Paulo: [s.n.], 1954. 146 p.	Livro com expressivas marcas de deterioração causada pela enchente.	1 / 000828	Bolsa de publicações Hugo de Carvalho Ramos.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-1 / P114j	PACCA, Dinorah.	Jardim do sonho: versos. 2. ed.	Goiânia: Oriente, 1973. 256 p.	Possui dedicatória assinada por Marlene de Mendonça Ferreira (filha da autora) 23/4/73.	1 / 000494	Obras completas de Dinorah Pacca.
82-1 / P116m	PACHECO, Eudes.	Marcas: poemas.	[S.l.]: [s.n.], 1977. 64 p.	Possui dedicatória endereçada a Marlene com assinatura ilegível.	1 / 000391	
82-1 / P116m	PACHECO, Eudes.	Marcas: poemas.	[S.l.]: [s.n.], 1977. 64 p.	Possui dedicatória endereçada a Brasilete e assinada por Ticianá.	2 / 000392	
82-3 / P116r	PACHECO, Altamiro de Moura.	Rochedo e ferrêlho: conto - crônica e novelas.	[S.l.]: Ebrasa, 1968. 165 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor. Pequenas anotações manuscritas a caneta e algumas correções ortográficas.	1 / 000379	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-1 / P149t	PAIVA, Stela Maris Rezende.	Temporã: poesia.	Brasília: Itamarati, 1980. 97 p.	Possui dedicatória assinada pela autora (Brasília, 30/10/84).	1 / 000566	Prêmio Fernando Chinaglia de 1979
9 / P153g	PALACIN, Luiz.	Goiás 1722-1822: estrutura e conjuntura numa capitania de Minas.	Goiânia: Oriente, 1972. 177 p.	Possui marcador de papel na página 61 e em algumas páginas marcas de leitura a lápis.	1 / 000300	
9 / P153g	PALACIN, Luiz.	Goiás 1722-1822: estrutura e conjuntura numa capitania de Minas.	Goiânia: Oriente, 1972. 177 p.	Ausente.	2 / 000301	
80 / P189q	PÂNDU, Pandiá; PÂNDU, Ana.	Que nome darei ao meu filho?.	Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1977. 290 p.	Possui dedicatória com assinatura ilêgivel.	1 / 000689	
31 / P192e	PANIAGO, Eliá; GOMES, Lays de Campos Moreira.	Estudos sociais: primeiro ano primário. 2. ed.	São Paulo: Do Brasil, [198?]. 125 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000153	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
39 / P192v	PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri.	Viçosa - Tradições e folclore.	Viçosa: UFV, 1977. 154 p.	Possui dedicatória assinada por Caio Jardim.	1 / 000339	
82-9 / P223	PARANHOS, Ricardo.	Obras completas.	Goiânia: Cerne, 1972. 432 p.	Ausente.	1 / 000173	
82-8 / P223	PARANHOS, Ricardo.	Obras completas de Ricardo Paranhos.	Goiânia: Cerne, 1972. 432 p.	Ausente.	1 / 000382	
82-31 / P291d	PASTERNAK, Boris.	O doutor Jivago.	Belo Horizonte: Itatiaia, 1958. 565 p.	Possui dedicatória endereçada a Vasco e assinada por Maria.	1 / 000801	Tradução de Oscar Mendes e Milton Amado.
9 / P322g	PATTON JR, George S.	A guerra que eu vi.	Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1979. 350 p. (Coleção General Benício, 168).	Ausente.	1 / 000298	Tradução de Cel Álvoro Galvão.
82-31 / P436f	PEREIRA, Antônio Olavo.	Fio de prumo.	Rio de Janeiro: José Olympio, 1965. 247 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor (Castro Alves, janeiro, 23, 1968).	1 / 000705	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
34 / P436j	PEREIRA, Osny Duarte.	Juízes brasileiros atrás da cortina de ferro. 2. ed.	Rio de Janeiro: José Konfino, 1952. 515 p.	Possui dedicatória assinada. Sem capa.	1 / 000228	
82-1 / P475e	PESSOA, Fernando.	O eu profundo e os outros eus: seleção poética. 10. ed.	Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. 280 p. (Coleção Poesis).	Possui dedicatória assinada por Carlos Eduardo, Lucia, Valéria, Juliana e Mariana. Bataiais 19/06/82.	1 / 000313	
82-1 / P475p	PESSOA, Fernando.	Poesias: de Álvaro de Campos.	Lisboa: Edições Ática, 197- 337 p. (Coleção Poesias - Obras completas de Fernando Pessoa, 2).	Possui dedicatória assinada por José Nepomuceno Filho (29. dez. 77). Na dedicatória há uma justificativa da escolha do livro de Pessoa em substituição do livro poema-vida de Neruda.	1 / 000396	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
9 / P643c	PILO, Conceição.	Cultos e tradições de conceição do mato dentro.	[S.l.]: Grafenge, 1980. [148] p.	Possui dedicatória assinada por Fausto e Maria Laura (14-08-82).	1 / 000223	
82-31 / P644t	PIMENTA NETTO.	Tio Omega.	Goiânia: O Popular, 197-. 111 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000463	
2 / P644m	PIMENTEL, Cornélio.	Mensagens de fé e de otimismo. 2. ed.	[S.l.]: Tipoprogresso, 1982. 95 p.	Possui dedicatória assinada na folha de rosto. Folha de rosto solta.	1 / 000071	
35 / P644e	PIMENTEL, Joaquim S. de Azevedo.	Episódios militares.	Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1978. 184 p. (coleção General Benício, 162).	Ausente.	1 / 000517	
82-31 / P644t	PIMENTEL, Sidney.	Terra molhada.	Anápolis: Safady, 1974. [246] p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000266	
82-9 / P657t	PIÑON, Néilda.	Tempo das frutas.	Rio de Janeiro: José Álvaro, 1966. 229 p.	Possui dedicatória assinada pela autora (Rio, 30-7- 75).	1 / 000633	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
34 / P695g	PIZZOLANTE, Maria Lúcia D'Ávila.	Guia dos direitos da mulher.	Rio de Janeiro: Nórdica, 1984. 102 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000528	
82-31 / P743a	POE, Edgar Allan.	Aventuras de Artur Gordon Pym.	São Paulo: Clube do Livro, 1946. 192 p.	Capa solta.	1 / 000442	
82-9 / P743n	POE, Edgar Allan.	Novelas extraordinárias.	São Paulo: Clube do Livro, 1945. 208 p.	Capa solta.	1 / 000811	
82-3 / P745	POESIAS e contos bucharéis.	Goânia: UFG, 1966. 95 p.	Capa solta.	Vários autores (bacharelados da Faculdade de Direito da Universidade de Goias, em 1966).	1 / 000662	
1 / P822e	POOLE, Cecil A.	Os eternos frutos do conhecimento.	Rio de Janeiro: Renes, 1979. 157 p. (Biblioteca Rosacruz, 24).	Possui dedicatória assinada pela Ordem Rosacruz (out/79).	1 / 000148	
33 / P864b	POTSCH, Waldemiro.	O Brasil e suas riquezas: brasilogia. 26. ed.	Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1954. 385 p.	Capa solta.	1 / 000376	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
2 / P866h	POTTER, Charles Francis.	História das religiões: vida dos líderes religiosos.	Rio de Janeiro: [s.n.], 1968. 559 p.	Ausente.	1 / 000291	Tradução de J. de Sampaio Ferraz. Com referência especial aos ataxismos elementos comuns e costumes paralelos das religiões do mundo.
82-1 / P893g	POZZOLI, Marilita.	Galera das almas.	[S.l.]: [s.n.], [195-?]. 108 p.	Possui colado um recorte de jornal com notícia sobre o regresso de Cora a Goiás. Algumas anotações a caneta nos poemas. Capa e folha de rosto ausentes. Informações retiradas de outras fontes.	1 / 000949	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-9 / P896d	PRADO, Francisco.	Dom Emanoel Gomes de Oliveira.	Goiânia: O Popular, 1979. 45 p.	Ausente.	1 / 000141	
82-31 / P944m	PRÉVOST, Marcel.	Maria das Angústias.	Rio de Janeiro: Roberto Furquim, 1944. 206 p.	Capa solta.	1 / 000802	Tradução de J. Luiz de O. Araujo.
82-31 / P964c	PROKOSCH, Frederic.	Conspiradores.	São Paulo: Cupolo, 1945. 252 p.	Possui expressivas marcas de deterioração causada pela enchente.	1 / 000882	Tradução de Aydano Arruda e F. L. Di Monaco.
82-9 / P971p	PRUDENTE, Carmen Annes-Dias.	Por ares muitas vezes navegados...	Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. 323 p.	Possui dedicatória assinada pela autora e endereçada a Zelia Valverde. Páginas coladas na parte superior.	1 / 000203	
82-32 / Q1	QUARTIM, Yone.	Onde está o lago azul que você me prometeu?.	São Paulo: [s.n.], 1978. 47 p.	Possui dedicatória assinada pela autora (20-6-84).	1 / 000253	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-9 / Q1v	QUARTIM, Yone.	Video tape.	São Paulo: [s.n.], 1976. 92[30] p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000262	
82-9 / Q1f	QUARTIM, Yone.	Fora da barra (histórias de amor); Santo Antonio jogou no bicho (histórias divertidas).	[S.l.]: Escala, 1982. 90 p. (Coleção Ordem Nacional dos Escritores, 5).	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000418	
82-31 / Q3m	QUEIROZ, Dinah Silveira de.	A muralha. 7. ed.	Brasília: Ebrasa, 1971. 416 p.	Possui dedicatória assinada pela autora (Set - 72).	1 / 000792	Romance comemorativo do IV centenário da Fundação de São Paulo.
82-3 / Q3u	QUEIROZ, Eça de.	Últimas páginas: manuscritos inéditos. 6. ed.	Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, 1937. 425 p.	Possui marcador de página em forma de recibo de padaria (15-6-69).	1 / 000317	S. Christovam - Sto Onofre; S. Frei Gil - Artigos diversos.
82-31 / Q3c	QUEIROZ, Eça de.	A cidade e as serras. 2. ed.	São Paulo: Brasiliense, 1973. 164 p.	Possui anotação de endereço e telefone.	1 / 000330	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
008 / Q3e	QUEIROZ, Jerônimo Geraldo de.	Evolução cultural de Goiás: estudo.	Goiânia: Oriente, 1969. 241 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor (Goiânia, 23-2-73).	1 / 000399	Possui dedicatória assinada pelo autor (Goiânia, 23-2-73).
82-1 / Q3m	QUEIROZ, Luiz Alberto de.	Mostre-me um caminho suave.	Rio de Janeiro: EDC, 1982. 141 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor. Folhas soltas.	1 / 000492	
9 / Q3c	QUEIROZ, Luiz Alberto de.	Cristalina minha terra.	Goiânia: Rio Branco, 1983. 152 p.	Possui dedicatória com assinatura ilegível (13-10-83).	1 / 000573	
82-31 / Q3q	QUEIROZ, Rachel de.	O quinze. 7. ed.	Rio de Janeiro: José Olympio, 1966. 120 p. (Coleção Sagarana, 18).	Possui dedicatória assinada pela autora (16-9-66).	1 / 000698	
82-31 / Q3d	QUEIROZ, Rachel de.	Dôra, Doralina. 2. ed.	Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. 256 p.	Ausente.	1 / 000781	
39 / Q3p	QUENTAL, Daisy Soares.	Pecuária folclórica: o boi.	São Paulo: Editorial Livramento, 1979. 67 p.	Possui dedicatória assinada por Elza M. Recco	1 / 000316	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-1 / Q7m	QUINAN, Issy.	Marcas.	[S.l.]: [s.n.], [198-]. 57 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	I / 000753	
82-9 / Q7m	QUINTA, Waldyr Castro.	O major e seus bigodes.	Goiânia: [s.n.], 1981. 362 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	I / 000347	
82-1 / Q9p	QUOIST, Michel.	Poemas para rezar. 16. ed.	São Paulo: Duas Cidades, 1954. 207 p.	Possui dedicatória assinada por Olympia (Goiás, 10-5-1964). Sem capa. Folhas coladas na parte superior.	I / 000189	
82-1 / R114p	RABÊLO, Laurindo.	Poesias completas.	Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963. 272 p. (Biblioteca Popular Brasileira, 23).	Capa solta. Páginas coladas na parte superior.	I / 000696	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
82-31 / R175p	RAMOS, Anatole.	O planeta do silêncio.	Goiânia: Barão de Itararé, 1974. 226 p. (Série Ficção Científica, D).	Possui dedicatória com assinatura ilegível (Goiânia, 14.08.74).	1 / 000697	
82-9 / R175h	RAMOS, Anatole.	Hoje a noite é mais longa.	Goiânia: Unigraf, 1982. 109 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000715	
82-94 / R175v	RAMOS, Graciliano.	Viagem: Checoslováquia - U.R.S.S.	Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. 200 p.	Ausente.	1 / 000757	Obra póstuma. Edição ilustrada.
3 / R175	RAMOS, José Nabantino; BIGGI, José de Castro.	Um crime quase perfeito.	Osasco: [s.n.], 1977. 186 p.	Ausente.	1 / 000192	
82-1 / R175g	RAMOS, Manuel L. de Carvalho.	Goyania: poema épico. 2. ed.	Goiânia: Cerne, [19--]. 321 p.	Capa solta.	1 / 000233	Esta edição é uma reprodução fiel da de 1896, exemplar pertencente ao escritor José Mendonça Teles. Considerado o primeiro livro goiano.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-9 / R175m	RAMOS, Maria de Lourdes da Silva.	Menina de Cuiabá: reminiscências.	São Paulo: T.A. Queiroz, 1983. 121 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	I / 000393	
82-9 / R175b	RAMOS, Maria.	Banhado em flor: estórias de uma guria. 3. ed.	Rio de Janeiro: Do livro, 1967. 137 p.	Possui dedicatória assinada pela autora na folha de rosto. Capa solta.	I / 000066	Prêmio Júlia Lopes de Almeida da Academia Brasileira de Letras 1964.
82-9 / R175c	RAMOS, Ricardo.	Contos.	Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. 191 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor e endereçada a Zélia Valverde.	I / 000200	
17 / R196e	RANGEL, José.	Elementos para a educação moral cívica e social.	Rio de Janeiro: Empreza Graphica, 1926. 306 p.	Possui assinatura de Luiz de Faria.	I / 000350	Livro adotado no Colégio Pedro II.
82-9 / R257c	RAWET, Samuel.	Contos do imigrante.	Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. 127 p.	Possui dedicatória endereçada a Zélio Valverde e assinado pelo autor (Rio, 21/3/56).	I / 000645	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-31 / R291	REBELLO, Marques.	Três caminhos.	Rio de Janeiro: Ariel, 1933. 152 p.	Ausente.	1 / 000415	
82.09 / R291a	REBELLO, Marques.	Antologia escolar brasileira.	Rio de Janeiro: MEC, 1967. 365 p.	Sem capa.	1 / 000883	
82-31 / R343u	REGO, José Lins do.	Usina.	Rio de Janeiro: José Olympio, 1936. 392 p.	Possui dedicatória assinada por Celeste (21 julho- 36). Capa e folhas soltas.	1 / 000815	
82-1 / R343t	RÊGO, Mauro Bastos Pereira.	Taça vazia: poemas.	[S.l]: [s.n.], 1982. 67 p.	Possui impresso na quarta capa uma dedicatória assinada por Cora Coralina em 11/4/79. Possui dedicatória assinada na folha de rosto.	1 / 000005	
82-1 / R364c	REINALDO, Luiz.	Chão do coração.	Goiânia: [s.n.], 1982. 74 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000098	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-9 / R375m	REIS, Maria Barbosa.	Meio século de magistério.	Goiânia: Oriente, 1979. 134 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000767	
82-1 / R375	REIS, Nivaldo.	Onze de antigamente: sonetos.	Bauri: Joarte, 1982. [26] p.	Possui dedicatória assinada pelo autor. Contém um recorte de jornal com poesia do autor dedicada à Cora Coralina.	1 / 000264	
82-9 / R467c	REZENDE, Jeová de Paula.	Cenas de dezemboque.	Goiânia: [Cia Editora Social], 1966. 114 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor. Na página 57 foi encontrado um recorte de jornal que traz uma nota sobre o escritor francês Emilio Zola. Nessa mesma página há um cálculo matemático manuscrito.	1 / 000155	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-3 / R467m	REZENDE, Maria José Aranha de.	Muita prosa, pouco verso: crônica e poesia.	Santos, SP: A Tribuna de Santos, 1983. 107 p.	Possui dedicatória endereçada à Paraguassú e assinada por Zezinho (maio/83). Contém crônica intitulada Cora Coralina na página 56.	1 / 000472	
82-3 / R647m	REZENDE, Maria José Aranha de.	Muita prosa, pouco verso: crônica e poesia.	Santos, SP: A Tribuna de Santos, 1983. 107 p.	Possui dedicatória assinada pela autora e na primeira página após a folha de rostro encontrou-se poema manuscrito de Cora Coralina	2 / 000588	
82-3 / R481m	RIA, Cesário da Béca.	Manual do chicamista. 7. ed.	Brasília: Ebrasa, 1968. 172 p.	Possui dedicatória com assinatura ilegível.	1 / 000625	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-1 / R482v	RIBAS, J.	Verso e reverso.	[S.]: [s.n.], [198?]. 75 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000283	
82.09 / R484	RIBEIRO JÚNIOR, Theodoro.	Origens da literatura: vinte séculos de formação cultural. É a guerra: diário.	Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1944. 376 p.	Capa solta.	1 / 000898	
82-94 / R484e	RIBEIRO, Aquilino.	Maria Benigna.	Lisboa: Livraria Bertrand, 1934. 302 p.	Ausente.	1 / 000371	
82-31 / R484m	RIBEIRO, Aquilino.	Guilherme de Almeida: poeta modernista.	Lisboa: Livraria Bertrand, 1933. 285 p.	Possui carimbo de livraria com preço.	1 / 000798	
82-9 / R484g	RIBEIRO, José Antônio Pereira.	Um menino do mato que driblou a seca. 2. ed.	São Paulo: Traço, 1983. 127 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000505	
82-9 / R484m	RIBEIRO, Paes.	Canto de cigarra.	Goiânia: O Popular, 1983. 216 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000305	
82-9 / R536c	RICHTER, Nair Perillo.		Goiânia: Líder, [198?]. 129 p.	Possui cartão de visita da autora.	1 / 000130	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
83 / R573c	RILKE, Rainer Maria.	Cartas a um jovem poeta; A canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke.	Porto Alegre: Globo, 1975. 109 p.	Apresenta marcações a caneta em algumas páginas.	1 / 000162	Cartas a um jovem poeta, tradução de Paulo Rónai; A canção de amor e de morte do porta- estandarte Cristóvão Rilke, tradução de Cecília Meireles. 7ª impressão.
82-9 / R586a	RIOS, Arthur E. S.	"Americano do Brasil, o educador".	Goiânia: O Popular, 1978. 33 p.	Possui dedicatória assinada na folha de rosto.	1 / 000051	
34 / R586d	RIOS, Arthur E. S.	Justiça e direito.	Goiânia: UFG, 1976. 60 p.	Possui dedicatória com assinatura ilegível.	1 / 000453	
82-1 / R586r	RIOS, Augusto.	Ramalhete: versos.	São Paulo: Linográfica, 1957. 234 p.	Algumas páginas possuem pequenas correções manuscritas no texto. Sem indicação de autoria. (ex. p. 68, 30.; Autor Goiano..	1 / 000023	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-9 / R627b	RIZKALLA, Jamil.	Bau de mascate.	Volta Redonda, RJ: [s.n.], 1980. 119 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000601	
63 / R627p	RIZZINI, Carlos Toledo.	Preliminares acerca das formações vegetais e do reflorestamento no Brasil Central.	Rio de Janeiro: [s.n.], 1962. 79 p.	Possui dedicatória assinada por Ezechias Paulo.	1 / 000273	Com a colaboração de Ezechias Paulo Heringer - chefe do convênio florestal em Brasília. Prêmio Maoel Gomes Accher de 1961 do Conselho Florestal Federal.
82-31 / R661c	ROBINSON, Henry Morton.	O cardeal. 2. ed.	São Paulo: Mérito, 1955. 651 p.	Possui dedicatória endereçada à tia Anica com assinatura de Santinha (Pru,8/4/1958). Sem capa.	1 / 000895	Tradução de José Gerardo Vieira.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-9 / R696v	RODRIGUES, Maria Decia Alencar.	Vitrais em movimento.	Goiânia: Cultura Goiana, 1976. 164 p.	Ausente.	1 / 000729	
82-9 / R696v	RODRIGUES, Maria Decia Alencar.	Vitrais em movimento.	Goiânia: Cultura Goiana, 1976. 164 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	2 / 000730	
82-1 / R741a	ROJAS, Sérgio; LIRIO, Tor.	Arquitetura do perigo: poemas.	Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1984. 94 p. (Poesia hoje, 70).	Possui dedicatória assinada por um dos autores (Sérgio Rojas).	1 / 000073	
9 / R769g	RONCATO, Marilândia.	Goiás.	Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1973. 24 p.	Ausente.	1 / 000183	
82.09 / R788g	ROSA, Guimarães.	Guimarães Rosa: seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios por: Beth Brait.	São Paulo: Abril, 1982. 110 p. (Literatura comentada).	Possui dedicatória assinada por Iris (Goiás, 21 de julho de 1982).	1 / 000506	
82-31 / R788g	ROSA, João Guimarães.	Grande sertão: veredas. 16. ed.	Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 568 p.	Capa solta.	1 / 000994	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-9 / R788p	ROSA, Joaquim.	Por esse Goiás afora.	Goiania: Cultura Goiana, 1974. 258 p.	Ausente.	1 / 000275	
291 / R821m	ROSIN, Zilda Giunchetti.	Morte é vida. 4. ed.	São Paulo: LAKE, 1983. 184 p.	Ausente.	1 / 000457	Contém duas mensagens de Draústo, filho da autora, psicografadas por Francisco Cândido Xavier.
82-1 / R829s	ROSSETTO, Paulo Sérgio.	O sol-da-dor da terra.	Campo Grande, MS: [s.n.], 1981. 58 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000552	
82-1 / R829s	ROSSETTO, Paulo Sérgio.	O sol-da-dor da terra.	Campo Grande, MS: [s.n.], 1981. 58 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	2 / 000553	
82-1 / R829r	ROSSETTO, Paulo Sérgio.	Rola arisca.	Três Lagoas: [s.n.], 1981. 22 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor (T. Lagoas, 03/10/83).	1 / 000727	
82-1 / R829m	ROSSETTO, Paulo Sérgio.	Memorinha: poemas infantis.	Três Lagoas: [s.n.], 1982. 34 p.	Possui dedicatória assinada por Elys (03/10/84).	1 / 000881	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituraz, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
61 / R831g	ROSSITER, Frederico.	Guia prático da saúde: tratado popular de anatomia, physiologia e hygiene no qual se descrevem scientificamente as enfermidades, suas causas e seu tratamento. Dedicado a familias e enfermeiros.	São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, [1939]. 690 p.	Na folha de rosto aparece a seguinte anotação "página 451 - tabela sobre período de gravidez". Contém marcador de papel.	1 / 000788	
9 / S116g	SABINO JÚNIOR, Oscar.	Goiânia global.	Goiânia: Oriente, 1980. 286 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000440	
9 / F134	Saint-Hilaire [et al.].	AS FABULOSAS águas quentes de Caldas Novas.	Goiânia: Oriente, 1971. 125 p.	Possui dedicatória assinada por Martinho P. R. Guimarães (prefeito) 3-12-71.	1 / 000508	Antologia organizada pelo editor T. Oriente.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
37 / S173t	SALÓ, Julia; BARBUY, Santiago.	Terra, água, ar, fogo: para uma oficina escola inicial.	São Paulo: ECE, 1977. 61 p.	Ausente.	1 / 000888	
82-1 / S232a	SANTANA, Gecyclan Rodrigues.	Até a flor.	[S.l]: [s.n.], 1980. 66 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000087	
82-9 / S234v	SANTELMO, Amador.	Vida, aventuras e morte de Lampião e Maria Bonita: A vingança de Corisco.	Rio de Janeiro: H. Antunes, 1958. 104 p. (Coleção Popular 1908-1958).	Possui dedicatória assinada por G. Barros (Campina Grande, 06-02-83).	1 / 000180	Nova edição aumentada com a história de outras mulheres do cangaceiro.
32 / S235d	SANTILLO, Adhemar.	Da mesa farta à subnutrição: discursos pronunciados pelo deputado Adhemar Santillo.	Brasília: Coordenação de Publicações, 1978. 186 p.	No verso da folha de rosto há uma mensagem escrita por Cora Coralina e datada (30/3/74).	1 / 000112	
82-91 / S237v	SANTOS, Manoel Camilo dos.	Viagem a São Sarué.	Campina Grande: [s.n.], 1965. 8 p.	Ausente.	1 / 000905	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-1 / S237m	SANTOS, Maria Lucia Cardoso dos.	Moleque carapinha. 2. ed.	São Carlos, SP: UFSCAR, [1979?]. 139 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000503	
82.09 / S237c	SANTOS, Wendel.	Crítica: uma ciência da literatura.	Goiânia: UFG, 1983. 188 p.	Ausente.	1 / 000575	
82-9 / S274m	SAYÃO, Léa.	Meu pai, Bernardo Sayão. 3. ed.	[Brasília]: Centro Gráfico do Senado Federal, 1976. 312 p.	Possui dedicatória assinada pela autora na folha de rosto.	1 / 000081	
82-9 / S274m	SAYÃO, Léa.	Meu pai, Bernardo Sayão. 3. ed.	[Brasília]: Centro Gráfico do Senado Federal, 1976. 312 p.	Ausente.	2 / 000759	
738 / S328m	SCHEUER-LOÉLL, Herta.	Manufaturas de cerâmica popular em Mato Grosso Central.	São Paulo: [s.n.], 1976. [20] p.	Possui dedicatória assinada pela autora na folha de rosto.	1 / 000085	
82-1 / S347t	SCHMALTZ, Iêda.	Tempo de semear.	Goiânia: Ceme, 1969. 116 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000567	2º lugar da Bolsa de Publicações "Hugo de Carvalho Ramos" do Departamento Estadual de Cultura do Estado de Goiás.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-1 / S347c	SCHMALTZ, Yêda.	Caminhos de mim.	Goiânia: ETG, 1964. 133 p.	Possui dedicatória endereçada à D. Elina Maria e assinada por Manuel de Jesus (Goiás, 14/5/65). Capa solta.	1 / 000576	
82-1 / S347a	SCHMALTZ, Yêda.	A alquimia dos nós.	Goiânia: Unigraf, 1979. 203 p.	Possui dedicatória assinada pela autora e o encarte Paratúna Goiás - Brasil (Fotos e poemas da autora).	1 / 000296	
82-1 / S347a	SCHMALTZ, Yêda.	A alquimia dos nós.	Goiânia: Unigraf, 1979. 203 p.	Possui dupla dedicatória de Nadir da Costa Nunes e da autora.	2 / 000297	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82.09 / S347p	SCHMALTZ, Yêda.	Os procedimentos da arte.	Goiânia: UFG, 1983. 126 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000783	Prêmio do IV Concurso Nacional de Literatura da Secretaria de Educação e Cultura e Fundação Cultural do Estado de Goiás, gênero Ensaio.
82-9 / S347m	SCHMALTZ, Yêda.	Miserere.	Rio de Janeiro: Edições Antares, 1980. 153 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000084	
9 / S349m	SCHMIDT, Carlos Borges.	O milho e o monjolo: aspectos da civilização do milho. Técnicas, utensílios e maquinaria tradicionais.	Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1967. 153 p. (documentário da vida rural, 20).	Possui dedicatória assinada pelo autor. Sem capa.	1 / 000896	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-1 / S351v	SCHMIDT, Godofredo Augusto.	Vida: 70 anos de poesia.	São Paulo; Soma, 1981. 85 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000609	
82-1 / S498s	SEVERO NETTO, Augusto.	Sinfonia do tempo.	Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1959, 188 p. (Ferreira Itajubá, 2).	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000596	
82-1 / S558d	SHISHIDO, Katsuko.	A dor da frágil pluma.	Santo André: Taturana, 1982. [40].	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000900	
6 / S586a	SILVA, Benedicto.	Administração e medicina.	Goiânia: UFG, 1979. 48 p.	Ausente.	1 / 000042	
82-9 / S586e	SILVA, Benedicto.	O estadista Leopoldo de Bulhões.	Goiânia: UFG, 1979. 52 p. (Coleção Documentos Goianos, 3).	Ausente.	1 / 000270	
35 / S586d	SILVA, Colemar Natal e.	Divisão territorial e administrativa do estado de Goiás.	Brasília: Câmara dos deputados, 1978. 93 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000456	Conferencia proferida na Comissão de Revisão Territorial e Política Demográfica.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituraz, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-5 / S586	SILVA, Colemar Natal e.	[Posse do acadêmico José Júlio Guimarães Lima].	Goiânia: UCG, 1983. 25 p.	Possui dedicatória assinada por Guimarães Lima (Rio de Janeiro, 1983).	1 / 000866	Título atribuído pelo catalogado. Título da capa: Patrão Jarbas Jaime: cadeira 34 da AGL.
82-9 / S586n	SILVA, Diógenes Pereira da.	Nas curvas do caminho.	Goiânia: Cultura Goiana, 1974. 148 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor. Folhas soltas.	1 / 000477	
82-1 / S586a	SILVA, Diógenes Pereira da.	Ao sabor da vida: poesias.	Petrópolis: [s.n.], 1973. 75 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000500	
82-91 / S586v	SILVA, Expedito Sebastião da.	Vida e milagres de Frei Damião.	[S.l.]: [s.n.], [197-?]. 8 p.	Ausente.	1 / 000852	Título da capa: Os milagres e os sermões de Frei Damião.
82-91 / S586h	SILVA, Expedito Sebastião da.	O homem visão.	[S.l.]: [s.n.], [197-?]. 16 p.	Ausente.	1 / 000853	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
929 / S586s	SILVA, Felipe Nery de Siqueira e.	Os Siqueiras: de Bragança Paulista.	São Paulo: EDIGRAF, 1963. 295 p.	Possui dedicatória assinada na folha de rosto.	1 / 000028	
82-84 / S586c	SILVA, Francisco Ayres da.	Caminhos de outra: diário de viagens.	[Goiânia]: Oriente, [197?]. 161 p.	Possui dedicatória assinada pelo editor Taylor Oriente (janeiro, 1974).	1 / 000178	1ª edição póstuma.
159.9 / S586g	SILVA, Gastão Pereira da.	Getúlio Vargas e a psicanálise das multidões.	Rio de Janeiro: Zelio Valverde, [19--]. 127 p.	Sem capa.	1 / 000917	
82.09 / S586m	SILVA, H. Pereira da.	A megalomania literária de Machado de Assis: ensaio.	Rio de Janeiro: Aurora, [1949?]. 127 p.	Ausente.	1 / 000941	
82-5 / S586v	SILVA, Inácio Xavier da.	Vida e obra de um grande mestre.	[S.l.]: [s.n.], 1975. 40 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000889	Palestra proferida na Sessão Solene em que se comemorou o centenário de nascimento do Professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
2 / S586l	SILVA, J. Trindade da Fonseca e.	Lugares e pessoas: subsídios eclesiásticos para a história de Goiás. É preciso parar.	São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1948. 468 p.	Possui marcador de texto na página 224.	1 / 000250	
82-1 / S586e	SILVA, Jail Brasil da.		Bauru: Joarte, 1983. 66 p.	Possui dedicatória assinada pela autora (Andradina 30-09- 83).	1 / 000136	
82-9 / S586p	SILVA, João Costa e.	Pelos caminhos da vida.	Goiânia: Oriente, 1978. 170 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor (Piracanjuba, 09/06/80).	1 / 000685	
82-91 / S586a	SILVA, João José da.	Aladim e a princesa de Bagdá. 31 p.	[Recife]: [s.n.], [19--].	Ausente.	1 / 000837	
82-91 / S586h	SILVA, João José da.	História de Ana Roa e "Banda Fôra".	[S.l.]: [s.n.], [197-?]. 16 p.	Ausente.	1 / 000854	
9 / S586h	SILVA, Joaquim.	História do Brasil: para o quarto ano ginasial. 6. ed.	São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943. 211 p.	Possui na primeira página assinatura de Maria Luíza Bron (gz, 10-5-44).	1 / 000702	Edição revista e aumentada.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
9 / S586	SILVA, Joaquim.	História da civilização.	São Paulo: [s.n.], [19--]. 207 p.	Livro incompleto. Sem folha de rosto. Informações retiradas de outras fontes.	1 / 000987	
82-91 / S586c	SILVA, José Bernardo da.	O cavalo misterioso.	[S.l.]: [s.n.], [197-?]. 32 p.	Ausente.	1 / 000859	Título da capa: História do cavalo misterioso e o Boi Mandingueiro.
82-1 / S586a	SILVA, Luis Martins da.	O assassinato das folhas.	Brasília: [s.n.], 1981. 40 p.	Ausente.	1 / 000083	
82-1 / S586r	SILVA, Luis Martins da.	Rua de mim.	Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1977. 101 p. (Coleção Tempoesia, 13).	Possui dedicatória assinada pelo autor (Goiás, 20.12.81).	1 / 000701	
82-1 / S586l	SILVA, Luis Martins.	Lira.	Brasília: [s.n.], 1984. 70 p.	Ausente.	1 / 000322	
82-1 / S586e	SILVA, Maria Abadia.	Espaços.	Goiânia: Cerne, 1980. 77 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000312	Concurso bolsa de publicações Hugo de Carvalho Ramos: 1980 1º lugar gênero poesia.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-1 / S586s	SILVA, Maria.	Uma sombra no crepúsculo.	Goiânia: Líder, 1982. 164 p.	Possui dedicatória assinada pela autora. Contém marcador de página.	1 / 000465	
9 / S586s	SILVA, Martimiano José da.	Sombra dos quilombos: introdução ao estudo do negro em Goiás.	Goiânia: Cultura Goiana, 1974. 127 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000600	
82-31 / S586m	SILVA, Martimiano José da.	A moça que ria muito.	Goiânia: [s.n.], 1964. 149 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor (Go. 23-9-65). Encontrou-se recibo de depósito bancário.	1 / 000761	
37 / S586t	SILVA, Nancy Ribeiro de Araújo e.	Tradição e renovação educacional em Goiás.	Goiânia: Oriente, 1975. 345 p.	Possui dedicatória assinada pela autora. Capa solta.	1 / 000560	
90 / S586c	SILVA, Paulo Pitaluga Costa e.	Casas de fundição em Mato Grosso.	Cuiabá: Fundação Cultura de Mato Grosso, 1977. 64 p.	Possui dedicatória assinada na folha de rosto.	1 / 000021	
82-1 / S586v	SILVA, Sergio Amaral.	Vida felina.	[S.]: [s.n.], 1981. [70] p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000303	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-1 / S587f	SILVEIRA JUNIOR, Peixoto da.	Feto sem teto.	Goiânia: Helga, 1980. 81 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000325	
82.09 / S587a	SILVEIRA, J. Peixoto da.	Augusto Rios: poeta.	Jaraguá: [s.n.], 1946. 16 p.	Ausente.	1 / 000903	
82-1 / S587v	SILVEIRA, Lucia Rios Peixoto da.	Verso e vida.	Goiânia: Líder, 1981. 154 p.	Possui dedicatória assinada pela autora. Capa e algumas folhas soltas.	1 / 000099	
32 / S587	SILVEIRA, Modesto.	Luta comum.	Brasília: Câmara dos deputados, 1981. 211 p.	Ausente.	1 / 000672	Seleção de pronunciamentos do Deputado Modesto da Silveira em 1980. Prefácio: Senador Roberto Saturnino Braga.
9 / S587h	SILVEIRA, Peixoto da.	A nova capital: por que, para onde e como mudar a Capital Federal. 2. ed.	[S.l.]: Pongetti, [19--]. 357 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor. Capa solta.	1 / 000627	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-09 / S587r	SILVEIRA, Peixoto.	Relembrando Augusto Rios.	[S.l.]: [s.n.], 1974. 62 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000426	Conferência pronunciada, resumidamente, na sessão ordinárias de 5 de setembro de 1974 da Academia Goiana de Letras.
82-1 / S587v	SILVEIRA, Peixoto.	Versos esquecidos e vários inéditos.	Goiânia: Unigraf, 1980. 149 p.	Possui dedicatória assinada por Px Júnior (agosto 81).	1 / 000448	
82-9 / S587i	SILVEIRA, Valdomiro.	Leréias: histórias contadas por eles mesmos.	São Paulo: Martins, 1945. 206 p.	Ausente.	1 / 000429	
82-1 / S587w	SILVEIRA, Peixoto.	WIS.	[S.l.]: Xerox do Brasil, 1982. [88]p.	Possui encarte com depoimentos sobre o autor.	1 / 000388	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
9 / S612a	SIMPÓSIO NACIONAL DE PROFESSOR ES UNIVERSITÁ RIOS DE HISTÓRIA (25.:1971).	[Anais do] Simpósio Nacional de Professores Universitários de História: notícia bibliográfica e histórica.	Campinas, SP: [s.n.], 1971. 276 p.	Sem capa.	1 / 000986	
82-1 / S676f	SOARES JUNIOR, José.	Frauta ruda.	Brasília: Escopo, 1979. 105 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor (15.06.80).	1 / 000700	
030 / S676d	SOARES, Moacir Bretas.	Dicionário de legislação do ensino.	Rio de Janeiro: FGV, 1981. 270 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000226	
82-1 / S677n	SOBRINHO, Lucília Cândida.	Nas asas do tempo.	Belo Horizonte: O Lutador, 1984. 101 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000655	
82-1 / S717i	SÓTER, José Luiz do Nascimento.	Início e fim.	[S.l.]: [s.n.], 1978. [36] p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000763	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-1 / S717s	SÓTER, José Luiz do Nascimento; RIBEIRO, Noélia Maria; HÜMMEL, Paulo Tovar.	Salada mista.	Catalão, GO: Sta. Luzia, [197-]. 60 p.	Possui dedicatória assinada por Sóter (08/78).	1 / 000579	
82-1 / S725c	SOUSA, Césario.	Contínente brazilha: poesia e outros bichos.	Brasília: [s.n.], 1982. [70] p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000145	
82-1 / S725m	SOUSA, Salomão.	A moenda dos dias: poesia.	Brasília: Coordenada, 1979. 68 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000394	
82-3 / S729n	SOUZA Filho, Eduardo H. de.	Nos tempos de Goyaz: crônicas e poemetos.	Goiânia: Unigraf, 1981. 107 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000474	
9 / S729d	SOUZA, Luiz Antônio da Silva e.	O descobrimento da capitania de Goyaz: governo, população e coisas mais notáveis, 30 de setembro de 1812.	Goiânia: UFG, 1967. 76 p.	Ausente.	1 / 000113	Trabalho extraído do Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 4º Trimestre de 1849.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
9 / S729d	SOUZA, Luiz Antônio da Silva e.	O descobrimento da capitania de Goyaz: governo, população e coisas mais notáveis, 30 de setembro de 1812.	Goiânia: UFG, 1967. 76 p.	Ausente.	2 / 000114	Trabalho extraído do Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 4º Trimestre de 1849.
9 / S729d	SOUZA, Luiz Antônio da Silva e.	O descobrimento da capitania de Goyaz: governo, população e coisas mais notáveis, 30 de setembro de 1812.	Goiânia: UFG, 1967. 76 p.	Ausente.	3 / 000115	Trabalho extraído do Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 4º Trimestre de 1849.
82-1 / S729p	SOUZA, Siomar Rodrigues de.	Poemas para amar em Brasília.	Brasília: [s.n.], 1971. 191 p.	Possui dedicatória assinada pelo irmão do autor.	1 / 000216	
82-1 / S822c	STEINER, Zélia Rodrigues.	Canto e desencanto.	[S.l]: [s.n.], [198?]. 66 p.	Possui dedicatória assinada pela autora na folha de rosto	1 / 000086	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
9 / S848n	STEVENSON, William.	90 minutos em Entebbe. 4. ed.	Rio de Janeiro: Difel, 1977. 222 p.	Contém marcador de página e rabiscos a caneta em alguns parágrafos.	1 / 000637	Tradução Luiz Coração, com documentos de Uri Dan, correspondente de guerra do jornal Maariv. Título alternativo: Noventa minutos em Entebbe.
82-31 / S939r	SUASSUNA, Ariano.	Romance d'A pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e- volta.	Rio de Janeiro: José Olympio, 1971. 635 p.	Contém alguns parágrafos e palavras sublinhadas a caneta.	1 / 000658	Nota de Rachel de Queiroz; posfácio de Maximiano Campos.
82-1 / S942h	SUCASAS JÚNIOR, José.	Harpas e carrilhões.	[São Bernardo do Campo]: [s.n.], [1979?]. 96 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor (Cidade de Goiás, 13- 05-979). Encontrou- se um pedaço de papel com desenho e frases soltas.	1 / 000707	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
91 / T157t	TAMER, Alberto.	Transamazônica, solução para 2001.	Rio de Janeiro: APEC, 1970. 274 p.	Capa solta.	1 / 000748	
8 / T164e	TANGANELLI, Santos Pedro.	Estatutos do medíocre.	São Paulo: Michalany, [198?]. [26] p.	Possui dedicatória assinada. Apresenta correções ortográficas a caneta.	1 / 000230	
82-1 / T176t	TARANTO, Sonia; ASSIS, Fernando.	Te conheço pelo cheiro.	São Paulo: [s.n.], 1979. 76 p.	Possui dedicatória assinada por Sonia Taranto (BH/jan/83).	1 / 000564	
9 / T266d	TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle Taunay (Visconde de Taunay).	Dias de guerra e de sertão. 3. ed.	São Paulo: Melhoramentos, [1927]. 156 p.	Assinatura de Cantídio Brêtas na folha de rosto.	1 / 000033	
9 / T226r	TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle Taunay (Visconde de).	A retirada da laguna: episódio da Guerra do Paraguai. 18. ed.	São Paulo: Melhoramentos, 1975. 202 p.	Marcadores de papel inseridos nas páginas 153 e 161. Marcas a caneta nas referidas páginas.	1 / 000088	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
9 / T231b	TAVARES, A. de Lyra.	Brasil França: ao longo de 5 séculos.	Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1979. 335 p. (Coleção General Benício, 173).	Possui marcador de página em branco e um cartão de visita de Maria José Rabelo Costa.	1 / 000151	
9 / T266r	TEIXEIRA, Amália Hermano.	Reencontro.	[Goiânia]: [s.n.], 1981. 144 p.	Possui dedicatória assinada pela autora (Cidade de Goiás, 16 de abril de 1983). Exemplar com marcas de restauração.	1 / 000726	
655 / T266p	TEIXEIRA, João Gomes; LANARDI, Cássio; OLIVEIRA, Tarquínio J. B. de.	O primeiro impresso em Minas Gerais.	Ouro Preto: Casa dos Contos, 1976. 100 p.	Ausente.	1 / 000666	
39 / T266f	TEIXEIRA, José A.	Folclore goiano: cancioneiro, lendas, superstições. 3. ed.	São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979. 235 p. (Brasiliiana, 306).	Possui marcações de leitura a caneta. Encontrou-se um recorte de jornal.	1 / 000718	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-31 / T266e	TEIXEIRA, Maria Santos.	O escravo branco.	São Paulo: [s.n.], 1961. 191 p.	Possui dedicatória assinada pela autora. Capa solta.	1 / 000385	
82-9 / T266r	TEIXEIRA, Maria Santos.	Retalhos que o tempo deixou.	Belo Horizonte: Vega, 1978. 210 p.	Possui dedicatória endereçada a Aloísio e Lúcia e assinada pela autora.	1 / 000656	
82-31 / T266s	TEIXEIRA, Maria Santos.	O solar de D. Beija.	[S.l.]: Sion, 1965. 177 p.	Expressivas marcas de deterioração por insetos.	1 / 000872	
82.09 / T269c	TELES, Gilberto Mendonça.	O conto brasileiro em Goiás.	Goiânia: [Cinco de março], 1969. 152 p.	Possui uma cópia da folha de rosto solta.	1 / 000156	
82-1 / T269p	TELES, Gilberto Mendonça.	Pássaro de pedra.	Goiânia: ETG, 1962. 99 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor (Goiás, 1/10/63).	1 / 000406	Prêmio Álvares de Azevedo (1961) da Academia Paulista de Letras.
82-1 / T269a	TELES, Gilberto Mendonça.	Arte de amar. 2. ed.	Rio de Janeiro: Imago, 1977. 88 p. (Poesia Imago).	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000495	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-1 / T269f	TELES, Gilberto Mendonça.	Fábula de fogo.	São Paulo: [s.n.], 1961. 176 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor. Encontrou-se bula de remédio entre as páginas.	1 / 000876	Prêmio "Leo Lynce" de 1960.
82-9 / T269s	TELES, José Mendonça.	Setembro nos reúne.	Goiânia: Oriente, 1982. 141 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000157	
82-9 / T269c	TELES, José Mendonça.	A cidade do O'cio. 2. ed.	Goiânia: Oriente, 1973. 159 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000181	
82-5 / T269r	TELES, José Mendonça.	Um rio dentro de mim.	Goiânia: Oriente, 1979. 144 p.	Possui a seguinte anotação feita por Cora Coralina "Este livro foi recebido na noite de homenagem de José Mendonça Teles e Bernardo Élis no Palácio das Esmeraldas na noite de 23 de agosto de 1979 Cora Coralina".	1 / 000286	
82.09 / T269f	TELES, José Mendonça.	Fronteira.	Goiânia: Oriente, 1977. 212 p.	Possui dedicatória entredado à Cora Coralina.	1 / 000287	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-09 / T269f	TELES, José Mendonça.	Fronteira.	Goiânia: Oriente, 1977. 212 p.	Possui dedicatória endereçado à sra. Ramos Caiado.	2 / 000288	
82-9 / T273c	TELLES, Leandro.	Crônicas das ruas de Pôrto Alegre.	Porto Alegre: [Meridional], 1971. 97 p.	Possui dedicatória assinada.	1 / 000171	A biblioteca possui o v.1.
2 / T314s	TEPE, Valfredo.	O sentido da vida: ascese cristã e psicologia dinâmica. 3. ed.	Salvador: Mensageiro da Fé, 1960. 263 p.	Possui dedicatória escrita em francês, endereçada à Zulmira e assinada por Olívia (1961). Encontrou-se marcadores de papel.	1 / 000583	
82-9 / T454a	THOMAZ, Joaquim.	Anchieta.	Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, [1981]. 231 p. (coleção General Benício, 191).	Ausente.	1 / 000342	Prêmio Joaquim Nabuco, da Academia Brasileira de Letras.
82-1 / T465c	THOMÉ, Flora Egdio.	Cirros. 2. ed.	[S.l.]: [s.n.], 1980. 54 p.	Possui dedicatória assinada na folha de rosto.	1 / 000030	
82-31 / T654a	TOLSTOI, Leon.	Ana Karenina.	Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, [19--]. 516 p.	Sem capa.	1 / 000482	Tradução revista por Marques Rebello.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
58 / T662v	TOMPKINS, Peter; BIRD, Christopher.	A vida secreta das plantas. 5. ed.	Rio de Janeiro: Exped, 1978. 324 p.	Possui dedicatória assinada por Maria Guilhermina.	1 / 000282	Tradução de Leonardo Fróes.
82-1 / T833m	TRINDADE, Maria Zélia Damázio.	Momentos.	Belo Horizonte: Lemi, 1977. 87 p.	Possui dedicatória assinada por Cassio Damázio.	1 / 000631	
82-1 / T833t	TRINDADE, Maria Zélia Damázio.	Tempo tão-pouco-tempo, Amor tão-grande-amor.	Ouro Preto: [s.n.], 1973. [74] p.	Possui dedicatória assinada por Cassio Damázio (Rio, 1975).	1 / 000632	
221.3 / T882t	TSE, Lao.	Tao te king.	[Brasília]: Coordenada, [1969?]. 159 p. (coleção Poesia Universal).	Possui dedicatória assinada por Renato Sócrates Gomes Pinto (14.04.1978).	1 / 000559	Tradução do francês por Olívio Tavares de Araújo.
94 / U11e	U., Rutina (Ruta).	Eu queria tanto, ainda viver.	Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1983. 130 p. (Coleção General Benício, 213).	Ausente.	1 / 000518	
82-1 / U48v	UMBELINO, Alzira.	Vóo rasante.	[S.l]: Littera Maciel, 1984. 64 p.	Possui dedicatória assinada pela autora. Apresenta dois recortes datiloscritos explicativos sobre os poemas "Noites latinas" e "Ziu (Cascão).	1 / 000308	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
069 / U58	UNIVERSIDADE Católica de Goiás.	Museu de arte sacra da Boa Morte.	Goiânia: UCG, 1984. 40 p.	Ausente.	1 / 000897	
82-9 / V135v	VAL, Waldir Ribeiro do.	Vida e obra de Raimundo Correia.	Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960. 326,[12] p. (Coleção B, 3).	Capa solta.	1 / 000820	
82-1 / V176	VALLADARE S, Luiz Fernando.	Ver de novo.	Goiânia: Oriente, 1978. 97 p.	Ausente.	1 / 000412	Primeiro prêmio de poesia da bolsa de publicações Hugo de Carvalho Ramos da União Brasileira de Escritores - GO e da Prefeitura Municipal de Goiânia - 1977.
82-7 / V181d	VALLE, Geraldo.	O discurso de satanás: e uma aventura no inferno.	[S.l.]: [s.n.], 1966. 26 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor e endereçada a Nion Albermaz (Goiânia, 2-6- 66). Capa solta.	1 / 000880	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
641 / V181d	VALLE, Maria Cléa de Oliveira.	O de comer no Ceará.	Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1981. 123 p.	Possui dedicatória.	1 / 000498	
929 / V217v	VAN LOON, Hendrik Willem.	Vidas ilustres: ou, fiel e verdadeira narrativa de inúmeras e notáveis entrevistas com certas personagens históricas, desde Confúcio e Platão até Napoleão e Torquemada, sobre quem sempre tivemos grande curiosidade e as quais vieram jantar conosco em tempos que lá vão. 5.ed.	Rio de Janeiro: Globo, 1956. 675 p.	Possui dedicatória com endereçamento e assinatura ilegível. Capa e folhas soltas. Encontrou-se recibo de envio de telegrama e do Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul com envio de doces.	1 / 000791	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-1 / V293c	VARELLA, Martins.	Canto perdido.	Rio de Janeiro: J. Di Giorgio, [198?]. 32 p.	Possui dedicatória assinada na folha de rosto.	1 / 000129	
82-1 / V331c	VASCONCELOS, Genaro de.	Cantos da planície.	[S.l.]: [s.n.], 1967. 19 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000143	
82-31 / V331I	VASCONCELOS, José Mauro de.	...longe da terra. 5. ed.	São Paulo: Melhoramentos, 1969. 214 p.	Ausente.	1 / 000321	
82-31 / V331k	VASCONCELOS, José Mauro de.	Kuryala: capitão e carajá.	São Paulo: Melhoramentos, 1979. 335 p.	Ausente.	1 / 000699	
82-1 / V393m	VAZ, Coelho.	Mensagem livre.	Goânia: Oriente, 1971. 75 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000762	
82-8 / V426a	VEIGA NETTO (Org.).	Antologia goiana: tomo I prosadores, jornalistas e poetas falecidos 1838-1943.	São Paulo: [s.n.], 1943. 310 p.	Possui dedicatória assinada por Paulo Araújo (seu editor, Goânia 14/11/76).	1 / 000813	Edição da Bolsa de publicações Hugo de Carvalho Ramos, criada pelo decreto-lei n. 475, de 25 de março de 1943.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-1 / V438s	VELOSO, Natercia Cunha.	Serenidade: poesias.	Porto Alegre: Globo, 1963. 169 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000599	
82-1 / V476i	VERAS, Dalila Teles.	Inventário precoce.	São Paulo: Pannartz, 1983. 70 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000532	
82-1 / V476	VERAS, Dalila Teles.	Lições de tempo.	São Paulo: Pannartz, [198-]. 76 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000635	
82-9 / V517s	VERÍSSIMO, Erico.	Solo de clarineta: memórias. 7. ed.	Porto Alegre: Globo, 1976. (Coleção Sagitário).	Possui dedicatória assinada por "Seu editor Paulo Araújo 13/4/76".	1 / 000362	A biblioteca possui o v. 1.
82-31 / V517c	VERÍSSIMO, Erico.	Um certo capitão Rodrigo.	Porto Alegre: Globo, 1970. 254 p. (Coleção Sagitário).	Ausente.	1 / 000775	
314 / V614s	VIANA, Wilton.	Síndrome de migração: fundamentos psicanalíticos, sociológicos e terapeúticos.	Campinas, SP: IPROSAM, 1978. 104 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000584	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-1 / V617d	VIANNA, José.	Dentro da noite.	[Goiânia]: [s.n.], 1955. 100 p.	Ausente.	1 / 000816	Bolsa de publicações Hugo de Carvalho Ramos mantida pela prefeitura Municipal de Goiânia, e sob a responsabilidade literária da Associação Brasileira de Escritores, seção de Goiás.
82-1 / V642c	VICTOR, Antônio.	Cicatrizes da alma.	São Paulo: [s.n.], 1977. 105 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor.	1 / 000100	
82-1 / V657d	VIEIRA, Lúcio Salgado.	Da primavera ao outono.	Belém, PA: [s.n.], 1984. 117 p.	Possui dedicatória assinada pelo autor (20/02/85).	1 / 000452	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-9 / V657h	VIEIRA, Primo.	"Hóspedes do tempo".	Goiânia: Líder, 1978. 94 p.	Ilustração da capa assinada por Maria Guilhermina; A ilustradora faz uma extensa dedicatória para Cora Coralina.	1 / 000016	
82-9 / V657h	VIEIRA, Primo.	"Hóspedes do tempo".	Goiânia: Líder, 1978. 94 p.	O exemplar 2 possui dedicatória assinada pelo autor. Folhas soltas.	2 / 000191	
233 / V598e	VUJOYANANDA, Swami.	O eterno companheiro: sua vida e ensinamentos relatados por seus discípulos.	São Paulo: ECE, 1981. 131 p.	Ausente.	1 / 000271	Publicado pela primeira vez em inglês por Swami Prabhavananda; tradução da versão em espanhol pela Equipe de Ramakrishna Vedanta Ashrama.
31 / V695e	VILAÇA, Marcos Vinícios.	Em torno da sociologia do caminho.	Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1961. 166 p.	Ausente.	1 / 000235	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
9 / V711p	VILHENA, J. Nunes.	[Parte já reedificada]: [Parte a ser reedificada].	São Paulo: [s.n.], 1961. [8] p.	Ausente.	1 / 000089	
82-31 / W231e	WALTARI, Mika.	O egípcio. 13. ed.	Rio de Janeiro: Brasileira, 1949. 656 p.	Sem capa. A folha de rosto possui assinatura de J. Guimarães de Barros.	1 / 000814	Tradução de José Geraldo Vieira.
82-1 / W241v	WALTY, Larissa dos Santos.	Vovó e eu.	Brasília: [s.n.], 1972. [84] p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000217	
82-1 / W245t	WANDERLE Y, Vermaide M.	Tatuagem.	Recife: Edições Pirata, 1980. 37 p.	Possui dedicatória assinada pela autora.	1 / 000561	
82-1 / W247v	WANKE, Eno Teodoro.	Via dolorosa.	Rio de Janeiro: [s.n.], 1976. [20] p.	Capa solta.	1 / 000778	
29 / W359d	WAXEMBE RG, Jorge.	Da mística e dos estados de consciência.	São Paulo: ECE, 1976. 118 p.	Ausente.	1 / 000780	
82-1 / W712j	WILLER, Cláudio.	Jardins da provação: poemas 1976/1980.	[São Paulo]: Massao Ohno, 1981. 95 p.	Possui dedicatória assinada na folha de rosto.	1 / 000119	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
82-9 / W959p	WU, John C. H.	Para além do oriental e do ocidental. 2. ed.	São Paulo: Flamboyant, 1960. 301 p. (Tempos Atuais).	Ausente.	1 / 000369	Tradução de Lucia J. Villela; Poemas e salmos - tradução de Dom Marcos Barbosa, O. S. B.
82-1 / X3c	XAVIER JUNIOR.	A canção do planalto.	Rio de Janeiro: Emiel, [195-]. [78] p.	Possui dedicatória assinada pelo autor (Goiânia, 1956).	1 / 000485	
9 / Z82f	ZNAMENSKI Y, Valerian.	Fertilidade do solo, problema de erosão e práticas agropecuárias de Goiás.	Goiânia: Cerne, 1967. 84 p.	Ausente.	1 / 000606	
82-31 / Z86s	ZOLA, Emílio.	A súplica.	São Paulo: Clube do Livro, 1946. 191 p.	Ausente.	1 / 000037	
82-31 / Z86s	ZOLA, Emílio.	O sonho.	São Paulo: Clube do Livro, 1947. 183 p.	Capa solta.	1 / 000212	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
2 / D588	-	DIOCESE de Goiás e o plano de emergência.	Goiás: [s.n.], 1963. [10] p.	Possui marcação a caneta com a observação "otimamente lembrados". Possui correções ortográficas manuscritas.	1 / 000159	
159 / R311	-	RECURSOS humanos e desenvolvimento.	[S.l.]: Associação dos diplomados da Escola Superior de Guerra, 1975. 16 p.	Ausente.	1 / 000186	
327 / R382	-	RELAÇÕES entre Israel e a África do Sul: relatório da comissão especial contra o Apartheid.	[Brasília]: Coronário, [197?]. 42 p.	Ausente.	1 / 000187	
9 / D468	-	O DESPERTAR do nordeste goiano.	[Goiânia]: [s.n.], [197?]. 50 p.	Possui dedicatória assinada. Capa e folhas soltas.	1 / 000220	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
641 / T776	-	UM tratado da cozinha portuguesa do século XV.	[S.l.]: Instituto Nacional do Livro, 1963. 184 p. (Coleção Dicionário da língua portuguesa, textos e vocabulários).	Ausente.	1 / 000221	
35 / E79	-	ESTATUTOS da liga da defesa nacional.	[S.l.]: [s.n.], 1924. 16 p.	Capa solta. Apresenta marcas de leitura a caneta, palavras sublinhadas	1 / 000236	
35 / E79	-	ESTATUTO do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.	Goiânia: Oriente, 1975. 30 p.	Ausente.	1 / 000237	
35 / D298	-	DECRETO n. 5.547 de 25 de outubro de 1917: remodelando as secretarias de estado.	Goiás: [s.n.], 1918. 72 p.	Ausente.	1 / 000240	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
9 / A939	-	AUTOS de de vassa da inconfidência mineira: volume 8.	Brasília: Câmara dos deputados, 1977. 439 p.	Possui dedicatória assinada por Targino (Ouro Preto, 29-06-77).	1 / 000247	
82-9 / J82	-	JORGE da Silva Fagundes e Isaura Siqueira Fagundes em suas bodas de ouro.	[S.l.]: [s.n.], 1949. 48 p.	Possui dedicatória assinada por Jorge da Silva Fagundes 10/10/62.; possui anotação manuscrita a lápiz.	1 / 000258	
82-8 / F634	-	FLORESCÊNCIA.	Brasília: [s.n.], 1984. 42 p.	Possui dedicatória assinada por Ildefonso de Souza (30-10- 84).	1 / 000280	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
82-9 / F682	-	FONTES de alegria.	Santos, SP: Martins Fontes, 1975. [20] p.	Possui dedicatória assinada por Lívia (jun./84).	1 / 000289	
82-1 / U82	-	URUGUAYANA sonho e poesia.	Uruguaiana: [s.n.], 1983. 111 p.	Ausente.	1 / 000306	Vários colaboradores.
82-1 / U82	-	URUGUAYANA sonho e poesia.	Uruguaiana: [s.n.], 1983. 111 p.	Possui dedicatória assinada por Raul Menezes (Goiás, 31 de janeiro de 1984).	2 / 000464	Vários colaboradores.
8 / N945	-	NOVO manual de língua portuguesa: gramática, lexicologia, análise, composição. 5. ed.	Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves & C ^a , 1918. 146 p.	Capa solta. Contém um recorte de jornal com a matéria intitulada "Salários dos servidores".	1 / 000337	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
82-9 / B615	-	BIOGRAFIA Dr. Sebastião Fleury Curado: centenário de nascimento.	Goiânia: O Popular, [1964?]. 10 p.	Capa solta.	1 / 000341	
82-8 / A634	-	ANTOLOGIA da estância da poesia crioula.	Porto Alegre: Sulina, 1970. 393 p.	Possui na página 94 uma dedicatória com assinatura ilegível. Encontrou-se na página 100 uma bula de remédio.	1 / 000344	
82-5 / S237	-	SANTOS Estanisláu Pessoa de Vasconcelos: cadeira 30.	João Pessoa: [s.n.], 1971. 42 p.	Possui cartão de oferta especial a consideração à escritora Cora Coralina com abraços do amigo e admirador, assinado por F. Coutinho Filho.	1 / 000349	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
821.134.2(82) / A634	-	ANTOLOGÍA de la poesia argentina siglos XIX y XX.	Buenos Aires: Kapelusz, 1976. 181 p. (Grandes Obras de la Literatura Universal, 122).	Ausente.	1 / 000351	Selección, estudio preliminar y notas de Maria Eugenia Crogliano.
030 / B582	-	BIBLIOTECA educação é cultura.	Rio de Janeiro: Bloch, 1980. 6 v.	A biblioteca não possui o v 4: Folclore. (v 4: Folclore/Maria de Lourdes Borges Ribeiro.)	1 / 000352	v 1: Realidade Brasileira/ Gilberto Freyre.
030 / B582	-	BIBLIOTECA educação é cultura.	Rio de Janeiro: Bloch, 1980. 6 v.	Ausente.	2 / 000353	v 2: Literatura/ Josué Montello.
030 / B582	-	BIBLIOTECA educação é cultura.	Rio de Janeiro: Bloch, 1980. 6 v.	Ausente.	3 / 000354	v 3: Música/Francisco Mignone.
030 / B582	-	BIBLIOTECA educação é cultura.	Rio de Janeiro: Bloch, 1980. 6 v.	Ausente.	4 / 000355	v 5: Cinema/Wilson Cunha.
030 / B582	-	BIBLIOTECA educação é cultura.	Rio de Janeiro: Bloch, 1980. 6 v.	Ausente.	5 / 000356	v 6: Teatro I/Raymundo Magalhães Júnior.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
030 / B582	-	BIBLIOTECA educação é cultura.	Rio de Janeiro: Bloch, 1980. 6 v.	Ausente.	6 / 000357	v 7: Teatro II/Maria Claria Machado.
030 / B582	-	BIBLIOTECA educação é cultura.	Rio de Janeiro: Bloch, 1980. 6 v.	Ausente.	7 / 000358	v 8: Artes Plásticas I/ Flávio D'Aquino.
030 / B582	-	BIBLIOTECA educação é cultura.	Rio de Janeiro: Bloch, 1980. 6 v.	Ausente.	8 / 000359	v 9: Artes Plásticas II/ Wladimir Alves de Souza.
030 / B582	-	BIBLIOTECA educação é cultura.	Rio de Janeiro: Bloch, 1980. 6 v.	Ausente.	9 / 000360	v 10: Arquitetura / Lucio Costa.
050 / G943	-	GUIA de Goiás.	Goiânia: [s.n.], 1980. 50 p.	Ausente.	1 / 000364	
57 / P829	-	POPOL Vuh: las antiguas historias del Quiché. 5. ed.	[S.]: EDUCA, 1976. 170 p.	Ausente.	1 / 000373	
2 / R121	-	RACIONALISMO Cristiano. 19. ed.	Rio de Janeiro: Centro Redentor, 1956. 240 p.	Ausente.	1 / 000377	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
008 / J41	-	JAULA aberta: órgão informativo do Lions clube de Bauru norte.	Bauru: [s.n.], 1983. 12 p.	Possui dedicatória no poema escrito por Péricles Rocha em homenagem à Cora Coralina - Título: Velhice em sinfonia.	1 / 000378	
22 / S237	-	OS SANTOS evangelhos. 3. ed.	Petrópolis: Vozes, 1963. 350 p.	Ausente.	1 / 000407	Tradução do texto original grego pelo P. Dr. Frei Mateus Hoepers, O. F. M.
2 / N935	-	O NOVO testamento de nosso senhor e salvador Jesus Cristo.	[S.l.]: Os Gideões Internacionais, 1976. 343 p.	Ausente.	1 / 000409	Traduzido por João Ferreira de Almeida (Edição revisada e corrigida).
2 / V483	-	A VERDADE que conduz à vida eterna.	New York: [s.n.], 1968. 190 p.	Folhas soltas.	1 / 000410	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituraz, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
2 / N935	-	O NOVO testamento de nosso senhor Jesus Cristo e o livro dos salmos.	Rio de Janeiro: sociedade Bíblica do Brasil, 1969. 860 p.	Possui dedicatória assinada por Judah (Rio 12-4- 71). Encontrou- se entre as páginas um recibo de depósito em nome de Cora Bretas - Banco do Brasil.	1 / 000413	Traduzido em português por João Ferreira de Almeida. Edição revista e atualizada no Brasil.
737 / C764	-	CONTRIBUIÇÃO de Villa Boa de Goiaz à numismática brasileira.	Goiânia: Cerne, 1969. [28] p.	Ausente.	1 / 000419	
016 / B582	-	BIBLIOGRAFIA brasileira mensal.	Rio de Janeiro: [s.n.], 1969. 369, [36] p.	Ausente.	1 / 000423	A biblioteca possui o v. 2. n. 11/12, nov./dez. 1969.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituraz, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
82-31 / B582	-	BIBLIOTECA de seleções.	Rio de Janeiro: Ypiranga, 1958. 470 p.	Possui dedicatória endereçada à D. Zizi e assinada por Caiado e Sylvia (14.9.58). Contém recorte de jornais.	1 / 000444	Contém: O cavalo de pau / Eric Williams; Esta noite vou matar Lincoln / Jim Bishop; A idade de amar / James Hilton; O última dos maçaricos / Fred Bodsworth.
82-9 / S471	-	SEMANA Gelmires Reis.	[S.l.]: [s.n.], 1982. 24 p.	Ausente.	1 / 000460	Contribuição do acadêmico Guimarães Lima.
2 / N739	-	NO cenáculo: guia devocional diário - julho, agosto 1982.	São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1982. 64 p.	Possui dedicatória assinada por Elias (19/7/82).	1 / 000469	
017 / C357	-	CATÁLOGO de publicações 1981.	Goiânia: UFG, 1981. 70 p.	Na página 21 do catálogo consta a 3. Ed. do livro Poemas de Becos de Goiás e estórias mais.	1 / 000471	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
017 / C357	-	CATÁLOGO de publicações 1981.	Goiânia: UFG, 1981. 70 p.	Ausente.	2 / 000646	
017 / C357	-	CATÁLOGO de publicações 1981.	Goiânia: UFG, 1981. 70 p.	Ausente.	3 / 000647	
017 / C357	-	CATÁLOGO de publicações 1981.	Goiânia: UFG, 1981. 70 p.	Ausente.	4 / 000648	
017 / C357	-	CATÁLOGO de publicações 1981.	Goiânia: UFG, 1981. 70 p.	Ausente.	5 / 000649	
017 / C357	-	CATÁLOGO de publicações 1981.	Goiânia: UFG, 1981. 70 p.	Ausente.	6 / 000650	
017 / C357	-	CATÁLOGO de publicações 1981.	Goiânia: UFG, 1981. 70 p.	Ausente.	7 / 000651	
017 / C357	-	CATÁLOGO de publicações 1981.	Goiânia: UFG, 1981. 70 p.	Ausente.	8 / 000652	
017 / C357	-	CATÁLOGO de publicações 1981.	Goiânia: UFG, 1981. 70 p.	Ausente.	9 / 000653	
82.09 / C122	-	CADERNOS literários: poesia.	Porto Alegre: Instituto Cultural Português, 1983. 40 p.	Possui dedicatória com endereçamento ilegível.	1 / 000481	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
82-9 / F663	-	O FOLCLORE da Caixa: contos.	Brasília: CEF, 1984. 320 p.	Possui dedicatória.	1 / 000509	Contém 25 contos selecionados pela Comissão Julgadora do Concurso "Prêmio Literatura da Caixa".
82-1 / M732	-	MOMENTO de trovas: coletânea de trovas.	São Paulo: ADEMOR, 1979. 63 p.	Possui dedicatória assinada por uma das autoras Carolina Ramos (Santos, 09/10/82).	1 / 000516	Vários autores.
9 / C322	-	CARTA à cidade de Goiás.	Brasília: [s.n.], 1983. 12 p.	Ausente.	1 / 000570	
82-8 / S948	-	SUINDARA: antologia poética.	São Paulo: [s.n.], 1982. 114 p.	Possui dedicatória assinada por um dos autores Paulo Sampaio (São Carlos, 01/10/82).	1 / 000582	Vários autores.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
2 / N935	-	O NOVO testamento de nosso senhor Jesus Cristo.	Rio de Janeiro: sociedade Bíblica do Brasil, 1959. 654 p.	Na primeira folha "Lembrança da primeira Igreja Batista de Goiânia Pastor".	1 / 000654	Traduzido em português por João Ferreira de Almeida. Edição revista e atualizada no Brasil.
378 / D741	-	DOUTOR Honoris Causa: Cora Coralina.	Goiânia: Unigraf, 1983. 51 p. (Láureas da UFG, 2).	Possui dedicatória endereçada a um professor (nome illegível) assinada por Cora Coralina (Goiânia 25-2- 84).	1 / 000659	
9 / L564	-	A LENDA das Cataratas.	Curitiba: SCRGL, [19--]. [32] p.	Ausente.	1 / 000673	
2 / L782	-	LITURGIA da missa: celebração da eucaristia com o povo. 19. ed.	Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1969. 64 p. (Liturgia Pastoral, 1).	Ausente.	1 / 000674	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
82-1 / P745	-	POESIA palestina de combate.	Rio de Janeiro: Achiamé, 1981. 159 p.	Ausente.	1 / 000681	Vários autores. Seleção de Abdellatif Laâbi; prefácio de Farid Suwwan.
291 / C461	-	CHÃO de flores. 3. ed.	São Paulo: André Luiz, 1978. 149 p.	Possui dedicatória assinada por Ivone Mattar Gonçalves.	1 / 000690	Autores diversos; psicografado por Francisco Cândido Xavier.
291 / P745	-	POETAS redivivos: obra mediúnica.	Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1969. 162 p.	Possui dedicatória assinada por Chico Xavier.	1 / 000694	Vários autores; psicografada por Francisco Cândido Xavier.
9 / H447	-	HECHOS de Israel.	[S.l.]: [s.n.], 1971. 192 p.	Ausente.	1 / 000695	Publicado para la División de Información de Ministerio de Relaciones Exteriores.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
9 / A939	-	AUTOS de devassa da inconfidência mineira: volume 1.	Brasília: Câmara dos deputados, 1976. 426 p.	Ausente.	1 / 000703	
9 / I24	-	IGUAÇU.	São Paulo: [s.n.], 1978. [20] p.	Ausente.	1 / 000742	Edição bilingue.
82-5 / H765	-	HOMENAGEM a Cora Coralina.	Araraquara: [s.n.], 1985. 27 p.	Possui marcações manuscritas a lápiz.	1 / 000754	
82-5 / H765	-	HOMENAGEM a Cora Coralina.	Araraquara: [s.n.], 1985. 27 p.	Ausente.	2 / 000755	
82-8 / P745	-	POETAS brasileiros de hoje.	Rio de Janeiro: Shogun Arte, 1985. 114 p.	Possui dedicatória assinada por um dos autores (Luiz da Silva, Rio claro, 18/3/85). Contém marcador de página e cartão de visita do autor.	1 / 000782	Vários autores.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tombo	Nota de conteúdo
82-9 / P966	-	PROSA presente: antologia.	São Paulo: Soma, 1983. 171 p. (Brasileiros Hoje, 5).	Possui dedicatória assinada por sua neta Célia.	1 / 000784	Vários autores.
2 / H811	-	HORA de adoração ao Santíssimo Sacramento.	Rio de Janeiro: Adoração Perpétua, [19--]. 68 p.	Ausente.	1 / 000800	Método breve e utilíssimo para as adorações tanto solenes e coletivas, como individuais, conforme os ensinamentos do Beato Pedro Julião Eymard.
2 / B582	-	A BIBLIA Sagrada. 2. ed.	Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1945. 889 [296] p.	Folhas soltas. Contém marcador de página em couro.	1 / 000803	Contém o Velho e o Novo Testamento. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Edição revista e corrigida na grafia simplificada.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
392 / L784	-	O LIVRO das noivas.	São Paulo: [s.n.], 1929. 170 p.	Marcas de deterioração provocada por insetos.	1 / 000819	
9 / A939	-	AUTOS de devassa da inconfidência mineira: volume 9.	Brasília: Câmara dos deputados, 1977. 520 p.	Ausente.	1 / 000822	
8 / A628	-	ANTHOLOGIA.	Rio de Janeiro: [s.n.], [193-?]. 259 p. (Nova Colleção de Livros Diacáticos, 3).	Possui assinatura de Maria do Rosario Brom.	1 / 000833	
82-1 / J64	-	JOGOS florais.	Rio de Janeiro: Vida Doméstica, 1961. 103 p.	Ausente.	1 / 000862	Trovas vencedoras do concurso poético promovido pela revista Vida Doméstica.
327 / F254	-	FATOS sobre os Estados Unidos.	[S.l.]: [s.n.], 1961. 92 p.	Capa solta.	1 / 000875	Publicado pelo Serviço de Divulgação e Relações culturais dos Estados Unidos da América – USIS.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
9 / N935	-	A NOVA capital do Brasil: estudo e conclusões, volume II.	[S.l.]: [s.n.], [195-?]. 73, [12] p.	Expressivas marcas de deterioração causada pela enchente.	1 / 000887	
929 / T162	-	TANCREDO Neves 1910-1985: a esperança ficou...	São Paulo: DCL, [198-?]. 59 p.	Ausente.	1 / 000890	Edição histórica especial.
2 / S693	-	A SOMBRA do Santuário.	[S.l.]: [s.n.], 1950. 12 p.	Ausente.	1 / 000902	Boletim dos Padres Dominicanos de Goiás e da Prelazia de Sant'Ana da Ilha do Bananal.
9 / J11	-	JABOTICABAL, São Paulo - Brasil: edição do sesquicentenário.	São Paulo: Edições Populares, 1978. 100 p.	Possui dedicatória assinada por Rosa Maria Perillo, Daniel Antonio Hungaro, Anselmo Antônio Hungaro.	1 / 000911	
91 / A881	-	ATLAS universal de geographia physyca e politica.	Rio de Janeiro: Livraria Garnier, [19-?]. [136] p.	Na primeira folha está manuscrito Collegio St. Anna.	1 / 000912	Publicado sob a direção de Domicio da Gama.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
76 / G777	-	GRAVURA: exposição didática.	Goiânia: [s.n.], 1967. 77 p.	Possui dedicatória sem assinatura.	1 / 000915	
2 / N935	-	O NOVO testamento de nosso senhor Jesus Christo.	Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica Unidas, 1949. 514 p.	Assinatura com sobrenome Coutinho (28/12/1950).	1 / 000944	Traduzido em português por João Ferreira de Almeida. Edição revista e corrigida.
030 / D545	-	DICCIONÁRIO prático ilustrado.	Porto: Lello & Irmão, 1947. 1810 p.	Contém assinatura de Paula Neves e marcador de papel. Possui colado recorte de jornal com foto de Bruno Spenciere Carneiro de Mendonça.	1 / 000951	Novo dicionário enciclopédico luso-brasileiro publicado sob a direção de Jayme de Seguíer.
688 / B858	-	BRINQUEDOS tradicionais brasileiros.	São Paulo: SESC, 1983. [100] p.	Ausente.	1 / 000952	
9 / V695	-	VILA Boa.	[Goiânia]: Líder, [198-?]. [24] p.	Título atribuído pelo catalogador. Sem capa.	1 / 000985	Catálogo - realização Secretaria de cultura e Desporto.

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
2 / V831	-	VISITA domiciliaria de Santa Rita de Cassia: advogada dos impossíveis e dos casos desesperados, da inclita ordem de Santo Agostinho .	[S.l.]: [s.n.], [193-?]. 190 p.	Possui dedicatória assinada pelo Pe. Antonio Velasco (30-9-38). Livro incompleto. Há anotação sobre o registro de nascimento de Vicência.	1 / 000989	
621 / E56	-	A ENERGIA elétrica no Brasil: da primeira lâmpada à Eletrobrás.	Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1977. 244 p. (Coleção General Benício, 154).	Ausente.	1 / 000242	

Localização (CDU e Cutter)	Autor	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar e tomo	Nota de conteúdo
2-35 / R382	-	RELATOS de um peregrino.	São Paulo: ECE, 1978. 185 p.	Ausente.	1 / 000024	
2-35 / R382	-	RELATOS de um peregrino.	São Paulo: ECE, 1978. 185 p.	Ausente.	2 / 000597	
641 / S255 / 9. ed.	-	A SAÚDE depende da cozinha. 9. ed.	São Paulo: Missionária, [197?]. 222 p.	Assinatura e data (Goiás 5 de abril de 1975) de Cora Coralina na última capa. Marcações a caneta no prefácio.	1 / 000105	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

4.3.2 Catálogo da biblioteca de Cora Coralina (periódicos)

Quadro 2 - Periódicos

Localização (CDU e Cutter)	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leiturar, observações)	Exemplar	Notas de conteúdo
8 / C578	(Cirandinha).	Teresina: [Cirandinha], 1979. 78 p.	Possui dedicatória assinada por José Carolos (20-jan-82) na capa.	1 / 000222	
8 / A636	Anuário da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás.	Goiânia: Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, 1970. 277 p.	Capa solta. Na página 49 aparece o registro da cadeira n. 5 Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (Cora Coralina)	1 / 000928	
8 / A636	Anuário da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás.	Goiânia: Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, 1975/76. 159 p.	Contém na página 24 poema "Eu voltarei" de Cora Coralina.	1 / 000929	
8 / A636	Anuário da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás.	Goiânia: Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, 1977/78. 167 p.	Contém na página 81 a crônica "Oração de natal do pequeno delinquente" de Cora Coralina.	1 / 000930	

Localização (CDU e Cutter)	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar	Notas de conteúdo
8 / A636	Anuário da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás.	Goiânia: Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, 1983/84. 169 p.	Na página 31 há referência ao lançamento do livro "Vintém de cobre - meias confissões de Aninha" de Cora Coralina.	1 / 000931	
8 / A636	Anuário da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás.	Goiânia: Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, 1973/1974. 208 p.	Contêm nas páginas 152/153 o poema "Eu voltarei" de Cora Coralina.	1 / 000993	
7 / A698	Ariel: revista trimestral de artes y letras de Israel.	Jerusalém: [s.n.], n.27-28, 1974. 232 p.	Ausente.	1 / 000961	
8 / C122	Cadernos Literários.	Porto Alegre: Instituto Cultural Português, n.25, 1984. 48 p.	Possui dedicatória assinada por Ângela Maria Perez (autora de um artigo).	1 / 000967	

Localização (CDU e Cutter)	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar	Notas de conteúdo
33 / D598	Diretor lojista.	Rio de Janeiro: Centro de Desenvolvement o Lojista, v.12, n.136, 1985. 47 p.	Nota sobre Cora Coralina (Troféu Anhanguera, p. 14).	1 / 000973	
2 / F198	Família cristã.	São Paulo: [s.n.], v.50, n.585, 1984. 74 p.	Cora Coralina é capa da edição. No interior há uma entrevista com a poetisa (páginas subtraídas).	1 / 000981	
2 / F198	Família cristã.	São Paulo: [s.n.], v.53, n.621, 1987. 64 p.	Contém a crônica "A gleba me transfigura" de Cora Coralina (p. 62).	1 / 000982	
39 / F663	Folclórica.	Goiânia: Oriente, v.2, n.2, 1973. 119 p.	Ausente.	1 / 000964	
39 / F663	Folclórica.	Goiânia: Oriente, v.2, n.3, 1973. 101 p.	Ausente.	1 / 000965	
39 / F633	Folclórica.	Goiânia: Oriente, v.9, n.8, 1980. 167 p.	Número especial, contendo o livro "Mestre Carreiro" por Wilson Cavalcanti Nogueira.	1 / 000966	

Localização (CDU e Cutter)	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar	Notas de conteúdo
008 / G615	Goiás Cultura.	Goiânia: Conselho Estadual de Cultura, v.1, n.1, 1982. 133 p.	Ausente.	1 / 000932	
008 / G615	Goiás Cultura.	Goiânia: Conselho Estadual de Cultura, v.1, n.1, 1982. 133 p.	Ausente.	2 / 000933	
008 / L525	Leia agora.	Goiânia: [s.n.], v.2, n.17, 1974. 78 p.	Publicação da crônica "Eu sou o milho" (p. 74). Há correções manuscritas a caneta na crônica.	1 / 000975	
008 / N945	Novos dias.	Goiânia: [s.n.], v.2, n.16, 1987. 58 p.	Há referência a Cora Coralina em matéria sobre a disputa do prêmio Juca Pato por Bernardo Élis (p. 55).	1 / 000980	
008 / 188	O Itauclube.	São Paulo: Itauí, n.20, 1982. 11 p.	Entrevista com Cora Coralina (p. 8-9).	1 / 000979	

Localização (CDU e Cutter)	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leitura, observações)	Exemplar	Notas de conteúdo
8 / P586	Picaré	Santos, SP: [s.n.], v. 3, n. 5, 1982. 50 p.	Ausente	1 / 000934	
62 / R454	Revista DAE.	São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, v.45, n.140, 1985. 108 p.	Nota sobre Cora Coralina (p. 14).	1 / 000974	
8 / R454	Revista Academia Goiana de Letras.	Goânia: Academia Goiana de Letras, n.5, 1975. 159 p.	Ausente.	1 / 000935	
8 / R454	Revista Academia Goiana de Letras.	Goânia: Academia Goiana de Letras, n.6, 1978. 187, [33] p.	Capa e folhas soltas.	1 / 000936	

Localização (CDU e Cutter)	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leitur, observações)	Exemplar	Notas de conteúdo
8 / R454	Revista Academia Goiana de Letras.	Goânia: Academia Goiana de Letras, n.7, 1980. 343 p.	Ausente.	1 / 000937	
8 / R454	Revista Academia Paulista de Letras	São Paulo: Academia Paulista de Letras, v. 34, n. 87, 1977. 258 p.	Ausente	1 / 000968	
37 / R454	Revista Universidade Federal de Goiás.	Goânia: UFG, v.1, n.1, 1965. 192 p.	Capa solta.	1 / 000969	
37 / R454	Revista de Educação.	Goânia: Secretaria de Estado de Educação e Cultura, v.17, n.37, 1959. 82 p.	Ausente.	1 / 000963	
9 / R454	Revista História.	São Paulo: [s.n.], v.27, n.53, 1976. 304 p.	Possui dedicatória assinada por Maria Regina Cunha Rodrigues (Goiás, 15 de julho de 976 - secretária da revista).	1 / 000971	

Localização (CDU e Cutter)	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar	Notas de conteúdo
9 / R454	Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.	Goiania: Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, v.5, n.6, 1977. 203 p.	Possui dedicatória assinada por Colemar Natal (maio 78).	1 / 000960	
9 / R454	Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.	Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, v.51, 1979. 149 p.	Ausente.	1 / 000962	
8 / R454	Revista do livro	Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, v.10, n.31, 1967. 181 p.	Ausente	1 / 000919	
8 / R454	Revista do livro	Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, v.11, n.33, 1968. 206 p.	Ausente	1 / 000920	

Localização (CDU e Cutter)	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar	Notas de conteúdo
8 / R454	Revista do livro	Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, v.11, n.34, 1968. 210 p.	Ausente	1 / 000921	
8 / R454	Revista do livro	Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, v.12, n.36, 1969. 208 p.	Ausente	1 / 000922	
7 / R454	Revista Goiana de Artes.	Goânia: UFG, v.1, n.1, 1980. 119 p.	Apresenta assinada por Schmaltz	1 / 000924	
7 / R454	Revista Goiana de Artes.	Goânia: UFG, v.1, n.1, 1980. 119 p.	Ausente	2 / 000925	
7 / R454	Revista Goiana de Artes	Goânia: UFG, v. 1, n. 2, 1980. 219 p.	Ausente	1 / 000926	

Localização (CDU e Cutter)	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar	Notas de conteúdo
7 / R454	Revista Goiana de Artes.	Goiânia: UFG, v.2, n.2, 1981. 200 p.	Possui artigo com poemas de Cora coralina (páginas 139- 177). Possui marcador de texto na página 140 e anotações manuscritas a caneta em algumas páginas.	1 / 000927	
34 / R454	Revista Goiana de Jurisprudência.	Goiânia: Tribunal de Justiça do Estado de Goiás, v.4, n.5, 1974, 207 p.	Ausente.	1 / 000970	
008 / S464	Seleções reader's digest	Rio de Janeiro: Reader's Digest Brasil, n.117, 1951, 206 p.	Ausente	1 / 000953	
008 / S464	Seleções reader's digest	Rio de Janeiro: Reader's Digest Brasil, n.15, 1943, 119 [42] p.	Ausente	1 / 000954	
008 / S464	Seleções reader's digest	Rio de Janeiro: Reader's Digest Brasil, n.267, 1964, 204 p.	Ausente	1 / 000955	

Localização (CDU e Cutter)	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar	Notas de conteúdo
008 / S464	Seleções reader's digest	Rio de Janeiro: Reader's Digest Brasil, n.268, 1964, 216 p.	Ausente	1 / 000956	
008 / S464	Seleções reader's digest	Rio de Janeiro: Reader's Digest Brasil, n.269, 1964, 216 p.	Ausente	1 / 000957	
008 / S464	Seleções reader's digest	Rio de Janeiro: Reader's Digest Brasil, n.270, 1964, 186 p.	Ausente	1 / 000958	
008 / S464	Seleções reader's digest	Rio de Janeiro: Reader's Digest Brasil, n.271, 1964, 191 p.	Ausente	1 / 000959	
32 / S476	Senhor.	Rio de Janeiro: Três, n.194, 1984, 76 p.	Cora Coralina é citada na matéria "Os novos ídolos das mulheres" (p. 68). Possui etiqueta de assinante em nome de Flavio de Almeida Salles Jr.	1 / 000972	

Localização (CDU e Cutter)	Título	Imprenta (local, editora, data, volume, edição)	Particularidade (anotações, marcas de leituras, observações)	Exemplar	Notas de conteúdo
008 / S939	Sua boa estrela.	São Bernardo do Campo: [s.n.], v.19, n.82, 1985. 48 p.	Matéria sobre Cora Coralina na página 26.	1 / 000976	
008 / T278	Tema.	Brasília: [s.n.], n.40, 1983. 36 p.	Matéria sobre Cora Coralina (p. 5-6).	1 / 000977	
008 / V431	Veja.	São Paulo: Abril, n.712, 1982. 146 p.	Reportagem sobre Cora Coralina (p. 129).	1 / 000984	
008 / V431	Veja: revista semanal de informação.	São Paulo: Abril, n.37, 1969. 66 p.	Ausente.	1 / 000983	
6 / V648	Vida e saúde.	Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, n.12, 1985. 35 p.	Ausente.	1 / 000978	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...]

Sozinha...

*Na estrada deserta,
sempre a procurar
o perdido tempo
que ficou pra traz.*

Do perdido tempo.

*Do passado tempo
escuto a voz das pedras:*

Volta... Volta... Volta...

*E os morros abriam para mim
imensos braços vegetais.*

*E os sinos das igrejas
que ouvia na distancia*

Diziam: Vem... Vem... Vem...

*E as rolinhas fogo-pagou
das velhas cumeeiras:*

Porque não voltou...

Porque não voltou...

*E a água do rio que corria
Chamava... Chamava...*

Vestida de cabelos brancos

Voltei sozinha à velha casa, deserta.

(CORALINA, 1976, p. 42-43)

No início do ano de 1956, após 45 anos vivendo em terras paulistas, Cora Coralina retornou a sua terra natal, em busca do seu vintém de cobre perdido. Na ocasião, ela disse ter ouvido e acolhido *O chamado das pedras* (título do poema que serve de epígrafe desta conclusão) e, por isso, atendeu às súplicas do rio Vermelho voltando para Goiás, para suas raízes, imbuída, sobretudo, de um desejo de memória. O sentimento de pertencimento a impulsionou a voltar, a escrever e a publicar seus livros.

Ao escrever esta tese, entendi melhor este sentimento, pois experimentei-o. Experimentei, ao visitar o Museu Casa de Cora Coralina, na cidade de Goiás, essa sensação de chamado às origens. Assim, de

modo análogo a Cora Coralina, resolvi voltar. Voltar ao meu passado, à minha infância, aos primeiros livros lidos, à iniciação literária com os versos de Cora, aos cheiros e sabores do interior do país, ao aconchego do lar materno. Esse sentimento de retorno resultou na submissão da proposta de um projeto de tese que unia duas paixões: a biblioteca e a poetisa. E, essa volta se deu, simbolicamente, com a escrita desta tese.

Estímulos vários foram determinantes para que o mergulho em minhas origens acontecesse. Por um lado, o fascínio pela literatura, pela poesia, por Cora Coralina e sua história; por outro lado, o amor pelos livros e por bibliotecas. Depois, a aproximação teórica com a noção de biografema, proposta por Roland Barthes. Autor que desejou, se morto, que a escrita de sua vida se reduzisse, nas mãos de um biógrafo amigo, aos pormenores, aos fragmentos, a alguns gostos. Estes fatores me inspiraram e me impulsionaram pela busca do meu “vintém perdido”, pela minha “volta” às terras goianas.

E, nesse regresso, procurei, por meio do arquivo e desarquivo dos biografemas, apresentar um outro retrato da “autora que amo”, uma outra face da poetisa Cora Coralina. Esse objetivo encontrou respaldo na catalogação de sua biblioteca particular e na leitura biografemática de sua escritura. Fatos que, ao final, resultaram na escrita de uma trama biográfica descontínua, pois conforme afirmado no decorrer da tese, trata-se de um tipo de biografia espelhada em um discurso que não se limita aos aspectos datados e posicionados cronologicamente, ou seja, trata-se de uma escrita delineada a partir de alguns pormenores concretos que foram encontrados, não apenas em seus versos, mas, sobretudo, nas descobertas exploradas em sua biblioteca como, por exemplo, os pactos de leituras, os textos inéditos, as anotações cotidianas e as dedicatórias. São revelações compreendidas na materialidade dos signos e dos objetos estudados e, por fim, de sua poética tecida com os fios da existência.

Trabalhar com a noção de biografema pressupõe um certo grau de subjetividade do pesquisador, pois o seu emprego implica no convite ao uso da imaginação, na composição de um mosaico de fragmentos, de detalhes eleitos por quem os apreciam – a “anamnese factícia” (artificial, ocasional, fingida). Neste aspecto, percebi que, apesar de distintos, ocorre uma afinidade entre as noções dos conceitos de biografema e *punctum*, uma vez que, ambos elegem “o sensível” como determinante. Em outras palavras, o biografema e o *punctum* lidam com aquilo que pertence a ordem do que não é intencional, premeditado e, portanto, somente percebido por quem os observam, os sentem e os posicionam em lugar de relevância, quer seja na escritura ou na imagem.

Atuar como biografóloga foi uma tarefa que implicou em fazer escolhas, e, nesse caso, estas, ainda que por vezes intuitivas, seguiram as diretrizes impostas pelo material bio/bibliográfico e os resíduos encontrados na biblioteca de Cora Coralina. Ouso associar, no cenário desse universo, a “biblioteca” ao conceito de *studium*, remetendo, na concepção de Barthes, a uma espécie de investimento geral, considerando, desse modo, o quão vasto é o campo de interesse que a pesquisa da biblioteca proporciona. Isto implica dizer, neste estudo, a fortuna crítica, a poesia da culinária, a poesia do eu, a poesia do resíduo e o catálogo da biblioteca. E, nesse contexto, quando faço os recortes necessários à pesquisa, arrisco-me a concatená-los ao *punctum*, dado que, parto daquilo que me punziu e me tocou, quer seja nos poemas escolhidos para as análises no decorrer da tese, ou, nos pactos de leituras, nos achados, nos inéditos e nas redes de relações materializadas em dedicatórias e nas afinidades teóricas e literárias reveladas com o estudo do acervo.

Dito isto, os capítulos reunidos, nesta tese, ocuparam-se, em congregar uma parcela da produção literária de/sobre Cora Coralina e a refletir acerca do perfil estético-literário concebido a partir da vida e obra da poetisa. Assim, no capítulo 2 – *Das vozes: fortuna crítica*, lancei-me em busca de resgatar os trabalhos defendidos nas Instituições de Ensino Superior (IES) para, com isso, perceber a recepção da obra de Cora no universo acadêmico. Tomei como ponto de partida, a “fortuna quase completa” nas palavras da autora e pesquisadora Darcy de França Denófrio, e segui na esteira de seu levantamento, realizado no ano de 2006, propondo a atualização da fortuna crítica de Cora Coralina.

O resultado foi um repertório de trabalhos universitários que trouxeram ainda que, parcialmente, um olhar apurado e crítico acerca da poetisa e sua obra. Digo parcial, pois a coleta priorizou os trabalhos de pós-graduação, em nível de mestrado e doutorado, produzidos em universidades nacionais e internacionais, excluindo-se dessa análise, os artigos disponíveis em periódicos, anais de eventos e suplementos literários. Delineie, com isto, os ângulos configurados da representação lírica da poetisa, formados a partir dos múltiplos pontos de vista encontrados nos trabalhos acadêmicos. Importante destacar que nessa análise, com exceção da dissertação *Cora Coralina: cartografias da memória* de Márcia Batista de Oliveira publicada na Universidade Estadual de Londrina, não foi encontrado nenhum outro trabalho defendido em IES da região sul do país. Apesar disso, as diferentes vozes dos pesquisadores trouxeram à tona documentos relevantes para se

observar a penetração crítica da obra de Cora, enquanto objeto de estudo, auxiliando a investigação realizada nesta tese e a de futuros pesquisadores.

O ato de arquivar e desarquivar biografemas perpassa pela apropriação da escritura de Cora Coralina. Essa apropriação torna-se fundamental, pois é preciso não explicar a obra pela sua vida, mas sim, aproximar, harmonicamente, as marcas literárias das marcas biográficas da poetisa. A escritura de Cora pode ser entendida como prolongamento dos costumes, da cultura, da memória, do folclore, das texturas, dos saberes e sabores de sua terra e sua gente. A polissemia de seu discurso poético é, particularmente, refletida nos versos do livro *Vintém de cobre: minhas confissões de Aninha* (1984). Este livro é considerado, pela poetisa, no paratexto intitulado *Este livro, minhas confissões de Aninha*, como sendo:

[...]

tumultuado, aberrante, da rotina de se fazer e ordenar um livro

Tumultuado como foi a vida daquela que o escreveu.

Consequente. Vai à publicidade sem nenhuma pretensão.

Alguma coisa, coisas que me entulhavam, me engasgavam e precisavam sair.

É um livro das consequências.

De consequências.

De uma estou certa, muitas dirão: estas coisas também se passaram comigo.

Este livro foi escrito no tarde da vida,

procurei recriar e poetizar. Caminhos ásperos de uma dura caminhada.

Nos reinos da Cidade de Goiás, onde todos somos amigos do Rei.

(Parodiando M. Bandeira)

(CORALINA, 1984, p. 33).

As reminiscências da poetisa, ou seja, a sua recriação poética do passado é vista por Yokozawa (2009, p. 192) como “[...] a reinvenção lírica da memória” impulsionada pelas marcas, tanto individuais quanto coletivas, mescladas à sua subjetividade lírica, refletindo em versos caracterizados pelo estilo considerado como “epilírico”. Sobre esta combinação de épico e lírico, Camargo (2006, p. 67) destaca que “como a poetisa tem no passado os motivos de seu canto, os poemas se tornam espaço adequado à manifestação épica. Porém, a força lírica também se faz presente na subjetividade personalíssima [...]”. Características que

foram evidenciadas, sobretudo, no capítulo 3 – *Dos biografemas na poesia: fragmentos de memória na obra de Cora Coralina* com os subcapítulos que trataram respectivamente da poesia da culinária, a poesia do eu e a poesia do resíduo. Em a *Poesia da culinária: oração do milho*, saber e sabor se entrelaçam alquimicamente. Num primeiro plano, a culinária é vista como meio de subsistência da poetisa ao retornar para as terras goianas, resgatando e valorizando receitas tradicionais, adoçando paladares e se aproximando das pessoas. Um trabalho que se perfaz em orgulho para a poetisa, que se considerava mais doceira e cozinheira que poeta, conforme revelado nos versos de *Cora Coralina, quem é você?*, apresentado no decorrer do subcapítulo; em segundo plano trabalha com a metáfora do saber, transfigurado na valorização do milho enquanto exaltação da vida, da terra, das raízes, da força da natureza, características marcantes na sua poética.

Em a *Poesia do eu: vintém de cobre*, Cora se olha no espelho, elevando ao ponto mais alto, as suas (meias) confissões, ao escrever a sua obra reconhecidamente autobiográfica. Ao analisar esta obra, pode verificar vários determinantes biografemáticos que saíram da sua vida para invadir sua obra, lugar no qual se constituíram em biografemas. Por exemplos: o modo como experimentou e lidou com simplicidade e humildade perante as intempéries da vida estão refletidos nos versos curtos, vigorosos e, por vezes, áridos; a oralidade de seus versos pensada como um resgate da tradição de se contar histórias; as dificuldades da infância da menina mal-amada que se sentava no banco das atrasadas na escola da mestra Silvina e, portanto, se sentia excluída, desamparada e desqualificada, dentre outros aspectos. Neste subcapítulo, também foi explorado algumas referências de leituras na infância e os empréstimos de livros do Gabinete Literário Goiano, isso tudo, levando em consideração a relação entre a poetisa e os livros, estes últimos pensados numa materialidade, ou seja, enquanto objetos passíveis de serem colecionados. O tratamento cuidadoso e a descrição meticulosa que Cora faz de alguns livros em seus poemas revelam o lado embrionário da poetisa/colecionadora e a sua intimidade com o companheiro inseparável, “o livro do amor” – o dicionário. Isso demonstrou o carinho e respeito pelo livro/objeto que lhe acompanhava sempre, inclusive nos momentos em que exercia o ofício da culinária. A escrita de si é movida pelo fazer poético de Cora nesse espaço intervalar entre *bios* e *graphos*. Analisá-la exigiu-me uma observação atenta do modo como a poetisa modula a sua escritura, tramada com os fios da memória, associado à sua compreensão de mundo e as faces do universo feminino.

A análise biografemática é uma prática, em sua essência, voltada à recepção. Diante disso, a *Poesia do resíduo: casa velha da ponte, prato azul-pombinho*, trouxe à tona os fragmentos plasmados pelas reminiscências da poetisa. Reminiscências, estas, encravadas “[...] no barco centenário encalhado no Rio Vermelho”, ou seja, na Casa Velha da Ponte. Local onde, após o seu retorno a Goiás, Cora viveu acintosamente reclusa, estudando, escrevendo e organizando seu primeiro livro com “[...] poesia que combina versos longos modalizados na prosa com versos entrecortados, duros e secos. Seus procedimentos retórico-discursivos são simples, têm na coloquialidade fonte prodigiosa [...]”. (CAMARGO, 2006, p. 66). E, nessa coloquialidade, Cora soube fazer uso de materiais residuais para escrever, acumulando e colecionando manuscritos, anotações em cadernos, recortando notícias de jornais e rascunhando anotações cotidianas (listas de compras, nomes de pessoas, telefones etc.). Alguns destes materiais residuais encontram-se dispostos no espaço museológico, no qual se transformou a Casa Velha da Ponte após a morte da poetisa, outros permaneciam ocultos até que o meu interesse em explorar e escavar os fragmentos autobiográficos materiais, presentes em sua biblioteca particular, surgisse. Estas questões operam, em suma, numa leitura biografemática que se consolida no campo da história da literatura, na medida em que (des)arquiva o passado, mas se abre para o futuro. Os biografemas, revelados a partir da biblioteca de Cora Coralina, não possuem orientação cronológica rígida e, portanto, instigam a ruptura de integralidade, visto que são calcados na dispersão e ausência de um método que se impõem pela inflexibilidade. Descortinar biografemas é uma habilidade determinada por quem lê, por uma postura de leitura, pela recepção e, portanto, por preferências observadas em certos fragmentos e “espaços vazios”.

Com o despertar desse interesse, alguns questionamentos vieram à tona no decorrer da escrita desta tese. São questionamentos analíticos que subsidiaram a resposta para a pergunta central da tese que inquiria sobre a possibilidade de se (des)arquivar biografemas, a partir da biblioteca de Cora Coralina. Assim, indaguei: o que teria lido a menina da casa da ponte? No seu papel de leitora, quais foram seus autores preferidos? Sua escritura, marcada pelo estilo memorialístico, teria como referência algum autor específico, alguma corrente literária? Ou para usar outro termo, quais seriam suas afinidades literárias? Ao realizar esses questionamentos, eu estava investigando sobre a recepção dos títulos de sua biblioteca, pensando na conexão entre autor-obra-público, inserindo Cora, enquanto leitora, nesse contexto.

As respostas revelam a ligação da leitora/poetisa com a percepção que é dada a obra, sendo esta, um elemento que se reinventa em variadas circunstâncias e momentos históricos em que ocorre a recepção. Diante disso, acredito que a poetisa dos “Becos de Goiás” leu e releu um número elevado de exemplares de sua biblioteca, a julgar pelas marcas de leituras e pelos resíduos encontrados nos livros. A afinidade com alguns autores é perceptível em depoimentos da poetisa, e ratificados pelos livros constantes em sua biblioteca. Cito, para exemplificar, os autores portugueses, notadamente, Eça de Queiroz, e incluo nomes como Bernardo Élis, Guimarães Rosa, Pablo Neruda e Jorge Amado, para citar alguns autores pelos quais a poetisa, declaradamente, tinha empatia e se interessava por suas obras.

Quando abordo alguns nomes reconhecidos pela tradição ou cânone literário e, ante a presença, no catálogo, de vários nomes de autores que hoje estão à sombra como pontos invisíveis da literatura, proponho uma reflexão sobre esta questão, pois nesse processo de inclusão ou exclusão, de aceitação ou rejeição, de luz ou sombra, percebo que estão imbricados aquilo que Jobim (1992) chamou de “ordem existente”. A “ordem existente” refere-se ao estabelecimento de parâmetros que ocorrem a partir de determinados pontos de vista (sociais, históricos, ideológicos) excludentes. Vários autores de livros, pertencentes à biblioteca de Cora Coralina, estão à margem, fora dessa “ordem existente” e, portanto, esquecidos e silenciados aos moldes dos paradigmas canônicos vigentes. Esse fato me leva a pensar em fatores que implicaram nas escolhas realizadas por Cora ao compor sua biblioteca. Estas escolhas são intrínsecas a arte de colecionar, pois implicam em afinidades, mas também na obsessão pelo conhecimento e pelo universo literário, verificáveis nos diferentes modos de apropriações/aquisições de livros, que, por sua vez, podem sugerir certo grau de vaidade, nem sempre assumida pelos bibliófilos e amantes da literatura.

Outra questão que se coloca é pensar Cora Coralina como uma pessoa acolhedora, que mantinha as portas da Casa Velha da Ponte abertas para receber, diariamente, os amigos e visitantes. Autores conhecidos ou iniciantes nas letras, vizinhos e curiosos. A julgar pela expressiva quantidade de dedicatórias encontradas em seus livros, posso afirmar que a poetisa, recebia como presente de seus admiradores – livros. Muitas dedicatórias estão assinadas pelos próprios autores, jovens literatos que buscavam em seus cabelos brancos, a palavra amiga, alentadora e incentivadora. Escritores que nem sempre conseguiram romper e ultrapassar as barreiras impostas pela crítica literária e o mercado

editorial. Questionar a representação dessa ordem, por meio de um estudo das obras que fazem parte da biblioteca de Cora e que são consideradas “fora” dos padrões estabelecidos, abre perspectiva para outras futuras pesquisas que propiciarão descortinar quais são os parâmetros, as referências e as convenções nas quais estas obras estão assentadas, revelando, com isso, a história da literatura de uma época. Assim, penso que a catalogação desse acervo abre possibilidades para outros estudos.

Outros questionamentos que fiz no decorrer da pesquisa: Como Cora Coralina havia formado seu acervo pessoal? Quais teriam sido os critérios de escolha dos títulos? Teria ela manuseado todos os exemplares? Quais seriam seus títulos preferidos? Relidos? Sentiria, a poetisa a “obsessão de um bibliófilo”? Teria lido todos aqueles livros? Comungava ela com a ilusão do bibliófilo?

As respostas a esses questionamentos encontraram subsídios nos elementos presentes na coleção de livros da poetisa. Sobre a formação do acervo, considerando as datas de publicações dos títulos, variáveis entre os anos de 1889 a 1987¹²⁵ com predominância de exemplares das décadas de 70 e 80 do século XX. A análise me levou a considerar que a formação de seu acervo foi gradativa, ou seja, a aquisição e a reunião da coleção de Cora transcorreram, menos, por meio de compra, e mais, mediante ofertas feitas por seus filhos, netos, amigos, admiradores e escritores iniciantes (conforme dito anteriormente). Existem alguns livros que os considero como sendo “herdados”, pois possuem dedicatórias endereçadas a outras pessoas, por exemplo, para Leão Caiado, Luís do Couto e há, até mesmo, registro de assinaturas de outros proprietários, como o livro *Na luz perpétua: leituras religiosas da vida dos santos de Deus, para todos os dias do ano* (1956) de autoria de João Batista Lehmann e que aparece a seguinte anotação, “pertence a Idalina de Cruz Marques” e o livro que contém o carimbo do Gabinete Literário Goyano (apresentado na figura 12). Essas formas de obtenção dos livros, me lembram Walter Benjamin (1987) no seu texto *Desempacotando minha biblioteca*, no qual o autor sugere quatro modos para se formar uma coleção de livros. São elas: escrevendo-os, modo considerado por Benjamin como o mais louvável, realizando empréstimos sem devolução, comprando-os e herdando-os, forma mais pertinente de transmissibilidade de uma coleção.

¹²⁵ Os exemplares de 1987, dois anos após a morte de Cora, são de periódicos que trazem conteúdo sobre a poetisa e foram incorporados à sua biblioteca pela equipe do museu.

Em prol de se chegar a uma conclusão sobre o manuseio dos exemplares e quais foram os livros preferidos de Cora Coralina, levo em consideração as marcas de leituras, ou seja, os traços sublinhando linhas, os contornos nos parágrafos, as correções ortográficas manuscritas, os marcadores de textos, recortes de jornais guardados entre as páginas, folhas soltas, ausência de capa, dentre outras, corroboram com a ideia de leitura e releitura das obras. Apesar disso, é ilusória a afirmação que a poetisa leu todos os livros, porém, com certeza, ela tinha a ilusão do bibliófilo de que isso seria possível. Além disso, penso que Alberto Manguel (2006, p. 210) estava certo quando disse: “O fato é que uma biblioteca, seja qual for seu tamanho, não precisa ser lida por inteiro para ser útil; todo leitor tira proveito de um sábio equilíbrio entre conhecimento e ignorância, lembrança e esquecimento”.

Ao me propor (des)arquivar biografemas, a partir da biblioteca de Cora Coralina, compreendi a inquietude que existe nos acervos literários e, nesse contexto, nas bibliotecas. Na biblioteca, espaço de acolhimento e dispersão, esquecimento e lembrança, arquivamento e desarquivamento, percebi não apenas nos títulos, autores e assuntos catalogados, mas sobretudo, nas associações entre as experiências e as reminiscências, nos fragmentos e nos resíduos, as múltiplas facetas da vida e da obra da poetisa. Alguns dos biografemas desarquivados revelaram traços que não se deixam captar em biografias descritivas, nem tampouco em definitivos enquadramentos, ao contrário, os biografemas “uma vez detectados, ocupam no texto o lugar do autor, cuja biografia deixa de ser então valorizada”. (VASCONCELOS, 2004, p. 43). Assim, destaco a obsessão pela infância e pelo trabalho, o autodidatismo, as reminiscências contínuas, a oralidade, a religiosidade, as amizades construídas, os resíduos melancólicos, a fraternidade, a humildade que resultaram em potência de subjetividade no diálogo poético estabelecido e posicionado entre a vida e obra.

Ao concluir esta tese de doutorado, penso não ser demasiado presunçoso dizer que este estudo abre perspectivas para outras pesquisas. Arrisco-me com algumas sugestões: a análise acurada dos livros catalogados, observando as classes da CDU (assuntos dos livros), os idiomas e as editoras verificando, com isso, a ocorrência predominante ou não de determinados assuntos, a diversidade dos idiomas das obras e o mercado editorial predominante em algum período específico; o trabalho de digitalização (a exemplo da biblioteca de Fernando Pessoa) de todas as folhas de rosto dos livros e, para as obras em domínio público, das obras completas, pois existem obras raras no acervo como, por exemplo,

o livro *Goyania: poema épico*¹²⁶ – considerado o primeiro livro goiano e, portanto, de grande relevância para o contexto histórico e social do centro-oeste brasileiro; um estudo mais acurado de todas as anotações e todos os recortes de jornais encontrados nos livros; a investigação dos selos das livrarias; e os autores considerados “invisíveis” como um modo de se debater o passado no presente, estabelecendo um diálogo entre o presente e o tempo transcorrido, construindo e renovando, assim, a história da literatura.

Assim, finalizo este estudo que, pela potência da exploração biografemática, privilegia, sobretudo, a memória, fio condutor que transita pelos fragmentos e os pormenores concretos, arquivando e desarquivando biografemas na poesia e na autobiografia material, para escrever uma biografia descontínua de Cora Coralina. Nessa pesquisa de campo, verdadeiros documentos literários e históricos foram encontrados e analisados a partir do presente, por um olhar contemporâneo, que não deixou de considerar a interação articulatória com o passado, pois, sabe que se trata de uma relação especial entre “[...] o colecionador e suas coisas: [pois] não é que elas estejam vivas dentro dele; ele é que vive dentro delas”. (PEREIRA, 2003, p. 165).

¹²⁶ Apesar do exemplar da biblioteca de Cora ser uma réplica sem data de publicação identificada, este livro é considerado uma obra rara e, portanto, significativo para historiadores e pesquisadores.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Arquivo Machado de Assis*: inventário. Rio de Janeiro: ABL, 2003. 52 p.

ALMEIDA, Adris André de. *As raias da memória e da imaginação em Manoel de Barros*. Florianópolis, 2012. 180 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Literatura, 2012.

AMADO, Jorge. *Terras do sem fim*. 6. ed. São Paulo: Martins, 1942.

_____. *São Jorge dos Ilhéus*. 4. ed. São Paulo: Martins, 1944.

_____. *Seara vermelha*. 2. ed. São Paulo: Martins, 1951.

_____. *Os pastores da noite*. São Paulo: Martins, [196-?].

_____. *Tereza Batista cansada de guerra*. São Paulo: Martins, 1972.

_____. *Os velhos marinheiros*: ou a completa verdade sobre as discutidas aventuras do comandante Vasco Moscoso de Aragon, capitão de longo curso. 36. ed. Rio de Janeiro: Record, 1977.

AMADO, João Jorge. A completa verdade sobre as discutidas aventuras do comandante Jorge Amado, capitão de longo curso. In: AMADO, Zélia Gattai; AMADO, João Jorge; AMADO, Paloma. *Um baiano romântico e sensual*: três relatos de amor. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 103-161.

ANJOS, José Humberto Rodrigues dos. *Na minha vida, a vida mera da Cora Coralina, Modernismo, Representação, Outro 113 obscuras*: as representações do Eu e de outros espaços em Poemas dos becos de Goiás e estórias mais, de Cora Coralina. 71 f. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2013. Disponível em: <http://mestrado_letras.catalao.ufg.br/up/570/o/NA_MINHA_VIDA__A_VIDA_MERA_DAS_OBSCURAS_AS_REPRESENTA%C3%87%C3%95ES_DO_EU_E_DE_OUTROS_ESPA%C3%87OS_EM_POEMAS_DOS_BECOS_DE_GOI%C3%81S_E_EST%C3%93RIAS_MAIS_DE_CORA_CORALINA.pdf>. Acesso em: 22 set. 2014.

ARAÚJO, Antônio Amaury Corrêa de. *Assim morreu Lampião*. 3. ed. Santos, SP: Traço, 1982.

ARAÚJO, Celso Pires. *O pensamento de Cora Coralina*. Jornal de Brasília, 1977.

ARAÚJO, Patrícia Cristina de Aragão. *A cultura dos cordéis: território(s) de tessitura de saberes*. 2007. 259 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, 2007. Disponível em: <<http://www.ce.ufpb.br/ppge/Teses/teses07/PATR%20CDCIA%20CRISTINA%20DE%20ARAG%20C3O%20ARA%20DAJO.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2015.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação*. São Paulo: Ed. Unicamp, 2011.

AZEVEDO, Claudia Chalita. Eu só posso escrever sobre “mim” mesmo. *Outra Travessia*, Florianópolis, n. 14, p. 157-171, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2012n14p157/24821>. Acesso em: 21 out. 2015.

BACHELARD, Gaston. *A filosofia do não. O novo espírito científico. A poética do espaço*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. Madrid: Seuil, 1971.

_____. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1978.

_____. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003a.

_____. *O neutro*. São Paulo: Martins Fontes, 2003b.

_____. *Mitologias*. São Paulo: Difel, 2003c.

_____. *O grau zero da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

_____. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.

BARRA, Valdeniza Maria Lopes da. Livros e leituras do Gabinete Literário Goiano na sociedade oitocentista de Goiás. *Educativa*, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 85-97, 2008. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/educativa/article/view/660/512>>. Acesso em: 12 jun. 2015.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e família. *Revista de Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n.3, p. 29-42, 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2277>. Acesso em: 02 jul. 2015.

BELLONI, Consuelo. *Eu me deixei sonhar!:* poemas. Rio de Janeiro: Cia.Brasileiro de Artes Gráficas, 1981.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. Desempacotando minha biblioteca: um discurso sobre o colecionador. In: _____. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 227-235

_____. *Rua de mão única*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2011.

BIBLIOTECA do Exército: histórico. 2016. Disponível em: <<http://www.bibliex.ensino.eb.br/?Token=OA==723334>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

BIBLIVRE. 2015. Disponível em: <<http://biblivre.org.br/index.php>>. Acesso em: 21 abr. 2015.

BITTAR, Maria Jose Goulart. *As três faces de Eva na cidade de Goiás*. 1997. 227 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Goiás, 1997. Disponível em:

<https://portais.ufg.br/up/113/o/BITTAR_Maria_Jos_Goulart._1997.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2015.

BRASIL, Assis (Org.). *A poesia goiana no século XX*: antologia. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

BRITTO, Clóvis Carvalho. *"Sou paranaíba pra cá": literatura e sociedade em Cora Coralina*. 190 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de sociologia. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006. Disponível em: <<http://pos-sociologia.cienciassociais.ufg.br/up/109/o/CLOVIS.pdf>> Acesso em: 05 set. 2014.

_____. *A economia simbólica dos acervos literários: itinerários de Cora Coralina*, Hilda Hilst e Ana Cristina César. 2011a. 364 f. Tese (Doutorado) – Curso de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9435/1/2011_ClovisCarvalhoBritto.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2015.

_____. Um teto todo seu: aspectos do itinerário poético-intelectual de Cora Coralina. *Caderno Especial Feminino*, Uberlândia, v. 24, n. 1, p. 185-205, 2011b. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/viewFile/14223/8146>. Acesso em: 11 maio 2015.

_____. Do século XIX ao século XX: as mulheres ou os “silêncios da história” do espiritismo na cidade de Goiás. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v.23, n.1, p. 17-38, 2013. Disponível em: <http://seer.ucg.br/index.php/fragmentos/article/view/2710/1651>. Acesso em: 07 maio 2015.

_____. Escritora e escritura: faces do itinerário poético-intelectual de Cora Coralina. In: *Moinho do tempo: estudos sobre Cora Coralina*. Goiânia: Kelps, 2009.

_____. *Sobre a Cora Coralina*. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por: <andrea.grants@ufsc.br>. Em: 05 jul. 2016.

_____; SEDA, Rita Elisa. *Cora Coralina: raízes de Aninha*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009.

_____; CURADO, Maria Eugênia. A ironia como projeto: movimento da narrativa de Cora Coralina no campo literário brasileiro. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 34, jul. 2009, p. 95-116. Disponível em: < [file:///C:/Users/Andrea/Downloads/Dialnet-AIroniaComoProjeto-4846055%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Andrea/Downloads/Dialnet-AIroniaComoProjeto-4846055%20(1).pdf)>. Acesso em: 07 jun. 2016.

BROCA, José Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

BUENO, Francisco da Silveira. *Dicionário escolar da língua portuguesa*. 9. ed. [Rio de Janeiro]: FENAME, 1975.

CÂMARA, Jaime. *Nos tempos de Frei Germano*. 2. ed. Goiânia: O Popular, 1979.

CAMARGO, Goiandira Ortiz de. Cora Coralina: uma poética para todas as vidas. In: DENOFRIO, Darcy França; CAMARGO, Goiandira Ortiz de. *Cora Coralina: celebração da volta*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006. p. 59-83.

CAMARGO, Flávio Pereira. Cora Coralina e a tradição poética moderna e modernista. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 19., 2004, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Abralic, 2004. p. 1-21. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:6KqIq4S-W6kJ:www.letraseletras.ileel.ufu.br/include/getdoc.php?id=321+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 18 dez. 2013.

CAMARGO, Luis Hellmeister. *Encurtando o caminho entre texto e ilustração: homenagem a Angela Lago*. 2006. 392 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000382760>>. Acesso em: 14 set. 2014.

CARDIELLO, Antonio. *Dedicatórias*. Disponível em: <<http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/index/notaPrevia.htm>>. Acesso em: 18 jul. 2016.

CARVALHO, Flavio de Rezende. *Os ossos do mundo*. Rio de Janeiro: Antiqua, 2005.

CARDOZO, Joaquim. *Poesias completas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1979.

CASANOVAS, C. F. de Freitas. *Dicionário geral de monossílabos*. [Rio de Janeiro]: Instituto Nacional do Livro, 1968.

CASCUDO, Luís da Câmara. *História da alimentação no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1983.

CAVALCANTI, Luciano Marcos Dias. Entre o épico e o lírico: os limites da criação poética em *Invenção de Orfeu* de Jorge de Lima. *Web Revista Linguagem, Educação e Memória*. n.3, fev. 2012. Disponível em: <<http://www.giacon.pro.br/lem/EDICOES/03/Arquivos/luciano.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2015.

CEIA, Carlos. Dedicatória. In: CEIA, Carlos. *E-dicionário de termos literários*. Lisboa: [s.n], 2015. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=708&Itemid=2>. Acesso em: 24 abr. 2015.

CHANDLER, Billy Jaynes. *Lampião, o rei dos cangaceiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos avançados*. São Paulo, v.5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf>. Acesso em: 14 maio 2015.

_____. "Escutar os mortos com os olhos". *Estudos avançados* [online]. São Paulo, v. 24, n. 69, p. 6-30, 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142010000200002>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

CHEIN, Maria Helena. *Do olhar e do querer*. Goiânia: Oriente, 1974.

CHRISTO, Maria Stella Libanio. *Fogão de lenha*: quitandas e quitutes de Minas Gerais. Petrópolis: Vozes, 1977.

CORA Coralina: Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas. *Revista dos Amigos da Mercedes-benz do Brasil S/A*, [s.l.], v. 19, n. 82, p. 24-32, 1985.

CORALINA, Cora. Amor e trabalho. *Jornal dos Estados*, [S.l.: s.n], [19-
-].

_____. Chroniqueta. *A Imprensa*, [S.l.: s.n], 1910.

_____. *Meu livro de cordel*: poemas e crônicas. Goiânia: Cultura Goiana, 1976.

_____. Sou a voz da terra. Sou tronco, raiz, sou folha. Entrevistador: Severino Francisco. *Interior*, Brasília, v.9, n. 47, p. 4-6, 1982.

_____. *Vintém de cobre*: meias confissões de Aninha. 2. ed. Goiânia: UFG, 1984.

_____. *Estórias da casa velha da ponte*. 2. ed. São Paulo: Global, 1986.

_____. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 23. ed. São Paulo: Global, 2006.

_____. *Melhores poemas*. 3. ed. São Paulo: Global, 2008. (Coleção Melhores Poemas).

COSTA, Cristiano Bedin da. Roland Barthes e a anatomia palimpsética. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL ROLAND BARTHES PLURAL, 2015, São Paulo. *Anais...* São Paulo: USP, 2015. Disponível em: <<https://barthesplural2015.wordpress.com/resumos/>>. Acesso em: 30 jun. 2016.

COSTA, Lena Castello Branco Ferreira. *Arraial e coronel*: dois estudos de história social. São Paulo: Cultrix, [1978?].

_____. Essa mulher admirável... In: CORALINA, Cora. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. 2. ed. Goiânia: UFG, 1984.

_____. *Biografema como estratégia biográfica: escrever uma vida com Nietzsche, Deleuze, Barthes e Henry Miller*. 180 f. 2010. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/Andrea/Documents/Tese/material%20para%20leitura/biografema_estrategia_biografica.pdf>. Acesso em: 09 set. 2015.

COUTINHO, Eduardo. Comparativismo e historiografia literária. In: MOREIRA, Maria Eunice. *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 15-22.

CULLER, Jonathan. *As ideias de Barthes*. São Paulo: Cultrix, 1988.

CURADO, Bento Araújo Jayme Fleury. *Sopro em Brasas dormentes: inventário das precursoras da literatura em Goiás*. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, Goiânia, 2003.

CURADO, Bento Alves Araújo Jaime Fleury. As raízes profundas da doutrina espírita em Goiás. *Diário da Manhã*, Goiânia, ago. 2014. Disponível em: <http://www.dm.com.br/cidades/centro-oeste/2014/08/as-raizes-profundas-da-doutrina-espirita-em-goias.html#>. Acesso em: 07 maio 2015.

DELGADO, Andrea Ferreira. *A Invenção de Cora Coralina na batalha das memórias*. 2003. 498 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 2003. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000289876>>. Acesso em: 20 set. 2014.

DENÓFRIO, Darcy França. *Voo cego*. Goiânia: UFG, 1980.

_____. Retirando o véu de Ísis: contribuição às pesquisas sobre Cora Coralina. In: DENÓFRIO, Darcy França; CAMARGO, Goiandira Ortiz (Orgs.) *Cora Coralina: celebração da volta*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006, p. 175-231.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DIAS, Paula Pinho. *Sociedade, cognição e discurso: desvendando Cora Coralina*. 2008. 301 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7776>. Acesso em: 18 set. 2014.

_____. *Representações textuais-discursivas na construção do mito de Cora Coralina*. 248 f. Tese (doutorado) – Departamento de Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=15746>. Acesso em: 14 set. 2014.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel. *Ciclos temáticos na literatura de cordel*. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2012.

DOLORES, Maria (Espírito). *Maria Dolores*. São Paulo: Instituto Divulgação Ed. André Luiz, 1977.

DOUBROVSKY, Serge. *Fils*. Paris: Galilée, 1977.

DRUMMOND, Carlos. Carta de Drummond. In: CORALINA, Cora. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. Goiânia: UFG, 1984.

DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

ECO, Umberto. *A memória vegetal: e outros escritos de bibliofilia*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

EMMANUEL (Espírito). *Luz Bendita*. São Paulo: André Luiz, 1977.

ESMERALDO, Moema de Souza. *A representação do espaço e a cidade na poesia de Cora Coralina e José Décio Filho*. 2014. Dissertação – (Mestrado)- Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2014.

FANINI, Michele Asmar. *Fardos e fardões: mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003)*. 2009. 387 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/.../MICHELE_ASMAR_FANINI.pdf>. Acesso em: 03 maio 2015.

FERNANDES, José. Imagens alquímicas na poesia de Cora Coralina. In: BRITO, Clóvis Carvalho; CURADO, Maria Eugênia; VELLASCO, Marlene (Orgs.) *Moinho do tempo: estudos sobre Cora Coralina*. Goiânia: Kelps, 2009. p. 48-77.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio século XXI escolar*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2001.

FERRO, Roberto. *Da literatura e dos restos*. Florianópolis: UFSC, 2010.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção*. Rio de Janeiro: UERJ, 2013.

FOLHA DE GOIÁS. Cora: no Brasil sempre se contestou regimes. [S.l.], set. 1981. Coluna Cidade Estado.

FONTANARI, Rodrigo. Como ler imagens? A lição de Roland Barthes. *Galaxia*, São Paulo, n. 31, p. 144-155, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/gal/n31/1982-2553-gal-31-0144.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2016.

FRANCISCO, Severino. Sou a voz da terra. Sou tronco, raiz, sou folha. *Interior*, Brasília, v.9, n. 47, p. 4-6, 1982.

FREITAS, Consuelo Brito de. *El discurso poético y las condiciones de su produccion: uma lectura comparada de la poesia de Rosalia de Castro y Cora Coralina*. 575 f. Tese (doutorado) – Departamento de Filologia Românica Eslava e Linguística Geral, Universidade Complutense de Madri, Madri, 2004. Disponível em: <<http://biblioteca.ucm.es/tesis/flil/ucm-t27646.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2014.

FREYRE, Gilberto. *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.

GALVÃO, João Candido. *Pedra de amolar: doceira goiana tempera poesia brasileira*. *Veja*, São Paulo, n. 712, p. 129, 1982.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

GOIÁS, Conselho Estadual de Cultura de. *Troféu Jaburu*. Disponível em: <<http://www.ceculturago.com.br/p/trofeu-jaburu.html>>. Acesso em: 27 abr. 2015.

GOMES, Melissa Carvalho. *No rastro de Cora: da literatura ao desenvolvimento local, identidade e cultura com açúcar e literatura*. 2004. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Serviço social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2004.

GONÇALVES, Jadson Fernando Garcia. *Biografemática e formação: fragmentos de escrita de uma vida*. 2013. 121 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Belém, 2013.

GONÇALVES, Phaulo. *Momentos alegres do livro goiano: antologia de humor*. Goiânia: Barão de Itararé, 1974.

GUIMARÃES, Solange Aparecida. *Aspectos do Universo poético de Cora Coralina*. 76 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2000.

HAY, Louis. A literatura sai dos arquivos. In: SOUZA, Eneida Maria; MIRANDA, Wander Mello. *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 65-82.

HIDALGO, Luciana. Autoficção brasileira: influências francesas, indefinições teóricas. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 218-231, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alea/v15n1/a14v15n1.pdf>. Acesso em: 21 out. 2015.

HUGO, Victor (Espírito). *Redenção*: novela mediúmica. 5.ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 19--.

IORIO, Gustavo Soares. *A Revista Interior (1974-1989): 'síntese da vida nacional' e representação do interior no Brasil*. 2010. 193 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://objdig.ufrj.br/16/teses/772131.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2015.

JOBIM, José Luis. História da literatura. In: _____. (Org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 127-149.

_____. O lugar da História da Literatura. In: BAUMGARTEN, Carlos Alexandre (Org.). *História da literatura: itinerários e perspectivas*. Rio Grande: FURG, 2011. p. 127-143.

JUBÉ, Antonio Geraldo Ramos. *Síntese da história literária de Goiás*. Goiânia: Oriente, 1978.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

KOSSOVITCH, Elisa Angotti. Biografema de Mário de Andrade. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, v. 9, p. 57-88, 1987. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31731987000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 maio 2016.

KUWAE, Christiane Ayumi; MONEGO, Estelamaris Tronco; FERNANDES, Joana Aparecida. (Trans)formações de hábitos alimentares dos goianos. *Ceres: nutrição & saúde*, Ceres, v. 4, n. 1, p. 33-41, 2009.

LAPOUGE, Gilles. [Orelha]. In: MOTTA, Leda Tenório. *Roland Barthes: uma biografia intelectual*. São Paulo: Iluminuras, 2011.

LE GOFF, Jaques. *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 1990.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LIMA, Felipe Victor. *O Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores: movimento intelectual contra o Estado Novo (1945)*. 2010. 229 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, 2010.

LIMA, Omar da Silva. *Cora Coralina & Vozes emersas*. 2004. 90 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Brasília, 2004.

LIMA, Sueli Gomes de. *Práticas de subjetivação e construções identitárias em Cora Coralina*. 127 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008. Disponível em: <http://www.bdtu.ufu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2057>. Acesso em: 14 set. 2014.

LUZ, Salustiano Ferreira da. *A poesia de Cora Coralina: enfoque psicopedagógicos e leitura*. 1999. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências sociais e Humanísticas, Universidade de Havana, Cuba, 1999.

MACEDO, Lino de. *A bandeira: estudo psicologico d'uma desequilibrada*. Lisboa: Companhia Editora Nacional, 1897.

MACHADO, Ivan Pinheiro. Nós e “As veias abertas...”. *L&PM Blog*, São Paulo, 1 out. 2010. Disponível em: <http://www.lpm-blog.com.br/?tag=feira-do-livro-de-frankfurt>. Acesso em: 19 maio 2015.

MACHADO, Paulo Affonso de Carvalho. *Antiguidades do Brasil*. Rio de Janeiro: Celsus, 1983.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *A biblioteca a noite*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Alberto Manguel: “Somos os livros que já lemos”*. 2014. Disponível em: <<http://www.fronteiras.com/entrevistas/alberto-manguel-somos-os-livros-que-ja-lemos->>. Acesso em: 14 out. 2015.

MARQUES, Oswaldino. *A dançarina e o horizonte*. Brasília: Civilização brasileira, 1977.

_____. Cora Coralina – vivenciadora. In: CORALINA, Cora. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. 2. ed. Goiânia: UFG, 1984.

_____. Cora coralina: professora da existência. In: CORALINA, Cora. 23. ed. São Paulo: Global, 2006.

MATOS, Campos. *Imagens do Portugal Queirosiano*. Lisboa: Terra Livre, 1976.

MEIRELES, Cecília. Prefácio. In: RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta; A canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke*. Porto Alegre: Globo, 1975.

MELLO, Maristela Barenco Correa. *Da morte do General à busca rizomática: o ato de escrever como possibilidade de emancipação: agenciamentos entre Cora Coralina, Gilles Deleuze e Félix Guattari*. 2005. 175 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp097177.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2014.

MELO, Maria Ivone Souza. *Rastros do Vintém Perdido: uma história de leitura na poesia de Cora Coralina*. 2011. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Ciências Humanas, Universidade Estadual da Bahia, 2011. Disponível em: <http://www.ppgel.uneb.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/melo_ivone.pdf> Acesso em: 09 set. 2014.

MELO, Thaise Monteiro da Silva. *A representação da cidade na poesia de Bandeira, Drummond e Cora Coralina*. 2014. Dissertação – (Mestrado) – Departamento de Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbetes Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização). *Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil*. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/mobral-movimento-brasileiro-de-alfabetizacao/>>. Acesso em: 04 de dez. 2015.

MEYER, Marlyse. *Autores de cordel*. São Paulo: Abril, 1980.

MIGUEL, Heloisa Marques. *A poesia de Cora Coralina: "um modo diferente de contar velhas estórias"*. 132 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.

MINDLIN, José. *Uma vida entre livros: reencontros com o tempo*. São Paulo: USP, 2008.

MIRANDA, Mariana Lage. *Objeto ambíguo: arte e estética na experiência contemporânea, segundo H. R. Jauss*. Belo Horizonte, 2007. 136f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2007.

MIRANDA, Wander Mello. *Arquivos literários*. São Paulo: Atêlie Editorial, 2003. p. 65-82.

_____. *Corpos escritos*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2009.

MONTEIRO, Fernando. *Pontos invisíveis da cartografia literária*. 2016. Disponível em: <
http://suplementopernambuco.com.br/images/pdf/PE_123_web.pdf>.
Acesso em: 10 jul. 2016.

MORAIS, Mara Rúbia de Souza Rodrigues. *Aninha e outras vozes: a construção discursiva do sujeito em Vintém de Cobre, de Cora Coralina*. 2006. 228 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, 2006. Disponível em: <
<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15442> >._Acesso em: 14 set. 2014.

_____. *A trama discursiva de si, entre o estético e o ordinário: identidade e diferença nos fios da memória*. 212 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista de Ciências e Letras de Araraquara, Araraquara, 2010.

MORAIS, Menezes. 93 anos. Doceira e poetisa, com muito orgulho. *Jornal de Brasília*, Brasília, p. 18-19, 1981.

MOREIRA, Maria Eunice. História da literatura: alguns problemas e (in)certas propostas. In: _____. (Org.) *Papéis nada avulsos*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012. p. 11-20.

MOTTA, Leda Tenório. *Roland Barthes: uma biografia intelectual*. São Paulo: Iluminuras, 2011.

MUCCI, Latuf Isaias. Biografema. In: CEIA, Carlos (Coord.). *E-Dicionário de termos literários*. Lisboa: [s.n.], 2010. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/business-directory/6108/biografema/>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

NEPOMUCENO, Maria de Araújo. A revista “Oeste”: seus intelectuais e a organização da cultura e modernidade em Goiás (1942-1944). In: V CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5., 2008, Aracaju. *Anais...* Aracaju: SBHE, 2008. p. 1-11. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/838.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

NORONHA, Luzia Machado Ribeiro de. *Entre retratos de Florbela Espanca: uma leitura biografemática*. São Paulo: Annablume, 2001.

OLINTO, Heidrum Krieger. Marcas de (auto)biografia historiográfica. In: VELLOSO, Luiz Roberto; MOREIRA, Maria Eunice. *Questões de crítica e de historiografia literária*. Porto Alegre: Nova Prova, 2006. p. 135-145.

OLIVEIRA, Márcia Batista de. *Cora Coralina: cartografias da memória*. 2006. 148 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000118270>>. Acesso em: 18 set. 2014.

ORTÊNCIO, Waldomiro Bariani. *A cozinha goiana: estudo - receituário*. Goiânia: Oriente, 1980.

PALACÍN, Luís. *Goiás 1722-1822: estrutura e Conjuntura numa Capitania de Minas*. Goiânia: Oriente, 1972.

PALOMARES, Eliana Regina. *A narrativa de Cora Coralina em similitude com o conto popular*. 2000. 127 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Educação, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2000.

PASSOS, Élder Camargo de. Do Gabinete Literário Goiano. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás*, Goiânia, v. 10, n. 10, p. 159-183, 1982.

PATACA, Ermelinda Moutinho; OLIVEIRA, Cristiane Borges de. Escrita de micronarrativas biográficas de viajantes luso-brasileiros: aproximações entre história das ciências no Brasil e ensino. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 165-180, jan./mar. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v42n1/1517-9702-ep-42-1-0165.pdf>>. Acesso em: 06 maio 2016.

PEREIRA, Iêda Maria Vilas Bôas. *Cora Coralina: a mulher-poeta e suas múltiplas vozes*. 2009. 130 f.: Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Brasília, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/8266>>. Acesso em 10 set. 2014.

PEREIRA, Perciliana Chaves. *O universo simbólico coralineano: as hierofonias da natureza*. 2004. 150 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Filosofia e Teologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2004. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=289-->. Acesso em: 18 set. 2014.

PEREIRA, Terezinha Maria Scher. Acervos de Murilo Mendes. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (Orgs.). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê, 2003. p. 157-166.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Lição de casa. In: BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1978.

_____. *Roland Barthes: o saber com sabor*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PESQUERO RAMÓN, Saturnino. *Cora Coralina: o mito de Aninha*. Goiânia: UFG, 2003.

PIZARRO, Jerónimo. *Nota prévia*. Disponível em: <<http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/index/notaPrevia.htm>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

POETAS redivivos: obra mediúnica. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1969.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n.3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

_____. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Capraro/memoria_e_identidade_social.pdf>. Acesso em: 30 maio 2015.

QUEIROZ, Dinah Silveira de. *A muralha*. 7. ed. Brasília: Ebrasa, 1971.

QUEIROZ, Eça de. *Últimas páginas*: manuscritos inéditos. 6. ed. Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, 1937.

_____. *A cidade e as serras*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1973.

QUEIROZ, Rachel de. *O quinze*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.

QUERMES, Cláudia Elena de Oliveira. *Meias transgressões, meias confissões*: marcas de gênero na poesia de Cora Coralina. 2005. 78 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Brasília, 2005.

RABELO, Flávia de Brito. *(Re)inventando o turismo na cidade de Goiás sob o olhar de Cora Coralina*. 2006. 110 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2006. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=188>. Acesso em: 18 set. 2014.

RIBEIRO, Tilza Maria Antunes. *Memória e lirismo das pedras na poesia de Cora Coralina*. 109 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

REIS, Claudia Barbosa. *A literatura no museu*. 2012. 213 f. Tese (doutorado) – Departamento de letras do centro de teologia e ciências humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0912688_2012_completo.pdf>. Acesso em: 20 set. 2014.

REIS, Roberto. Cãnon. In: JOBIM, José Luis. *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 65-92.

REZENDE, Maria José Aranha de. *Muita prosa, pouco verso: crônica e poesia*. Santos,SP: A Tribuna de Santos, 1983.

RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta; A canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke*. Porto Alegre: Globo, 1975.

ROMERO, Fernando Antônio da Silva. *Museu do museu: uma crítica do registro da Guerra do Contestado em Santa Catarina*. Florianópolis, 2012. 302 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Literatura, 2012.

SAAVEDRA, Carola. O fantasma da literatura feminina. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 18, n. esp. 1, p. 45-48, 2013.

SACRAMENTO, Adriana Rodrigues. *A culinária de sentidos: corpo e memória na literatura contemporânea*. 2009. xi, 246 f. Tese (Doutorado) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras, 2009. Disponível em: http://bdt.d.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5915 -- . Acesso em: 12 maio 2015.

SANCHES NETO, Miguel. Autobiografia material. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: UFMG, 2011, p. 64-75.

SANTOS, Josiel Machado. O processo histórico evolutivo das bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento. *Vida de Ensino*, Goiás, v. 1, n. 1, p. 01-10, ago./fev. 2009. Disponível em: <<http://rv.ifgoiano.edu.br/periodicos/index.php/vidadeensino/issue/view/3>>. Acesso em: 19 abr. 2016.

SANTOS, Luciana Martins Teixeira dos. *Direito humano à memória da educação de adultos no brasil autoritário: documentos legais e narrativas de ex-participantes do mobral (1967-1985)*. 2015. 163 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Letras, 2015. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/ppgdh/wp-content/uploads/2016/02/DissertacaoLucianaTeixeiradosSantos.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

SALGADO, Ana. *Eça de Queiroz passou a ser escrito como Eça de Queirós. Porquê?*. 2015. Disponível em: <http://porticodalinguaportuguesa.pt/images/parecer/queiroz_queiros.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2016.

SANTELMO, Amador. *Vida, aventuras e morte de Lampião e Maria Bonita; A vingança de Corisco*. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1958.

SANTILLO, Adhemar. *Da mesa farta à subnutrição: discursos pronunciados pelo deputado Adhemar Santillo*. Brasília: Coordenação de Publicações, 1978.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; AZEVEDO, Paulo Cesar de; COSTA, Ângela Marques. *A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

SILVA, Geralda Rosa da. Cora Coralina e a tradição literária em Goiás. *Linguagem: estudos e pesquisas*. Catalão, v. 12, p. 69-86, 2008.

SILVA, Marcio Renato Pinheiro da. Lição crítica: Roland Barthes e a semiologia do impasse. *Alea: estudos neolatinos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 65-78, jan/jun 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-

[106X2005000100005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>](#). Acesso em: 06 maio 2016.

SILVA, Olívia Aparecida. *Labirintos da memória: o pulsar de vida na poética de Cora Coralina*. 2005. 174 f. Tese (Doutorado) – Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

SILVA, Uiran Gebara. A escrita biográfica na Antiguidade: uma tradição incerta. *Politeia: história e sociedade*. Vitória da Conquista, v.8, n. 1, 2008a, p. 67-81.

SOARES, Moacir Bretas. *Dicionário de legislação do ensino*. Rio de Janeiro: FGV, 1981.

SOUSA, Ana Cristina de Deus e. *Entre monumentos e documentos: Cidade de Goiás, Cora Coralina e o dossiê de tombamento*. 2009. 133 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História, Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2009. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=708-->. Acesso em: 18 set. 2014.

SOUZA, Eneida Maria de. Nostalgias do cânone. In: _____. *Crítica cult*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

TAHAN, Vicência Bretas. *Cora Coragem Cora poesia*. São Paulo: Global, 1989.

TEIXEIRA, Cristiane Pires. *Constructio d'une identité feminine: Vintém de cobre – meias confissões de Aninha de Cora Coralina*. 2005. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Estudos Ibéricos e Latino-Americanos, Universidade de Paris III Sorbonne-Nouvelle, Paris, 2005.

TELES, José Mendonça. *Crônicas Vilaboenses*. 2. ed. Goiânia: Kelps, 2010.

TELLES, Norma. Paisagens de letras e palavras. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 18, n. esp. 1, p. 49-70, 2013.

TOSTA, Antonio Luciano de Andrade. Uma in(ter)venção da memória: a universalização do particular na poesia histórica de Cora Coralina. In:

DENÓFRIO, Darcy França; CAMARGO, Goiandira Ortiz de. *Cora Coralina: celebração da volta*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006, p. 15-35.

UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES (São Paulo). *Histórico*: UBE: Só quem tem um passado pode garantir um futuro. Disponível em: <<http://www.ube.org.br/historico.asp>>. Acesso em: 27 abr. 2015.

VASCONCELOS, José Odilon Barboza de Lira de. *Biografemas da estrangeirização na poesia de Emily Dickinson*. 2004. 128 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2004.

VELLASCO, Marlene Gomes de. *Poética da reminiscência: estudos sobre Cora Coralina*. 1990. 135, [6] f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Departamento de Letras e Linguística, Goiânia, 1990.

_____. *Cora Coralina: depoimento*. [jan.2015]. Entrevistadora: Andréa Figueiredo Leão Grants. Goiás: [s.n], 2015. Entrevista concedida durante o processo de pesquisa de campo no Museu Casa de Cora Coralina.

VIANNA, Glória. *Revendando a biblioteca de Machado de Assis*. In: JOBIM, José Luís (Org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.

VIEIRA, Denise Moreira Guedes. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha: a poética da experiência em Cora Coralina*. 2014. 100 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014. Disponível em: <<http://www.cesjf.br/index.php/mestrado-em-letras-dissertacoes/2014/345--157>>. Acesso em: 18 set. 2014.

VIEIRA, Primo. *Hóspedes do tempo*. Goiânia: Líder, 1978.

VIOLA, Ana Isabel Serra Gonçalves. *A dedicatória na ficção portuguesa contemporânea: homenagem ou revelação?* 2014. 251 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Aberta, Lisboa, 2014. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/3438/1/TMELP_IsabelViola.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2015.

WALTY, Ivete Lara Camargos. Antologias: arquivo e exclusão; violência e realismo. *Portuguese Cultural Studies*, Holanda, v. 1, 2007. Disponível em:

<<http://www2.let.uu.nl/solis/psc/p/PVOLUMEONEPAPERS/P1WALTY.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2015.

YOKOZAWA, Solange Fiuza Cardoso. Confissões de Aninha e memória dos becos. In: BRITTO, Clovis Carvalho; CURADO, Maria Eugênia; VELLASCO, Marlene (Orgs.). *Moinho do tempo: estudos sobre Cora Coralina*. Goiânia: Kelps, 2009. p. 192-206.

ANEXO A – Estatuto do Museu Casa de Cora Coralina

REPU... BRASIL

2.º OFÍCIO

Cássia Rocha
Sub-Oficial

COMARCA DE GOIÁS
ESTADO DE GOIÁS

Cartório de Registro de Imóveis e Títulos
Rua... 156, 686
FONE (62) 371...
CIDADE DE GOIÁS

José Aureliano Motaiza Diniz, Tabelião de Notas e Escrivão do Cível do Segundo Ofício, Oficial de Protestos e do Registro Especial de Títulos, Documentos e outros papéis desta Cidade de Goiás, na forma de Lei etc.

Fls. "01"

CERTIFICO, a requerimento verbal de pessoa interessada, que revendo neste Cartório, no livro de Registro de Sociedades Cíveis, nºA-1, hêile às fls. 219/220vº, encontrei o registro do seguinte teor: Registro de Sociedades Cíveis; Número de Ordem: 21; Mez: novembro; Dia: 05; Inscrição: Registro de um Estatuto apresentado em duas vias por Marlina Gomes de Vellasco, do seguinte teor: "Casa de Cora Coralina Estatuto - Capítulo I - Natureza, sede, finalidades e duração. Artigo 1º) - A casa de Cora Coralina é uma sociedade Cível com personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos com sede e foro na cidade de Goiás, Estado de Goiás, e ação extensiva a todo o território nacional. § Único - As atividades da Casa de Cora Coralina não terão caráter religioso, político, partidário, filosófico ou ideológico e serão desenvolvidas em perfeita consonância com as leis brasileiras vigentes. Artigo. 2º) A casa de Cora Coralina tem como finalidades: projetar, executar, colaborar e incentivar atividades culturais, artísticas, educacionais e filantrópicas, visando sobretudo à valorização da identidade sócio - cultural do povo Goiano bem como preservar a memória e divulgar a obra de Cora Coralina. § Único: A entidade não poderá se afastar dos ideais contidos na vida é na obra da poetisa. Artigo 3º) A Casa de Cora Coralina terá duração por prazo indeterminado. § Único: A entidade só poderá ser dissolvido por manifestação favora de 2/3 (dois terços) dos membros reunidos em Assembléia Geral especialmente convocada para deliberar sobre a matéria, cujo quorum não for inferior aos 3/4 (três quartos) dos membros, mesmo em segunda convocação. Capítulo II: Patrimônio - Artigo 4º) O patrimônio da Casa de Cora Coralina será constituído por: a) Bens móveis e imóveis, doação e legados recebidos de pessoas físicas ou jurídicas nacionais ou estrangeiras; b) Bens e direitos que venha a adquirir. § Único. Em caso de dissolução o patrimônio da Casa de Cora Coralina revertirá a instituição congêneres existentes em qualquer parte do território nacional, na forma que vier a ser decidida em Assembléia Geral constituída pela maioria absoluta.

de seus membros. Capítulo III: Recursos e Exercícios Financeiros - Artigo 5º) constituem recursos financeiros da casa de Cora Coralina: a) Subvenções sociais; b) contribuições de seus membros; c) Receitas oriundas de suas atividades; d) contribuições ou auxílios de entidades de direito público e privado; e) Saldos de exercícios; f) Outras receitas eventuais. Artigo 6º) O exercício financeiro da Casa de Cora Coralina coincidirá com o ano civil, Artigo 7º) A aplicação dos recursos da Casa de Cora Coralina obedecerá a um orçamento anual, previamente aprovado na forma estabelecida por estes estatutos. Capítulo IV: membros - Artigo 8º) Serão membros da Casa de Cora Coralina os órgãos públicos, as instituições e as pessoas atuantes ou interessadas nas atividades relacionadas com os objetivos desta sociedade e que venham a ser admitidas como tal, na forma prescrita nestes estatutos. Artigo 9º) São três as categorias de membros: a) Individuais; b) Institucionais; c) Honorários. § primeiro: A categoria de membro individual será atribuída a pessoas físicas atuantes ou interessadas na consecução dos objetivos da Casa de Cora Coralina; § segundo: A categoria de membro institucional será atribuída a entidades governamentais ou privadas que se identifiquem com as finalidades da Casa de Cora Coralina, sendo representadas por delegados expressamente indicados para tal função. § terceiro: A categoria de membro honorário será conferida às pessoas ou instituições que, por deliberação de 2/3 da Assembléia Geral, tenham sido julgadas merecedoras pelos relevantes serviços prestados à divulgação da obra de Cora Coralina e da cultura goiana em geral. Artigo 10º) A admissão dos membros individuais e institucionais na forma dos parágrafos primeiro e segundo do artigo 9º será feita por deliberação da maioria simples da Assembléia Geral, mediante proposta subscrita por pelo menos dois de seus membros. Capítulo V: Assembléia Geral. Artigo 11º) A Assembléia Geral será composta pela totalidade dos membros, qualificados como tais de acordo com as especificações feitas, neste Estatuto. Artigo 12º) A Assembléia Geral reunir-se-á ordinariamente uma vez por ano e extraordinariamente por convocação: a) do Presidente da Diretoria; b) de 2/3 dos membros do Conselho Deliberativo; c) de 1/3 dos associados. § único: A convocação da Assembléia Geral ordinária ou extraordinária será feita através de Edital publicado em jornal de ampla circulação no Estado de Goiás, com quin-



2.º OFFÍCIO

 Caixa Póstal
 sub-Of.

CERTIDÃO

(Continuação - Fls. "02")

ze dias de antecedência. Artigo 13º) A Assembléa Geral será iniciada, com a presença da maioria simples de seus membros ou, em segunda chamada uma hora depois, com qualquer número. § único. As decisões da Assembléa Geral serão proferidas pela maioria simples dos votos dos membros presentes, exceto nos casos previstos nestes estatutos. Artigo 14º) A Assembléa Geral terá competência para deliberar sobre quaisquer assuntos referentes à Casa de Cora Coralina. - Artigo 15º) Perde - se a qualidade de membro da Assembléa Geral - Casa de Cora Coralina; a) Por demissão; b) Por decisão de 2/3 da totalidade dos membros da Casa de Cora Coralina reunidos em Assembléa Geral; c) Pela não participação em três Assembléas Gerais ordinárias consecutivas sem justificativa aceitável. Capítulo VI; Dos órgãos da administração. Artigo 16º) A Casa de Cora Coralina será administrada por um Conselho Deliberativo e uma Diretoria. § único: Nenhum cargo da Diretoria ou do Conselho Deliberativo será remunerado. Seção I: Do Conselho Deliberativo - Artigo 17º) O Conselho Deliberativo será composto por nove membros eleitos em Assembléa Geral especialmente convocada para este fim, através de voto secreto. § único: O Conselho Deliberativo não poderá ter mais do que dois membros institucionais nos seus quadros. Artigo 18º) Os membros do Conselho Deliberativo serão eleitos por dois anos, permitida a reeleição. Artigo 19º) São atribuições do Conselho Deliberativo: a) Elaborar, aprovar e modificar o Regimento Interno que vai reger os seus trabalhos; b) Convocar extraordinariamente a Assembléa Geral para tratar de assunto específico, através de 2/3 dos seus membros; c) Examinar e aprovar a programação das atividades propostas pela Diretoria, assim como supervisionar a execução das mesmas; d) Examinar e referenciar a indicação de membros da Casa de Cora Coralina que possam representá-la junto a outros organismos de Natureza e de direito público e privado; e) Examinar e aprovar as contas e balancetes anuais e submetê-los à Assembléa Geral, e opinar sobre os orça-

mentos futuros; f) Reunir-se ordinariamente ao menos uma vez por ano e extraordinariamente quando convocada pelo seu presidente ou pela maioria de seus membros, com a presença de no mínimo cinco de seus membros. Artigo 20º) As decisões do Conselho Deliberativo serão tomadas por maioria simples. Artigo 21º) Duas ausências consecutivas ou três alternadas sem justificativa formalizada aceitável às reuniões do Conselho Deliberativo implicarão na perda do mandato.

Seção II: Da Diretoria - Artigo 22º) A Assembléia Geral elegerá dentre os seus membros uma Diretoria constituída de Presidente, Vice-Presidente, Secretário, Segundo Secretário, Tesoureiro e Segundo Tesoureiro. Artigo 23º) Compete ao Presidente: a) Convocar e presidir a Assembléia Geral e as reuniões da diretoria com voto ordinário e de desempate; b) Propor, em nome da Diretoria, um programa anual de atividades a serem desenvolvidas pela Casa de Jora Coralina ao Conselho Deliberativo; c) Representar a sociedade judicial e extrajudicial, ativa e passivamente; d) Visar as contas a pagar, assinando com o tesoureiro ordens ou cheques para pagamento das despesas necessárias ao funcionamento da Casa de Jora Coralina; e) Convocar a Assembléia Geral ordinária ou extraordinária; f) Gerir técnica, administrativa e financeiramente a Casa de Jora Coralina. Artigo 24º) Compete ao Tesoureiro: a) Encarregar-se dos pagamentos e de todo o movimento financeiro da Casa de Jora Coralina; b) Apresentar balanços anuais ao Conselho Deliberativo e à Assembléia Geral, bem como as proposições orçamentárias para o exercício seguinte.

Capítulo XIII: Disposições Gerais e Transitórias - Artigo 26º) Os presentes estatutos só poderão ser modificados por deliberação da Assembléia Geral na forma do dispositivo no Artigo 12º. Artigo 27º) Os casos omissos e dúvidas na aplicação dos presentes estatutos serão dirimidos pelo Conselho Deliberativo. Artigo 28º) Os membros não respondem individualmente pela alienação ou pela aquisição de bens e por obrigações desse tipo eventualmente contraídas em nome da Casa de Jora Coralina pelos seus administradores. Artigo 29º) São membros fundadores da Casa de Jora Coralina todos os que assinaram a Ata de Fundação, lavrada em 28 de setembro de 1985. Artigo 30º) O presente estatuto entrará em vigor a partir da data de seu registro em cartório, constituindo-se em diploma legal orgânico da Casa de Jora Coralina. Confere com o original (as) Salma Saddi Wa

ANEXO B – Poemas e crônica na íntegra

ORAÇÃO DO MILHO

Introdução ao poema do milho

Senhor, nada valho.

*Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das
lavouras pobres.*

*Meu grão, perdido por acaso,
nasce e cresce na terra descuidada.*

*Ponho folhas e haste e se me ajudares Senhor,
mesmo planta de acaso, solitária,
dou espigas e devolvo em muitos grãos,
o grão perdido inicial, salvo por milagre,
que a terra fecundou.*

Sou a planta primária da lavoura.

*Não me pertence a hierarquia tradicional do trigo
e de mim, não se faz o pão alvo, universal.*

*O Justo não me consagrou Pão da Vida, nem
lugar me foi dado nos altares.*

*Sou apenas o alimento forte e substancial dos que
trabalham a terra, onde não vinga o trigo nobre.*

*Sou de origem obscura e de ascendência pobre,
alimento de rústicos e animais do jugo.*

*Quando os deuses da Hélade corriam pelos bosques,
coroados de rosas e de espigas,*

quando os hebreus iam em longas caravanas

buscar na terra do Egito o trigo dos faraós,

quando Rute respigava cantando nas searas de Booz

e Jesus abençoava os trigais maduros,

eu era apenas o bró nativo das tabas ameríndias.

*Fui o angu pesado e constante do escravo na exaustão
do eito.*

Sou a broã grosseira e modesta do pequeno sitiante.

Sou a farinha econômica do proletário.

*Sou a polenta do imigrante e a miga dos que começam
a vida em terra estranha.*

Alimento de porcos e do triste um de carga.

*O que me planta não levanta comércio, nem avanta
dinheiro.
Sou apenas a fartura generosa e despreocupada dos
paióis.
Sou o cocho abastecido donde ruma o gado.
Sou o canto festivo dos galos na glória do dia que
amanhece.
Sou o cacarejo alegre das poedeiras à volta dos seus ninhos.
Sou a pobreza vegetal, agradecida a Vós, Senhor,
que me fizeste necessária e humilde
Sou o milho.
(CORALINA, 2006, p. 156-157)*

O CÂNTICO DE ANINHA

*Vintém de Cobre...
Antigos vinténs escuros.
(De cobre preto foi batizado).
Azinhavrados.*

*Ainda o vejo,
Ainda o sinto,
Ainda o tenho,
na mão fechada.*

*Moeda triste, escura, pesada,
da minha casa,
da minha terra,
da minha infância,
da gente pobre, daquele tempo.*

*Tudo velho, gasto, conservado,
empoeirado, pelos cantos.
Levados para o depósito do velho sobradão.*

*Colchas de retalho desiguais e desbotados.
Panos grosseiros encardidos, remendados.
Potes e gamelas, pratos desbeijados,
velhos sapatos,*

*furados, acalcanhados
 eram disputados,
 tinham sempre alguém que os quisesse.
 Pilões lavrados a machado,
 cavados em cepos de aroeira.
 Mão de pilã, aleijada, redonda, sem dedos.
 Mão pesado de bater, socar, esmoer, quebrar, pulverizar.
 Mãos antigas, de menina moça, agarradas, em movimentos ritmados,
 alternados, batidas contínuas, compassadas.
 Engenho doméstico de pilar.*

*“Quarenta vintém derréis...”
 Dinheiro curto, escasso.
 Parco. Parcimonioso.
 De se guardar.
 De um tempo velho.
 De gente pobre.
 Da minha terra.
 Da minha infância.
 Vintém de Cobre!...
 Economia. Poupança.*

*A casa pobre.
 Mandrião de saias velhas
 da minha bisavó*

*Recortadas, costuradas para mim.
 Timão de restos de baeta.
 Vida sedentária.
 Orgulho e grandeza do passado.*

*Nesse tempo me criei.
 Daí, este livro – Vintém de Cobre,
 numa longa gestação,
 inconsciente ou não.
 que vem da infância longínqua
 à ansiedade presente.
 (CORALINA, 1984, p. 35-36)*

CASA VELHA DA PONTE...

*Olho e vejo tua ancianidade vigorosa e sã.
Revejo teu corpo patinado pelo tempo, mascado das escaras da velhice.
Desde quando ficaste assim?*

*Eu era menina e você já era a mesma, de paredes toscas, de beiradão
Desusado e feio, onde em dias de chuva se encolhiam as cabras soltas da
Cidade. Portais imensos para suas paredes rudes de barrotins e
enchimento em lances sobrepostos salientes.*

*Folhas de portas pesadas de arvores fortes desconumais, serradas a mão,
unidas e aparelhadas, levantadas para a entrada e saída de gigantes
homens feros, duros restos de bandeira. Fechaduras anacrônicas,
chavões de broca, gonzos rangentes de feitio estranho e pregos
quadrados.*

*MINHA CASA VELHA DA PONTE... assim a vejo e conto, sem datas e
sem assentos. Assim a conheci e canto com minhas pobres letras. Desde
sempre. Lgum dia cerimonial foste casa nova, num tempo perdido do
passado, quando mãos escravas te levantaram em pedra, madeirame e
barro. Esquadrejaram tua ossadura bronca, traçaram teus barrotões na
cava certa e profunda dos esteios altos, encaixaram teus linhamentos,
cumeeiras, pontaleto, freixais, arrojantes e empenas, duras aroeiras,
lavradas a machado, com cheiro de florestas, arrastadas em carretões de
bois. Vieram os barrotins das taipas e os caibros linheiros, tirados em
santa lua. Os envarados de taquara, amarrados com tiras de couro cru
em permanência secular. Enchimentos lavrados com viscoso barro
goiano, argila de boa loiça que se lacrou para sempre, ao tempo e ao sol,
indestrutível casa velha, assentada em pedras brutas e cernes de lei. O
campim-musgo viça e cresce nos beirais encachorrados; celebra em casa
advento tua veneranda idade, teu corpo encurvado, marcado de escaras
carecido de reparos que ninguém mais faz. Todo o*

*calendário de chuvas repetem-se tuas goteiras lacrimosas e se abrem
novas em complicada cadência de gotas indefinidas, e é apenas em
rotineiro afastar de cadeiras e malas desusadas para a liberdade de
variados pingos, com suas variações de locações diversas a cada chuva
de vento forte e renitente. Faz medo subir no velho telhavã, abris caminho
no encaibrado escuro, no ripado frágil, afastar as telhas coladas pelo*

tempo na desconfiança de que mais goteiras se abrirão. Com o sol tudo se recompõe. Os móveis voltam aos seus lugares, esquecidas a lástima e o choro manso das pingueiras.

CASA VELHA DA PONTE...

Velho documentário de passados tempos, vertente viva de estórias e lendas. Gerações de rolinhas fogo-pagô descantam teus anos jubilares, cumeeiras, aninham-se nas mangueiras rotundas e mariscam suas coisinhas, sementinhas de capim na areia limpa do quintal. Geriarcas lagartixas, eternas inquilinas dos velhos muros e paredes brechadas se aquecem ao sol balançando sempre a cabecinha astuta.

Minha bisavó falava de seus antigos ancestrais.

O primeiro lembrado de outra bisavó – um certo Thebas Ruiz, recebedor dos quintos reais, antes de morrer enterrou no porão da casa ouro avultado, grossas barras, moedas e mais lavrados. Para não seguir preso para Portugal, prevaricador da Real Coroa, sonegador e esbanjador dos Quintos de El Rei, bebeu seu copo de veneno, tendo antes feito beber ao seu antigo escravo de confiança, que muito sabia e podia contar.

Depois veio um Sargento-mor, bisavô de muitos, português colonial. Um Cônego Couto, liberal e dono de moedas, montes de ouro prataria. Contava minha bisavó que esse senhor Cônego, feito suas Humanidades em Coimbra, só almoçava sua gorda feijoada goiana em pratos e talheres de ouro. Um capitão da guarda nacional, que dragonou milhares de homens felizes e analfabetos, capitães, majores e coronéis, enfeitados com galões dourados e vitalícios sem percalços de reforma. Um desembargador na Monarquia – meu pai -, minha mãe viúva. Minhas irmãs, eu, afinal a última sobrevivente de gerações passadas.

Estórias, fantasias de “enterro de ouro”, muito ouro que se pesava às arrobas, se encompridavam em barras e arredondavam em moedas e se laboravam em adornos. Escravos escavando em busca dos filões, veeiros que aprofundavam terra e dentro, vigiados de feitores, esfalfando-se em trabalho muscular, nas lavras de um tal Vai-Vem que ainda hje tem esse nome na posse de terceiros, perto de Goiás. E assim se criou a mística do “enterro de ouro” na Casa Velha da Ponte.

Vultos negros no escuro se buscando, se agarrando, na sombra dos muros e tapumes, atracados num cio vigoroso e animal. De noite, subia

das senzalas e dos quadrados um fartum de sexo e de sêmen. Nasciam crioulinhos e as senzalas eram o celeiro e a garantia da sobrevivência dos escravos que se arrebentavam no serviço bruto dos senhores.

Contava minha bisavó de um certo Lourenço, jovem crioulo escravo, que um dia, ameaçado de castigo, rasgou o ventre num desvão da escada. Foi achado, quando Capitão do Mato já ia à sua procur, caído, morto, rasgado a faca, com as mãos duras, agarradas aos caracóis do próprio intestino, roto e derramado. Depois de muito tempo, a negrada livre. Abolida a escravidão, as famílias empobrecidas, o serviço desorganizado na cidade e nos campos. A miséria das senzalas aos poucos de desfazendo, retiradas as telhas de valia. As taipas desprotegidas e abjetas. A decadência lenta, inerorável, mais a mais, dia a dia tempo a tempo. O pauperismo geral. A melancolia dos senhores definhando-se no saudosismo estéril de negras submissas e amendrontadas, de negros animalizados e crioulinhos regrados a palmatória. Os relhos dependurados, os açoites inúteis, as palmatórias ociosas. O sadismo sem mais onde cevar.

Os velhos muros socados, perdendo sua altura senhorial. Caindo lance a lance, num desmoronamento vagaroso e constante até o raso dos alicerces de pedras grossas. Tudo pela falta de ima ou duas telhas que ninguém mais repunha; uns, por estarem perto r outros, por estarem longe. A lástima, a solidão.

A falsa aparência de uma casa grande. Morada de gente envelhecida, injustiçada, incapaz de ragnar, emprobecida, triste, cevando um masoquismo inconsciente e mazombo. Cerradas portas e janelas, resguardando de olhar estranho o desmazelo e a pobreza que se instalavam.

A busca aos gravtos do quintal, sempre generoso, para o primeiro fogo, o café da manhã. O pau de lenha, a xícara de sal, a compra resumida de um selamim de arroz...

A batida ansiosa entre velhos e crianças, a intera de vinténs de cobre para alcançar o valor de um verde e cheiroso quilo de café.

Os grandes inventos da pobreza disfarçada...Beldroegas...Um esparregado de folhas tenras de tomateiro. Mata-compadre de pé de

muro. Ora-pronobes, folhas grossas e macias, catadas das ramas espinhentas de um moiteiro de fundo de quintal. Refogados, gosmentos, comidos com angu de farinha e pimenta de cheiro, que tudo melhorava, estimulando glândulas vorazes de subalimentados.

O grande quintal gerador de abóboras, pepinos, quiabos e mandioca abandonado ao mato invasor, na falta do braço escravo. Mangueiras, jabuticabeiras. Goiabas pelas pontas. Frutas no tempo certo. No tempo certo, vermelhas açucenas surgindo, místicas e solitárias, no seu caule esguio, entre pedras calcinadas na aridez da terra cascalhenta.

Neste meio me criei e me fiz jovem. Meus anseios extravasaram a velha casa, arrombaram portas e janelas e eu me fiz ao largo a vida. Andei por mundos ignotos e cavalguei o corcel branco do sonho. Pobre, vestida de cabelos brancos, voltei à velha CASA DA PONTE, barco centenário encalhado no Rio Vermelho, contemporânea do Brasil Colônia, de monarcas e adventos. Ancorada na ponte, não quiseste partir rio a baixo, agarrada às pedras. Nem mesmo o rio pode te arrastar, raivoso, transbordante, lavando tuas raízes profundas a cada cheia brvia, velha casa de tantos que se foram.

Ainda vive e pulsa aqui teu coração imortal, testemunha vigilante do passado. Humilde, pequenina e ofertante, a biquinha d'água, generosa, indiferente à decadência, a biquinha anciã de águas puras de ignota mina. Cantante e fria, correndo sempre menina na sua calha de aroeira. Biquinha, é banho e refrigério, copo de água cristalina e azul para a sede de quem fez longa caminhada às vertentes do passado e volta vazia às origens da sua própria vida.

CASA VELHA DA PONTE, és para o meu cântico ancestral uma benção madrinha do passado.

(CORALINA, 1976, p. 90-93, grifo da autora)